

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**IPOJUCAN CALIXTO FRAIZ**

**NILO CAIRO, A MEDICINA E A UNIVERSIDADE DO PARANÁ**

**CURITIBA**

**2014**

**IPOJUCAN CALIXTO FRAIZ**

**NILO CAIRO, A MEDICINA E A UNIVERSIDADE DO PARANÁ**

**Tese apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Doutor, Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de  
Ciências Humanas, Universidade Federal  
do Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia**

**CURITIBA**

**2014**

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Fraiz, Ipojuca Calixto  
Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná / Ipojuca Calixto Fraiz  
– Curitiba, 2014.  
267 f.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia  
Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Cairo, Nilo, 1874-1928. 2. Professores universitários – Biografia –  
Paraná. 3. Médicos – Biografia – História. 4. Universidade do Paraná.  
Faculdade de Medicina do Paraná. 5. Medicina clínica. I.Título.

CDD 923.7



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

## PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após argüir o(a) candidato(a) **Ipojucan Calixto Fraiz**, em relação ao seu trabalho de tese intitulado "NILO CAIRO, A MEDICINA E A UNIVERSIDADE DO PARANÁ" é de parecer favorável à ...A. P. R. O. V. A. Ç. A. O. do(a) candidato(a), habilitando-o(a) ao título de *Doutor* em Sociologia, linha de pesquisa "Cultura e Sociabilidades" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 06 junho de 2014.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Tarcisa Silva Bega

Prof. Dr. Alexandre Dantas Trindade

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Vosne Martins

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betânia Gonçalves Figueiredo

Prof. Dr. José Miguel Rasia  
Orientador e presidente da banca examinadora

*Aos meus pais Argemiro e Catarina.*

*Ao Argemiro pela sua teimosia em acreditar nos valores de um mundo melhor e nos transmitir isso com amor, paciência e perseverança.*

*À Catarina pelo legado de atenção e carinho que nos deixou, antes de partir.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Dr. José Miguel Rasia, exemplo de dedicação e profissionalismo, orientador desta tese e que teve a paciência de me conduzir passo a passo pelos caminhos da sociologia. E, também pelos afetos que deposita em todas as suas ações.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Maria Tarcisa Silva Bega e ao Professor Dr. Alexandro Dantas Trindade, pelas valiosas contribuições quando da qualificação da tese de doutorado.

Aos professores do Doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, pela generosidade com que dividiram o seu conhecimento.

Aos colegas do Departamento de Saúde Comunitária, pela solidariedade.

Ao Professor Eduardo Antonio Andrade dos Santos e à Gislaine Mara Müeller, pelo apoio dado durante meus afastamentos.

Ao Professor José Pio Martins, pelas inúmeras conversas sobre a visão de universidade de Nilo Cairo.

À equipe do Instituto Hahnemanniano do Brasil, pela disponibilização de seu acervo bibliográfico e histórico.

À equipe da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pela forma acolhedora com que fui atendido.

À Santa Casa de Curitiba, Biblioteca Pública do Paraná, Arquivo Público do Paraná, Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná e Direção do Setor de Ciências da Saúde, pela disponibilização de seus acervos.

À Universidade Federal do Paraná, instituição responsável pela minha formação e à Universidade Positivo, onde tive a oportunidade de implantar o curso de Medicina.

Ao Thadeu Rocha da Costa, aluno bolsista, pelas pesquisas na Biblioteca Pública do Paraná e Universidade Federal do Paraná.

À Jessica Kelly Pereira Martim, pelas pesquisas na Biblioteca Pública do Paraná.

À Solange Raquel da Costa Fraiz, pelas pesquisas no acervo do Arquivo Público do Paraná e pela dedicação como companheira, sempre presente, sem a qual a caminhada não seria possível.

Ao Professor Ulf G. Baranow, pela gentileza em disponibilizar material digitalizado sobre Nilo Cairo.

Ao médico da Santa Casa de Curitiba, Carlos Ravazzani, por disponibilizar seu acervo particular.

À Antônia Schwinden e Léia Rachel Castellar, pelos trabalhos de revisão do texto final.

Aos meus alunos.

*Sonhar é transportar-se em asas de ouro e aço  
Aos páramos azuis da luz e da harmonia  
E ambicionar o céu; é dominar o espaço  
Num voo poderoso e audaz da fantasia.*

Helena Kolody

## RESUMO

Nesta tese, toma-se como objeto a trajetória de Nilo Cairo da Silva, médico homeopata, que realizou sua formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que desenvolvia carreira militar no exército brasileiro, chegando ao posto de capitão. O recorte deste estudo somente considerou os aspectos decisivos para sua formação médica; assim, não foi trabalhada em detalhes a carreira militar. Utilizou-se a sociologia de Norbert Elias, por entender que Nilo Cairo faz parte do que se considerou a configuração médico-homeopática no Rio de Janeiro (1892-1906) e a configuração médico-intelectual em Curitiba (1906-1916 e 1923-1925). Após romper com a configuração médico-homeopática no Rio, Nilo muda-se para Curitiba, onde contribuiu para a constituição da configuração médico-intelectual, na qual se inclui a criação da Faculdade de Medicina, da qual foi professor, e da Universidade do Paraná. A ruptura com a configuração médico-intelectual de Curitiba leva Nilo a se mudar para o meio rural em São Paulo (1917-1922). Inspirado em *Mozart: sociologia de um gênio* de Elias, reconstruiu-se a trajetória de Nilo Cairo, desde o seu nascimento em Paranaguá (1874), no Paraná, até a sua morte no Rio de Janeiro (1928). Médico e engenheiro militar, suas ações nestas configurações foram orientadas pelo positivismo e o vitalismo, correntes filosóficas das quais foi adepto. Procurou-se nesta tese fugir da mitificação de Nilo Cairo como um incansável lutador pela homeopatia e pela Universidade do Paraná e devolver-lhe sua dimensão humana, suas paixões e contradições, e, por que não dizer, suas fraquezas e equívocos.

**Palavras-chave:** Configurações sociais. Nilo Cairo. Medicina. Universidade do Paraná.

## ABSTRACT

The subject-matter of this study is the trajectory of Nilo Cairo da Silva, a homeopath who attended the School of Medicine in Rio de Janeiro while, at the same time, developed his military career in the Brazilian army and reached the rank of captain. The approach of this study only considered the aspects that were decisive to his medical education; therefore, his military career is not studied in detail here. The sociology of Norbert Elias was used as we understood that Nilo Cairo is part of what was considered the medical-homeopathic configuration in Rio de Janeiro (1892-1906) and the medical-intellectual configuration in Curitiba (1906-1916 and 1923-1925). After the rupture with the medical-homeopathic configuration in Rio, Nilo moves to Curitiba, where he contributed to a medical-intellectual configuration which includes the creation of the School of Medicine where he worked as a professor, and the Universidade do Paraná. A rupture with the medical-intellectual configuration of Curitiba leads him to the rural area of São Paulo (1917-1922). Inspired by *Mozart: sociology of a genius* by Elias, we reconstructed Nilo Cairo's trajectory from his birth in Paranaguá (1874), state of Paraná, to his death in Rio de Janeiro (1928). In addition to being a medical doctor and military engineer, his actions within those configurations were guided by positivism and vitalism – two philosophical doctrines of which he was a supporter. This study sought to avoid mythologizing Nilo Cairo as the tireless fighter for homeopathy and the Universidade do Paraná but, instead, retrieve his human dimension, his passions and contradictions and, why not, his frailties and mistakes.

**Keywords:** Social configuration. Nilo Cairo. Medicine. Universidade do Paraná.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS .....	130
QUADRO 2 - REGÊNCIA.....	130
QUADRO 3 - REGÊNCIA INTERINA .....	131
QUADRO 4 - PARTICIPAÇÃO EM BANCAS COMO EXAMINADOR.....	131
QUADRO 5 - PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES E EMISSÃO DE PARECERES .....	133

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	CONSTRUINDO O OBJETO .....	12
1.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE E HIPÓTESES.....	13
1.3	SOCIOLOGIA DE NORBERT ELIAS.....	16
1.4	A SOCIEDADE DE CORTE E A PROPOSTA METODOLÓGICA DE ELIAS.....	19
1.5	SITUANDO NILO CAIRO.....	24
1.6	PERIODIZANDO A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE NILO CAIRO.....	30
1.7	AS ETAPAS DA PESQUISA.....	35
<b>2</b>	<b>ORIGENS, FORMAÇÃO MILITAR E MÉDICA</b> .....	37
2.1	AS ORIGENS FAMILIARES .....	39
2.2	A ESCOLA MILITAR E A FACULDADE DE MEDICINA .....	47
2.3	AS DIFICULDADES DA VIDA PRIVADA .....	52
<b>3</b>	<b>ATUAÇÃO NO RIO DE JANEIRO</b> .....	54
3.1	OSWALDO CRUZ E O SANEAMENTO DO RIO DE JANEIRO .....	54
3.2	UM POLEMISTA NO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL.....	55
3.3	MUDANÇA PARA CURITIBA, UMA SAÍDA ESTRATÉGICA.....	70
<b>4</b>	<b>ATUAÇÃO NO PARANÁ</b> .....	78
4.1	AÇÕES COMO MÉDICO HOMEOPATA .....	78
4.2	TENTATIVA DE RETORNO AO RIO DE JANEIRO.....	103
4.3	O GUIA DE MEDICINA HOMEOPÁTICA.....	104
4.4	DESLIGAMENTO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL.....	108
4.5	A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ.....	113
4.6	A CRIAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA E CIRURGIA.....	126
4.7	DECISÃO DE AFASTAR-SE DO PARANÁ .....	137
<b>5</b>	<b>A RETIRADA PARA O RURAL, O RETORNO E A MORTE</b> .....	142
5.1	A PEREGRINAÇÃO ENTRE O RURAL E O URBANO .....	142
5.2	HOMENAGENS, AFETOS E DESILUSÕES.....	150
5.3	O RETORNO AO PARANÁ .....	156
5.4	ADOCIMENTO E MORTE .....	165
5.5	O PROCESSO DE MITIFICAÇÃO .....	173

<b>6</b>	<b>CONCEPÇÕES DE ENSINO E DE CIÊNCIA</b> .....	176
6.1	CONCEPÇÕES DE UNIVERSIDADE.....	183
6.2	CONCEPÇÕES DE ENSINO E CIÊNCIA EM NILO CAIRO.....	196
6.3	A CIÊNCIA PRÁTICA DE NILO CAIRO.....	203
6.4	NILO CAIRO: AS CONTRADIÇÕES.....	217
<b>7</b>	<b>CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DE NILO CAIRO</b> .....	223
7.1	NILO CAIRO E O VITALISMO.....	223
7.2	NILO CAIRO E O POSITIVISMO.....	245
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	253
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	258

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONSTRUINDO O OBJETO

"É preciso construir o objeto", é este o ponto de partida para Bourdieu<sup>1</sup> (1998, p.21). Ao propor o imperativo da construção do objeto Bourdieu põe em questão os objetos pré-construídos. Estes podem ser úteis para levantar os problemas e pôr em evidência uma questão, mas não são de grande valia para a análise sociológica na medida em que são construídos *a priori*.

É necessário estabelecer relações entre teoria e prática, para que a teoria não seja pura abstração e os dados não se esgotem em sua descrição. O trabalho do cientista compreende, portanto, teoria e dado como elementos que se contrapõem e se complementam. Para Bourdieu, "as opções técnicas mais 'empíricas' são inseparáveis das opções mais 'teóricas' de construção do objeto". Dessa forma, é em função da maneira que se construiu um objeto que se impõe uma determinada técnica, não sendo aceitável o imperativo da técnica sobre o objeto (BOURDIEU, 1998, p.24). E acrescentaríamos que todo objeto se constitui a partir do mundo real, mesmo quando se trata de um objeto de natureza puramente teórica. Mais que a lógica, é o mundo real que desafia o conhecimento teórico.

Consideramos o material bibliográfico sobre Nilo Cairo da Silva, e sobre a sua relação com a medicina, como um objeto pré-construído. A partir daí, podemos lançar outro olhar para este objeto, agora com um referencial sociológico que permita estabelecer as relações do indivíduo em sua configuração social. Este processo de construção se dará ao longo da pesquisa, pois a construção do objeto

não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza

---

<sup>1</sup> Bourdieu aponta caminhos metodológicos para os seus alunos em um seminário na *Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales*, em outubro de 1987.

pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas (BOURDIEU, 1998, p.27).

Reconhecendo que "procurar não cair na armadilha do objeto pré-construído não é fácil", Bourdieu fala do risco de o envolvimento afetivo com o objeto de pesquisa impedir o processo de seu conhecimento. Assim, afirma que a verdade de seu objeto de pesquisa<sup>2</sup> "reside na rede de relações de oposição e de concorrência" que o ligam ao conjunto das instituições dentro de um campo e as relações desse campo com o campo do poder. Embora tenhamos que delimitar nosso objeto de pesquisa, devemos tomar cuidado, pois, Bourdieu denuncia como originária de "uma ideia ingenuamente positivista" a necessidade de delimitar um objeto de forma muito precisa, muito circunscrita (BOURDIEU, 1998, p.30-31).

Os limites do objeto desta tese são os limites que circunscrevem a trajetória de Nilo Cairo, representada pelo conjunto do material empírico que foi possível coletar. Assim, esta tese, como todo trabalho científico, tem seus limites na abordagem do objeto, embora, como todo trabalho científico, abra a possibilidade de novas questões e novos estudos.

Dessa forma, a extensão do objeto da tese tem seu limite na medida em que se estabeleçam as relações entre os agentes em suas configurações sociais médico-homeopática e médico-intelectual, das quais Nilo participou.

## 1.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE E HIPÓTESES

Para o estudo que fazemos aqui há que se definirem algumas categorias de análise que nos permitam entender a trajetória de Nilo Cairo desde a perspectiva da sociologia.

O primeiro eixo que se coloca para reflexão é a relação entre indivíduo e sociedade, ou a relação entre estrutura e ação. Trata-se de uma questão clássica da

---

<sup>2</sup> O autor está se referindo à pesquisa sobre a Escola Normal Superior.

sociologia, fundante da disciplina, e que se reatualiza constantemente nas diferentes escolas de abordagem sociológica. Partiremos da oposição e consideraremos para analisá-la a trajetória de um indivíduo inscrito no contexto de seu tempo, desconstruindo, assim, a ideia de oposição entre indivíduo e sociedade. Assim não pretendemos biografar Nilo Cairo, mas sim, compreendê-lo a partir da reconstituição de sua ação nas configurações sociais às quais pertenceu.

Para Durkheim, está claramente posta a precedência da estrutura social sobre o indivíduo, pois como Marx, ele faz o que podemos chamar de macrosociologia. Os fatos sociais são descritos como um conjunto de fatos que "consistem em maneiras de agir, pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele" (DURKHEIM, 1995, p.3).

A sociologia de Durkheim é herdeira do positivismo e, dessa forma, a estrutura social aparece dominando a ação individual. Há uma separação entre a sociedade e o indivíduo, entre o objeto da sociologia e o sujeito. A objetividade necessária para a nova disciplina, a sociologia, depende de que consideremos "os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores" (DURKHEIM, 1995, p.29).

A tradição sociológica herdada de Max Weber vai ao sentido contrário das visões de Durkheim e Marx. Discordando do positivismo de Durkheim e do materialismo de Marx, Weber dedica-se ao estudo da ação social. Para Weber, "a sociologia é uma ciência que procura compreender a ação social; a compreensão implica a percepção do sentido que o ator atribui à sua conduta" (ARON, 1997, p.465)

Nas décadas que se seguiram, já no desenrolar do século XX, diversos autores da sociologia dividiram-se entre aqueles que fizeram a macrosociologia, como na tradição de Durkheim ou Marx e aqueles seguidores de Weber trabalhando com uma sociologia da interação social, sem perder a dimensão macro.

Evitando polarizações estudaremos a relação entre indivíduo e sociedade, sem perder de vista, como nos ensina Elias, as dimensões históricas da análise sociológica. Assim, partimos das informações que temos, a respeito de um ou mais indivíduos que se relacionam num dado contexto e procuramos reconstituir as ações destes e sua articulação com a estrutura.

Ao utilizarmos, nesta tese, a sociologia de Norbert Elias, a sociologia das figurações sociais, buscamos compreender a relação entre indivíduo e sociedade, tomando como objeto de nossa análise a trajetória de Nilo Cairo.

Para Elias, "aquilo a que chamamos 'poder' não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para designar a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais" (ELIAS, 1994, p.50-51). Com este poder se tem a oportunidade, mais ou menos ampla, de autorregular-se e regular outras pessoas. O poder pertence muito mais à posição social do que propriamente ao indivíduo. Quando, entre grupos, o poder se distribui de forma extremamente desigual, a capacidade de decisão dos grupos mais fracos fica reduzida drasticamente, sobrando uma margem mínima para a iniciativa pessoal. Quando a diferença entre os grupos não é tão intensa, é possível que o poder possa se deslocar de um lado para o outro.

A hipótese central desta tese é de que é possível a partir da trajetória de Nilo Cairo reconstituir tanto sua "rede" de relações como as configurações sociais às quais pertenceu.

Nossa hipótese se desdobra no seguinte: Nilo Cairo frequenta quase simultaneamente a Escola Militar e a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, terminada a formação médica pratica a homeopatia e a atividade militar fica relegada a segundo plano. Rapidamente se insere no universo da homeopatia e no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Nilo se destaca como redator dos *Anais de Medicina Homeopática*, órgão de divulgação do *Instituto* e passa a pertencer ao que chamamos configuração médico-homeopática.

Sai do Rio de Janeiro em 1906 e se instala em Curitiba como clínico homeopata. Cria a *Revista Homeopática do Paraná*, que logo se torna a *Revista Homeopática Brasileira*.<sup>3</sup> Na sequência constitui com Victor Ferreira do Amaral e Silva o grupo que tem como objetivo a criação de uma universidade no Paraná. Esse grupo reúne em sua composição médicos, engenheiros, farmacêuticos e advogados, entre outros, o que se constitui numa nova configuração. A essa nova configuração chamamos configuração médico-intelectual. A denominação médico-intelectual foi a solução que

---

<sup>3</sup> Fizemos a opção nesta tese de utilizar a grafia atual tanto para nominar as obras e instituições como nas citações diretas.

encontramos para designar uma configuração composta por indivíduos portadores de diplomas universitários de diversas formações, mas sob a liderança de dois médicos: Victor Ferreira do Amaral e Silva e Nilo Cairo da Silva.

Após a criação da Universidade do Paraná, a posição de Nilo Cairo nesta configuração sofre revezes que o obrigam a retirar-se do Paraná por certo período. Isso pode ser atribuído às dificuldades na relação do pensamento e a prática homeopática com o avanço, nessa época, da Medicina Experimental. A medicina que se institucionaliza em Curitiba e no Paraná está se modificando rapidamente, sob efeito das transformações da medicina no Rio de Janeiro e São Paulo, devido às inovações trazidas por Oswaldo Cruz e Emílio Ribas.

### 1.3 SOCIOLOGIA DE NORBERT ELIAS

Esta tese se inspira diretamente em *Mozart: Sociologia de um Gênio* (ELIAS, 1995). Devemos aqui explicitar o caminho percorrido como leitor da obra de Elias, obra essa que foi tão importante para a escolha de Nilo Cairo como tema para esta tese. Naquele momento nossa admiração por Nilo Cairo, como médico e intelectual, nos levava a considerá-lo um gênio. Foi necessário desconstruir essa pré-noção, corrente na Universidade Federal do Paraná, para que se tornasse possível desvendar dimensões mais humanas de Nilo Cairo por trás do mito. Então, procuramos reconstituir nesta tese uma figura importante para a história da Universidade Federal do Paraná, restituindo-lhe sua dimensão humana, movida, como todo homem, pela razão e paixão. Assim, esta tese trata de Nilo Cairo e sua condição humana, de desvendar no mito o seu destino humano.

O nosso primeiro contato com Norbert Elias foi por meio *Mozart: Sociologia de um Gênio*. À primeira vista se pensaria numa biografia do grande músico, não fosse o sugestivo subtítulo. Ao se fazer a leitura, a sociologia de Elias vai ganhando corpo, na medida em que o personagem tem um pequeno espaço de ação numa sociedade que lhe dita o seu lugar. Nesse sentido, Elias revela a força da sociedade na relação com o indivíduo. A curiosidade que o livro *Mozart: Sociologia de um Gênio* despertou levou-nos à leitura do livro *A Sociologia de Norbert Elias* de

Nathalie Heinich (2001) e depois o restante da obra de Elias apontou-nos, como já dito, um caminho.

As determinações sociais dificultam que Mozart realize o sonho de se transformar em um músico autônomo. Na geração seguinte, com Beethoven, seria diferente, mas naquele momento Mozart ocupava na sociedade de corte, um lugar do qual não poderia facilmente fugir. Elias analisa nessa obra as relações familiares, mais especificamente as relações de Mozart com seu pai. Desenvolve neste nível uma sociologia dos afetos.

Esse livro foi inspirador para o estudo de Nilo Cairo, pois o material existente sobre este deixa muitas pistas que podem ser seguidas com a sociologia de Elias, tal como foi feito com Mozart. Em suas cartas, discursos, prefácios, os afetos de Nilo Cairo transbordam. Os trabalhos (textos, livros, discursos) existentes sobre e de Nilo Cairo deixam lacunas na compreensão das suas relações e suas retiradas das configurações das quais faz parte. O estudo das configurações sociais, das posições dos agentes, das disputas do poder no seu interior, são elementos próprios da sociologia de Elias e nos ajudam na compreensão das relações entre Nilo Cairo e seus pares.

Na leitura de *A Sociedade de Corte* percebemos a extensão da contribuição de Norbert Elias para o estudo do que ele chama configuração social. Nesse livro Elias aponta os limites da historiografia, mostrando que esta normalmente escolhe como referência para os nexos históricos "as obras e feitos individuais de homens que pertencem a determinadas elites sociais" esquecendo, entretanto, de analisar a constituição dessas elites. Dessa forma, é comum que se enfatize a grandeza de certo personagem histórico, como se essa grandeza valesse por si. O que torna compreensível a ação individual é a referência a um modelo sociológico de sociedade e o conhecimento da posição social desse indivíduo na estrutura de poder. Assim, Elias classifica de irreal a antinomia entre sociedade e indivíduo. Para ele, "as sociedades não são nada mais do que figurações de homens interdependentes". Sistemas sociais vazios de indivíduos ou indivíduos isolados, desconectados da estrutura social, são ideias inaceitáveis (ELIAS, 2001c, p.41-43).

Tratando-se de um estudo de trajetória, e não uma biografia, o material coletado sobre Nilo Cairo aponta para a necessidade de compreendê-lo do ponto de vista relacional. É nas suas relações no interior da sociedade da época que se pode entender sua trajetória individual, que oscila entre a realização de grandes feitos com

as atitudes "mesquinhas" e intempestivas no dia a dia de médico e de professor. Traços de desapontamento e momentos de euforia estão presentes nesse material. É a partir desse material que reconstruímos as relações de Nilo Cairo nas configurações sociais de que participa. Quem é esse homem e que lugar ocupou?

Então, é a partir do material que conseguimos arrolar de Nilo Cairo, inclusive de suas cartas, escritas nos momentos mais críticos de sua vida, que poderemos reconstruir a rede de relações em que viveu, tarefa central da sociologia, para Elias.

Uma das questões centrais da sociologia, talvez a questão central, seja saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figurações dinâmicas específicas. Só é possível seguir a pista de uma resposta para tal questão se determinarmos a interdependência entre os indivíduos. Atualmente, há uma carência muito grande de modelos para investigações sistemáticas de interdependências. Não apenas faltam modelos empíricos detalhados, mas também uma investigação sistemática dos instrumentos de pensamento, dos conceitos e categorias tradicionais que podem ser utilizados nessa tarefa (ELIAS, 2001c, p.213-214).

Em *A Sociedade dos Indivíduos*, Elias propõe vermos o mundo social como uma rede de relações. Os indivíduos são interdependentes entre si, e essa rede de relações depende do equilíbrio das tensões existentes entre os indivíduos, grupos de indivíduos ou mesmo países. A interdependência é ilustrada por Elias utilizando-se de analogias:

Não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais. Também sua estrutura não é outra coisa senão a das relações entre as diferentes notas. Dá-se algo semelhante com a casa. Aquilo a que chamamos sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas a das relações entre as diferentes pedras com que ela é construída; é o complexo das funções que as pedras têm em relação umas às outras na unidade da casa. Essas funções, bem como a estrutura da casa, não podem ser explicadas considerando-se o formato de cada pedra, independente de suas relações mútuas; pelo contrário, o formato das pedras só pode ser explicado em termos de sua função em todo o complexo funcional, a estrutura da casa. Deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais (ELIAS, 1994, p.25).

Dessa forma, Elias nos desafia a desistirmos de pensar nas substâncias isoladas e começarmos a pensar em relações e funções.

As configurações são as estruturas sociais, quando vistas a partir dos indivíduos. As configurações se dão num dado espaço e num dado tempo. Portanto, não são

estruturas estáveis, podendo ser modificadas pelos indivíduos. Configuração ou figuração designa, portanto, qualquer relação de interdependência. Pensar a sociedade do ponto de vista das configurações é partir de uma estrutura irreduzível aos indivíduos e é pensar os indivíduos, não isolados, mas na sua natureza relacional e interdependente. Rompe-se, assim, o dualismo sujeito-objeto (HEINICH, 2001, p.116-125).

É possível apropriar-se da sociologia desse autor, para buscar entender as relações entre um personagem paranaense e a sociedade da sua época? A época a que me refiro é o início do século XX, o lugar o Paraná e o personagem de interesse o médico Nilo Cairo da Silva (1874-1928). Assim como Mozart, Nilo Cairo, e de resto cada um de nós, experimenta de forma muito própria a sociedade em que vive. Para Elias, temporalidade e espacialidade representam categorias as quais devem ser levadas em conta, de forma a entender a sociologia num processo histórico, que não se restrinja à história das elites, mas sim contemple as diversas configurações possíveis.

#### 1.4 A SOCIEDADE DE CORTE E A PROPOSTA METODOLÓGICA DE ELIAS

Como já dissemos, Norbert Elias, em *A Sociedade de Corte*, apresenta uma crítica que revela os limites da historiografia. Assim, Elias pretende ir além das "obras e feitos individuais de homens que pertencem a determinadas elites sociais". Mais importante que a ênfase a certo personagem é o estudo da posição social do indivíduo naquela estrutura, o que em última instância leva à necessidade de analisar a constituição das elites da sociedade em questão (ELIAS, 2001c, p.41-43).

Ao estudar um tema aparentemente sem importância como a etiqueta na corte francesa nos séculos XVI e XVII, Elias está estudando um período correspondente à passagem do feudalismo para a monarquia absoluta. As posições dos indivíduos nessa sociedade são marcadas pela etiqueta.

O que chama atenção, em *A Sociedade de Corte*, é que o próprio rei se vê prisioneiro das regras que criou. Ao descrever esta rede de obrigações às quais os indivíduos se submetem, Elias está mostrando a interdependência, na qual a autonomia do próprio rei está em questão. Elias vai falar em autoconstrangimento ou

da forma que os indivíduos ao mesmo tempo em que criam mecanismos de controle das emoções também buscam um distanciamento do mundo exterior.

Ao mesmo tempo em que os indivíduos na sociedade de corte estão próximos fisicamente, estão distantes nas posições sociais. A própria arquitetura da casa real e dos nobres reflete tais distâncias.

Para manter a superioridade em relação aos burgueses os nobres precisam se submeter ao rei, criando um paradoxo, em que a submissão é um signo de superioridade. Dessa maneira, a rede de interdependência se forma e estrutura a sociedade de corte. É como se ninguém mais gozasse de liberdade de ação.

Em *Introdução à Sociologia*, Elias resolve essa questão afirmando que a sociedade não é constituída por estruturas exteriores aos indivíduos, mas sim que as pessoas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das maneiras mais diversas, constituindo teias de interdependência (ELIAS, 2005, p.15).

Elias se pergunta como o rei consegue manter-se na posição de poder e estuda as rotinas e a distribuição de poder que resultam no fortalecimento da posição de um indivíduo.

Qual era a estrutura do campo social em cujo centro tal configuração podia ser constituída? Qual era a distribuição de poderes, quais as exigências criadas socialmente, quais as relações de dependência em jogo para que os indivíduos desse campo social viessem a renovar ao longo de gerações sucessivas essa figuração, convivendo na corte, numa sociedade de corte? (ELIAS, 2001c, p.61).

Na sociedade de corte, a identidade é reduzida à aparência. Essa afirmação pode ser demonstrada pelas moradias dos nobres que tinham de ter características compatíveis com a posição ocupada por seu proprietário, melhor dizendo: "o valor do prestígio encobre o valor meramente utilitário" (ELIAS, 2001c, p.78).

No palácio real todos tinham que cumprir a etiqueta, o que acabava tornando-se um fardo, pois a existência social de todos dependia dela. A configuração assim, a partir da etiqueta, mostrava equilíbrio no âmbito da corte, que mais tarde será rompido com a ascensão da burguesia. Evidentemente, isso exigia certo controle das emoções.

O fato de o próprio rei submeter-se a esse controle, e que seguramente não é exercido sobre o soberano por nenhum indivíduo em particular, demonstra

claramente a existência da rede de interdependência na corte. Ou, da corte como rede de interdependência.

Dessa forma, com a análise da sociedade de corte, Elias desenvolve sua "teoria sociológica da interdependência". Toda a sociologia de Elias é baseada na análise dos fatos, atribuindo ao indivíduo uma relativa autonomia e acompanhando a sua trajetória sempre em relação às histórias dos demais na mesma configuração. "A análise da rede de interdependências no caso de um rei tão poderoso como era Luís XIV é um bom exemplo do grau de certeza que se pode avançar em uma análise de interdependências." O trabalho empírico de Elias busca a verificação de sua teoria em casos específicos, como neste caso. Assim, Elias vai adquirindo a certeza da utilidade de sua teoria para o saber da humanidade. Ele propõe certo grau de objetividade quando diz ser necessário afastar as ideias preconcebidas do pesquisador, fazendo uma abstração dos próprios ideais (ELIAS, 2001c, p.157).

Quanto à liberdade de ação do indivíduo, mesmo o rei, escreve:

É isto que expressa o conceito de interdependência: como um jogo de xadrez, cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada que por sua vez acarreta um movimento de outro indivíduo – ou, na realidade, de muitos outros indivíduos –, limitando a autonomia do primeiro e demonstrando sua dependência (ELIAS, 2001c, p.158).

Não existe, portanto, autonomia total de qualquer indivíduo. Qualquer ação aparentemente independente de um homem altera o equilíbrio existente na configuração.

Foi assim, para Nilo Cairo, nas entradas e saídas das configurações, momentos de ruptura e tensão na relação com outros indivíduos.

Elias anuncia que os pesquisadores deverão se afastar das "polaridades conceituais congeladas, como 'liberdade' e 'determinismo', voltando-se para problemas de equilíbrio" (ELIAS, 2001c, p.158).

Elias valoriza a pesquisa empírica, buscando estudar minuciosamente certa realidade, usa as categorias espaço e tempo de forma a entender as ações dos indivíduos sem ideias preconcebidas. Analisa as ações dos indivíduos em relação aos outros indivíduos, estabelecendo uma dinâmica em que cada ação pode modificar o equilíbrio dentro da configuração estudada. Não permite que se reifique a sociedade ou o indivíduo, compreendendo ambos como parte de um processo, de uma

multiplicidade de indivíduos interdependentes que constituem figurações específicas. Dessa forma, tenta afastar as barreiras entre empirismo e teoria.

Elias acaba por dar amplitude a um problema específico, como a etiqueta na sociedade de corte, quando afirma que, a partir desse estudo específico, constrói uma teoria e reafirma que esta teoria pode explicar a sociedade para além do problema específico pesquisado.

Ao tentar vencer a antinomia teoria-empirismo, Elias propõe uma "sociologia realista", alcançada por meio de uma "investigação das formas sociais como figurações de indivíduos interdependentes" (ELIAS, 2001c, p.214). O estudo da sociedade de corte permitiu-lhe detectar as figurações de indivíduos e o momento em que cada configuração surgiu, bem como os movimentos de modificação nas relações de poder e o surgimento de novas configurações.

Há um processo de retroalimentação entre teoria e empiria, nesta afirmação de Elias:

mas a sociedade de corte é útil também como modelo restrito, pois nos oferece a oportunidade de pôr à prova alguns conceitos que hoje em dia ainda nos parecem estranhos, como "figuração", "interdependência", "equilíbrio das tensões", "desenvolvimento da sociedade" ou "desenvolvimento da figuração", esclarecendo assim seu significado (ELIAS, 2001c, p.215).

Podemos inferir, então, que a teoria sociológica de Elias vai se construindo, testando e se validando à medida que ele desenvolve exaustivas pesquisas com fundamentos empíricos. Embora possam parecer de interesse limitado, à primeira vista, tais pesquisas acabam por produzir um efeito esclarecedor sobre a sociedade.<sup>4</sup>

Descrindo a utilidade do estudo sobre a sociedade de corte na validação de sua teoria, o autor argumenta:

Fizemos aqui uma tentativa de pôr à prova um esquema teórico básico, desenvolvido no trabalho sociológico minucioso por meio de sua aplicação num estudo empírico. Com isso nos distanciamos da teoria da sociologia nominalista, ainda dominante em larga escala, cujos partidários, apesar de todos os sinais de confiança demonstrada no estudo de sociedades humanas, acabam considerando como reais e existentes de fato apenas indivíduos isolados, separados uns dos outros. Desse modo, tudo o que eles têm a dizer

---

<sup>4</sup> É assim em *Mozart: Sociologia de um Gênio, Sociedade de Corte, Os Alemães, Estabelecidos e Outsiders*. Todos esses textos têm uma ampla pesquisa empírica.

sobre as sociedades aparece, no fim, apenas como particularidades abstraídas de indivíduos singularizados, ou então, muitas vezes, como sistemas ou essências metafísicas independentes dos indivíduos (ELIAS, 2001c, p.214).

Ao fazer uma análise da posição dos agentes sociais, incluindo aí o próprio pesquisador, utilizando-se dos pronomes pessoais *eu*, *nós*, *ele*, Elias se aproxima da sociologia weberiana. Neste aspecto, Weber irá inspirar Elias em relação à possibilidade de uma objetividade das ciências sociais. Elias abandona a sua posição, como pesquisador, no presente e no seu lugar de origem, para, sem ideias preconcebidas, investigar uma configuração social lá onde ela se dá e no seu tempo. É uma forma de distanciamento. Elias trabalha bastante as categorias distanciamento e engajamento em sua sociologia. O pesquisador, ao analisar a posição de Luís XIV, procura ver o rei a partir da "*perspectiva-ele*", sem, no entanto, ignorar que também está presente a sua experiência pessoal.

Weber propõe uma sociologia empírica que busque se afastar dos juízos de valor:

É certo que existe – e é isso que nos interessa –, em qualquer época, uma diferença intransponível, quando uma argumentação se dirige ao nosso sentimento e à capacidade que temos de nos entusiasmar por objetivos práticos concretos e por formas e conteúdos culturais, ou quando se dirige à nossa consciência, no caso em que se trata da validade de certas normas éticas, ou, por fim, quando se dirige à nossa capacidade e necessidade de ordenar conceitualmente a realidade empírica, de uma maneira que insiste na pretensão de validade da verdade empírica (WEBER, 1993, p.113).

Elias, assim, se aproxima de Weber:

A análise das figurações é simplesmente um método que visa garantir a quem pesquisa maior distância e autonomia em relação aos critérios de valor, muitas vezes fúteis e passageiros, que surgem das grandes facções em que os pesquisadores de cada época estão envolvidos (ELIAS, 2001c, p.217).

Assim, Elias busca dar autonomia ao objeto de pesquisa, evitando uma análise heterônoma, para tanto, "valores autônomos substituem em larga escala os valores heterônomos no esforço de pesquisa". Para ele é como se, paradoxalmente, somente com distanciamento pudéssemos buscar a aproximação (ELIAS, 2001c, p.217).

Elias deixou um legado importante para a sociologia. A apropriação desse legado permite a compreensão da trajetória de Nilo Cairo, nas suas relações de

interdependência com outros indivíduos envolvidos na homeopatia, na Universidade do Paraná e nas questões que afetam a agricultura ao retirar-se para o meio rural.

## 1.5 SITUANDO NILO CAIRO

Nilo Cairo deixou um material muito rico como cartas, artigos de jornais, livros publicados. Esse material foi trabalhado principalmente numa perspectiva centrada na análise do indivíduo, e com um componente de enaltecimento de sua personalidade, ligando o seu nome à grandeza da Universidade. Como exemplos desse tipo de abordagem, podemos citar Sebastião Paraná (1922), David Carneiro (1963, 1984), os quais biografaram Nilo Cairo. Historiadores como Ruy Wachowicz (2006)<sup>5</sup> e Cecília Maria Westphalen (1987)<sup>6</sup> fizeram estudos que contam a "história da primeira universidade do Brasil"<sup>7</sup>. Publicações em comemoração à Universidade Federal do Paraná, principalmente nas datas de seu aniversário foram frequentes (FURTADO, [ca1960]; BURMESTER, 2002, BARANOW; SIQUEIRA, 2007; SIQUEIRA, 2012; LEITE; OLIVEIRA, 2012)<sup>8</sup>, além da publicação de Cecília Westphalen, citada anteriormente. Cintra (2010) estudou a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná, no período de 1912 a 1946. Siqueira (2004) publicou a *História do Diretório Acadêmico Nilo Cairo*. Sigolo (1999, 2012) estudou a medicina homeopática, no Brasil, no início do século XX, com atenção a Nilo Cairo. Nesta tese procuramos entender Nilo Cairo a partir da sociologia das configurações sociais.

Nessa perspectiva, a pesquisa estende-se por outras configurações, ao seguirmos a trajetória de Nilo Cairo: a homeopatia no início do século XX, no Rio de Janeiro, encontrou em Nilo Cairo um defensor. Ele esteve envolvido em polêmicas na defesa da homeopatia junto aos alopatas como na publicação *A Homeopatia e a*

---

<sup>5</sup> A primeira edição é de 1983.

<sup>6</sup> Comemorativo dos 75 anos da Universidade Federal do Paraná.

<sup>7</sup> Subtítulo do livro *Educação – Universidade de David Carneiro*, 1971.

<sup>8</sup> Respectivamente: publicação trilingue, década de 1950/60; edição comemorativa dos 90 anos; edição comemorativa dos 95 anos; sendo as duas últimas comemorativas dos 100 anos.

*Crítica*, em 1909; em conflitos internos no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, ressaltando-se a polêmica sobre a associação de medicamentos, com o colega homeopata Dias da Cruz e a oposição dos homeopatas, incluindo Nilo Cairo, à vacinação obrigatória.

Nilo Cairo volta ao Paraná em 1906<sup>9</sup>, tendo já adquirido o grau de doutor<sup>10</sup> na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1912 se envolve na fundação da Universidade do Paraná. Mantém intensa atividade na nova universidade, onde atua como Secretário<sup>11</sup>, como docente e, ainda, exerce a clínica, nesta fazendo opção pela homeopatia. Falece em 1928. Portanto, o período em que ele publicou suas obras, seus discursos, suas polêmicas na imprensa e escreveu suas cartas é aquele das três primeiras décadas do século XX, sendo esse o período de análise desta tese (CARNEIRO, 1984).

Entendemos que a partir da análise do conjunto de referências e fontes sobre Nilo Cairo pode-se contribuir para resgatar as configurações sociais recuperando a relação entre indivíduo e sociedade. As questões políticas que estiveram presentes no período, assim como a relação entre o campo da medicina e o positivismo (Nilo Cairo era seguidor da filosofia de Augusto Comte), e também a relação entre o que acontecia no Paraná e os recentes episódios ligados à ciência e saúde pública na capital da República são elementos obrigatórios nesta tese e dão a dimensão do objeto.

Estudar este tema dentro da óptica das relações entre os agentes sociais é reconhecer o papel da estrutura sobre o agente, ou melhor, da relação entre estrutura e agente. As motivações aparentemente pessoais de Nilo Cairo, e mesmo os momentos de desânimo, podem ser reveladores da sociedade da época.

---

<sup>9</sup> David Carneiro (1984, p.15) afirma que existem evidências de que o ano correto da chegada de Nilo Cairo ao Paraná seja 1904, mas não encontramos essas evidências e tampouco o autor as explicita.

<sup>10</sup> Nessa época, ao terminar o curso de Medicina, o graduando podia optar por defender uma tese o que lhe daria o título de doutor.

<sup>11</sup> A função de Nilo Cairo como Secretário se constitui na segunda posição de maior poder na universidade, atrás apenas de Victor do Amaral, que ocupa a função de Diretor, o que equivale à posição de Reitor.

Nilo Cairo da Silva instalou-se em Curitiba a 13 de fevereiro de 1906 (A NOTICIA, 14/02/1906) É referido por Galhardo (1928, p.850) como "ilustre e habilíssimo, primeiro médico homeopático que clinicou em Curitiba".

Nascido em Paranaguá em 12 de novembro de 1874, fez sua formação superior no Rio de Janeiro, capital da recém-proclamada República, onde em 1891 ingressou na Escola Militar. Fez seu curso de Engenheiro Militar e bacharelou-se em Matemática e Ciências Físicas (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.271).

Homeopata, como polemista já havia chamado a atenção no Rio de Janeiro. Teve sua tese de doutoramento intitulada *Similia similibus curantur*<sup>12</sup>, a respeito dos princípios da homeopatia, recusada em dezembro de 1903. Obrigou-se, então, a apresentar outra tese *O pé equino*<sup>13</sup>, para poder receber seu título de doutor. Esta última foi aprovada com ressalvas, pois insistiu na afirmação de suas convicções na medicina de Samuel Hahnemann<sup>14</sup>, colocando nas proposições que apenas o princípio da homeopatia era capaz de curar, sendo que todo medicamento usado pelo princípio *contraria contrariis curantur* teria ação apenas paliativa (CAIRO, 1903, 1904).

No Paraná participou ativamente da criação da Universidade do Paraná, o que, ao lado da defesa da homeopatia, se transformaria numa luta muito maior, como diz Carneiro (1984, p.23):

Podemos dividir a vida de Nilo Cairo em duas fases: uma vai até 1912, aos primeiros grandes esforços para que a Universidade do Paraná viesse a tornar-se realidade, a outra de 1912 até seu desaparecimento em 1928. Escolhido primeiro secretário da instituição pelo grupo que envidou esforços para a criação da Universidade sob a égide do Dr. Carlos Cavalcanti (que governava o Estado), foi Nilo Cairo o elemento dinâmico a angariar pessoas convenientes e capazes para as funções e para as cátedras. Empurrava todos os assuntos que caíam em inércia ou os que não haviam saído de situação letárgica, determinando previamente os acontecimentos em animada atividade, a provocar convergências.

---

<sup>12</sup> O princípio "similia similibus curantur (cura pelos semelhantes) é o princípio de ação dos medicamentos homeopáticos e se opõe ao princípio "contraria contrariis curantur (cura pelos contrários), que é a base da terapêutica alopática.

<sup>13</sup> Trata-se de uma modalidade de pé torto.

<sup>14</sup> Samuel Hahnemann foi o responsável pela criação da Homeopatia, em 1796.

Como já foi dito, não se trata aqui de se fazer um estudo biográfico, mas de verificar as configurações sociais daquela época, usando como estratégia o estudo da relação entre indivíduo e sociedade. Já vimos que, como afirma Elias (2005, p.60),

as estruturas que formam com os outros podem ser mais bem explicadas e compreendidas se não forem simplesmente consideradas como uma acumulação de indivíduos particulares conhecidos pelo seu nome, mas também como configurações interpessoais, até certo ponto autorreguladas e autopetruadas.

Ao estudarmos as configurações em que se insere Nilo Cairo, estaremos estudando as relações com figuras como Oswaldo Cruz, Dias da Cruz, Joaquim Murtinho, Victor do Amaral, Flávio Luz, Daltro Filho, Duarte Velloso, entre outros.

Fugindo do risco de reduzirmos o papel de Nilo Cairo à fundação da Universidade do Paraná, abordaremos também o período anterior, que corresponde à sua atuação no Rio de Janeiro, como médico homeopata.

Outro período importante e que será considerado nesta tese é a partida de Nilo Cairo, em 1917, para o Estado de São Paulo. Nilo Cairo relata a Victor do Amaral, em carta de 27 de abril de 1918, o motivo de seu afastamento:

Depois do que aconteceu na minha vida privada, da reprovação à minha ação pelo fato da eleição à mesa da Santa Casa, creia que eu seria inteiramente destituído de brio se permanecesse aí. Afinal eu não ambicionava grandezas nem fortuna. No dia em que me desprestigiaram foi forçoso que me afastasse (CARNEIRO, 1984, p.35).

Cabe aqui ressaltar o papel da Santa Casa de Misericórdia, pois era o espaço em que se concentravam os médicos de prestígio da capital paranaense. Com a fundação da Universidade do Paraná, estabelece-se um novo papel para o hospital, o de hospital de ensino (HOERNER JÚNIOR, 2002, p.121).

Não há referências nas atas da Santa Casa de Misericórdia (LIVRO ATAS, 1878-1926) a respeito do fato relatado por Nilo Cairo e que justificaria sua retirada do Paraná, mas trata-se de questão relevante para a compreensão de sua posição

na configuração e das relações da Universidade com a Santa Casa<sup>15</sup>, pois era ali que se realizava parte da formação dos alunos do curso de Medicina. Nilo Cairo não teve atuação na Santa Casa, pois está ausente das atas consultadas no período acima relatado.

As relações de poder na configuração médico-intelectual do Paraná podem ter mudado tanto que, enfraquecido, Nilo Cairo tenha decidido se retirar. Nilo Cairo é importante figura na administração da Universidade, porém pode ter sido colocado numa posição subordinada na Santa Casa, talvez por ser um homeopata, quando o conflito entre homeopatas e alopatas estava em plena efervescência.

De 1917 a 1922, passa por um período inicial de profunda tristeza e de rejeição aos paranaenses e à Universidade e, depois, recupera aos poucos o ânimo e, enfim, resolve voltar ao Paraná. Nesse período, transformou-se em um agricultor. Também nesse período publicou livros sobre assuntos ligados ao campo. Não deixou de fazer comentários sobre a saúde das pessoas da zona rural. E, como veremos, foi um crítico da Profilaxia Rural e da visão de Monteiro Lobato sobre o caboclo.

Opôs-se ao movimento que vinha ganhando corpo a partir do trabalho de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas no Rio de Janeiro, e Emilio Ribas em São Paulo, baseado nas concepções pasteurianas de ciência. Defendeu, como positivista, a educação como solução dos problemas do Brasil.

No Relatório Geral da Universidade do Paraná, apresentado no ano de 1913, Nilo Cairo aparece como docente das cadeiras *Homeopatia e Terapêutica Homeopática* e *Clínica Homeopática* no curso de Medicina e Cirurgia, e *Farmacologia Homeopática* no curso de Farmácia<sup>16</sup> (RELATORIO GERAL, 1913). Porém, nos Estatutos da Universidade do Paraná de 1914 essas disciplinas ligadas à homeopatia desaparecem dos programas de ambos os cursos (ESTATUTOS, 1914) No Relatório de 1915, Nilo Cairo está como docente da cadeira de *Patologia Geral* no curso de Medicina e Cirurgia (RELATORIO GERAL, 1915).

---

<sup>15</sup> A Santa Casa de Misericórdia serviu como hospital para o ensino da medicina a partir de 1916 e até que o Hospital de Clínicas da Universidade do Paraná fosse inaugurado em 1961.

<sup>16</sup> Consta também no Relatório de 1913, que Nilo Cairo será o professor de *Elementos de Fisiologia e Patologia Geral* no curso de Odontologia.

Esse fato representa o desprestígio da homeopatia e seu enfraquecimento no campo da medicina, agora sob forte influência da microbiologia, após Oswaldo Cruz ter controlado a febre amarela, a peste e a varíola no Rio de Janeiro. As cartas de Nilo Cairo revelam a uma dimensão pessoal, isso permite aproximar do homem público do privado. Seus ressentimentos, seu estado de humor presentes nas cartas podem ser reveladores, por um lado, de aspectos da sua vida pessoal, e, por outro lado, das relações de poder na medicina no Paraná de então. É justamente a sensibilidade de Nilo Cairo às adversidades e sucessos que o torna personagem revelador das configurações sociais da época. É como se Nilo Cairo fosse um espelho sensível às imagens da época.

Ao estudarmos o que se tem escrito sobre Nilo Cairo vamos encontrar na biografia escrita em 1984 por David Carneiro e publicada pela Editora da Universidade Federal do Paraná um caráter ufanista. A obra oferece dados sobre a luta pela criação da Universidade e seu reconhecimento pelo Governo Federal. Nesse cenário Nilo Cairo ocupou um papel central, ao lado de Victor do Amaral e outros. Porém a ênfase na história individual de Nilo Cairo não nos permite entender o papel que ele ocupa na sociedade da época, nem a estrutura dessa sociedade e, ao mesmo tempo, acaba por se traçar uma imagem idealizada do personagem.

Como já dissemos, Nilo Cairo foi um polemista tanto no embate com os alopatas, defendendo a homeopatia, quanto na defesa da universidade. Esses embates foram publicados em jornais locais, documentos que compõem um rico acervo para análise.

Positivista, Nilo Cairo também nos ajuda a entender o papel desta corrente filosófica na constituição do ensino superior na capital paranaense. Sua carreira militar anterior faz com que traga muitos militares para a docência na Universidade. Republicano, militar e fundador da Universidade do Paraná, este positivista convicto é fruto e fonte de compreensão de sua época.

Ao morrer, em 1928, Nilo Cairo está reconciliado com a sua universidade. Mesmo após a sua morte, continua influenciando o ensino médico, por meio das reedições de seus livros. Fala em suas últimas cartas da publicação de novas edições de seus livros de patologia e fisiologia, pede instruções sobre a proteção que sua viúva terá do pecúlio da universidade e deixa à Universidade os direitos sobre a

terceira edição de *Elementos de Patologia Geral*, reservando à sua viúva os mesmos direitos sobre a terceira edição de *Elementos de Fisiologia*.

Seu maior sucesso editorial continuava sendo o *Guia de Medicina Homeopática*, sendo que em 1926 assina o prefácio da sétima edição (CAIRO, 1926a). Em 2002, esse livro recebeu uma reimpressão da sua 23ª edição.

Analisando a lista de publicações de Nilo Cairo, verificam-se três fases bem distintas: de 1903 a 1913, as publicações são sobre homeopatia; de 1914 a 1916 dedica-se às ciências básicas referentes às cadeiras que ministra na Universidade do Paraná, com livros sobre teoria celular, química biológica, patologia geral e fisiologia e de 1920 a 1925 livros sobre atividades ligadas à pequena propriedade rural. Na primeira fase é o homeopata, depois na universidade a homeopatia vai perdendo poder e surge o Nilo Cairo professor preocupado com a liberdade de ensino e com temas relativos às disciplinas em que atua, e, finalmente, na fase de "depressão" há um retorno à natureza com rejeição à vida social. Embora haja mudanças de humor, não abandona suas convicções ao longo de toda essa trajetória, sendo o vitalismo e o positivismo os fios condutores dessa trajetória.

## 1.6 PERIODIZANDO A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE NILO CAIRO

Adotamos como referência para as obras de Nilo Cairo o *Dicionário Bibliográfico do Paraná*<sup>17</sup> de Júlio Moreira (1960), fazendo algumas correções quando os dados encontrados na pesquisa acrescentarem ou corrigirem as informações apresentadas.

Na primeira fase ou fase homeopática:

- ***Similia similibus curantur*** – Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 161 p. Rio de Janeiro, 1903.
- ***O Pé Equino*** – Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 32 p. Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères, 1904.

---

<sup>17</sup> Embora o trabalho de Júlio Estrella Moreira necessite de algumas retificações ou atualizações, optamos por utilizá-lo na forma como ele se apresenta pela qualidade e clareza do trabalho. As atualizações e correções estão colocadas em notas.

- ***A Cantárida na Terapêutica Oficial*** – 1904.
- ***Os Antimoniais na Terapêutica Oficial*** – 1904.
- ***Os Salicilatos na Terapêutica Oficial*** – 1904.
- ***Hahnemann*** – 1905.
- ***Medicamentos Complexos*** – 1905.
- ***Guia de Farmácia Homeopática*** – 1905.
- ***Tratamento Homeopático da Coqueluche*** – Guia terapêutico, 32p., Curitiba, 1906.
- ***Tratamento Homeopático da Influenza*** – Publicação da Revista Homeopática do Paraná, 35 p., Curitiba, 1907.
- ***Pequeno Guia Homeopático***<sup>18</sup> – 1907.
- ***Tratamento Homeopático das Diarreias Infantis*** (duas edições) – Guia terapêutico, 1.<sup>a</sup> edição, Curitiba, 1908; 2.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Liv. do Globo, 1917.
- ***Guia Homeopático Brasileiro*** – Publicação da Revista Homeopática do Paraná, Curitiba, Imprensa Paranaense, 1908.
- ***Tratamento Homeopático das Moléstias Tropicais*** – Fascículo I, 98p., Curitiba, Tip. Alfredo Hoffmann, 1909.
- ***A Homeopatia e a Crítica*** – Resposta a Pedro Sanches de Lemos, 122p. Curitiba, Liv. Econômica, 1909.
- ***Crotalus terrificus*** – 1910.
- ***Lachesis lanceolatus*** – 1910.
- ***Lachesis mutus*** – 1910.
- ***Elaps coralinus*** – 1910.
- ***A Febre Amarela e seu Tratamento Homeopático*** – Compêndio de consulta, 68 p., Curitiba, 1910.
- ***O Dr. Huchard e a Homeopatia*** – Resposta à Imprensa Médica, 36p., Curitiba, 1910.
- ***O 606 em homeopatia*** – 1911.

---

<sup>18</sup> *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo.*

- **Guia de Medicina Homeopática** (dezesseis edições)<sup>19</sup> – 1912 a 1954, sendo a de 1954 com 1090 p, a partir da 3.<sup>a</sup> edição pela Tip. C. Teixeira & Cia, posteriormente Liv. Teixeira.

Nesse período predominam as publicações de teses, artigos e livros que tratam da homeopatia, além de inúmeras polemizações em jornais sobre o mesmo tema. A primeira publicação tem como título um dos princípios da homeopatia que é a lei dos semelhantes. Como essa tese foi recusada, a segunda, ou seja, *O Pé Equino*, representa um afastamento estratégico do tema para conseguir o seu título de doutor, porém, mesmo aí, ao final do trabalho, reafirma suas convicções na homeopatia. Os três trabalhos que se seguem em 1904, *A Cantárida na Terapêutica Oficial*, *Os Antimoniais na Terapêutica Oficial* e *Os Salicilatos na Terapêutica Oficial*, refletem a defesa da ideia de que os medicamentos usados na medicina alopática atuam por princípios homeopáticos.

O início do período seguinte, a segunda fase ou fase do ensino, coincide com a criação da Universidade do Paraná e estende-se até seu afastamento para um sítio no interior de São Paulo. As obras citadas no dicionário bibliográfico seguem-se abaixo:

- **Liberdade de Ensino e Liberdade Profissional** – Discurso do paraninfo da turma de graduandos de 1914 da Universidade do Paraná, 38p., Curitiba, Tip. Alfredo Hoffmann, 1914.
- **Teoria Celular** – De uma lição de histologia dada na Universidade do Paraná, 12 p., Curitiba, Tip. Alfredo Hoffmann, 1914.
- **Guia prático de química biológica** – 1915.

---

<sup>19</sup> Essa informação precisa ser frequentemente atualizada, já que o sucesso desse livro foi tal que existem reedições recentes. A última que temos conhecimento é a 23.<sup>a</sup> edição, publicada pela Livraria Teixeira, sem data, mas provavelmente de 2002. Além disso, há um equívoco da parte de Júlio Moreira, pois esse autor aponta como primeira edição dessa obra o ano de 1912 e a segunda edição no ano de 1913. Tendo adquirido a segunda edição, encontramos uma explicação de Nilo Cairo que se trata da segunda edição do *Pequeno Guia Homeopático*, de 1907, que uma vez ampliada trocou de nome para *Guia de Medicina Homeopática*. Portanto, não existe a primeira edição atribuída por Júlio Moreira ao ano de 1912.

- ***Elementos de Patologia Geral*** (três edições) – Compêndio didático para os alunos da Universidade do Paraná, 1.<sup>a</sup> edição, 324p., Curitiba, 1916; 2.<sup>a</sup> edição, 707 p., Curitiba, Plácido e Silva & Cia. Ltda., 1925; 3.<sup>a</sup> edição, 646p., Curitiba, João Haupt & Cia. 1931.
- ***Elementos de Fisiologia*** (duas edições)<sup>20</sup> – Compêndio didático para os alunos da Universidade do Paraná, Curitiba, 1916; 2.<sup>a</sup> edição, Volume I, 638p., Volume II, 670p., Curitiba, Tip. João Haupt & Cia., 1926.

A primeira dessas obras é o discurso de Nilo Cairo, por ocasião da formatura da primeira turma da Universidade do Paraná em 19 de dezembro de 1914, no qual ele revela que é a primeira vez que faz um pronunciamento público após a inauguração da Universidade. Nesse discurso aparece, de forma cristalina, um Nilo Cairo "liberal e positivista" (WACHOWICZ, 2006, p.50).

As obras que se seguem referem-se às áreas em que atua como professor e visam suprir a deficiência de livros didáticos na língua portuguesa. Apesar de serem, em grande parte, compilações de tratados estrangeiros, Nilo não deixa de colocar suas posições, sendo muito reveladores os prefácios, as introduções e as conclusões dos livros.

Wachowicz (2006, p.50) refere-se a Nilo Cairo como um homem "temperamental, irrequieto, impulsivo, dando grandes arrancadas e em consequência proporcionais depressões". É numa dessas "depressões" que Nilo se retira do Paraná e parte para a zona rural, em São Paulo. Imediatamente esse fato reflete na sua produção bibliográfica, em um período que chamaremos de terceira fase ou fase rural:

- ***Guia Prático do Pequeno Lavrador*** (sete edições) – Trabalho de consulta e orientação, 1.<sup>a</sup> edição, 527p., São Paulo, 1920; 6.<sup>a</sup> edição, 550p., São Paulo, Tip. Teixeira, 1943, 7.<sup>a</sup> edição, 552p., São Paulo, Vieira Pontes & Cia, 1950.
- ***A Cultura da Terra*** – 120p., 1920.
- ***Guia Prático da Cultura e Preparação do Fumo*** (duas edições) – 1.<sup>a</sup> edição, São Paulo, 1922; 2.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Casa Editora "O Livro", 1935.

---

<sup>20</sup> Júlio Estrella Moreira omite a 3.<sup>a</sup> edição de *Elementos de Fisiologia*, de 1931.

- ***Guia Prático de Veterinária Homeopática*** (duas edições) – Tratamento homeopático de todas as moléstias dos animais domésticos, 266p., São Paulo, Monteiro Lobato & Cia, 1923; 2.<sup>a</sup> edição, 285p., São Paulo, Liv. Teixeira, 1942.
- ***O Livro da Cana de Açúcar*** (duas edições) – Manual prático da cultura da cana e do fabrico dos seus produtos, 1.<sup>a</sup> edição, Curitiba; 2.<sup>a</sup> edição, 163p., Curitiba, Empr. Gráf. Paranaense, 1924 (Obs: registra-se a existência de uma tradução para a língua inglesa).
- ***Guia Prático do Criador de Animais Domésticos***<sup>21</sup> (duas edições) – Destinado à pequena propriedade rural no Brasil, 1.<sup>a</sup> edição, São Paulo, C. Teixeira & Cia., 1925; 2.<sup>a</sup> edição, 302 p., São Paulo, Liv. Teixeira, 1942.
- ***Manual do Agricultor***

Chama a atenção que nessa fase, em que Nilo está afastado do Paraná, por desavenças, não há dedicatórias nos livros, com exceção do *Guia Prático do Pequeno Lavrador*, no qual consta uma dedicatória a sua esposa Ermelinda Schmidt da Silva.<sup>22</sup>

Embora possamos periodizar a produção intelectual de Nilo Cairo, como o fizemos, existe um fio condutor em todas elas, mostrando coerência de princípios.

Além dessas obras, o terceiro período conta com vasta correspondência que Nilo envia para seus companheiros no Paraná. Essas cartas, analisadas junto com as cartas no final da vida permitem um retrato pessoal do autor.

A consolidação da Universidade do Paraná, com Victor do Amaral, à frente da luta pelo reconhecimento como universidade, já sem Nilo, a partir de 1928, teve como aliado uma figura mitificada. Esta pesquisa pretende desconstruir o mito para reconstruir o homem, sem tirar nada de sua grandeza, mas acrescentando dados de realidade e que contribuam para a compreensão de que a Universidade foi construída por obra das virtudes, das paixões e dos equívocos de seus fundadores.

---

<sup>21</sup> A segunda edição desse livro é de 1934 e não 1942 como apontado por Moreira.

<sup>22</sup> O autor teve acesso à primeira edição de 1920 de seu acervo particular, dois exemplares da 2.<sup>a</sup> edição, de 1923, um na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e outro do acervo particular do autor. Nessas duas edições não há dedicatória. Porém, no acervo do autor encontram-se a 3.<sup>a</sup> edição, de 1926, a 5.<sup>a</sup> edição de 1938, a 6.<sup>a</sup> edição, de 1943 e a 7.<sup>a</sup> edição da obra, de 1950, em que constam a dedicatória citada, desde a edição de 1926.

Esse processo de mitificação será corroborado pelos discursos e opiniões publicados nos jornais de Curitiba e será apresentado em sua trajetória, principalmente a partir da sua retirada para São Paulo.

## 1.7 AS ETAPAS DA PESQUISA

As etapas que foram cumpridas para a elaboração desta tese são:

- a) estudo da historiografia do período compreendido na tese;
- b) levantamento das fontes:
  - coleção dos originais de cartas de Nilo Cairo para diversos interlocutores, disponíveis em arquivo da Direção do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná;
  - livro de registro das atividades docentes, disponível em arquivo da Direção do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná;
  - artigos na imprensa escrita, disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná e, em coleção de recortes, em arquivo da Direção do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná;
  - várias obras publicadas de autoria de Nilo Cairo, disponíveis na Biblioteca do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, e outras bibliotecas da mesma Universidade;
  - obras de autoria de Nilo Cairo e outras fontes disponíveis na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro;
  - acervo particular do autor da tese, adquirido ao longo da pesquisa;
  - coleção de relatórios e estatutos elaborados por Nilo Cairo da Silva e Victor Ferreira do Amaral e Silva, disponíveis em acervo da Direção do Setor de Ciências da Saúde e na Biblioteca Central da Universidade Federal do Paraná;
  - atas do Instituto Hahnemanniano do Brasil, no Rio de Janeiro;
  - atas da Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba;

- Diários Oficiais da União;
  - documentos do Arquivo Público do Paraná;
- c) articulação dos dados encontrados, à luz do referencial teórico.

A estrutura desta tese parte da trajetória de Nilo Cairo. As suas origens familiares são importantes para se entender o contexto em que passa os primeiros anos de sua vida no Paraná, necessitando retirar-se de seu estado natal para fazer a sua formação militar na cidade Rio de Janeiro e quase concomitantemente a formação médica na mesma cidade. Trataremos desse período no capítulo dois, no qual se aponta a sua filiação ao positivismo e ao vitalismo homeopático. Ainda no Rio de Janeiro terá participação ativa no *Instituto Hahnemanniano do Brasil* e, como será analisado no capítulo três, envolve-se em polêmicas com os alopatas e mesmo com seus pares homeopatas, chegando a incompatibilizar-se com seus colegas e mudando-se para o Paraná,

No capítulo quatro analisamos a sua atuação no Paraná, inicialmente na figuração médico-homeopática, como no Rio de Janeiro, e mais tarde compondo uma nova configuração, agora a médico-intelectual de onde se originará a Universidade do Paraná. Mais uma vez desgastado retira-se para o Estado de São Paulo, o que será discutido no capítulo cinco, de onde suas cartas mostram muito de seus afetos e decepções até resolver voltar ao Paraná.

No capítulo seis apresentamos as concepções de universidade que influenciarão a tentativa de Rocha Pombo infrutífera de implantar o ensino superior no Paraná e mais tarde a criação da Universidade do Paraná. Nesse mesmo capítulo apresentamos as concepções de ensino e ciência de Nilo Cairo e no capítulo sete o positivismo e o vitalismo são discutidos a partir da obra bibliográfica de Nilo Cairo como fios condutores de seu pensamento e ações em todas as configurações das quais participou.

## 2 ORIGENS, FORMAÇÃO MILITAR E MÉDICA

Nossa opção metodológica elisiana nos faz reconhecer a importância da trajetória de Nilo Cairo para buscar a compreensão das configurações sociais das quais fez parte. Em sua trajetória transita por configurações diversas como a homeopatia, a educação e a vida rural, articuladas em um Brasil ainda predominantemente rural, mas em processo de urbanização no início de século XX. As questões em que Nilo Cairo se envolve, quase sempre polemizando, são essenciais para se compreender a medicina e a educação naquele momento, a prática e o ensino da medicina, a educação superior e a educação do homem do campo. Não se trata da descrição cronológica de fatos de realização individual desse médico, mas sim de articular as suas ações em uma rede de interdependências e configurações. No lugar de enunciarmos uma lista de nomes e fatos, propomo-nos a encontrar um fio condutor para as ações desse indivíduo, buscando as explicações de seus atos, ora na sociedade à qual pertence, ora nas suas escolhas pessoais.

Como veremos nos capítulos que se seguirão, esse fio condutor está ligado ao desejo de construção de uma sociedade iluminada pelos ideais positivistas, com liberdade espiritual e construída pela educação. A passagem pela vida militar consolida na sua formação o positivismo. Quanto às concepções sobre a vida, Nilo Cairo se manterá sempre fiel ao vitalismo e atuará propagandeando os benefícios da homeopatia até o fim de sua vida.

No presente capítulo e nos seguintes, pretendemos trabalhar a sua trajetória de forma detalhada, para com isso mostrar com mais profundidade as ligações de Nilo Cairo com sua época e com personagens que desde a sua origem determinaram, em alguma medida, a direção e os limites de sua ação.

O primeiro desafio que encontramos foi o de reconstituir seu núcleo familiar e, para isso, partimos das referências que ele próprio aponta em suas obras. Utilizamos as informações sobre pessoas na apresentação e nas dedicatórias que escreve em seus livros. Esses dados nos permitem mapear um primeiro grupo de indivíduos aos quais esteve ligado.

A partir dessas informações buscamos fontes que pudessem nos ajudar a estabelecer sua origem familiar, seus círculos de amigos e reconstituir a partir daí a

importância destes para sua trajetória. Deste primeiro conjunto de informações foi possível ampliar a rede de relações e de interdependências das quais Nilo tenha participado.

Encontramos, entre as publicações de Nilo Cairo, cinco obras com dedicatórias. Três delas remetem às suas origens familiares, sendo as dedicatórias à sua mãe Alzira Paula da Costa Lobo e Silva (1903)<sup>23</sup>, ao seu pai Simplicio Manoel da Silva Junior (1913)<sup>24</sup> e ao seu tio Honorio Decio da Costa Lobo (1916)<sup>25</sup>. Uma delas é dirigida a Victor Ferreira do Amaral e Silva (1916)<sup>26</sup> e a outra, à sua terceira esposa Ermelinda Schmidt da Silva (1920)<sup>27</sup>.

Para se entender as origens de Nilo Cairo, nascido em Paranaguá, em 12 de novembro de 1874, foi importante considerar as referências familiares apontadas acima. A sua opção pela vida militar, a escolha da via da educação e da homeopatia para propor e lutar por uma nova sociedade são elementos que serão encontrados em seu meio familiar. Nilo Cairo é filho de uma professora, sendo seu pai um funcionário dos telégrafos, seu tio professor e prático da homeopatia e seu avô materno militar. Portanto, Nilo Cairo embora não tenha pertencido à elite econômica paranaense, fazia parte de uma família que lhe permitiu os primeiros anos de educação em Paranaguá e a continuidade de sua formação na capital da República.

---

<sup>23</sup> *Similia Similibus Curantur*, de 1903, disponível na Biblioteca do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

<sup>24</sup> Data do surgimento do *Guia de Medicina Homeopática*, 1913. O autor teve acesso à 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 23 edições de seu acervo particular (1913, 1918, 1921, 1924, 1926, 1930, 1938 e 2002) e à 7.<sup>a</sup> e 13.<sup>a</sup> edições na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1930 e 1946), todas com a dedicatória. Não existe 1.<sup>a</sup> edição com o nome *Guia de Medicina Homeopática*. O que seria a primeira edição dessa obra surgiu em 1907 com o nome de *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*.

<sup>25</sup> Data da primeira edição do *Elementos de Fisiologia*, 1916. O autor teve acesso apenas à 1.<sup>a</sup> edição na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e à 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edição, de 1926 e 1931, de seu acervo particular, em que constam a dedicatória.

<sup>26</sup> Data da primeira edição do *Elementos de Patologia Geral*, 1916, a qual o autor teve acesso em seu acervo particular, no qual também consta a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edição de 1925 e 1931. No acervo da Biblioteca Nacional foram consultadas as três edições (1916, 1925 e 1931). Todas apresentam a mesma dedicatória.

<sup>27</sup> Data da primeira de sete edições do *Guia Prático do Pequeno Lavrador*, 1920. O autor teve acesso, em seu acervo particular, à 1.<sup>a</sup> edição (1920) e 2.<sup>a</sup> edição (1923), ambas sem dedicatória e à 3.<sup>a</sup> edição (1926), 5.<sup>a</sup> edição (1938), 6.<sup>a</sup> edição (1943) e 7.<sup>a</sup> edição (1950), com dedicatória a partir de 1926. Na Biblioteca Nacional foi consultada as 2.<sup>a</sup> edição (1923).

## 2.1 AS ORIGENS FAMILIARES

Alzira Paula da Costa Lobo e Silva, sua mãe, recebe a homenagem de Nilo Cairo, na forma de dedicatória na tese *Similia Similibus Curantur*, a qual é apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1903. Alzira havia falecido há pouco.

À sagrada memória de minha santa mãe Alzira Paula da Costa Lobo e Silva, nascida a 8 de agosto de 1836 e falecida a 1.º de julho de 1902, a quem devo a elaboração decisiva de todas as minhas qualidades essenciais, tanto de coração como de caráter e mesmo de espírito (CAIRO, 1903, p.3).

Referida como Alzira Lobo Simplício, professora com escola particular e como mãe de Nilo Cairo, ela aparece na lista de mestres de Paranaguá, na data de 1855, em publicação de Viana (1976, p.222) sobre a história daquela cidade.

Em Paranaguá, como em outras cidades paranaenses, era uma prática no período provincial as aulas avulsas com financiamento público. As aulas eram ministradas por um professor que sendo concursado oferecia uma ou mais matérias de interesse da administração pública (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p.63).

Em um programa de rádio transmitido em oito de setembro de 1944, pela Rádio Difusora de Paranaguá, intitulado *Coisas Nossas*, as mestras de Paranaguá recebem uma homenagem, entre elas a mãe de Nilo Cairo:

Caros ouvintes de Coisas Nossas. Tomo a liberdade de roubar-vos alguns minutos de atenção, para render um preito de pávida homenagem às antigas mestras de Paranaguá que, desde 1855, ou seja, muito antes da criação das Escolas Normais no País, exerceram a espinhosa missão de professoras e que, embora leigas, relevantes serviços prestaram às nossas gerações litorâneas. Na carência de dados anteriores ao ano de 1855, iniciaremos o nosso ligeiro estudo, com algumas referências, à guisa de biografia, pela veneranda mestra Alzira Lobo Simplício, esposa de Manuel Simplício, telegrafista de Paranaguá, que, pelo ano de 1855, deu início ao professorado particular, por longo tempo, na tarefa edificante de alfabetização dos filhos deste bucólico recanto do vasto Brasil (SANTOS, 1966, p.115).

A busca no Arquivo Público do Paraná permitiu traçar a carreira de Alzira como educadora.

Em ofício dirigido ao Presidente da Província do Paraná, Alzira, quando estava prestes a completar 18 anos de idade, candidata-se a uma vaga como professora de educação pública, em Paranaguá:

Diz Alzira Paula da Costa Lobo, filha legítima do tenente Francisco de Paula Lobo, que achando-se a concurso a cadeira de primeiras letras do sexo feminino desta cidade de Paranaguá, e querendo a suplicante opor-se a mesma, achando-se para esse fim habilitada como mostra pelos documentos juntos de n. 1 a 5, vem rogar à V. Ex. se digne admitir a suplicante como opositora a referida cadeira para o que se oferece ao exame respectivo na forma da lei, por isso pede à V. Ex. por sua benevolência deferir a suplicante como requer. Paranaguá 16 de maio de 1854 (OFÍCIO, 1854).

No mesmo ano, dirige-se novamente ao Presidente da Província, para resolver questões ligadas aos ordenados:

Diz Alzira Paula da Costa Lobo, professora da 2.<sup>a</sup> cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá que sendo lhe de muita utilidade que V. Ex. lhe mande pagar seus ordenados pela Coletoria das Rendas Provinciais daquela cidade, por isso pede a V. Ex. se digne por sua benevolência deferir a suplicante como requer. Paranaguá, 29 de agosto de 1854 (OFÍCIO, 1854).

Alzira, além de educadora, é filha de um militar como aparece no primeiro ofício transcrito. Essas duas características estarão presentes na vida de Nilo Cairo: a vida militar e a atividade como educador. Ela é filha de Francisco de Paula Lobo, tenente à época da juventude de Alzira. Não se trata de família de posses e propriedades, pois, como o ofício abaixo demonstra Alzira mora com seu pai em uma pequena casa alugada. Esses dados são importantes para se reconstituir a configuração social em que Nilo Cairo irá nascer. A educação pode ter sido a saída para Nilo Cairo superar a condição de sua família e a vida militar um caminho para isso.

Diz Alzira Paula da Costa Lobo, Professora Pública da 2.<sup>a</sup> Cadeira de 1.<sup>as</sup> letras do sexo feminino da Cidade de Paranaguá, que morando a suplicante em companhia de seu pai em uma pequena casa, mas suficiente para a família, não pode presentemente continuar a morar em dita casa por não ter cômodo para a aula, e por isso viu-se na necessidade a suplicante de procurar outra casa com melhor [?] alugando uma desde o 1.<sup>o</sup> de dezembro do ano findo, que tem uma grande sala onde pode muito bem acomodar [?] alunos com toda liberdade. [?] acontece que por aquela onde morava a suplicante com seu pai pagava sete mil réis, e por esta que presentemente mora paga quinze mil réis mensais, como mostra [?], motivo este que obriga a suplicante a implorar a V. Ex. se digne por sua benevolência [?] justiça mandar pagar pelo cofre provincial a metade do aluguel da casa onde mora

a suplicante, para não ficar tão pesado, e reduzir o seu ordenado a uma pequena quantia com esta despesa, espera a suplicante da bondade de V. Ex. que atenderá o seu pedido. Paranaguá 13 de janeiro de 1855 (OFÍCIO, 1855).

Apresenta o recibo do aluguel da casa:

Digo eu abaixo assinado, que contratei com a Ilma Sra D. Alzira Paula da Costa Lobo, alugar-lhe uma casa da Rua do Ouvidor desta cidade, com cômodos próprios para a aula de alunas de que é a mesma professora, pelo prazo de quatro anos, pelo aluguel de quinze mil réis mensais; e para firmeza e sua garantia passo a presente. Paranaguá, 12 de janeiro de 1855. Manoel Francisco [?] (OFÍCIO, 1855).

Em pouco tempo Alzira solicita a ampliação do mobiliário para as aulas, em função do aumento do número de alunas:

Diz Alzira Paula da Costa Lobo, professora pública da 2.<sup>a</sup> cadeira de 1as letras do sexo feminino da cidade de Paranaguá, que sendo criada a dita cadeira por portaria do Exmo Governo desta Província de 1.º de junho de 1854, foi fornecida a aula conforme a tabela da Província de São Paulo com mobília para vinte alunas, constando, de uma mesa com seu competente estrado para a mestra, três bancos, cinco [?] e três mesas para as alunas escreverem, e tendo aumentado presentemente o número de ditas alunas a trinta e nove, via-se a suplicante na necessidade de mandar fazer três bancos de dez palmos, uma mesa de cinco ditos para escreverem, e uma cadeira para a mestra, que, no primeiro fornecimento não lhe foi dada por esquecimento, o que tudo consta do documento junto, por isso, pede a V. Exa. se digne por sua bondade mandar pagar à suplicante a quantia de trinta mil réis, importância dos objetos acima mencionados, o que espera da justiça de V. Exa ser deferida. Paranaguá 31 de julho de 1855 (OFÍCIO, 1855).

A professora já houvera solicitado, em ofício de 13 de julho de 1855, o acréscimo em seus vencimentos de 4\$000rs para cada aluna que excedessem o número de 25 (OFÍCIO, 1855).

Em 31 de dezembro de 1855 encaminha ao vice-presidente da Província o mapa que revela o "estado das aulas" (OFÍCIO, 1855).

Em 27 de junho de 1857 envia ofício ao vice-presidente da Província agradecendo a informação de benefícios ligados à aposentadoria de professores (OFÍCIO, 1857).

Alzira completa mais de 25 anos de exercício na profissão de professora e se aposenta, aos 44 anos, quando Nilo tinha seis anos de idade:

Por ato de 20 do corrente e nos termos do art. 1.º da lei provincial n.º 547 de 1879, concedi à professora da 2.ª cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá, D. Alzira Paula da Costa Lobo e Silva aposentadoria visto contar mais de 25 anos de efetivo exercício e removi para essa cadeira a professora da vila de Guaratuba, D. Maria Julia da Silva Nascimento. (refere-se a 20 de janeiro de 1881) (RELATÓRIO do Dr. Sancho de Barros Pimentel ao 1.º vice-presidente da Província Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, 1882).

Alzira morre aos 65 anos, quando Nilo Cairo ainda está no Rio de Janeiro, finalizando sua formação militar e médica. A esse respeito, pretendemos esclarecer a confusão presente na bibliografia disponível, em que os autores afirmam que Alzira teria falecido quando Nilo ainda era pequeno, ou que a mãe de Nilo seria a irmã de Alzira, falecida muito cedo.

É o próprio Nilo Cairo que, na dedicatória de sua tese *Similia Similibus Curantur*, afirma que Alzira Paula da Costa Lobo e Silva é sua mãe. Além disso, refere a data de 08 de agosto de 1836 como sendo de seu nascimento e a sua morte em 1.º de julho de 1902. Portanto, Alzira estava prestes a completar 66 anos quando faleceu, e Nilo Cairo com 27 anos.

A partir desses dados fica claro o equívoco de David Carneiro:

Nilo Cairo da Silva nasceu na cidade de Paranaguá (fulcro inicial da província do estado do Paraná), no dia 12 de novembro de 1874. Era filho de Simplicio Manoel da Silva Junior, natural do Rio Grande do Sul, e de sua mulher, Dona Alzira Paula da Costa Lobo e Silva, filha de Paranaguá, de família antiga da província, a qual cedo faleceu, deixando o filho ainda criança de colo. O seu genitor entretanto, premido pelas circunstâncias, casou-se logo com a irmã de sua mulher, a qual serviu ao pequeno Nilo, de segunda mãe (CARNEIRO, 1984, p.13).

Apesar do equívoco, David Carneiro aponta um fato possível, o de não ser a Dona Alzira a mãe biológica de Nilo Cairo, o que pode ser corroborado por outra publicação, do mesmo autor:

Nasceu o Dr. Nilo Cairo da Silva na cidade de Paranaguá, no dia 12 de novembro de 1874. Era filho de Simplício Manoel da Silva Júnior e de sua esposa D. Rosa Joaquina da Costa Lobo e Silva, que prematuramente faleceu deixando os filhos pequeninos. Isso foi o que induziu o esposo a segundo casamento com uma cunhada, D. Alvina, considerada 'segunda mãe' (CARNEIRO, 1963, p.543).

Apesar do erro de grafia do nome de D. Alzira, essa informação tenta esclarecer a afirmação de que a mãe de Nilo Cairo morreria cedo, tendo ele sido criado por sua tia. Entretanto, esse autor não cita fontes documentais que possam confirmar as afirmações feitas.

Simplicio Manoel da Silva Junior é apresentado por Nilo Cairo da Silva, no *Guia de Medicina Homeopática*, em 1913.

Dedicatória:

À meu pai Simplicio Manoel da Silva Junior, a cujo inextinguível amor paterno devo o meu diploma de médico.

Nilo Cairo da Silva.

Encontramos referência a Simplicio Manoel da Silva Junior somente quando foi nomeado telegrafista-chefe de 1.<sup>a</sup> classe por portaria de 08 de maio de 1890 do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos (DIARIO OFFICIAL, 13.06.1890, p.4).

No ano de 1892 solicita licença de quatro meses, a partir de 11 de janeiro de 1892, a qual é posteriormente prorrogada por mais três meses, em 31 de março, "para tratar de sua saúde onde lhe convier" (DIARIO OFFICIAL, 24.01.1892, p.5; 02.04.1892, p.8).

Nesse período, como se verá mais tarde, Nilo Cairo está transferindo sua matrícula da Escola Militar do Rio Grande do Sul para a do Rio de Janeiro.

Encontramos o nome de Simplicio Manoel da Silva Junior na lista de cidadãos qualificados como eleitores no Distrito da Candelária nos Diários Oficiais da União publicados nas datas de 07 de junho de 1894 e 18 de julho de 1901 (DIARIO OFFICIAL, 07.06.1894, p.18; 18.07.1901, p.26).

Aposenta-se da função de telegrafista-chefe da Repartição Geral dos Telégrafos em 08 de agosto de 1894, tendo vencimentos anuais de 4:000\$ (DIARIO OFFICIAL, 19.01.1895, p.10)

Não temos a data de seu falecimento, mas encontramos o seguinte texto no Diário Oficial da União: "Requerimentos despachados – Dia 5 de setembro de 1916 – Thessalia Alydéa da Silva Vianna, filha do finado contribuinte Simplicio Manoel da Silva Junior, idem. Habilita-se de acordo com o decreto n.º 3.607, de 10 de fevereiro de 1866 e faça selar a portaria de inatividade do contribuinte." (DIARIO OFFICIAL, 06.09.1916, p.12).

Outra pista a respeito da data da morte de Simplicio pode ser dada pela dedicatória na quarta edição do *Guia de Medicina Homeopática*, de 1921, corrigida para "à memória de meu pai", sendo que a edição de 1913 referia-se "a meu pai". Ou seja, Simplicio deve ter falecido entre 1913 e 1916, pois se o Diário Oficial de 1916 já o trata como "finado", a dedicatória de 1913, ainda se refere ao pai vivo.

O que nos interessa aqui é o fato de que seu pai tinha a função de telegrafista-chefe da Repartição Geral de Telégrafos e que participou da sua decisão estudar medicina, como o próprio Nilo revela em sua dedicatória.

Em 1916, na dedicatória de *Elementos de Fisiologia*, Nilo nos apresenta seu tio:

À memória de meu tio Honorio Decio da Costa Lobo, professor público na cidade de Paranaguá (Estado do Paraná) e meu primeiro mestre de escola. Quem lançou, em minha razão juvenil, as primeiras sementes da cultura científica. Como preito de gratidão, dedico este livro (CAIRO, 1916a).

Assim, Nilo Cairo, filho de uma professora pública, teria sido aluno de primeiras letras de seu tio Honório, o qual, segundo ele mesmo, o teria influenciado na sua vocação para as ciências.

Honorio Decio da Costa Lobo pode ter influenciado Nilo Cairo não somente na lida pela educação e pela ciência, mas também em relação à homeopatia.

Galhardo (1928) em seu trabalho *História da Homeopatia no Brasil*, apresentado ao Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia<sup>28</sup>, afirma que Honorio Decio da Costa Lobo aprendeu a praticar homeopatia com Filastrio Nunes, juiz municipal de Paranaguá, que chegou à Paranaguá em 1850 e faleceu em 1883. Logo, Nilo Cairo conviveu na infância com práticos da homeopatia, sendo um deles o seu tio Honorio.

Em certidão fornecida na data de 13 de janeiro de 1854, pela Freguesia da Sé da Cidade de São Paulo e que trata de registros de batismo, encontramos o batismo de "Decio, filho legítimo do Tenente Francisco de Paula Lobo e de sua mulher Dona Rosa Joaquina da Costa Lobo"<sup>29</sup>, datado de 17 de janeiro de 1832. No mesmo

---

<sup>28</sup> O Primeiro Congresso de Homeopatia realizou-se na cidade do Rio de Janeiro, de 25 a 30 de setembro de 1926.

<sup>29</sup> Nome semelhante ao nome referido por David Carneiro como da mãe de Nilo Cairo, que falecera cedo, sendo que David Carneiro acrescentou o sobrenome do pai de Nilo Cairo: Rosa Joaquina da Costa Lobo e Silva.

documento é relatado que à margem do registro de batismo de Decio há uma anotação que ele na crisma havia mudado o nome para Honorio (OFÍCIO, 1855), Honorio era, então, alguns anos mais velho do que sua irmã Alzira.

Honorio, assim como sua irmã Alzira, prestou concurso para a função de professor público:

Diz Honorio Decio da Costa Lobo, filho legítimo do Tenente Reformado de 1.<sup>a</sup> linha, Francisco de Paula Lobo, que achando-se a concurso a terceira cadeira de primeiras letras do sexo masculino da Cidade de Paranaguá, e querendo o suplicante opor-se à mesma cadeira, para o que se julga habilitado, vem rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne admitir ao suplicante como opositor à referida cadeira para o que pede a V. Ex.<sup>a</sup>, por sua bondade, marcar o dia e a hora para o comparecimento do suplicante, a fim de fazer o exame respectivo na forma da lei. Curitiba, 15 de junho de 1855 (OFÍCIO, 1955).

Documentos anteriores mostram que Honorio, antes de tornar-se professor público na nova província, trabalhara no governo e desejara a carreira militar.

Honorio Decio da Costa Lobo, filho legítimo do Tenente Reformado de 1.<sup>a</sup> linha Francisco de Paula Lobo, desejando seguir carreira militar de engenharia, se oferece voluntário para assentar praça em dos corpos de linha da Corte, para ir estudar na Academia Militar da dita Corte, para o que se acha habilitado, e querendo seguir quanto antes para poder matricular-se em dita Academia até 20 de março próximo [...] Paranaguá, 08 de fevereiro de 1854 (OFÍCIO, 1854).

O despacho, de 16 de fevereiro de 1854, no mesmo documento solicita que o requerente compareça à Sala de Ordens do Palácio do Governo do Paraná.

Outros documentos, do final do mesmo ano, dão conta de que Honorio não só permanecera no Paraná como trabalhava em órgãos do governo da Província, em Curitiba. Esses documentos mostram três justificativas de falta ao trabalho por estar "incomodado" nos dias 02 de outubro, 21 de novembro e 13 de dezembro, e, portanto, impossibilitado de comparecer à "repartição". Essas justificativas são feitas de próprio punho e encaminhadas ao Secretário do Governo (OFÍCIO, 1854).

Honorio comunica que iniciou suas aulas, em Paranaguá, em 22 de outubro de 1855 e em 03 de maio de 1856 solicita mobílias para a sua função.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que, no dia 22 do [?] mês instalei a aula da 3.<sup>a</sup> cadeira de primeiras letras do sexo masculino, a meu cargo, cuja abertura não me foi possível proceder antes por causa de haver falta de casa própria para o seu estabelecimento. [...] Paranaguá, 28 de outubro de 1855. Honorio Decio da Costa Lobo (OFÍCIO, 1855).

Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup> que estou de posse de seu ofício de 7 de abril último, em que se dignou comunicar-me ter autorizado a Tesouraria Provincial para mandar pagar-me a importância da despesa que fiz com a compra de mobília e utensílios para a escola a meu cargo. [...] Paranaguá, 3 de maio de 1856. Honorio Decio da Costa Lobo (OFÍCIO, 1856).

São diversos os documentos que mostram Honorio Decio da Costa Lobo submetendo-se, em outubro de 1857, a uma série de exames para retomar a sua vaga de professor, a qual ele próprio havia colocado à disposição, para, ao reassumir sua função, poder auferir benefícios dados aos novos professores (OFÍCIO, 1857).

Viana (1976, p.225), que já citara Alzira Lobo Simplício, também cita Décio da Costa Lobo entre os mestres no seu livro *Paranaguá na História e Tradição*.

Consta que Honório era maçom. Participava da Loja Perseverança n.º 0159 de Paranaguá, fundada em 05 de maio de 1864 e da Loja Cardoso Junior n.º 0661, de Curitiba, fundada em 01 de dezembro de 1898.<sup>30</sup>

O pai de Alzira e Honorio, Francisco da Costa Lobo, apesar de estar reformado como tenente, continuava trabalhando, como atestam documentos em que se apresenta como porteiro e conferente da alfândega, em Paranaguá. Nesses ofícios Francisco da Costa Lobo em uma das ocasiões solicita afastamento do trabalho para "acompanhar a sua filha que pretende fazer oposição à Segunda Cadeira de primeiras letras do sexo feminino" na Capital. Esse ofício é datado de 25 de junho de 1854, o que corresponde ao período em que Alzira pleiteia a sua vaga como professora (OFÍCIO, 1854). Em 11 de agosto de 1854 solicita reembolso de 61 mil réis por gastos em mobília para a Segunda Cadeira de primeiras letras do sexo feminino (OFÍCIO, 1854).

---

<sup>30</sup> Disponível em: <[www.museumaconicoparanaense.com](http://www.museumaconicoparanaense.com)>. Acesso em: 12 out. 2010.

Em outra ocasião, 21 de janeiro de 1854, Francisco solicitou licença do trabalho para recuperar-se de males do estômago, agravados pelos ares marinhos:

Francisco de Paula Lobo, porteiro e conferente da Alfândega da cidade de Paranaguá, que sofrendo em sua saúde de inflamação no estômago, a qual se lhe agravou na estação de verão em consequência da irregularidade do clima da marinha, cujo padecimento mostra pelo documento junto, precisando mudar por alguns dias de temperatura mais benigna; por isso pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne conceder-lhe um mês de licença com seus vencimentos para se poder tratar, [...] Paranaguá, 21 de janeiro de 1854. Francisco de Paula Lobo (OFÍCIO, 1854).

Essa licença é concedida e, em 25 de abril de 1854, solicita nova licença de um mês.

É desse contexto em que estão presentes a carreira militar, a homeopatia e o ensino que Nilo Cairo se retira para ir ao Rio de Janeiro em busca de sua formação.

## 2.2 A ESCOLA MILITAR E A FACULDADE DE MEDICINA

A Escola Militar da Praia Vermelha, a qual na época era chamada de "Tabernáculo da Ciência", onde atuava Benjamin Constant, ancorava seus ensinamentos no Positivismo. Nesse lugar as ideias positivistas floresceram no final do período imperial.

A passagem abaixo ilustra a popularidade de Benjamin Constant, entre os estudantes, também chamados de "jovens científicos" dentre os militares:

No final de maio de 1888, Benjamin fora promovido a tenente-coronel após, permanecer quase treze anos como major. Nos dias de aula, costumava ir à paisana para a Escola Militar, trocando de roupa e vestindo o uniforme militar na casa do porteiro, antes de entrar no edifício. No dia 8 de junho, ao trocar-se, descobriu que os alunos haviam substituído as divisas de major pelas de tenente-coronel e trocado seu boné por um novo. Ao seguir para a Escola, nova surpresa o aguardava. Desde o portão de entrada até a sala de aula, Benjamin teve de passar por entre fileiras de alunos que lhe jogavam pétalas de rosas. A sala de aula estava completamente lotada, e os alunos deram três rodadas de vivas e palmas acompanhadas de manifestações de apreço. Muito surpreso, Benjamin Constant agradeceu, profundamente emocionado, a manifestação. Ao sair da sala, foi abraçado por todos os alunos, num raro gesto de intimidade entre os ocupantes de posições hierárquicas tão desiguais.

As homenagens ainda não haviam acabado. Ao deixar a Escola, acompanhado por todos os alunos, entre vivas e palmas, Benjamin teve que tomar o escaler privativo do comandante, que os próprios alunos haviam solicitado e que fizeram questão de tripular na viagem até a praia de Botafogo. Como coroamento das homenagens dos alunos por sua promoção, Benjamin Constant ainda recebeu de presente, poucos dias mais tarde, um exemplar, ricamente encadernado, da *Synthèse Subjetive* de Comte, encerrado num estojo com a inscrição do lema positivista em letras douradas: "O Amor por princípio, a Ordem por base, o Progresso por fim" (CASTRO, 2000, p.43-44).

Esse cenário estava no horizonte de Honorio Decio da Costa Lobo, mas é Nilo Cairo, seu sobrinho, que nele ingressará.

Temos registro da matrícula de Nilo Cairo na Escola Militar do Rio Grande do Sul. Em 06 de janeiro de 1892 é publicada em Diário Oficial da União sua transferência para a Escola Militar do Rio de Janeiro (DIÁRIO OFICIAL, 06.01.1892, p.3).

Nilo Cairo não tinha vocação para a vida militar, embora tenha sido um bom aluno. Simultaneamente cursou a Faculdade de Medicina. Não encontramos fotos de Nilo Cairo trajando uniforme militar, além de só fazer referências à vida militar em sua produção bibliográfica, quando cita a Escola Militar como a origem de seu pensamento e de sua formação positivista.

Ora, se tomarmos a premissa acima de que Nilo Cairo não tinha vocação militar, o que justificaria seu esforço para graduar-se na Escola Militar?

Sodré (2010, p.214-215) nos oferece uma resposta. Em *História Militar do Brasil*, comenta que desde o império a Escola Militar "era o acolhimento único dos elementos sociais menos favorecidos que pretendiam ascender". Se no tempo do império o militar era pouco valorizado, após a Guerra do Paraguai e a Proclamação da República o exército passou a "personagem" importante da política brasileira. A Escola Militar era gratuita e para ela afluíam pessoas que não tinham condições de custear os estudos na Escola Politécnica.

Podemos afirmar que Nilo Cairo sentia, como todos os jovens que buscavam a Escola Militar da Praia Vermelha, uma "necessidade imperiosa de estudar, de adquirir uma soma ampla de conhecimentos, de estabelecer as fundações de uma cultura de nível superior" (SODRÉ, 2010, p.215).

Porém, Sodré (2010, p.215) lembra que a Escola Militar não era exclusivamente procurada por aqueles sem recursos econômicos, reconhecendo a existência de grande número de alunos provenientes de famílias com recursos, mas enfatiza que "sempre houve número, maior do que se pode talvez supor, que abraçavam a vida

militar por ser a forma mais prática e mais eficaz de satisfazer a necessidade íntima de estudar e aprender, de desenvolver e aparelhar a inteligência". O autor ainda cita o depoimento de um ex-aluno da escola:

A Escola Militar era o caminho aberto diante de mim para continuar a estudar, fazer um curso superior e, incidentemente, entrar numa carreira que, embora não me seduzisse, me asseguraria estabilidade na existência. Nos primeiros dias de 1903 assentei praça e matriculei-me (SODRÉ, 2010, p.215).

Nilo Cairo, premido pelas circunstâncias, passou pela vida militar, na qual se tornou engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas, para chegar à medicina.

Jurandyr Manfredini, em discurso de 1930, o qual será discutido mais adiante, cita "o patologista, o médico, o professor, o engenheiro, o agricultor, o zootécnico", dedicando boa parte de seu discurso ao professor, ao médico e ao filósofo, mas não enfatiza o militar (MANFREDINI, 1974).

Tomemos então a formação militar de Nilo Cairo como porta de entrada ao positivismo, como estratégia econômica para a realização do curso de Medicina. Sua permanência no exército será de 1892 a 1911, quando é reformado, provavelmente pelas sequelas de um acidente de que fora vítima, durante exercícios militares. Apesar de se atribuir pouca ênfase à sua vida militar, não podemos desprezar a influência da sua formação e carreira militar na concepção de sociedade e luta pela instalação da Universidade do Paraná.

Encontramos registros referentes ao período de 1892 a 1893 de sua aprovação nos exames em disciplinas como Noções Concretas de Ciências, História Geral, História do Brasil, Álgebra, Geometria (DIARIO OFFICIAL, 18.12.1892, p.6; 17.11.1893, p.5; 18.01.1893, p.7; 19.01.1893, p.8).

Em 1894, inicia, na Escola Militar, formação superior, no "curso geral". Nesse ano foi comissionado no posto de 2.º tenente de artilharia (DIARIO OFFICIAL, 16.08.1894, p.2).

Quando 2.º tenente de artilharia, Nilo Cairo esteve embarcado, a serviço da Marinha, durante a Revolta da Armada. Em 1894, Nilo Cairo teria "desembarcado" e se apresentou à Repartição de Ajudante-General do Ministério dos Negócios da Guerra. A participação de Nilo Cairo, oficial do exército, em navios da marinha mostra

a colaboração entre as duas armas, no período em que se deu a chamada Revolta da Armada (DIARIO OFFICIAL, 02.09.1894, p.11).

No "3.º ano do curso geral da Escola Militar da Capital Federal" Nilo é aprovado nos exames das cadeiras de Física, Noções de Meteorologia e Química (DIARIO OFFICIAL, 09.01.1897).

Em 1898, conclui o 4.º ano do "curso geral" sendo aprovado nas cadeiras de Biologia e Sociologia (DIARIO OFFICIAL, 06.01.1898, p.10)

Os anos seguintes serão, ainda, mais intensos, pois se encaminhará, na Escola Militar, para o "curso especial" e integrará o quadro de alunos da Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio Janeiro.

Assim, em 1899, no Externato do Ginásio Nacional, inicia os Exames Gerais de Preparatórios, que o levam, no final do ano, a iniciar a sua formação médica (DIARIO OFFICIAL, 27.01.1899, p.13; 28.01.1899, p.13; 16.12.1899, p.10; 31.12.1899, p.9; 10.01.1900, p.10; 11.01.1900, p.11).

Termina a 1.ª série médica em 11 de janeiro de 1900 (DIARIO OFFICIAL, 13.01.1900, p.9).

Sucedem-se, em 1900, os exames de Anatomia e Histologia referentes à 2.ª série médica (DIARIO OFFICIAL, 11.02.1900, p.7; 13.02.1900, p.13; 15.02.1900, p.11; 16.02.1900, p.13).

No mesmo mês de fevereiro de 1900, Nilo Cairo está recebendo as notas de seus exames na Academia Militar. O diário oficial, sob o cabeçalho de Escola Militar do Brasil, apresenta os resultados dos exames finais prestados pelos alunos do "1.º ano do curso especial", relativamente ao ano de 1899 nas cadeiras de Geodesia; Preparação para o Exercício da Guerra no que concerne à missão do Estado-Maior; Mineralogia, Geologia e Botânica; Teoria e Desenho de Cartas Geográficas. O aluno foi aprovado em todas as cadeiras citadas (DIARIO OFFICIAL, 15.02.1900, p.13).

Ao final do ano de 1900, Nilo Cairo, na Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro, se submete aos exames práticos da 3.ª série médica nas cadeiras de Fisiologia, Anatomia Patológica, Fisiologia Patológica e Patologia Geral, sendo aprovado em todas (DIARIO OFFICIAL, 23.11.1900, p.10; 24.11.1900, p.10; 29.11.1900, p.10; 12.02.1900; 06.12.1900, p.19; 08.12.1900, p.10; 20.12.1900, p.7; 21.12.1900, p.11; 22.12.1900, p.7).

Na Escola Militar do Brasil (Academia Militar), já nos exames finais do 2.º ano do curso especial, relativamente ao período de 1900, é aprovado nas cadeiras que tratam de Resistência dos Materiais, Estabilidade das Construções, Grafística, Mecânica Aplicada às Máquinas, Hidráulica, Pontes, Estradas, principalmente em relação à arte da guerra, Administração Militar, Arquitetura, Desenho, e Estereotomia (DIÁRIO OFFICIAL, 19.02.1901, p.6).

O Diário Oficial nos primeiros dias de 1902 registra a transferência de Nilo Cairo, então 2.º tenente, do 1.º batalhão de engenharia para o 5.º regimento de artilharia, "atento o seu estado de saúde" (DIÁRIO OFFICIAL, 04.01.1902).

Em 31 de outubro de 1903, Nilo Cairo entrega a Brito Silva, subsecretário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a tese *Similia Similibus Curantur*, a qual não foi aprovada, sendo seguida de outra, em 1904, intitulada *O Pé Equino*, desta vez aprovada. Ainda em 1903 publica, nos *Anais de Medicina Homeopática do Instituto Hahnemanniano do Brasil*, o artigo *Positivismo e Homeopatia*.

Todo o exposto sugere que Nilo Cairo da Silva cursa a Academia Militar e, por não se contentar com o curso geral, busca o curso especial que lhe dará a habilitação como "bacharel em matemática e ciências físicas e engenheiro militar", a qual ostentará sempre que assina a autoria de seus livros. Ademais, encontra energia para concluir a Faculdade de Medicina.

Está construído o militar positivista e o médico, fiel às suas origens e capaz, agora, de traçar uma trajetória que nos próximos anos será de intensa atividade na homeopatia. Logo parte para Curitiba, onde se envolverá intensamente com a fundação da Universidade do Paraná. As suas origens e esses anos iniciais de formação serão determinantes nas suas escolhas.

Eu chego ao fim desse calvário intelectual curvado ao peso de uma imensa cruz talhada nos mais acerbos desenganos e com a fronte cingida, não já de espinhos, o que seria muito menos doloroso, porém das mais amargas e cruéis decepções (CAIRO, 1903, p.5).

São expressões que tiradas do contexto em que foram escritas, bem poderiam mostrar uma peregrinação com muito sofrimento. A frustração dramatizada por Nilo Cairo refere-se, porém, ao que encontrou na Faculdade de Medicina. Uma vez formado pela Academia Militar, desejava ter encontrado também na Faculdade a ciência positiva, mas afirma que encontrou a "ausência completa de doutrinas

científicas" e "ausência de princípios na aplicação" da arte da medicina<sup>31</sup> (CAIRO, 1903, p.5).

### 2.3 AS DIFICULDADES DA VIDA PRIVADA

Ao lado do encontro com o positivismo na formação militar e a decepção com a ciência médica, Nilo Cairo, com 29 anos, ao final de 1903, tem que enfrentar as dificuldades de sua vida pessoal. Sua mãe Alzira morre a 1.º de julho de 1902, portanto durante o período de sua formação.

Há referências que seu primeiro casamento tenha se dado nessa época e sua esposa, tendo falecido, deixa o filho Maury, com problemas de saúde.

Conheceu no Rio de Janeiro a senhorita Dagmar de Oliveira Coelho, com quem se casou ainda antes de formar-se em medicina e receber o grau de doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1904 após defender a sua tese. A primeira tese cujo título era o princípio fundamental da homeopatia: *Similia Similibus Curantur*, apresentada no ano de 1903, provocou extremada polêmica e foi relegada.

Do seu primeiro casamento [...] houve um filho, Maury, que se desenvolveu apesar das debilidades intrínsecas ao seu organismo e faleceu com mais de 40 anos.

Sua primeira esposa, porém, faleceu de parto um ano depois do primeiro filho, o que contribuiu para retardar algum tempo sua volta ao Paraná, tão ardentemente almejada (CARNEIRO, 1963, p.544).

Souza Martins, em ficha biográfica de Nilo Cairo<sup>32</sup>, apresenta a sua primeira esposa como Dagmar de Oliveira Coelho da Silva, com a qual teve um filho que é referido como "de nome Maury, internado no Hospício de Curitiba"<sup>33</sup> (MARTINS, [194?]).

Para confirmar a existência de Maury, existem alguns fatos que, embora careçam de maior explicação, pelo menos atestam a sua existência. Trata-se,

---

<sup>31</sup> Trata-se de uma citação de Malgaine feita por Nilo Cairo.

<sup>32</sup> Ficha manuscrita encontrada na biblioteca do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, no Rio de Janeiro, compondo uma coleção de fichas com informações de vários homeopatas e compiladas por Souza Martins, homeopata do *Instituto*.

<sup>33</sup> Essa anotação foi feita, provavelmente, ao final da década de 1940.

novamente, de diários oficiais, desta vez datados de 1928, coincidentemente ano da morte de Nilo Cairo – e que são relativos à convocação do filho Maury para o alistamento militar, mas, como este não comparece, é declarado insubmisso.

Transcrevemos a minuta dos documentos citados, pela riqueza e dramaticidade, representativa dos paradoxos da vida de Nilo Cairo, pois é nos dias em que Nilo Cairo está morrendo que há registros de chamamento de seu filho para o serviço militar, sendo que este jamais se apresentou:

DOU 01.06.1928 Primeira Região Militar – Junta Permanente de Alistamento Militar do 13.º Distrito de São Cristóvão – Edital de convocação de sorteados no dia 12 de setembro de 1927 - Segunda Chamada – Relação nominal dos sorteados da 2.ª chamada para servirem no 1.º regimento de cavalaria divisionário, com quartel na Avenida Pedro II, São Cristóvão. Classe 1904 – Maury, filho de Nilo Cairo da Silva (p.92).

DOU 07.06.1928 Primeira Região Militar – Primeira Circunscrição de Recrutamento – Junta Permanente de Alistamento do 5.º Distrito – Santo Antonio – Edital publicando a relação dos alistados no corrente ano. Classe 1904 – Maury, filho de Nilo Cairo da Silva. O edital abre um prazo para apresentação de "reclamação" (p.94).

DOU 09.05.1929 - 11.º distrito – Relação nominal dos sorteados da 2.ª chamada que não se apresentaram até 10 de dezembro de 1928, foram declarados insubmissos de acordo com o artigo 111 do R. S. M. e se acham designados para servir no 1.º R.A.M. - Classe 1904 – Maury, filho de Nilo Cairo da Silva (p.78).

Perto de completar 30 anos, Nilo Cairo forma-se em engenharia na Academia Militar da Praia Vermelha e em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse período de estudos enfrenta problemas na vida pessoal, como o nascimento de um filho com sérios problemas de saúde e a morte da esposa, o que não o impede de ter contribuído, no período de 1904 a 1906, para com a produção bibliográfica na área de homeopatia e sido um membro ativo do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, como veremos no capítulo a seguir.

### 3 ATUAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

#### 3.1 OSWALDO CRUZ E O SANEAMENTO DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro do início de século vivia momentos de efervescência. Rodrigues Alves havia assumido a presidência da República em 1901 e iniciara as obras de saneamento da cidade do Rio de Janeiro tendo nomeado como prefeito o engenheiro Pereira Passos para essa tarefa. O Rio seria modernizado, a exemplo de Paris<sup>34</sup>, e em poucos anos o cenário urbano mudaria radicalmente com o surgimento da Avenida Central e seu moderno conjunto de edifícios, como o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional e todos os edifícios daquela avenida. Marc Ferrez foi contratado para registrar as fachadas dos novos edifícios.

Oswaldo Cruz<sup>35</sup>, que também estivera em Paris, por três anos, estudando no Instituto Pasteur, foi colocado à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública e iniciou as campanhas sanitárias focadas no combate às principais doenças que solapavam a perspectiva de o Rio de Janeiro integrar-se ao desenvolvimento do capitalismo internacional: a febre amarela, a peste e a varíola.

O Rio de Janeiro logo terá um aspecto mais moderno, os cortiços serão derrubados, os pobres afastados da parte central da cidade e a elite desfilará pela Avenida Central, com ares de modernidade.

Oswaldo Cruz fará prevalecer as novas teorias sobre a transmissibilidade da febre amarela e terá resultados positivos no combate dessa doença. Em relação à varíola, enfrentará a Revolta da Vacina, misto de revolta popular contra a obrigatoriedade da vacina e tentativa de golpe militar contra o governo de Rodrigues Alves, representante da elite cafeeira. Depois de muitas críticas da imprensa local,

---

<sup>34</sup> Francisco Pereira Passos assistira em Paris a reforma urbana realizada por Georges Eugène Haussmann, "as quais transformaram Paris no modelo de metrópole industrial moderna imitada em todo o mundo" (BENCHIMOL, 1992, p.192).

<sup>35</sup> Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) cientista, médico, bacteriologista e sanitarista pioneiro da Medicina Experimental no Brasil.

Oswaldo Cruz tem o reconhecimento internacional, ao receber o primeiro prêmio em um congresso de higiene em Berlim.

### 3.2 UM POLEMISTA NO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL

É nesse contexto modernizador que Nilo Cairo termina a sua formação médica. Os homeopatas são importantes atores nesse cenário. O *Instituto Hahnemanniano do Brasil* foi criado em 1880, mas conservava o símbolo do *Instituto Homeopático do Brasil* que havia iniciado suas atividades em 1844 e estava em plena atividade no início do novo século. Chegou-se a afirmar que o "os esforços do *Instituto* tornaram o Brasil o centro mais importante da homeopatia na América do Sul" e que a sua ação "se tem feito sentir de um modo mais ou menos regular nas questões de interesses da homeopatia, não só defendendo-a onde tenha sido atacada, mas também promovendo meios para propagá-la" (GALHARDO, 1928, p.304 e 734).

Os *Anais de Medicina Homeopática*, publicação do Instituto, iniciaram-se em julho de 1882, circulando até novembro de 1883. A publicação ressurgiu em janeiro de 1901 pelo esforço de Figueiras Lima e Dias da Cruz (HOMEOPATIA BRASILEIRA, 1999, p.15). Para Galhardo (1926, p.734), Dias da Cruz "arrancou a revista do Instituto do túmulo onde jazia e como novo Lázaro ergueu-se, ostentando desde então entre as publicações periódicas". Serão esses *Anais* que logo darão publicidade a um novo homeopata, o médico Nilo Cairo da Silva.

As reuniões do instituto são concorridas. Nilo Cairo, que já houvera se decidido pela homeopatia desde o início de sua formação médica e defendera a polêmica tese *Similia Similibus Curantur*, ao final do curso de Medicina, passa a frequentar essas reuniões. Em 1903, quando estudante, havia publicado o artigo *Positivismo e Homeopatia* nos *Anais de Medicina Homeopática*. Nilo Cairo publica esse artigo em resposta à circular *Positivismo e Vegetarianismo* de Miguel Lemos. Esse artigo é uma peça argumentativa a favor da homeopatia e já o mostra combativo nos argumentos. O artigo será analisado mais adiante nesta tese.

Nesse mesmo ano, os *Anais* trazem mais uma contribuição de Nilo Cairo: *A Cantárida na Terapêutica Oficial*, um longo artigo publicado em duas partes,

seguindo a mesma linha de raciocínio da tese *Similia Similibus Curantur*. Na tese, Nilo Cairo defendeu que os medicamentos alopáticos atuam pelo princípio homeopático que dá nome à tese. Na oportunidade trabalhou os medicamentos mais utilizados pela medicina, que chamou de "terapêutica oficial", referindo-se à alopatia: os arsenicais, os mercuriais, os iodados, a quinina e a ipeca. Agora escolhe a cantárida para fazer a mesma análise e insiste em duvidar do princípio da medicina dos contrários, ao perguntar logo no início do artigo: *Contraria Contrariis Curantur?* (ANNAES, n.8, ago. 1903, p.281-292; n.9. set. 1903, p.321-333).

Nilo Cairo participa ainda dos *Anais*, nesse ano, como tradutor de vários artigos de outros autores: *O Ginseng no Soluço*, de C. R. Grosby (ANNAES, n.1, 2, 3, jan., fev., mar. 1903, p.84-85), *Da Ação Homeopática dos Serums*, de P. Jousset (ANNAES, n.1, 2, 3, jan., fev., mar. 1903, p.89-93), *Thymus Serpyllum*, de Paulo Allen (ANNAES, n.5, maio 1903, p.163-171), *Chelidonium na Coqueluche*, de Jean Dewée (ANNAES, n.6, jun. 1903, p.214-215), *A Terapêutica Positiva Diante da Ação dos Medicamentos*, de G. Sieffert (ANNAES, n.7, jul. 1903, p.253-262; ANNAES, n.8, ago. 1903, p.311-316; ANNAES, n.9, set. 1903, p.340-346; ANNAES, n.10, out., p.378-384) e *Glonium na Gripe*, de E.B. Fanning (ANNAES, n.7, jul. 1903, p.266-267).

Os *Anais de Medicina Homeopática*, nesse mesmo ano, noticiam a ascensão de Oswaldo Gonçalves Cruz à Diretoria Geral de Saúde Pública (ANNAES, n.1, 2, 3, jan., fev., mar. 1903, p.113). Quando da sua nomeação, os homeopatas do Instituto o recebem bem, mas logo as medidas coercitivas da Higiene Pública e a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola provocarão reações contrárias dos membros do Instituto, ainda em 1904.

Em 1904, Nilo Cairo apresenta ao Instituto Hahnemanniano do Brasil os artigos *Os Antimoniais na Terapêutica Oficial* (ANNAES, n.2, fev. 1904, p.45-51) e *Os Salicilatos na Terapêutica Oficial – Contraria Contrariis Curantur?* (ANNAES, n.5, 6, 7, maio, jun., jul. 1904, p.171-178; n.8, ago. 1904, p.211-217; n.9, set. 1904, p.241-249; n.10, out. 1904, p.329-337) na mesma linha dos anteriores, questionando o princípio de ação dos medicamentos usados pela alopatia.

Mas, 1904 não reservará a Nilo Cairo apenas a oportunidade de continuar a sua produção bibliográfica, mas abrirá as portas do Instituto para ele, inicialmente como sócio muito ativo, tendo comparecido a quase todas as reuniões, e logo como redator dos *Anais de Medicina Homeopática*.

Assim, no dia 30 de junho os sócios reunidos no Instituto analisam uma proposta para sócio efetivo assinada por Baptista Meirelles: "o proposto é o Sr. Dr. Nilo Cairo, residente à Rua Amazonas, n.º 3, nesta cidade [Rio de Janeiro], o qual é aceito por unanimidade". Na mesma reunião em que Nilo Cairo é aceito como sócio efetivo do Instituto, leu-se uma carta enviada por Domingos Duarte Velloso comunicando a "inauguração do seu Laboratório Homeopático em Curitiba". Duarte Velloso seria importante para Nilo Cairo, mais tarde, quando este decide instalar-se em Curitiba. Na reunião do dia 28 de julho, Nilo Cairo já está propondo novos sócios para o Instituto e é um participante ativo nas discussões, principalmente no debate sobre o desacordo dos homeopatas para com as medidas tomadas por Oswaldo Cruz, no que se denomina o novo Regulamento da Saúde Pública (ANNAES, n.7, 8, 9, jul., ago., set. 1904, p.294-295).

Essa discussão é um verdadeiro manifesto pela liberdade individual. O protesto apresentado por Dias da Cruz expõe de forma clara a posição dos homeopatas, que se colocam contra as medidas coercitivas do Estado na prevenção e controle das doenças, e não propriamente contra a vacina:

Como há regulamentos tirânicos, há também leis tirânicas; e nem porque elas ainda se acham em elaboração, merecem menos os protestos prévios dos que não se conformam com a tirania. Quer se referir à futura obrigatoriedade da vacina contra a varíola, que será em breve lei, pois está na consciência pública que as leis se fazem ao alvedrio dos governos. Muito embora tenha, com a palavra ou com a pena, se manifestado sempre mais confiante na linfa previamente humanizada do que na colhida diretamente no animal, não é contrário a vacinação. Afirma que aconselha invariavelmente este processo profilático, pois entre dois males cumpre sempre preferir o menor. O que não pode suportar, porém, é que a sociedade se invista no direito de constranger qualquer pessoa a inocular no organismo uma linfa que lhe repugna (ANNAES, n.7, 8, 9, jul., ago., set. 1904, p.297-298).

Nilo Cairo concorda com a proposição de Dias da Cruz e também se posiciona contra a tirania do regulamento e em defesa da liberdade individual:

O Sr. Dr. Nilo Cairo diz que o autor do protesto não é contrário à vacina: ao invés disso ele se proclamou seu partidário: não é portanto um suspeito. Trata-se de uma questão de moral: dentro deste círculo é que devem girar as opiniões. É sob este ponto de vista que afirma não haver quem tenha autoridade para decretar a obrigatoriedade da vacinação: *pode-se ser vacinista, mas ninguém pode impor esta opinião a quem quer que seja*. Uma tal imposição é um atentado evidente à liberdade espiritual de cada um (ANNAES, n.7, 8, 9, jul., ago., set. 1904, p.298).

Em 16 de setembro de 1904 houve eleição para nova diretoria do Instituto e Nilo Cairo foi escolhido por unanimidade para redator dos *Anais de Medicina Homeopática*. A nova diretoria ficou assim composta: presidente, Joaquim Duarte Murtinho; vice-presidentes, Theodoro Gomes e Licínio Cardoso; 1.º secretário, Theodulo Soares de Meirelles; 2.º secretário, Nelson de Vasconcellos e Almeida; tesoureiro, João Vicente de Souza Martins; redator dos *Anais*, Nilo Cairo da Silva (ANNAES, n.10, out. 1904, p.316).

Nilo Cairo seria reeleito como redator dos *Anais* em 16 de setembro de 1905 (ANNAES, n.9, 1905, p.347) e permaneceria nessa função até solicitar licença para retirar-se à Curitiba, em fevereiro do ano seguinte.

No relatório de 1903, lido em reunião de 10 de abril de 1904, encontramos o nome do farmacêutico Francisco José da Costa de Lisboa como sócio correspondente do Instituto (ANNAES, n.10, out. 1904, p.321). Esse nome estará ligado a Nilo Cairo por razões editoriais, pois esse farmacêutico, formado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, é o autor do livro *O Médico Homeopata da Família*, versão portuguesa da obra *Medicina Homeopática Doméstica*, do Dr. Bruckner de Basileia. Essa obra será corrigida e melhorada para a edição brasileira por Nilo Cairo.

Nilo toma posse como redator dos *Anais*, junto com a nova diretoria, no dia 24 de setembro de 1904; ficará na função de redator até fevereiro de 1906 (ANNAES, n.11, nov. 1904, p.349).

As dificuldades dos homeopatas com Oswaldo Cruz persistem não apenas pela questão da vacinação obrigatória, mas também por sua oposição a que os homeopatas tratem pacientes hospitalizados por varíola com a homeopatia. Marques de Oliveira, homeopata, solicita ao Ministro da Justiça, permissão para tratar gratuitamente os pacientes que assim o desejassem pela homeopatia. O Ministro transmite de forma verbal a resposta de Oswaldo Cruz, Diretor de Saúde Pública: "Não há lugar a deferimento, por não reconhecer a medicina oficial o tratamento de que se trata". Nilo Cairo está presente nessa reunião, realizada em 29 de setembro de 1904, e endossa a posição do Instituto de que haja a instalação de enfermarias homeopáticas nos hospitais que atendem às vítimas da epidemia de varíola em curso.

Encerrada a discussão desse tema, Nilo Cairo apresenta junto com outros homeopatas a proposta de convocar uma sessão extraordinária do *Instituto* para "tratar da conveniência da reforma geral dos Estatutos do Instituto e do seu Regimento

Interno". Ao final dessa reunião define-se que Nilo Cairo, Amarilio de Vasconcellos e Vicente Martins comporão uma comissão responsável por apresentar um projeto de reforma dos Estatutos e do Regimento Interno do *Instituto* (ANNAES, n.11, nov. 1904, p.354-359).

Nilo Cairo se revela operativo e ágil, pois, já na reunião seguinte, apenas duas semanas depois, como relator da comissão, envia à mesa um volumoso projeto. Esse projeto vai assinado pelos três membros da comissão (ANNAES, n.12, dez. 1904, p.390) Os novos estatutos serão discutidos em reuniões convocadas especialmente para esse fim, iniciando as discussões em outubro de 1904, sendo aprovado o novo regimento na reunião do dia 26 de janeiro de 1905 (ANNAES, n.2, fev. 1905, p.47).

Em novembro de 1904, Domingos Duarte Velloso, que acabara de fundar um Laboratório Homeopático no Paraná, atendendo a um pedido de Nilo Cairo, envia ao redator dos *Anais* uma síntese sobre a "história e o estado atual da homeopatia neste Estado" (ANNAES, n.12, dez. 1904, p.390). Nilo Cairo faz publicar nos *Anais* uma série de artigos sobre a homeopatia em vários estados do Brasil, além de outras sessões assinadas por ele na condição de redator.

O *Instituto Hahnemanniano do Brasil* não era apenas o espaço de discussão interna entre os homeopatas, mas também órgão de propaganda e defesa da homeopatia em face da alopatia. E Nilo Cairo está atento e, em fevereiro de 1905, publica uma carta aberta intitulada *A Bancarrota da Medicina Oficial*, na qual rebate críticas que Fernando Magalhães, orador oficial da *Academia Nacional de Medicina*, fizera indiretamente à homeopatia.

Nilo Cairo sai em defesa da homeopatia, respondendo a Fernando Magalhães:

Não fossem o vosso nome e o vosso talento sobejamente conhecidos e a saliente posição que ocupais na direção da mais notável associação de médicos alopatas do Brasil, e não vos dirigiria eu as presentes linhas a propósito do discurso que pronunciastes, numa das próximas passadas sessões da Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de um novo acadêmico, o Sr. Dr. Duque Estrada, e que foi publicado pela bem conhecida Revista de Medicina, de que sois espirituoso e simpático redator. Porque as vossas palavras, emanadas, como foram, dos vossos lábios, dos lábios de quem, como vós, possui um nome já feito no seio da classe médica e deve, como orador oficial, ser o reflexo das doutrinas da corporação que para isso vos escolheu, e pronunciadas perante uma assembleia de médicos alopatas que não protestaram contra os conceitos por ela traduzidos, as vossas palavras, meu distinto colega, assumem subitamente uma excepcional importância para aqueles que, como nós homeopatas, lutam incessantemente pela reforma das doutrinas médicas e proclamam, a todos os momentos, como vós o fizestes, a *falácia* e a *perniciosidade* dos métodos de curar empregados pela Medicina que professais (ANNAES, n.2, 1905, p.50).

Nilo qualifica seu opositor elogiando a sua posição, bem como a da revista e congregação que representa e enfatiza primeiro as críticas que Fernando Magalhães fez à medicina falando para os alopatas: "Vede a vossa terapêutica tão falaz e tão perniciosa, capaz, pela sua intervenção, de levar à morte onde a boa fé julgava levar a vida..." Nilo coloca essa parte da fala do orador em destaque no texto e irá se utilizar das expressões "falácia" e "perniciosidade" para concordar veementemente com o médico representante dos alopatas, dizendo que ele assim presta um serviço aos que lutam pela homeopatia.

Mestre da ironia, Nilo Cairo agradece ao interlocutor as palavras contra a alopatia e diz que elas se aproximam do pensamento de Samuel Hahnemann:

ao terminar a leitura de vossos sábios conceitos, veio-me o desejo de vos dar um entusiasmado abraço fraternal e felicitar-vos de viva voz pelo brilho das vossas expressões, a profundidade da vossa apreciação e, sobretudo, ah! sobretudo pela independência de caráter com que soubestes tão bem dizer aos vossos confrades de Academia, essa *Verdade* há um século já proclamada por Hahnemann no seu *Organon* imortal (ANNAES, n.2, 1905, p.53).

Assim, Nilo se oferece para subscrever com o orador "as vossas severas palavras de condenação para essa medicina falida, pregada pela vossa própria Academia" (ANNAES, n.2, 1905, p.54).

Sugere que o interlocutor abandone a medicina e ironiza afirmando que a Galeno e Cia é uma firma falida:

Sim. Convenho convosco: Galeno e Cia. É uma firma falida, e de há muito. Mas se reconheceis que a Medicina que professa vossa Academia é *falaz e perniciosa*, forçoso é, por lógica e consequência e também por coerência, que a abandoneis definitivamente, para o bem dos vossos clientes, que de boa fé se entregam aos vossos cuidados, e que procureis adotar um outro método de curar, *menos capaz, por sua intervenção, de levar à morte onde a boa fé julga levar a vida* (ANNAES, n.2, 1905, p.54).

Destacando as palavras do adversário, Nilo constrói gradativamente a narrativa, sendo elogioso e delicado no início e aos poucos deixando claro tratar-se de ironia. Ilude o leitor a respeito de aparente concordância com o interlocutor e, então, parte agressivo para o ataque, afirmando categoricamente "que é inteiramente falsa a acusação que fizestes aos pobres homeopatas de não intervirem à cabeceira dos seus doentes" (ANNAES, n.2, 1905, p.55).

Uma vez desferido o ataque, Nilo protege-se com o manto da ciência e passa a trazer o maior número possível de evidências e citações para defender a homeopatia, lançando mão sempre que pode também de autores aceitos pela medicina alopática para legitimar as suas afirmações.

Encerra fazendo um desafio a Fernando Magalhães:

E porque não tendes esses dados e não sois verdadeiro alopata, pois da vossa Alopata vos achais tão fundamentalmente desiludido, convido-vos a estudar conscienciosamente essa Homeopatia tantas vezes e tão injustamente acusada, e a verificar depois, na experiência prática dos seus princípios, se nela não existem meios de curar superiores a *esses eliminadores específicos em número tão ridículo, e a esses tesouros da soroterapia, espécie de panaceia, com insígnias doutorais, que, apesar de sua especificidade, cura à vezes indistintamente um mundo de moléstias*. Estou certo que nela nada encontrareis de absurdo ou de quimérico e que talvez, por fim, com o decorrer do tempo e dos exemplos, chegueis um dia a desejar com ela *fazer milagres*, em vez de, com o *flagelo* da vossa Academia, *levar à morte aonde a vossa boa fé ia levar a vida* (ANNAES, n.2, 1905, p.59).

Essa polêmica com Fernando Magalhães ainda renderá, nos números seguintes dos *Anais*, outros comentários de Nilo Cairo, uma resposta de Fernando Magalhães e a réplica de Nilo Cairo (ANNAES, n.5, 6, 7, 1905, p.200, 238-245, 244-251).

A seção Apanhados dos *Anais* é sempre assinada por Nilo Cairo, como redator, e ele a utiliza para fazer comentários ao que se passa na medicina, aproveita-se de qualquer oportunidade que julgue útil à propaganda homeopática. Como exemplo, citamos essa seção do mesmo número dos *Anais* em que se deu a publicação da carta aberta apresentada anteriormente. Agora, o interlocutor do redator dos *Anais* é o alopata Miguel Couto.

Nilo Cairo aproveita qualquer fato da imprensa médica para defender a homeopatia, a partir da sua posição no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*.

Miguel Couto havia publicado um "interessante artigo" no *Brasil Médico*, no qual comenta as indicações terapêuticas da *Belladonna* nas meningites agudas, ao mesmo tempo em que questiona a indicação dos mercuriais nos processos inflamatórios. Nilo Cairo ironiza Miguel Couto insinuando que esse médico desconhece os princípios de ação dos medicamentos e não utiliza a necessária individualização do medicamento de acordo com a homeopatia. É claro que Nilo Cairo pretende demonstrar que se os alopatas conhecessem os princípios da homeopatia e reconhecessem que os medicamentos sempre atuam pelo princípio dos semelhantes, eles estariam praticando

uma verdadeira medicina. Cita ainda outro alopata, Pedro de Almeida Magalhães, que estaria, sem o saber, também utilizando alopáticas segundo os princípios homeopáticos. E ironiza: "Console-se, pois, o Sr. Dr. Miguel Couto: não é só S. Ex. que faz de vez em quando a sua *homeopatiuzinha...*" (ANNAIS, n.2, 1905, p.69-72).

A seguir Nilo Cairo ironiza as incertezas da bacteriologia quanto aos agentes etiológicos encontrados em escarros de pacientes pneumônicos atendidos por um alopata: "E até, o que será da vida dos doentes do Sr. Dr. Ferrari?" (ANNAES, n.2, 1905, p.73).

Continua seus ataques, agora em relação à etiologia da varíola e as pesquisas bacteriológicas desenvolvidas para descobrir o "bacilo varioliogênico":

Decididamente cada vez mais se torna nulo o senso terapêutico entre os nossos confrades da escola oficial; estudam prolixamente as causas prováveis, as lesões, os sintomas objetivos, o diagnóstico e o prognóstico das moléstias, mas a terapêutica correspondente não lhes merece a honra da mínima atenção, e, quando a ela se referem, é sempre por desengano de consciência. [...]

[...] porque não podemos compreender o alcance das suas minuciosas pesquisas microscópicas para o progresso da *arte de prevenir e de curar a varíola*. Supondo mesmo que, por seus esforços, chegue o nosso talentoso colega paulista a determinar *definitivamente* o bacilo da varíola, o que adiantaria esta descoberta para a profilaxia e o tratamento dessa moléstia? (ANNAES, n.2, 1905, p.74).

Ainda naquele século a varíola seria erradicada do mundo graças aos avanços da microbiologia e da imunologia, mas Nilo Cairo insistia em utilizar as incertezas dessa ciência para reafirmar as suas crenças na homeopatia, citando, ao final da seção Samuel Hahnemann: "É tempo que todos aqueles que se dizem médicos cessem enfim de enganar os pobres humanos com palavras ocas de sentido, e comecem a agir, isto é, aliviar e curar realmente os doentes," porque "a primeira, a única vocação do médico é restabelecer a saúde dos enfermos" (ANNAES, n.2, 1905, p.75).

Para Elias (2005, p.15), "as pessoas, através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependência". Nilo Cairo compõe uma teia de interdependência com seus opositores e ao mesmo tempo aproveita de sua posição no *Instituto* para estar atento a tudo que acontece no Rio de Janeiro no âmbito médico para afirmar a sua posição. A cada artigo

publicado por médicos cariocas, Nilo Cairo escreve uma réplica. É uma nova valência ocupada, alopatas e homeopatas são interdependentes nessa configuração de começo de século.

O número seguinte dos *Anais* traz a notícia da prisão do proprietário de farmácia homeopática Oswaldo de Menezes, "que arbitrariamente foi mandado recolher à Detenção por quatro dias, pelo Diretor Geral da Saúde Pública [Oswaldo Cruz]". A prisão teria se dado pelo fato de Oswaldo de Menezes não ter enviado os receituários médicos à Diretoria de Saúde, mas o médico Alfredo Maia que traz a denúncia à reunião do Instituto afirma que essa prisão visava "perseguir o homeopata e inaugurar, portanto, uma perseguição contra a homeopatia" (ANNAES, n.3, 1905, p.81-82).

É nessa configuração onde há conflito entre os homeopatas e as medidas adotadas por Oswaldo Cruz, ancoradas na bacteriologia como ciência, que Nilo Cairo continua seus ataques à alopatia e ao avanço da microbiologia.

Em 1905, Nilo Cairo, ainda redator dos *Anais*, publica o artigo *O Micróbio na Berlinda*, no qual comenta a publicação *O Tratamento das Feridas pelo Bálsamo Peruviano*, de Alvaro Guimarães, no *Brasil-Médico*. Nilo Cairo comenta esse artigo nos *Anais*, pelo fato de que o artigo tenta demonstrar a ineficácia dos antissépticos utilizados na época e seus efeitos deletérios para as células de defesa do organismo. Não deixa, ao final, de provocar novamente Fernando Magalhães: "Oh! Quanto dogma derruído! Quanta certeza agonizante! Repudia-se hoje o que ontem era verdade para romper amanhã o dogma que se defendera..." (ANNAES, n.4, 1905, p.158-160).

Irônico, Nilo Cairo tira o maior proveito de sua posição como redator dos *Anais* e mais uma vez, na seção Apanhados, inicia o relato de pesquisas de médicos franceses, que a seu ver confirmam o princípio dos semelhantes, com a expressão: "Tem graça!" e finaliza, com a força da repetição: "Tem graça! E o princípio *similia similibus curantur* é que é legítimo charlatanismo..." (ANNAES, n.3, 1905, p.116).

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, ainda em 1905, sempre na mesma linha: ataques aos alopatas por não reconhecerem os princípios da homeopatia e ataques à "ciência dos micróbios". Nilo Cairo chega inclusive a protestar contra um prêmio oferecido "a quem descobrir um remédio preventivo e curativo da sífilis, da tuberculose ou do cancro". Acusa o prêmio de imoral e irracional e justifica sua

opinião ancorando-se na "verdadeira arte de curar", a homeopatia (ANNAES, n.8, 1905, p.290).

O nível de agressividade de Nilo Cairo é tanto que suscita ponderações e protestos de seus colegas homeopatas presentes na reunião. Licínio Cardoso lembra a Nilo Cairo "a conveniência de se cortarem as asperezas da forma sob a qual o colega as apresentou" e alerta que cabe aos homeopatas "o dever de fazer uma propaganda simpática, em vez de nos empenharmos em críticas que chamem para nós a antipatia". Apesar das ponderações do colega, Nilo Cairo insiste que se registrem em ata os termos do seu protesto integralmente por entender que "a crítica que fez não pode ofender pessoalmente a ninguém nem contém aspereza alguma". Como se observa, Nilo Cairo evita recuar, mas já começa a suscitar oposição entre seus colegas, pelo seu tom agressivo (ANNAES, n.8, 1905, p.293-294).

Esse tom de Nilo Cairo trará protestos de seus colegas, no início do ano seguinte, 1906, quando Nilo Cairo utiliza a expressão "charlatanesicamente" para se referir a um folheto sobre a sífilis levado à Academia Nacional de Medicina para concorrer ao aludido prêmio. Esse folheto fora enviado "pelos herdeiros industrialistas de um médico homeopata português, Antonio Moutinho, já falecido". Na reunião seguinte Maia Barreto "lavra um protesto contra as expressões do Sr. Dr. Nilo Cairo, assinaladas na ata". Mais uma vez, Nilo Cairo mantém-se irredutível e afirma que "não pode alterar seu modo de sentir sobre tal publicação" (ANNAES, n.1, 1906, p.9; n.2, 1906, p.33).

Nilo Cairo como redator dos *Anais* também exerceu diversas funções de representação no Instituto como na inauguração do novo instrumental do *Instituto Vacínico* do Barão de Pedro Affonso e participando da fundação da *Associação Brasileira da Imprensa Médica*, filial da *Société Internationale de la Presse Médicale* (ANNAES, n.8, 1905, p.315; n.12, 1905, p.458-459).

Como vimos, o *Instituto Hahnemanniano do Brasil* não era apenas o espaço de discussão interna entre homeopatas, mas também órgão de propaganda e defesa da homeopatia.

Os homeopatas haviam escolhido a via da propaganda, divulgando a homeopatia na imprensa e salientando os seus bons resultados, desde Benoit

Mure.<sup>36</sup> Isso provocava reações dos alopatas assinando artigos contra a homeopatia ou fazendo discursos nas entidades médicas em que eles predominavam.

Qualquer ação dos alopatas contra a homeopatia é discutida nas reuniões do *Instituto* e a reação é imediata, sendo Nilo Cairo um dos mais combativos na defesa da medicina homeopática. Outra mostra da combatividade de Nilo Cairo seria o caso dos medicamentos homeopáticos falsificados.

Na reunião do dia 31 de agosto de 1905, Nilo Cairo apresentara ao Instituto "diversos vidrinhos de medicamentos homeopáticos falsificados, vendidos em farmácias alopáticas da cidade de Curitiba". Esses exemplares que lhe foram enviados por um amigo de Curitiba, passam de mão em mão entre os presentes na reunião e são facilmente identificados como falsos pelo forte cheiro de éter e pelo rótulo em que consta o nome de um laboratório homeopático inexistente. Para Nilo Cairo, a Diretoria Geral de Saúde Pública, por intermédio de seu delegado no Estado do Paraná, é que deveria se responsabilizar pela situação e melhorar a sua fiscalização.

Além dos artigos de divulgação da homeopatia e das polêmicas com seus pares, Nilo Cairo publica diversos artigos nos *Anais: A Bancarrota da Medicina Oficial, O Nitrato de Amila nas Hemoptises, Medicamentos Complexos e As Injeções Endovenosas de Bicloreto de Mercúrio no Tratamento da Febre Amarela* (ANNAES, n.1, 1905; n.5, 6, 7; n.9, 1905; n.10, 1905; n.11, 1905; n.12, 1905).

Nilo Cairo, nesse período, participou de um grupo de homeopatas para estudar "por meio das observações e experiências" a patogenesia e a terapêutica da *Nectandra amara*. Esse medicamento foi apresentado ao *Instituto* por Nilo Cairo, na forma de tintura, e enviado por Fernando Costa acompanhado de uma comunicação sobre o medicamento (ANNAES, n.5-6-7, 1905, p.182).

Além das polêmicas com os alopatas, muitas vezes Nilo Cairo também se envolveu em polêmicas a respeito de temas da homeopatia com seus colegas de Instituto, o que lhe provocou um progressivo desgaste.

---

<sup>36</sup> Antes de 1840 pouco se falava da homeopatia no Brasil, até que, nesse ano, chega ao Rio de Janeiro o médico francês Benoit Jules Mure. Mure pode ser considerado o difusor da homeopatia no Brasil, tendo logo influenciado seguidores, sendo o principal deles João Vicente Martins (GALHARDO, 1928, p.279).

Na segunda metade de 1905, uma discussão entre os homeopatas dominou a pauta e aqueceu os ânimos dividindo-os em opiniões antagônicas: a questão da associação de medicamentos.

Em 13 de julho de 1905, Dias da Cruz propõe a discussão do tema associação de medicamentos em homeopatia. Esse tema é relevante para os homeopatas, pois, segundo Pinheiro Guedes, que também participa da discussão, "a questão da unidade ou multiplicidade dos medicamentos é uma velha questão que separa os homeopatas em dois grupos: o grupo daqueles que obedecem aos preceitos de Hahnemann e o grupo daqueles que se guiam pelo seu próprio critério". Guedes declara-se pertencente ao primeiro grupo não podendo, pois,

compreender como possa um homeopata, fiel às doutrinas do mestre, prescrever ao cliente dois ou mais medicamentos, simultaneamente, um sobre o outro, ingeridos separadamente, e ainda menos o atentado fisiopatogênico de reunir num mesmo vaso duas ou mais substâncias, com o intuito de constituir um medicamento novo possuindo todas as virtudes de cada um dos seus elementos constituintes (ANNAES, n.9, 1905, p.324-325).

Essas duas vertentes da prática homeopática, o unicismo, por um lado, e o pluralismo ou complexismo e alternismo, por outro, dividiam os homeopatas e eram razão de cisão entre eles. Em geral, os unicistas declaravam-se os verdadeiros herdeiros e praticantes da medicina de Hahnemann e acusavam aqueles que usavam mais de um medicamento por vez de heterodoxia.<sup>37</sup>

Para Dias da Cruz, aqueles que usam mais de um medicamento são "cristãos novos ávidos de progressos em homeopatia", existentes desde os tempos de Hahnemann. Afirma que "há entre nós também alguns colegas que são partidários da associação dos medicamentos homeopáticos" e por fim, de forma a se autocensurar, diz que, embora se sinta um homeopata fiel aos preceitos hahnemannianos, comete seus desvios prescrevendo medicamentos alternados e complexos. E, que como tem encontrado bons resultados, "deseja ouvir a opinião dos seus colegas do

---

<sup>37</sup> Galhardo (1936, p.342) explicita as principais correntes terapêuticas da homeopatia dividindo os médicos homeopatas em *unicistas*, *alternantes* e *complexistas*. Descreve como *unicistas* aqueles médicos homeopatas que empregam um único medicamento, com o objetivo de cobrir a totalidade dos sintomas; como *alternantes* aqueles que prescrevem mais de um medicamento, orientando seus pacientes para que os tome em sucessão, com certo intervalo de tempo entre eles, repetindo sucessivamente a alternância; e, *complexistas* que são os médicos homeopatas que prescrevem mistura de um ou mais medicamentos.

*Instituto*, a fim de dissipar as dúvidas que tem sobre a legitimidade hahnemanniana de tal conduta" (ANNAES, n.8, 1905, p.295-296).

É interessante observar que sendo Nilo Cairo um dos alvos da afirmação de Dias da Cruz que há entre eles "alguns colegas partidários da associação dos medicamentos homeopáticos", Nilo tenha permanecido em silêncio sobre o tema, por pelo menos três reuniões subsequentes.

Isso provocará, para Nilo Cairo, muitos problemas no *Instituto*. Pode-se levantar a hipótese que Nilo Cairo percebendo o ardil, tenha tentado ficar à parte da discussão. Entre confessar pequenos pecados, como o fez Dias da Cruz, e defender abertamente a associação de medicamentos havia uma distância muito grande, que, estrategicamente, não valia a pena percorrer, sob risco de Nilo Cairo se isolar.

Naquela primeira reunião sobre o tema manifestaram-se Joaquim Murtinho, Licínio Cardoso, simpáticos ao uso da polifarmácia. Em reuniões posteriores manifesta-se Pinheiro Guedes "inteiramente contrário à associação de medicamentos em homeopatia" (ANNAES, n.8, 1905, p.296; n.9, p.327).

A discussão continua nas reuniões de 27 de julho e 17 de agosto, sendo que na reunião de 24 de agosto Nilo Cairo se manifesta pela primeira vez sobre o tema:

O Sr. Dr. Nilo Cairo diz que deseja também dar um arzinho da sua graça da discussão em debate. Não quer tratar da alternância dos medicamentos, por isso que é uma questão já julgada no tempo de Hahnemann. Deseja apenas dizer duas palavras sobre os *medicamentos complexos*, que são hoje o pomo da discórdia entre os intérpretes da doutrina homeopática e que foram justamente o objetivo do nosso excelente colega, Dr. Dias da Cruz, ao fazer a sua proposta (ANNAES, n.9, 1905, p.329-330).

Dar o "arzinho da sua graça" nos parece uma expressão muita tímida para o temperamento de Nilo Cairo, o que reforça a ideia de que Nilo está cauteloso, pois sabe que o assunto será o "pomo da discórdia".

Nilo Cairo argumenta de forma sintética e se posiciona, então, de forma clara afirmando que "os medicamentos complexos podem ser empregados segundo a lei dos semelhantes e, conseqüentemente, permitidos em homeopatia". Porém faz ressalvas ao uso abusivo dos medicamentos complexos e por esse motivo não propõe a "adoção oficial" deles no seio da homeopatia. No entanto, defende "a legitimidade homeopática desses complexos". Ou seja, assume uma posição

contemporizadora, na medida em que não recrimina os medicamentos complexos, mas pede cautela em relação ao seu emprego (ANNAES, n.9, 1905, p.330-331).

Na próxima reunião, uma semana depois, veio a resposta para aqueles que se posicionaram favoráveis à associação medicamentosa em homeopatia, por meio de uma carta do Conselheiro Saturnino Meirelles<sup>38</sup>

A leitura do último número dos *Anais* e, sobretudo a do resumo da sessão do Instituto de 10 do corrente, publicado no *Jornal do Comércio* de 19, fez com que, mesmo no leito onde me acho doente desde o dia 16, procurasse lavrar o meu protesto, de modo a não se poder traduzir o meu silêncio como aprovação às ideias emitidas a favor da associação de medicamentos, concorrendo assim para entupir a cova onde se pretende enterrar a homeopatia.

[...]

Coerente com meus princípios [...] não posso deixar de lavrar o meu protesto, desde que tenho a felicidade de poder ainda raciocinar como então, apesar de bastante velho, não podendo aceitar como progresso, o regresso mais disparatado que por ventura se pudesse imaginar (ANNAES, n.9, 1905, p.335).

O tom é de repreensão e Saturnino Meirelles tem autoridade para isso, lembrando sempre que está velho e doente, alerta: "Querem derrocar o sólido e brilhante edifício construído por Hahnemann."

Pode-se imaginar que as duras palavras de Saturnino Meirelles fossem dirigidas a Nilo Cairo, já que Nilo se manifestara em 24 de agosto e Saturnino Meirelles, mesmo doente e afastado do Instituto, acompanhava as discussões sobre o tema.

Após essa manifestação do antigo dirigente, verifica-se um recuo dos membros do *Instituto*, sendo que o presidente Joaquim Murtinho qualifica algumas expressões de Meirelles como "demasiadamente severas". O presidente, embora entenda que "no seio do Instituto, as trocas de ideias devem ser feitas o mais liberalmente possível", pondera que, sendo as expressões usadas revelação de convicção profunda, se deve "respeitar as ideias do venerando colega" (ANNAES, n.9, 1905, p.333-334).

Nilo Cairo, vendo ofendida a liberdade da discussão no seio do *Instituto*, responde de forma veemente ao veterano homeopata, lendo em reunião e fazendo

---

<sup>38</sup> Saturnino Meirelles é no momento presidente honorário do Instituto e encontra-se afastado por enfermidade e idade avançada. Meirelles era presidente do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, quando foram lançados, em 1882, os *Anais de Medicina Homeopática* (HOMEOPATIA BRASILEIRA, 1999, p.9).

publicar nos *Anais* um artigo intitulado *Medicamentos Complexos*. Bem ao seu estilo, nesse artigo mostra erudição e conhecimento e sua linha de argumentação é exaustiva em favor da associação de medicamentos em homeopatia. A leitura do artigo ocupa as reuniões de 21 de setembro e 19 de outubro e a sua publicação é feita em três partes nos números 10, 11 e 12.

Nilo afirma se sentir forçado a responder ao mestre, pois se considera "o único membro deste Instituto que até agora, na discussão que presentemente ocupa a ordem do dia das nossas sessões, se tem manifestado francamente partidário da *legitimidade homeopática dos medicamentos complexos*" (ANNAES, n.10, 1905, p.374).

Nilo acusa Saturnino Meirelles de "excesso de veneração mal entendida à palavra de Hahnemann" e "compreensão viciosa da noção de *ortodoxia*" (ANNAES, n.10, 1905, p.374).

Depois de longa exposição de argumentos Nilo, ao final de seu artigo, conclui: "E, tendo o *complexismo* o mais estreito nexos com as bases da homeopatia, o *complexista* é tão ortodoxo como o distinto Presidente Honorário deste *Instituto*." (ANNAES, n.12, 1905, p.444).

Aponta a impropriedade da posição de Saturnino, a qual tentou cercear as discussões no *Instituto*, reafirmando:

[...] o meu protesto contra a *intolerância infundada* que o nosso digno Presidente Honorário deseja implantar no seio deste Instituto, vedando a livre discussão, entre homeopatas, de um assunto sobre homeopatia, quando os nossos Estatutos, pelo seu artigo 50.º, permitem liberalmente que *dignos adversários da homeopatia exponham aqui as suas ideias* (ANNAES, n.12, 1905, p.446).

Esse Nilo Cairo, combativo e amante das polêmicas, utilizava-se de sua cultura científica nos debates, mas sempre sarcástico e irônico acabava por inviabilizar a sua permanência nos locais onde atuava.

Embora a agressividade de Nilo Cairo para com o presidente honorário do *Instituto* possa lhe ter despertado antipatias entre seus colegas, ainda redator, na mensagem de início de 1906, reafirma sua disposição em defesa dos debates e das tomadas de posições, mesmo aquelas que possam desagradar aos membros do *Instituto*. Usa de duras palavras quando sugere que aqueles que se acomodam possam ser equiparados a cretinos:

Pois bem, é no choque das ideias, é no contraste das opiniões que reside a vida toda da ciência; mal dos homens, se se quedassem inativos, apáticos, recebendo indiferentemente, como a cera, o molde das impressões estranhas. Seria o fenecimento da sociedade humana, porque se, como diz um filósofo, viver é pensar, e pensar é produzir lutando, aquele que deixasse a formação de seu espírito às injunções alheias, e não trabalhasse por tê-las próprias, valeria entre os homens tanto quanto um cretino (ANNAES, n.1, 1906, p.4).

Na reunião de 11 de janeiro de 1906, Dias da Cruz dá começo à leitura de artigo que escreveu no qual procura refutar as opiniões emitidas por Nilo Cairo sobre a associação de medicamentos na prática homeopática.

### 3.3 MUDANÇA PARA CURITIBA, UMA SAÍDA ESTRATÉGICA

Em 1.º de fevereiro, Nilo Cairo "participa ao *Instituto* que tem de se retirar para a cidade de Curitiba, em objeto de serviço de sua profissão militar, e por isso pede alguns meses de licença do cargo de redator dos *Anais*". Sua licença é aprovada, bem como a sua proposta de encerramento da discussão da associação dos medicamentos em homeopatia.

Podemos afirmar que a saída encontrada por Nilo Cairo é estratégica, pois, a astúcia de Dias da Cruz<sup>39</sup> e o combate de Nilo Cairo o deixaram isolado e desgastado perante os colegas do Instituto.

A importância desse episódio pode ser demonstrada por sua repercussão, três décadas depois, quando Galhardo (1936) publica um livro chamado *Iniciação Homeopática*, dirigido aos seus alunos de medicina da *Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil*, antiga *Faculdade Hahnemanniana*.

---

<sup>39</sup> Licínio Cardoso se mantém antagonista ao Conselheiro Meirelles, até o fim da polêmica, enquanto Dias da Cruz refuta as palavras desse homeopata e de Nilo Cairo.

Entre nós defenderam o complexismo os ilustrados e sábios homeopatas Drs. Licínio Cardoso e Nilo Cairo. Defenderam com grande ardor e boa lógica, mas não os acompanhamos, apesar do ardoroso talento que representavam na ciência. Ficamos com os Drs. Saturnino Meirelles e Francisco de Menezes Dias da Cruz, isto é, ficamos com Hahnemann, por nos parecer exprimir a verdade (GALHARDO, 1936, p.349).

E, mais, Galhardo critica o fato de Nilo Cairo, apesar de ser "culto e inteligente", ter aderido aos questionáveis específicos do Dr. Humphreys.<sup>40</sup>

É necessário chamar a atenção para o fato de que os paranaenses que escreveram sobre Nilo Cairo não tenham dado importância a esse período no qual desenvolveu intensa atividade intelectual e adotou posições claras a respeito da homeopatia e de outros fatos relevantes da saúde pública brasileira, como as ações de Oswaldo Cruz à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública.

Esse período foi enfatizado por Galhardo (1928, p.800-806) quando trata da história da homeopatia no Brasil. Galhardo dá atenção ao debate entre Nilo e Fernando Magalhães sobre a homeopatia; a defesa do complexismo nos embates com Dias da Cruz por conta da questão da associação de medicamentos; e a denúncia a respeito dos medicamentos homeopáticos falsos distribuídos em Curitiba. Os paranaenses que escreveram sobre Nilo Cairo privilegiaram o trabalho dele na criação da Universidade do Paraná deixando de lado sua luta pela homeopatia.<sup>41</sup>

Paralelamente à atuação na luta pela homeopatia, o que está fartamente registrado, para a história, nos *Anais*, Nilo vive seus problemas pessoais, a respeito dos quais praticamente não há registro. É nesse período que Nilo Cairo perde sua

---

<sup>40</sup> O Dr. Humphreys, dos Estados Unidos da América, criou e comercializou medicamentos homeopáticos específicos codificados por números e vendidos por esses números sem divulgação dos seus componentes, o que provocou oposição, inclusive de Dias da Cruz. Mais tarde, no Paraná, o próprio Nilo Cairo estará envolvido na comercialização desses medicamentos. Temos em nosso acervo particular a *Mentor do Dr. Humphreys ou conselheiro da família para uso da medicina específica*, edição em torno de 1927 (data do registro da obra na Livraria do Congresso em Washington).

<sup>41</sup> Exceção deve ser feita em relação à tese desenvolvida pela historiadora Renata Sigolo (1999, 2012) defendida pela Universidade Federal do Paraná, mas que tinha como escopo a discussão da medicina homeopática no início do século XX.

esposa Dagmar, em decorrência do parto de seu filho Maury, conforme apontam seus biógrafos.<sup>42</sup>

Prossegue Nilo Cairo na sua carreira militar, e quanto a isso encontramos referências no período coincidente com a sua atuação como redator dos *Anais*.

Nos anos de 1903, 1904 e 1905 há registros no Diário Oficial da União a respeito de movimentações de Nilo Cairo, 2.º tenente do 5.º regimento de artilharia. Primeiro foi "nomeado auxiliar técnico da Direção Geral de Engenharia" em 18 de junho de 1903, depois exonerado desse posto em 12.02.1904. Em 1905 encontramos uma nova exoneração, dessa vez, "do lugar de auxiliar da Delegacia da Direção Geral de Engenharia junto ao comando do 2.º distrito militar" (DIÁRIO OFFICIAL, 18.06.1903, p.14; 12.02.1904, 28.01.1905, p.7).

Apesar de não ser o escopo desta tese reconstruir com detalhes a sua carreira militar, o que exigiria compreender a forma de organização do exército brasileiro no início do século XX, essas referências retiradas de diários oficiais são pistas que confirmam o paralelismo entre as suas atividades médicas e a sua carreira militar, sendo que motivos ligados a ela serão invocados para a sua saída do Rio de Janeiro em direção a Curitiba.

Há informações também de que na carreira militar Nilo Cairo sofrera um acidente e rompera ambos os tímpanos, e que teria ficado surdo. Haverá períodos posteriores a sua saída do Paraná em que Nilo se queixará de sua surdez como impeditiva de continuar atendendo aos pacientes que o procuram. Há também referências de que o humor de Nilo Cairo ou seu jeito ríspido de falar, ou mesmo o fato de ele "falar pouco", segundo sua filha Sarah, poderiam ser comportamentos resultantes da surdez.

Quanto a esse acidente, encontramos apenas referências feitas por seus biógrafos. David Carneiro (1984, p.15) na biografia que fez publicar em 1984 relata, sem precisão nas datas, mas referindo-se ao período que antecede a sua mudança

---

<sup>42</sup> Viúvo e com um filho que lhe trará sérias preocupações, pois Souza Martins registrou que o filho de Nilo Cairo estaria internado no Hospício de Curitiba, enquanto outros informaram que ele viveria até os 40 anos de idade. De qualquer forma, Maury tinha sérios problemas de saúde decorrentes das condições de seu nascimento e como demonstramos no capítulo anterior, viveu durante toda a vida de Nilo Cairo, o que certamente foi motivo de preocupações para seu pai.

para Curitiba, que Nilo Cairo "em manobras militares teve os dois tímpanos rompidos, sendo por esse motivo obrigado a reformar-se". O mesmo autor em publicação anterior havia escrito que Nilo Cairo "tinha os tímpanos rebentados por explosão prematura de um 'schrappnel', e estava condenado à surdez permanente" (CARNEIRO, 1963, p.545).

Sebastião Paraná (1922, p.273) afirma que "de certo tempo em diante, foi acometido de completa esclerose do tímpano que o estorva na clínica". E complementa que talvez tenha sido esse "o motivo que o induziu a deixar a carreira militar". Não há, porém, em Sebastião Paraná, referências ao acidente no exercício da carreira militar.

É nesse contexto que Nilo Cairo solicita licença ao *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, em 1906, para afastar-se e dirigir-se à Curitiba. Alega, para essa licença, razões ligadas às suas obrigações militares. Convém lembrar, porém, que estava desgastado junto aos colegas do *Instituto*, como consequência do debate sobre os medicamentos complexos na homeopatia. É também possível que houvesse uma decisão de mudança definitiva para Curitiba, pois Nilo Cairo não só se licencia para a viagem como deixa a redação dos *Anais*.

No dia 08 de fevereiro Nelson de Vasconcellos participa ao *Instituto* que Nilo Cairo partirá no dia seguinte para Curitiba. O próprio Nelson Vasconcellos é nomeado representante do *Instituto* para acompanhar Nilo Cairo a bordo. Às 21h30, Nilo Cairo chega ao Instituto para despedir-se e ainda pede licença para ler um trabalho que acabara de receber. Até na última reunião, às vésperas de sua viagem, Nilo Cairo está atuante no *Instituto* (ANNAES, n.2, 1906, p.35).

A saída do Rio de Janeiro é tratada como temporária por Nelson de Vasconcellos, no número de março dos *Anais*:

Tendo o ilustre redator destes *Anais* necessidade urgente de se afastar desta Capital, fui encarregado pelo Sr. presidente do Instituto Hahnemanniano de, tanto quanto possível, remediar temporariamente a lacuna impreenchível, que é para este periódico a ausência do operoso Sr. Dr. Nilo Cairo. Sei bem quanto se distancia a fraqueza de meus ombros da carga onerosa que sobre eles vai pesar; mas não há como fugir às injunções do dever. Consola-me, porém, a certeza de que o eclipse, por que vão passar os *Anais*, não será duradouro: em breve eles refulgirão com o brilho que esparze a pena vibrátil e omnimoda de seu redator efetivo (ANNAES, n.3, 1906, p.73).

Realmente Nilo Cairo já estava fazendo falta, pois essa declaração foi feita pelo redator interino para justificar a razão do atraso na publicação dos próximos números dos *Anais*.

Na reunião do dia 05 de abril de 1906 foi lido um ofício de Nilo Cairo pelo qual "resigna o cargo de redator dos *Anais*, por ter de se conservar afastado do Rio, pedindo ser considerado sócio correspondente". No mesmo ofício Nilo Cairo "comunica o aparecimento, na cidade de Curitiba, de um periódico – a *Revista Homeopática do Paraná*, sob sua direção" (ANNAES, n.4, 5, 6, 1906, p.114-115).

Nessa mesma reunião, Nelson de Vasconcelos ressalta que os "artigos de propaganda da homeopatia", que Nilo Cairo vinha publicando no jornal *A Notícia*, "eram muito apreciados e cheios de verve e ensinamentos". E, por esse motivo, "solicitada foi, pois a sua presença, e foi assim que o Sr. Velloso, dono e farmacêutico da única farmácia homeopática daquela cidade, conseguiu levá-lo até lá". Relata ainda que "há pouco lá chegado, já tem clínica regular, fazendo-se notar pelas curas em casos desenganados por colegas da doutrina adversa" (ANNAES, n.4, 5, 6, 1906, p.115).

Os números de abril, maio e junho são publicados em apenas um volume, já tendo como redator Alfredo Maia, o qual toma como definitiva a saída de Nilo Cairo e anuncia, inclusive, que esse homeopata já houvera dado frutos para a homeopatia no Paraná, com o lançamento de uma revista de homeopatia naquele estado:

Deixou a direção destes *Anais* o Dr. Nilo Cairo que, atraído pelo Estado do Paraná, fixou nele a sua residência.

O Instituto Hahnemanniano perdeu assim um dos mais assíduos dos seus membros efetivos e dos que maior brilho davam às suas sessões; mais, o grande prejuízo que trouxe a ausência do operoso Dr. Nilo Cairo se faz sentir na redação deste periódico, onde o talento, a competência científica e o espírito de combatividade do jovem médico ressaltavam de todos os modos. Não é o intuito da modéstia que nos faz dizer, substituindo por ordem do Instituto o distinto Dr. Nilo Cairo, que a sua retirada da redação do nosso jornal é um lamentável incidente na nossa associação. [...]

Há no Instituto quem tenha a competência do ex-redator, há quem tenha a sua atividade produtora, mesmo quem saiba aparar os golpes dos adversários; o difícil será encontrar todos esses predicados em uma só individualidade; é essa reunião de predicados o característico do ilustre colega.

Como os grandes males são muitas vezes causas de grandes bens, temos como consequência da ausência do nosso colega, o aparecimento no Paraná, cuja capital serve de residência ao Dr. Nilo Cairo, de um centro de propaganda da doutrina de Hahnemann, com todos os requisitos para desenvolver nesse delicioso pedaço de nossa pátria a verdadeira ciência médica. Que com sua esplêndida *Revista do Paraná* e seus esforços, o nosso ilustrado colega Dr. Nilo Cairo faça vitoriosa no sul do Brasil a doutrina *Similia similibus curantur*, são os nossos votos (ANNAES, n.4, 5, 6, 1906, p.113-114).

Como se pode verificar, a saída de Nilo Cairo do Rio se deu no auge da polêmica sobre a questão dos medicamentos complexos, na qual Nilo Cairo ficou muito desgastado. Acreditamos que mudar-se para o Paraná tenha sido uma ação planejada e preparada, a convite de Domingos Duarte Velloso. E não tardou Nilo Cairo em fundar a *Revista Homeopática do Paraná*. Mantendo-se como sócio correspondente do *Instituto*, manterá por alguns anos a sua ligação com o meio médico homeopático do Rio de Janeiro. Como correspondente foi membro ativo, mesmo distante.

Nilo Cairo procura o Paraná por influência do farmacêutico Duarte Velloso, o qual tinha interesse em contar na capital paranaense com um médico homeopata. Há uma evidente relação entre os interesses de Duarte Velloso e o momento em que se encontra Nilo Cairo. A morte de sua esposa, o desgaste no *Instituto* e a oportunidade oferecida pelo farmacêutico para que instale seu consultório na capital paranaense são fatores determinantes da sua mudança. É claro que havia de ser necessária a sua transferência como militar, mas esta pode não ter sido a principal causa da mudança, já que Nilo Cairo não parecia priorizar a carreira militar.

Galhardo (1928, p.850) salienta que Nilo Cairo, "antes de partir para Curitiba, escreveu uma série de artigos de propaganda homeopática no *Diário da Tarde* e *A Notícia*", e que em 14 de fevereiro de 1906 chegou a Curitiba. Refere-se a ele como "ilustre e habilíssimo, primeiro médico homeopata que clinicou em Curitiba".

Sebastião Paraná (1922, p.272) registra que, entre 1905 e 1906, Nilo Cairo publicou 26 artigos sobre a homeopatia no jornal *A Notícia* e que esses artigos "produziram grande sensação". Esse autor enfatiza que em Curitiba, "não obstante sua profissão militar, dedicou-se à clínica homeopática, abrindo seu consultório ao público".

Em novembro de 1904<sup>43</sup>, Duarte Velloso havia, como já vimos, feito um resumo da situação da homeopatia no Paraná, a pedido de Nilo Cairo. Naquela ocasião o farmacêutico chamava a atenção para o fato de que não havia médico homeopata na cidade de Curitiba e apenas um no Estado do Paraná, "Ignacio Guasque, há muitos anos residente numa localidade do interior, de onde, parece-me,

---

<sup>43</sup> Carneiro (1963, p.544) se equivoca ao afirmar que Nilo Cairo mudou-se para Curitiba em 1904, embora aponte corretamente que o militar veio para servir no 6.º regimento de artilharia.

nunca saiu para vir à capital, onde recusa-se residir, apesar de minhas instâncias nesse sentido." (ANNAES, n.12, 1904, p.404-406).

Duarte Velloso, naquela ocasião, lamentará várias vezes o fato de não haver sequer um médico homeopata em Curitiba, apesar de já haver duas farmácias homeopáticas no estado, sendo uma de sua propriedade.

Apesar da inexistência de médicos homeopatas, a homeopatia está difundida<sup>44</sup> no Paraná, pois "não se encontra hoje uma casa pelas pequenas vilas deste Estado, que não tenha a sua botica homeopática e um *curioso* ou *medium* espírita nas redondezas, para lhe dar as indicações convenientes, em caso de moléstia". Mas, não há "nenhum médico homeopata" e "deveis compreender quanto tal falta prejudica os progressos da nossa doutrina, num terreno tão fértil, como já está o nosso, pela propaganda espontânea dos sucessos obtidos" (ANNAES, n.12, 1904, p.404-406).

É esse "terreno tão fértil" que chamará a atenção de Nilo Cairo e, assim, construindo uma relação de interdependência com um farmacêutico, também homeopata, é que ele se incluirá em nova configuração social em Curitiba, constituindo-se como primeiro médico homeopata aqui e em pouco tempo participando do grupo de intelectuais e políticos que vão construir a Universidade do Paraná. Sua posição nesta configuração lhe permitirá que atue como professor da Universidade do Paraná e ocupe o cargo de Secretário dessa universidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que Nilo Cairo e Duarte Velloso são fundamentais para a reorientação do exercício da medicina homeopática no Paraná, na medida em que são detentores do saber técnico – Velloso como farmacêutico e Nilo Cairo como médico – e da legitimidade necessária para o estabelecimento da clínica e da difusão da homeopatia no Paraná. Essa condição com a entrada de Nilo Cairo no corpo docente do curso de Medicina e Cirurgia da Universidade do Paraná reforça ainda mais seu reconhecimento no meio médico homeopático brasileiro. Não se pode esquecer que ele continua vinculado, mesmo como sócio correspondente, ao *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Vislumbra-se aqui a estratégia política de Nilo Cairo

---

<sup>44</sup> A difusão da homeopatia não dependia da existência de médicos já que eram comuns os práticos em homeopatia, como por exemplo Honorio Decio da Costa Lobo, tio de Nilo Cairo, citado por Galhardo (1928, p.849-850) ao lado de muitos outros praticantes da homeopatia no Paraná. O mesmo autor refere também que muitos médiuns espíritas clinicavam homeopaticamente no Paraná.

de reproduzir-se social e profissionalmente como médico, que busca reconhecimento não somente entre seus pacientes, mas entre os pares no Rio de Janeiro e entre os médicos e intelectuais que atuam na criação da Universidade do Paraná. Essa necessidade de reconhecimento e legitimidade dentro e fora das fronteiras de Curitiba e do Paraná, explica sua atitude de se afastar da polêmica sobre o uso de medicamentos complexos saindo da redação dos *Anais*, mas ao mesmo tempo permanecer ligado ao *Instituto*, criar a *Revista Homeopática do Paraná*, associar-se a Duarte Velloso e engajar-se na luta pela criação da Universidade.

Como bom propagandista, qualidade reconhecida por Galhardo (1928, p.850), Nilo Cairo, como foi dito, fez publicar artigos seus em Curitiba para a qual poucos meses depois haveria de transferir residência e instalar-se como médico homeopata.

Nilo Cairo havia publicado, nos meses de novembro e dezembro de 1905, uma série de oito artigos no jornal *Diário da Tarde*. No ano de 1906 *A Notícia* dá sequência às publicações e já no dia 02 de janeiro esse jornal publica o nono artigo da coletânea intitulada *A Homeopatia*. Serão 26 artigos subdivididos em publicações diárias durante todo o mês de janeiro e depois com maior espaçamento até o mês de abril, como mostra a nota de esclarecimento publicada nesse jornal:

#### A HOMEOPATIA

Iniciamos hoje, em nossa folha, a publicação de uma série de artigos sobre a Homeopatia, da lavra do nosso talentoso conterrâneo Dr. Nilo Cairo, e que ocupa no Instituto Hahnemanniano do Brasil, o lugar de redator dos *Anais*, órgão da mesma associação.

Os oito artigos anteriores foram publicados no *Diário da Tarde* nos meses de novembro e dezembro.

Para esta importante publicação chamamos a atenção dos leitores (*A NOTICIA*, 02.01.1906).

Nilo Cairo prepara assim a sua ida para o Paraná, onde, apesar de manter-se inicialmente na configuração médico-homeopática, estabelecerá relações, como veremos no capítulo a seguir, que construirão novas configurações.

## 4 ATUAÇÃO NO PARANÁ

### 4.1 AÇÕES COMO MÉDICO HOMEOPATA

Nilo Cairo ao chegar ao Paraná logo procura a redação do jornal *A Notícia* para dar publicidade à sua chegada. Assim, esse jornal emite uma nota no dia 14 de fevereiro de 1906:

DR. NILO CAIRO

Hoje, pela manhã, tivemos a satisfação de receber a amável visita deste nosso ilustre patricio, ontem chegado da capital federal.

O distinto médico que os leitores já conhecem através dos eruditos artigos que publicamos sobre homeopatia, fez com singular brilho o curso na academia do Rio, sendo membro proeminente do Instituto Hahnemanniano de cuja revista foi redator por muito tempo.

O Dr. Nilo Cairo, que é engenheiro militar e 2.º tenente de artilharia, veio servir no 6.º regimento dessa arma, aqui estacionado.

Felicitemos à sociedade curitibana pela presença do ilustrado clínico, que continuará a abrilhantar *A Notícia* com a sua excelente e sábia colaboração. Gratíssimos pela gentileza da visita (A NOTICIA, 14.02.1906).

Podemos levantar a hipótese aqui de que os artigos publicados por Nilo Cairo em jornais curitibanos, nos meses que antecedem sua mudança para Curitiba, estão preparando as condições para o reconhecimento de Nilo como médico homeopata na capital paranaense. Podemos dizer que há um cálculo de sua parte para fazer-se conhecido e alavancar sua clínica. Em que medida também a publicação de artigos de divulgação da homeopatia nos jornais locais não visam ainda à manutenção do pertencimento ao *Instituto Hahnemanniano do Brasil* e a possibilidade de inscrever-se no circuito intelectual paranaense? A visita ao jornal *A Notícia* no dia seguinte à sua chegada a Curitiba e a nota que o jornal publica dessa visita parecem apontar para isso.

Não há nada de temporário na estada de Nilo Cairo em Curitiba, como poderia parecer no primeiro momento quando solicitou afastamento da redação dos *Anais*. Nilo não perde tempo e na segunda-feira seguinte, no mesmo jornal, aparecerão os anúncios publicitários da instalação em Curitiba de seu consultório.

MÉDICO HOMEOPATA  
 DR. NILO CAIRO  
 Residência: Rua Dr. Muricy, n.º 39  
 Atende a chamados a qualquer hora do dia e da noite.  
 Consulta das 9 às 10 da manhã e das 3 às 4 horas da tarde na Pharmacia  
 Homeopathica.  
 Rua do Riachuelo, n.º 57 (A NOTÍCIA, 19.02.1906).

Como já foi dito, a relação com Nilo Cairo é providencial para Domingos Duarte Velloso, o que certamente irá desenvolver seus negócios, assim como para o médico é a acolhida do farmacêutico que permite sua instalação na cidade. Configuram-se aqui as relações de interdependência entre os indivíduos apontadas pela sociologia elisiana. Essa associação de Nilo Cairo com farmácias homeopáticas será referida mais uma vez, na sua trajetória, quando ele, mais tarde, estiver em São Paulo e manifestar, por carta, o desejo de montar seu consultório junto a uma farmácia.

Junto ao anúncio da instalação de Nilo Cairo como o primeiro médico homeopata em Curitiba aparece o anúncio da farmácia, fazendo referência à associação entre os dois. Ou seja, Velloso cede suas instalações ao prestigioso médico homeopata e este cede seu nome afiançando a qualidade da farmácia.

PHARMACIA HOMEOPATHICA  
 DE  
*Domingos Duarte Velloso*  
 Da confiança do Dr. Nilo Cairo  
 Medicamentos homeopáticos em todas as dinamizações, glóbulos e  
 triturações.  
 -- 57 Rua do Riachuelo 57 -- (A NOTÍCIA, 19.02.1906).

Esses anúncios publicitários se repetirão nas edições seguintes, ao longo do ano de 1906. Vale dizer então que Nilo Cairo, vendo-se desgastado no Rio de Janeiro com a polêmica sobre os medicamentos complexos, ao buscar em Curitiba associação com o único farmacêutico homeopata da cidade, visualiza uma forma de continuar seu trabalho clínico e de difusão da homeopatia, livre de todos os percalços que a saída da capital federal e a instalação aqui de sua clínica possam sofrer. A interdependência ou associação entre Nilo e Velloso, entre farmácia e clínica médica é a forma encontrada para garantir o sucesso das duas atividades.

Duarte Velloso pode ser considerado um importante agente de desenvolvimento da homeopatia no Estado do Paraná. Esse farmacêutico, segundo Galhardo (1928,

p.851), em 1902<sup>45</sup> instala o *Laboratório e Farmácia Homeopática*, em Curitiba. E afirma ainda que "o Sr. Duarte Velloso muito influenciou para o estabelecimento do Dr. Nilo Cairo no Paraná".

No trabalho de memória *Da Pharmacia à Farmácia: farmácias curitibanas (1857-1940)* Duarte Velloso ganha relevância ao ser apontado como a origem de duas das mais importantes farmácias homeopáticas da Curitiba atual.

Por volta de 1908<sup>46</sup>, é aberta em Curitiba a farmácia de Duarte Velloso, tida como a primeira farmácia homeopática da cidade. Funcionando na Rua XV, a Pharmacia Homeopathica também era costumeira anunciante nas revistas locais, divulgando mensagens como: "*grande laboratório de homeopatia em tinturas e glóbulos. Lembramos aos fregueses que nossos preços são mais baratos que os do Rio de Janeiro*".

Nilo e Velloso marcam uma renovação da homeopatia no Paraná. O médico Nilo firma o caráter científico da clínica homeopática como objeto do trabalho médico e Velloso como farmacêutico produzindo os medicamentos e viabilizando as prescrições médicas. Nesse sentido, a homeopatia passa a ser agora não mais uma exclusividade dos práticos de Curitiba.

Duas conhecidas farmácias homeopáticas de Curitiba, a Nilo Cairo e a Waldemiro Pereira<sup>47</sup>, tiveram seus fundadores ligados à Pharmacia Homeopathica [de Duarte Velloso]. O médico Nilo Cairo, um dos fundadores

---

<sup>45</sup> Encontramos referência à instalação do estabelecimento de Duarte Velloso apenas em 1904, quando o mesmo comunica o fato ao *Instituto Hahnemanniano*, como já citamos anteriormente.

<sup>46</sup> Essa data está equivocada, pois em 1904 já há referência a criação dessa farmácia em carta ao *Instituto Hahnemanniano do Brasil* e em 1906, ao estudarmos a vinda de Nilo Cairo para Curitiba, encontramos junto ao anúncio do consultório de Nilo Cairo o anúncio da farmácia de Duarte Velloso. Galhardo afirma que foi fundada em 1902, mas não temos como comprová-lo nem como refutar esta afirmação. O que é certo é que sua existência é conhecida desde 1904.

<sup>47</sup> "Foi também na farmácia de Duarte Velloso o primeiro emprego de um futuro médico conhecido nacionalmente pela manipulação e fabrico de medicamentos homeopáticos: Waldemiro Pereira. Natural de Cerro Azul, Waldemiro Pereira mudou-se para Curitiba em 1924, aos dez anos de idade. Pouco tempo depois, começou a trabalhar na farmácia homeopática a convite dos proprietários, que travaram amizade com o menino, na época, engraxate na Rua XV. Desse contato inicial surgiu, poucos anos depois, a negociação para a compra da farmácia. O antigo estabelecimento de Duarte Velloso passava por dificuldades financeiras quando foi proposta a venda para Waldemiro Pereira, na época com apenas dezenove anos. Corria o ano de 1933 e a farmácia estava então situada na Praça Osório, onde atualmente localiza-se o edifício Asa. Waldemiro Pereira obteve o certificado de farmacêutico prático para poder tocar, ao lado da mulher, Maria Clara, a Farmácia Nacional de Homeopatia. Essa denominação permaneceu de meados dos anos 30 até 1972, quando numa homenagem ao pai recém-falecido, os herdeiros deram o seu nome para a rede de farmácias e para o laboratório homeopático." (BOLETIM, 1999, p.45-46).

da Universidade do Paraná, trabalhou por alguns anos com Duarte Velloso. Ambos foram responsáveis, em 1905<sup>48</sup>, pela criação da Revista Homeopática do Paraná, mais tarde conhecida como Revista Homeopática Brasileira. (BOLETIM, 1999, p.45)

A *Revista Homeopática do Paraná*, assim, se torna um meio de difusão da homeopatia e assume importância não só no estado, mas também no contexto nacional, pois logo em seus primeiros números tem sua contribuição reconhecida pelo *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Voltamos a insistir aqui na hipótese de que todo esse conjunto de ações de Nilo em associação com Velloso se constitui em estratégias de reprodução de Nilo Cairo na configuração da homeopatia no Brasil.

O trabalho com a homeopatia envolveu as ideias de Nilo Cairo desde os tempos de estudante, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em Curitiba, além da fundação da revista de homeopatia, Nilo Cairo foi, em 1911, idealizador do Dispensário Homeopático Infantil. Nele, atendia a população carente sem cobrar por consultas ou medicamentos. O embrião da futura farmácia homeopática [Nilo Cairo] surgiu no Dispensário. Por volta de 1915, quando aparecem as primeiras referências a farmácia homeopática do Dr. Nilo Cairo, o estabelecimento ainda estava vinculado à sua clínica médica.

Somente em 1917, a farmácia passou a ter endereço próprio, no início da Rua Marechal Floriano. Nos dez anos seguintes, o estabelecimento mudou duas vezes, passando pela Rua Dr. Muricy e pela Emiliano Pernetta. (BOLETIM, 1999, p.46)

Curitiba era cidade com menos de 60.000 habitantes, ainda acanhada, mas concentrando as riquezas provenientes da extração e beneficiamento do mate.

Voltando aos artigos publicados no período que antecede imediatamente sua vinda para Curitiba, é interessante observar como Nilo Cairo, ao fazer-se presente diariamente na vida dos curitibanos, prepara as condições para o sucesso de sua clínica. Esses artigos são didáticos. Neles prevalecem as explicações dos princípios e da prática homeopática e o antagonismo em relação à alopatia. Nilo sai em defesa da homeopatia com palavras contundentes, finalizando cada sessão com afirmações como "o princípio *similia similibus curantur* não é nem um absurdo, nem uma asneira, é uma verdade incontestável, tão velha como a memória de Hipócrates" (A NOTÍCIA, 03.01.1906). Atribui à homeopatia a condição de "verdade incontestável"

---

<sup>48</sup> O ano de fundação da Revista Homeopática do Paraná é 1906 e não 1905 como citado no Boletim.

enquanto reduz o valor da alopatia: "seja a indicação bem feita num método, o alopático, há probabilidades de curar, no outro, o homeopático, há certeza disso" (A NOTÍCIA, 09.01.1906).

Assim, Nilo insiste na posição defendida desde a tese de 1903, de que a alopatia, sem o saber, se utiliza do princípio *similia similibus curantur*; "são os próprios alopatas que ensinam homeopatia aos homeopatas; diariamente os seus trabalhos vão mostrando em a toda linha o princípio dos semelhantes" (A NOTÍCIA, 11.01.1906). Retórico, no dia seguinte, começa seu artigo, com a mesma afirmação:

São os próprios alopatas que ensinam homeopatia aos homeopatas. É uma frase que não cessaremos de repetir; todas as aquisições científicas dos ilustres confrades da velha escola relativamente à ação fisiológica dos medicamentos demonstram diariamente a verdade da lei dos semelhantes (A NOTÍCIA, 12.01.1906).

E, continua

Ora, a diferença entre os homeopatas e os alopatas [...] consiste no fato que, enquanto os alopatas, inspirados por suas rígidas teorias patogênicas (em que o remédio é sempre destinado a remover a causa da moléstia), fazem do medicamento [...] um "específico" ou panaceia para todas as formas individuais da mesma espécie nosológica, e empregam doses capazes de agravar o estado do doente, pelo desenvolvimento de seus efeitos fisiológicos, os homeopatas "individualizam" esse medicamento em cada caso particular da mesma moléstia, procurando "a maior semelhança possível", e o administram em doses bastante pequenas para não produzirem os efeitos fisiológicos, mas apenas os efeitos terapêuticos necessários para restabelecer o estado de saúde (A NOTÍCIA, 22.02.1906).

Mescla longas explanações recheadas de erudição com afirmações de defesa da homeopatia em relação ao método alopático, sendo que à alopatia atribui a expressão "velha escola". Mas, momento raro, apresenta-se conciliador:

Não há dúvida! E quem sabe se, num futuro não distante, as duas escolas adversas não acabem por se encontrar num terreno plano de conciliação, onde, excluídas as intransigências e os exageros de escola, possam em boa paz colaborar para um mesmo fim, e, unidas num mesmo esforço, honrar a ciência que professam (A NOTÍCIA, 21.02.1906).

Conciliador ou irônico, já que Nilo Cairo acredita ser a homeopatia a verdadeira medicina e defende a tese que a alopatia, sem o saber, utiliza o mesmo princípio da

homeopatia, sem, no entanto, individualizar o paciente e usar as doses adequadas. Assim, para Nilo Cairo a conciliação se daria na medida em que a alopatia reconhecesse a homeopatia como a nova escola a ser seguida. Nesse debate é importante notar que Nilo se coloca na contramão dos desenvolvimentos recentes da medicina fundados nas descobertas da bacteriologia. O representante mais importante desta nova corrente no Brasil é Oswaldo Cruz, com seus estudos e sua ação no combate à febre amarela, peste e varíola na capital federal. Nilo Cairo não reconhece a importância desses avanços apesar das evidências resultantes das campanhas de vacinação, controle dos ratos e combate ao mosquito transmissor da febre amarela no Rio de Janeiro.

Os artigos de difusão da homeopatia (e da sua clínica), publicados nos jornais locais, não satisfazem Nilo, que anseia estar ligado ao Rio de Janeiro e ao *Instituto Hahnemanniano*, centro político e científico da homeopatia e, como tal, de combate à medicina alopática. Assim é que cria, associado com Velloso, a *Revista Homeopática do Paraná*, no início de 1906, a qual a partir do seu terceiro ano de existência, em 1908, se torna a *Revista Homeopática Brasileira*. Novamente Duarte Velloso será o parceiro de Nilo. É possível que a viabilidade financeira da instalação de Nilo Cairo em Curitiba, bem como os recursos necessários para a empreitada da revista, tenha dependido de Duarte Velloso, pois esse estará presente como o principal anunciante da revista, assim como de algumas publicações de Nilo Cairo.

A transformação da *Revista Homeopática do Paraná* em *Revista Homeopática Brasileira* aponta a importância que esta assume no contexto da prática homeopática no Brasil, somente equivalente aos *Anais do Instituto*, dos quais Nilo havia sido redator. Mas o que interessa aqui é pensarmos o quanto a transformação ocorrida na *Revista* representa a inserção de Nilo (e também de Velloso) no contexto da homeopatia nacional. Esse processo revela em certa medida as relações que Nilo, mesmo longe do Rio e do *Instituto*, mantém com os homeopatas mais reconhecidos do Brasil. A dimensão política de Nilo Cairo, que o revela um estrategista de si mesmo no campo médico homeopático, e de suas intenções não é considerada na maioria dos estudos conhecidos sobre ele. Nem tampouco faz parte da figura que os estudiosos estabeleceram dele.

Nilo Cairo é redator dessa revista e Duarte Velloso aparece como secretário. Mais tarde, como *Revista Homeopática Brasileira*, a publicação contará com a

colaboração de Alberto Seabra, homeopata de São Paulo, dividindo com Nilo Cairo a função de redator. Em 1909, os *Anais* destacam essa "ótima aquisição" de Nilo Cairo.

*A Revista Homeopática Brasileira*, que ininterruptamente há feito uma carreira brilhante na capital do Paraná, graças aos hábeis e patentes esforços de seu redator e proprietário, o Sr. Dr. Nilo Cairo, deliberou dividir uma parte da tarefa redatorial com o ilustrado colega da capital de São Paulo, o Sr. Dr. Alberto Seabra. Por esta feliz aquisição, a *Revista* conseguiu patentear-se ao mundo por duas faces, por dois estilos: o espírito crítico, escoreito e são da ciência pura, que foi a sua característica de todos os tempos, e agora ainda mais a altissonia de uma eloquência, a que nada falta para ser um primor literário. Pode ser testemunho deste último juízo o artigo de fundo *Medicina e crítica* do número de fevereiro, com que se estreou o novo redator; não se faziam, porém, dele mister para prejudicar a feição, de um outro modo rutilante, em que entra agora a *Revista*: a envergadura jornalística do Sr. Dr. Alberto Seabra julga-se pela sua colaboração nas folhas de São Paulo (ANNAES, n.3, 1909, p.101).

Nilo Cairo, assim, não só conquista um veículo de difusão das suas ideias, mas consegue, ao inscrever a revista no cenário nacional, recuperar sua posição na configuração médica homeopática (posição que havia se enfraquecido no debate sobre o complexismo). Isso fica claro também na atenção que os *Anais* dão aos seus folhetos sobre o tratamento homeopático da coqueluche e da influenza, publicados por ele em 1906 e 1907.

A associação bem-sucedida com Seabra na redação da revista confere-lhe poder e reconhecimento, como sócio correspondente do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, mantendo-se ativo junto aos *Anais*. O Paraná agora representa um novo polo de desenvolvimento da clínica e do pensamento homeopático no Brasil. A verve polêmica de Nilo Cairo se manifesta na edição de agosto de 1906 da *Revista Homeopática do Paraná*. Atento aos fatos nacionais registra um episódio noticiado em Porto Alegre, onde o médico Ignácio Capistrano Cardoso, em matéria publicada na *Revista de Medicina Homeopática* daquela cidade, teria emitido opiniões sobre a peste bubônica e criticado a atuação da Higiene Pública, atingindo o corpo docente da Faculdade de Medicina. Nilo Cairo transcreve a notícia:

Os acadêmicos de medicina saíram ontem incorporados da Faculdade, conduzindo latas velhas e soltando foguetes da China. Assim, foram à casa do médico licenciado Ignácio Capistrano Cardoso, a quem fizeram uma manifestação acintosa pelo fato de ter este senhor atacado pela *Revista Homeopática*, ao corpo docente da Faculdade. Depois foram cumprimentar os jornais, havendo sempre durante o trajeto a maior ordem. Foram erguidas vivas à liberdade profissional e à Junta de Higiene (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, 1906, n.8).

E responde com um dos seus textos mais agressivos referindo-se aos estudantes como "massa irresponsável" e "estudantes mal educados" que acabam de "dar mais uma prova evidente do baixo nível a que têm descido nestes últimos tempos o charlatanismo e a cupidez acadêmicas" (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, 1906, n.8).

E, continua:

Fiéis ao nosso programa de propaganda e defesa da homeopatia, é possuídos da mais viva indignação que lançamos nestas linhas o nosso mais veemente protesto contra a estúpida brutalidade de que acaba ser vítima a *Revista de Medicina Homeopática* daquela cidade, na pessoa de seu redator, por parte de um punhado de pedantocratas, ou antes de charlatães diplomados ou diplomandos, que pretendem, à força de latas vazias e bichas chinesas impor aos médicos, em pleno século XX, as tenebrosas aberrações da sua anarquia mental (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, 1906, n.8).

Nilo Cairo aproveita o episódio para atacar a própria academia:

Há muito tempo que nesses pretensos estabelecimentos de ensino médico, ambiciosamente rotulados com o pomposo nome de Faculdades, não há mais nem princípios, nem fé, nem lei; o que há é uma trintena de individualidades esparsas que ganham aí a vida, pagas pelo governo ou pelo público iludido, impondo a ingênuos meninos uma viciosa instrução de vãs palavras e incoerentes entidades, indigestamente compilada numa confusa erudição tão desprovida de consistência como de utilidade. Porque o que é fato é que há muito tempo essa Medicina acadêmica irrevogavelmente degenerada, que pretende estupidamente agora impor, à lata vazia e à bicha chinesa, uma tenebrosa onipotência opressiva, nos oferece o triste espetáculo de um corpo, monstruoso e acéfalo, de orgulhosa opiniões heterogêneas, sem laços nem unidade, de teorias arbitrárias e artifícios quiméricos e variados, quase sempre em contradição uns com os outros e sucessivamente gabados e desprezados, os quais, servindo mais para empobrecer o coração do que para enriquecer o espírito, entravam diariamente o desenvolvimento da ciência e desnaturam cada vez mais, pela sua puerilidade, todas as noções essenciais e reais sobre a arte de curar.

De sorte que, apesar dos seus vivas hipócritas à liberdade profissional, essa odiosa manifestação não pode encobrir senão o cego orgulho e a incurável cupidez desses soberbos charlatães de murça verde, que mentindo à sua missão social e explorando indignamente a ingênua ignorância de meninos mal criados e insuficientemente preparados, pretendem, ainda que vamente, inutilizar pelo ridículo aquele que, além de ser homeopata, os incomoda na concorrência clínica e desmascara uma mistificação médica destinada tão somente a manter seus autores em suas poderosas posições oficiais.

Esta é que é a verdade.

Mas fique registrado o nosso excepcional protesto, para que a moda não pegue lá ou alhures (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, 1906, n.8).

Sebastião Paraná (1922, p, 272) afirma que a *Revista Homeopática do Paraná*, mais tarde *Revista Homeopática Brasileira*, foi publicada durante sete anos, até a retirada de Nilo Cairo para São Paulo.

A plena atividade de Nilo Cairo como redator da *Revista Homeopática do Paraná* não o impediu de continuar com outras publicações na área de homeopatia. Em 1906 publica o *Tratamento Homeopático da Coqueluche*, com 32 páginas (MOREIRA, 1960, p.394).

Os *Anais* deram ampla publicidade a esse lançamento, publicando a notícia em pelo menos quatro números do ano de 1907:

Tratamento homeopático da coqueluche, pelo Dr. Nilo Cairo. Curitiba. 1906  
Esta brochura, que se acha à venda na redação da Revista Homeopática do Paraná, pode ser enviada pelo correio a quem a pedir, mediante a quantia de 600 réis em selo, sendo que para os senhores farmacêuticos, cujo pedido exceder de 20 exemplares, o preço é de 300 réis, cada um, livre de porte (ANNAES, n.5, 1907, p.123; n.7, 1907, p.152; n.8, 1907, p.236; n.9, 1907, p.268).

Nilo Cairo fazia publicar, na *Revista Homeopática do Paraná*, a repercussão nacional e internacional do folheto *Tratamento Homeopático da Coqueluche*, lançado por ele em Curitiba:

Do número de novembro da *Revista Homeopática de Pernambuco*, novo nome que acaba de tomar a nossa colega de Recife, a *Gazeta Homeopática de Pernambuco*, extraímos o seguinte:  
*Tratamento Homeopático da Coqueluche* – De Curitiba, onde foi publicado em agosto do corrente ano, recebemos de seu autor um folheto com 29 páginas intitulado "*Tratamento Homeopático da Coqueluche*".  
"Clara e inteligentemente, como faz em todos os seus trabalhos, o Dr. Nilo Cairo, ainda uma vez dando provas de suas excepcionais qualidades de médico homeopata propagandista e proficiente, estuda o assunto, salientando não só as virtudes de certas medidas de higiene e medicamentos por autoridades reputadas de excelentes para a moléstia em questão, como também, emitindo a sua opinião a respeito do que julga de melhor emprego terapêutico. Digno de atenciosa leitura o trabalho do nosso estudioso e estimado colaborador, a quem agradecemos a oferta" (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, n.12, 1906, p.183).

E, continua, transcrevendo texto da *Revista de Medicina Homeopática*, de Porto Alegre:

Do Sr. Dr. Nilo Cairo recebemos e agradecemos um folheto de 32 páginas que tem por título *Tratamento Homeopático da Coqueluche*.

Este folheto escrito com a proficiência que caracteriza o seu autor, divide-se em três capítulos. O primeiro trata do Regime sob todos os seus aspectos, o segundo do Tratamento Farmacêutico, e o terceiro das Complicações que soem acompanhar esta moléstia.

Como produto de uma observação acurada e paciente, estão dispostos todos os medicamentos mais preconizados em tais circunstâncias, e os meios de atenuar a moléstia em seu início.

Ao ilustrado colega e infatigável servidor da humanidade, as nossas sinceras felicitações (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, n.12, 1906, p.183-184).

E mais:

Agradecemos aqui aos nossos confrades de *Le Propagateur de l'Homeopathie*, de Lyon, o excelente resumo que publicaram deste folheto em seu número de outubro último. Mais uma vez o Dr. Picard deu prova de ler corretamente o português, coisa bastante rara na Europa Central (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, n.12, 1906, p.184).

É interessante ressaltar que esse folheto chamou a atenção de homeopatas franceses, merecendo uma resenha no *Le Propagateur de l'Homeopathie*, de Lyon. Da mesma forma, a título de informação transcreve na *Revista Homeopática do Paraná* apreciações e resenhas desse folheto publicados em periódicos médico-homeopáticos nacionais. Nilo aproveita-se dessas publicações para, provavelmente, fortalecer a sua clínica no Paraná e sua posição na homeopatia brasileira.

Na mesma linha desse folheto, em seguida, Nilo Cairo publica, em 1907, o *Tratamento homeopático da influenza*, com 35 páginas (MOREIRA, 1960, p.394).

Em maio de 1907 os *Anais* dão ampla matéria sobre essa publicação de Nilo Cairo:

*Tratamento homeopático da influenza*, pelo Dr. Nilo Cairo. Publicação da *Revista Homeopática do Paraná*. Curitiba, 1907.

É esta uma pequena brochura que merece referência especial, já pela maestria com que é explanado o assunto, já pela oportunidade em que viu a luz do dia. Com efeito, a influenza reina já desde algum tempo entre nós com o caráter epidêmico de sempre; dada esta generalização, é um bom serviço prestado ao povo oferecer-lhe em linguagem fácil e corredia os meios de por si libertar-se de tão importuno hóspede. O livrinho do nosso incansável colega do Paraná, satisfaz em absoluto a esta exigência, e mais ainda é um proveitoso *memorandum* para os próprios médicos. Registrando

nas páginas de seu livro as lições dos mais iminentes representantes da nossa escola com relação ao tratamento da infecção gripal, o Sr. Dr. Nilo Cairo deu provas de seu altruísmo, fazendo com que todos pudessem partilhar das notas que, de outro modo, só teriam utilidade para si. Este esforço é mais um tento que lavra o operoso publicista de nossa escola: esteja no grande centro desta capital, ou nas paragens longínquas de um Estado do Sul, o nosso ilustre colega irradia sempre de si, força, trabalho e luz. É o caso de nos não limitar aos cumprimentos que lhe enviamos, mas de estendê-los também a leigos e cientistas, que procurem travar conhecimento com o livrinho que viemos noticiando (ANNAES, n.5, 1907, p.118).

Embora Nilo Cairo busque rigor nas publicações, em relação à ciência que professa, esses "livrinhos" têm forte apelo popular, e, assim, Nilo se encaminha para um mercado editorial que está em crescimento no Brasil, país com poucos médicos. E por serem poucos os médicos, esses manuais voltados à população terão boa acolhida e neles Nilo Cairo busca difundir orientações higiênicas e terapêuticas de doenças prevalentes desde a homeopatia.

Assim, é que também aparecerá, ainda em 1907, o *Pequeno Guia Homeopático Para Uso do Povo*<sup>49</sup>. Esse livro certamente contou com o apoio decisivo de Duarte Velloso para sua viabilização financeira, pois nas duas últimas páginas do livro existem dois anúncios publicitários, ambos sob a responsabilidade de Duarte Velloso.

Um dos anúncios é da Farmácia Homeopática de D. Duarte Velloso, que se apresenta como "conhecida e acreditada farmácia, única existente no Estado do Paraná". E novamente afirma que a confiança dispensada por Nilo Cairo "é a melhor garantia de seus preparados". O outro anúncio é do Nectrol, um preparado do farmacêutico "contra as afecções gastrointestinais das crianças e dos adultos" (CAIRO, 1907).

Com 107 páginas esse "pequeno guia" apresenta-se como prático manual, de fácil consulta. Divide-se em duas partes, sendo a primeira o *Pequeno Guia Homeopático do Tratamento das Moléstias*, em que as doenças estão apresentadas em ordem alfabética. Para cada uma delas indica uma lista de medicamentos. A segunda parte chama-se *Matéria Médica: indicações características dos principais medicamentos homeopáticos*. Essa lista apresenta, em ordem alfabética, os medicamentos e suas indicações.

---

<sup>49</sup> Não encontramos este livro no Brasil, porém foi possível adquirir uma cópia de um exemplar existente na University of Michigan.

Esses manuais eram populares e difundidos. Nilo Cairo cita no prefácio que "o Pará, Pernambuco, a Bahia, o Rio de Janeiro, São Paulo, o Rio Grande do Sul" já tinham suas publicações e que então o Paraná passaria, também, a ter o seu guia e assim acreditava o autor que "confeccionando este pequeno trabalho" estaria prestando "um serviço ao povo da nossa terra".

Enfatiza, no prefácio:

Publicando o presente Guia Homeopático, não nos movem outros intuitos senão os de propagar a única e verdadeira medicina que só pode hoje substituir os arruinados sistema de curar da velha escola, e de colocar nas mãos de nossos confrades leigos um livrinho que, pela sua simplicidade, possa ser compreendido por todos e ministre indicações precisas sobre o tratamento homeopático das principais moléstias que se encontra diariamente (CAIRO, 1907, p.5).

Com todo o reconhecimento atribuído pelos homeopatas a Nilo Cairo e talvez, por isso, ele não tenha sido criticado por seus colegas, esse tipo de publicação que vulgarizava o uso da homeopatia nas mãos de leigos e práticos, mas é pouco provável que tenha escapado das críticas dos alopatas. Da homeopatia como ciência, tão apregoada por Nilo Cairo em seu combate à alopatia, à homeopatia como conhecimento comum parece não haver nenhuma fronteira. O que estaria em jogo nesse tipo de publicação? Seria somente a falta de médicos? Isso não parece ser um motivo forte, pois na falta destes a medicina popular e seus operadores familiares e comunitários são eficazes em muitos casos. Como entender que um homem, que se diz homem de ciência, formado nos princípios mais rígidos da escola homeopática, tome para si a tarefa de organizar esses manuais que não são de uso restrito dos médicos? Em que medida essas publicações não enfraquecem o caráter científico da homeopatia, dos quais Nilo Cairo é um ferrenho defensor, ao dispensar o diagnóstico preciso da patologia, como atribuição do médico, já que a prescrição pode ficar nas mãos dos práticos ou de qualquer indivíduo alfabetizado?

Nas páginas da *Revista Homeopática do Paraná* começa a ser publicado em várias partes o *Tratamento Homeopático das Moléstias Tropicais*. Encontramos a publicação da oitava parte no número 12 dessa revista (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, n.12, 1907, p.217-218) Essas partes foram reunidas em livro em 1909 (MOREIRA, 1960, p.394). Essa era uma prática comum de Nilo Cairo, a de publicar

seus artigos em várias partes em jornais ou revistas e mais tarde reuni-los para publicação na forma de livro.<sup>50</sup>

Em 1908, a *Revista Homeopática do Paraná* inicia uma série de anúncios sobre o lançamento do livro *Tratamento Homeopático das Diarreias Infantis*.

Nesta brochura, depois de descrever as diferentes formas de diarreias das crianças, expõe o autor, em 30 regras práticas e concisas, o tratamento preventivo dessa moléstia; em seguida, em 15 outros artigos, dá conselhos sobre a dieta a prescrever nesses casos a esses doentinhos; e finalmente, num último capítulo, são colecionadas as indicações precisas, sobretudo segundo a experiência pessoal do autor, de cerca de 40 medicamentos homeopáticos, com a indicação das doses e modo de tomá-las.

Procurando por seu trabalho ao nível das pessoas pouco afeitas às coisas da medicina, o autor eliminou sistematicamente dele todos os termos técnicos, reduzindo assim as descrições, conselhos e indicações à linguagem compreensível de todos (REVISTA HOMEOPÁTICA DO PARANÁ, n.8, 9, 1908, p.153).

Esse livro viria a receber, mais tarde, uma nova edição<sup>51</sup>, em 1917, com 64 páginas (MOREIRA, 1960, p.579).

Se a revista criada por Nilo Cairo e Duarte Velloso, por sua importância científica e de divulgação da homeopatia, serviu para recolocar Nilo na configuração homeopática nacional, é por meio dela que tanto Nilo quanto Velloso divulgam os poderes terapêuticos dos medicamentos homeopáticos e que estão disponíveis para compra pela população na farmácia deste último.

O *Dicionário Bibliográfico do Paraná* aponta o *Guia Homeopático Brasileiro* como uma publicação de Nilo Cairo, do ano de 1908 (MOREIRA, 1960, p.195). Essa publicação tem por finalidade listar os profissionais e serviços de homeopatia existentes no país. Embora não tenhamos tido acesso a nenhum exemplar dessa publicação, há notícias a respeito desse trabalho, primeiramente nos *Anais*.

---

<sup>50</sup> Com essa estratégia se atingia um maior número de leitores. Muitos romances do final do século XIX e início do século XX também foram publicados dessa forma.

<sup>51</sup> O autor teve acesso à segunda edição na Biblioteca Nacional.

Livro útil

O Dr. Nilo Cairo, batalhador da causa homeopática, tem entre mãos diversos trabalhos, quase terminados uns, e em via de publicação outros. Parece que o primeiro que virá à luz por estes próximos dias será um *Guia* em que o autor pretende consignar tudo o que se relaciona com a homeopatia no Brasil: enfermarias, médicos, farmácias, associações, jornais, etc. Será um livrinho que, em relação ao nosso país, preencherá os fins, que teve em vista, em relação ao mundo, o *Directory*, de Londres. Provavelmente o autor não se conformou com os poucos dados e os enganos que neste se notam relativamente ao Brasil, e assim o seu *Guia* será uma errata ao *Directory*. Estamos ansiosos por ler este novo trabalho, que, registrando o estado presente da homeopatia em todo o território nacional, será uma fonte segura de informações para o futuro historiador (ANNAES, n.9, 1907, p.261).

Há notícias também do *Guia Homeopático Brasileiro para 1908* na *Revista Homeopática Brasileira* em que o redator desta revista, o próprio Nilo Cairo, agradece a acolhida do *Guia*, pelas seguintes publicações internacionais: *L'Art Medical*, *British Homeopathic Review*, *Revista Omiopatica*, *The New England Medical Gazette* e *Allgemeine Homeopathische Zeitung* (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.8, 9, 1908, p.164).

Nilo Cairo considera que tenha atingido o seu objetivo de fazer com que homeopatia brasileira ficasse conhecida no mundo. E, festeja, mais tarde, o fato de ter servido de exemplo para outros países:

O nosso esforço constante na manutenção do *Guia Homeopático Brasileiro*, suscitou nos nossos confrades do *Le Propagateur de l'Homeopathie*, de Lyon, a ideia da publicação de um livrinho semelhante – é o *Annuario da Homeopathia* franco-suisso-belga, que virá proximamente à luz, contendo todas as informações desejáveis sobre a homeopatia na França, Suíça e Bélgica.

Oxalá todos os países fizessem o mesmo (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.12, 1909, p.266).

Porém, em seguida lamenta que "em virtude da falta de meios materiais", no próximo ano se deixará de publicar em separado o *Guia Homeopático Brasileiro para 1910*, sendo que o *Guia* será publicado na revista e em partes.

Nilo Cairo solicita ainda que seus anunciantes e assinantes façam o pagamento de seus anúncios e assinaturas para o ano de 1909 "o mais breve possível", em função de que a revista conta com esses recursos para os "gastos tipográficos de sua publicação" (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.12, 1909, p.266).

Além das obras citadas anteriormente, Júlio Moreira (1960, p.579) ainda cita nesse período o *Guia de Farmácia Homeopática* (1905) e *Hahnemann* (1905) como textos de autoria de Nilo Cairo.

Nilo Cairo não se limita à difusão da homeopatia apenas pelas suas publicações, mas empreende ações assistenciais que se tornarão conhecidas e contribuirão para este fim. É assim, que em 1908, em visita ao *Diário da Tarde* "que ficava parede meia da *Protetora da Infância* do saudoso Dr. Leão, impressionado com grande número de criancinhas enfermas, Nilo prontificou-se a abrir um dispensário infantil em sua própria residência à Rua Dr. Murici" (CARNEIRO, 1984, p.25).

Essa atitude mostra a sensibilidade de Nilo Cairo aos problemas alheios. Porém, tratava-se de estratégia comum dos homeopatas para divulgar a homeopatia e angariar novos adeptos. Essa estratégia foi inaugurada no Brasil por Benoit Mure: a criação de ambulatórios homeopáticos gratuitos. Se, por um lado, ela permitiu a divulgação da homeopatia e seus resultados no Brasil, por outro, foi causa de críticas e resistência. Pode ser que pelo fato de os atendimentos serem gratuitos os dispensários ferissem interesses dos médicos alopatas.

Encontramos na *História da Homeopatia no Brasil* relatos sobre a criação do dispensário:

A 27 de novembro de 1908 foi instalado o Dispensário Homeopático Infantil de Curitiba, criação da *Protetora da Infância* de Curitiba, à qual o Dr. Nilo Cairo pôs à disposição seus serviços profissionais, além de fornecer gratuitamente os medicamentos às crianças pobres e ministrar conselhos de higiene infantil às respectivas mães.

Este Dispensário funcionou regularmente no caráter infantil até setembro de 1911, data em que passou a denominar-se Dispensário Homeopático para indigentes, anexo ao *Laboratório Homeopático Dr. Nilo Cairo*, instalado naquela data à Praça Tiradentes n.º 32, em Curitiba (GALHARDO, 1928, p.851).

Como se vê, Nilo Cairo criou também o seu próprio laboratório de manipulação de medicamentos homeopáticos, o qual funcionou junto ao seu consultório. Mais tarde esse laboratório anexo ao consultório iria se transformar em uma farmácia em instalações independentes, como relatamos anteriormente. Nilo Cairo não se limita à associação com Duarte Velloso, no que diz respeito à produção e manipulação de medicamentos. Em 1908 junto com a transformação do Dispensário Homeopático Infantil em dispensário para indigentes, temos notícia de transformação de seu laboratório em farmácia de manipulação de medicamentos. Assim, consolida o

controle de todo o processo terapêutico homeopático: da consulta clínica à produção e fornecimento do medicamento, passando, é claro, pela estratégia de angariar novos pacientes usando como mote seu trabalho filantrópico, primeiro com crianças pobres e depois com os pobres em geral (indigentes).

Os *Anais* não deixaram de registrar a empresa de Nilo Cairo no Paraná, salientando o efeito de propaganda de suas ações. Ou seja, para os *Anais* fica clara a estratégia de difusão da homeopatia adotada por Nilo Cairo, que compreende a publicação de artigos, a revista e a filantropia.

Mais um esforço em prol da causa homeopática foi o que levou a efeito o nosso colega de Curitiba, Dr. Nilo Cairo. Obedecendo a impulsos quer da generosidade de seu coração, quer das necessidades da causa de que é campeão esforçado, criou em sua casa um Dispensário Homeopático Infantil, onde as crianças necessitadas vão encontrar gratuitamente o conselho médico e o remédio apropriado.

Já estamos enfasiados de endereçar ao nosso colega justos encômios: tantas são as ocasiões que ele nos proporciona para fazê-los; nada, portanto, lhe diremos agora por mais este serviço. Limitamo-nos a oferecer aos nossos leitores algumas linhas estatísticas sobre o serviço do Dispensário durante o mês passado.

De 1.º a 31 de janeiro, foram tratadas 34 crianças, das quais 2 passadas do mês anterior e 2 que foram perdidas de vista.

Das 30 crianças novas estavam: no 1.º ano de idade 13, no 2.º ano 12, e entre 2 e 10 anos 5. Das 30 crianças novas sofriam de afecções gastrointestinais 27, de dentição difícil 2 e de bronquite aguda 1.

Do total de 32 foram curadas 27, passam para o mês de fevereiro 5; falecimento nenhum.

Número total de consultas 160. Valor das consultas 530\$000; valor dos remédios fornecidos 78\$000; valor total dos serviços prestados pelo Dispensário 608\$000.

Como se vê, o Dispensário presta valioso auxílio à infância desvalida de Curitiba (ANNAES, n.2, 1909, p.74).

E, no número seguinte:

O Dr. Nilo Cairo continua a dirigir, à rua Dr. Murici 119 em Curitiba, o dispensário homeopático para crianças pobres, fundado e mantido exclusivamente à custa desse ilustre clínico.

Durante 28 dias do mês de fevereiro, foram tratadas 38 crianças, das quais 5 passadas do mês de janeiro; dessas crianças estavam: 16 no 1.º ano de idade, 8 no 2.º ano e 14 entre 3 e 10 anos. Sofriam 21 de afecções gastrointestinais, 1 de otite dupla, 3 de acidentes de dentição, 3 de verminose, 3 de bronquite aguda, 1 de afecção valvular do coração, 1 de impetigo. Foram perdidas de vista 4; passam para o mês de março 9; curadas 23; falecidas 2 (uma de gastroenterite infectuosa e outra de Mal de Bright); porcentagem de mortandade para os 25 casos cujo tratamento foi completado 8%, número total de consultas 105; número total de frascos de medicamentos aviados 129; valor das consultas 525\$000; valor dos medicamentos fornecidos 65\$500. Valor total dos benefícios dispensados 589\$000.

As obras se medem pelos sacrifícios com elas despendidos: não sabemos que haja melhores meios de propaganda do que aqueles que, indo além das palavras, vão até aos atos (ANNAES, n.3, 1909, p.104-105).

Mais uma vez Nilo Cairo aciona estratégias certeiras que lhe garantem posição de destaque na configuração medico-homeopática brasileira. É isso o que nos indicam os comentários sobre suas ações nos *Anais do Instituto*.

Nilo Cairo, além de se utilizar da sua revista para publicações de artigo mantém-se ativo no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, como sócio correspondente, e no período em que se encontra em Curitiba publica diversos artigos nos *Anais: Erinaceus* (ANNAES, n.4, 5, 6, 1906, p.158-160), *Ainda o Erinaceus* (ANNAES, n.7, 8, 1906, p.230-232), *Plygonum nas hemorroidas* (ANNAES, n.6, 1907, p.140-142), *Nux vomica na febre: uma característica* (ANNAES, n.9, 1907, p.250-254), *Contribuição para a patogenesia do Crotalus terrificus* (ANNAES, n.8, 1909, p.252-256), *Projeto de Regulamento para um Hospital Homeopático* (ANNAES, n.8, 1912, p.144-155; n.9, 1912, p.378-386).

Nilo mantém correspondência pessoal com membros do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Algumas dessas correspondências são citadas em reuniões do *Instituto* em 1907. Passado o calor das polêmicas a respeito da associação de medicamentos em homeopatia, Nilo está cordial e solicitando opiniões aos seus colegas do Rio de Janeiro a respeito dos casos atendidos em sua clínica no Paraná. As relações de Nilo Cairo e Dias da Cruz são cordiais, segundo o relato dessas cartas em várias reuniões (ANNAES, n.6, 1907, p.131, p.140, p.188; n.8, 1907, p.209; n.11, 1909, p.324).

Nilo Cairo está atento à homeopatia no Brasil e no mundo. Não deixa nada sem resposta e lhe chama a atenção uma polêmica que "agita" a "imprensa médico-homeopática norte-americana". Afirma que a essa questão que se passa nos Estados Unidos não pode a *Revista Homeopática Brasileira*, "órgão da Homeopatia no Brasil", ficar indiferente.

Trata-se da doação de um exemplar de uma serpente brasileira a homeopatas brasileiros, os quais dela extraíram o veneno e estariam vendendo o medicamento homeopático dele manipulado como da verdadeira *Lachesis*. Nilo Cairo discorda da classificação feita pelos norte-americanos em relação à espécie da cobra a eles

enviada e afirma que não se trata da mesma espécie de ofídio com o qual Hering<sup>52</sup> teria feito o clássico estudo patogenético de *Lachesis*.

Nilo Cairo publica, na *Revista Homeopática Brasileira*, o artigo *A Verdadeira Lachesis*, denunciando o fato. São dez páginas da revista buscando provar o equívoco na classificação da espécie da cobra, recheadas de gravuras de serpentes mostrando as diferenças entre elas (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.8, 9, 1908, p.135-145).

Em fins de 1908, Saturnino Cardoso, nas reuniões do *Instituto* realizadas nos dias 15 e 29 de outubro, manifesta discordância em relação ao artigo publicado por Nilo sobre a verdadeira *Lachesis* (ANNAES, n.1, 1909, p.4; n.2, 1909, p.46-47).

A questão das cobras produz uma intensa troca de opiniões entre dois veículos de difusão da homeopatia: a *Revista Homeopática Brasileira* e os *Anais de Medicina Homeopática*<sup>53</sup>, culminando com artigo de Dias da Cruz intitulado *Cobras* (ANNAES, n.1, 1910, p.3-15).

Nilo Cairo ainda publicou, na *Revista Homeopática Brasileira*, contribuições à patogenesia da *Lachesis lanceolatus* e da *Lachesis mutus* (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.10, 1909, p.223-224; n.12, 1909, p.256-257).

Em uma das ocasiões, Nilo relata uma experimentação feita com o veneno da *Crotalus terrificus* (ANNAES, n.8, 1909, p.252-256). Acreditamos tratar-se de uma autoexperimentação, pois mais tarde em carta pede conselhos a Dias da Cruz a respeito de uma enfermidade de que padece. Dias da Cruz responde a Nilo Cairo que acredita que os sintomas apresentados são sintomas patogenéticos desencadeados pela autoexperimentação à qual se submetera (ANNAES, n.12, 1909, p.359-360).

Nessa experiência Nilo Cairo descreve o experimentador<sup>54</sup> como um "homem de 35 anos, artrítico, olhos castanhos, cabelos pretos", que "não usa fumo nem bebidas alcoólicas".

Na ingestão do medicamento, o experimentador refere "gosto pronunciadamente amargo da pequena solução" e o início dos sintomas "um quarto de hora depois"

<sup>52</sup> Constantine Hering apresentou a primeira patogenesia (conjunto de sinais e sintomas apresentados pelo indivíduo sadio que experimentou a substância) de *Lachesis* em 1928 (DIAS, 2001, p.122).

<sup>53</sup> Editados pelo *Instituto Hahnemanniano do Brasil*.

<sup>54</sup> Trata-se do próprio Nilo Cairo, o experimentador.

como dores no "esôfago, por trás do externo". O relato que se segue é minucioso, com descrição dos sintomas provocados pela experimentação (ANNAES, n.8, 1909, p.252-256).

É na ata da reunião do dia 28 de outubro de 1909 que Dias da Cruz relata os padecimentos de Nilo Cairo:

Aproveita por estar com a palavra para referir a resposta que deu a uma das muitas cartas que constantemente recebe do nosso operoso colega Dr. Nilo Cairo, cuja atividade assombrosa faz com que constantemente esteja em comunicação com este distinto colega. Lê trechos de uma carta do Dr. Nilo Cairo sobre o mal que o atormenta atualmente, para a cura do qual pedia a opinião do orador, e lê igualmente a resposta dada. Nessa resposta, depois de ter indicado o remédio de acordo com a sintomatologia do caso, o Dr. Dias da Cruz aventava a hipótese de que talvez o sofrimento do Dr. Nilo seja consequência de seus experimentos com *Crotalus*, no seu entender em dosagem sumamente forte, e nesse caso lhe aconselhava *Lachesis* em alta dinamização.

Lê um trecho de uma carta posterior do Dr. Nilo e que foi escrita antes de receber a sua resposta à anterior e em que o mesmo Dr. também pergunta se os sofrimentos que padece não serão consequências da ação do *Crotalus* (ANNAES, n.11, 1909, p.328).

No dia 04 de novembro Dias da Cruz relembra que relatara em reunião que recebera "uma consulta feita em carta pelo Dr. Nilo Cairo sobre os padecimentos que este colega acusava sofrer no momento em que lhe escrevera" (ANNAES, n.12, 1909, p.359).

Dias da Cruz aponta que os problemas de Nilo Cairo devem ter origem no experimento com o veneno da *Crotalus terrificus*, mas Nilo Cairo discorda dessa opinião e afirma que deverá retomar os experimentos com doses maiores. Dias da Cruz alerta Nilo que "julga tais experimentos com doses fortes, como fez o Dr. Nilo, pois a solução que usara do medicamento no seu dizer era amargosa, perigosos e sem grande utilidade..." (ANNAES, n.12, 1909, p.359).

Nilo Cairo se serve da seção Permuta dos *Anais*, para tornar conhecida a *Revista Homeopática do Paraná* (ANNAES, n.6, 1907, p.153; n.9, 1907, p.269). Assim como já relatamos, a *Revista Homeopática do Paraná*, quando transformada em *Revista Homeopática Brasileira* ganha significativa importância entre os homeopatas e é elogiada nos *Anais* ao incorporar como corredator Alberto Seabra (ANNAES, n.3, 1909, p.101).

Também são elogiosos os comentários que Umberto Auletta, em reunião de 28 de outubro de 1909, faz a respeito da repercussão internacional dos homeopatas brasileiros, em que Nilo Cairo é incluído entre os nominados:

É grato, portanto, ver o nome dos homeopatas brasileiros figurar no exterior; uma prova de que esses nomes por lá aparecem com apreço, e que os trabalhos dos Drs. Theodoro Gomes, Dias da Cruz, Nilo Cairo, etc., são devidamente conhecidos e citados. Para mostrar isso, vai proceder a leitura de um trecho de um artigo escrito pelo ilustre professor Bonino na *Rivista Omiopatica*, trecho que se refere a trabalhos dos Drs. Joaquim Murinho, Dias da Cruz e Nilo Cairo, sobre o *Polygonum hydropiper* e *Polygonum punctatum* e dia que essas constantes indicações de trabalhos nossos e das coisas do Brasil produzem uma convivência mais ativa e mais ampla das mentalidades europeias conosco (ANNAES, n.11, 1909, p.328).

Ao ser citado na Europa, juntamente com outros homeopatas brasileiros, Nilo Cairo está sendo reconhecido dentro da configuração médico-homeopata internacional. Nesse sentido, podemos afirmar que o desgaste acarretado pela polêmica sobre os medicamentos complexos está superado em seus efeitos nas relações com seus colegas de *Instituto* e com os homeopatas do Rio de Janeiro, principalmente. A comunicação do reconhecimento na Europa, por seu trabalho, feita em reunião do *Instituto*, aponta para o fato de que Nilo Cairo reconquista seu "lugar" entre os maiores nomes da homeopatia brasileira de então, congregados no *Instituto*.

Nilo Cairo não perde a argúcia nas polêmicas, e são célebres os embates travados com Pedro Sanches de Lemos, que havia publicado no Correio Paulistano, no mês de maio de 1908, uma série de artigos intitulados *Os fundamentos de minhas crenças médicas*, em que faz diversas críticas à homeopatia, refutando o princípio de ação dos medicamentos homeopáticos (*similia similibus curantur*) e o vitalismo<sup>55</sup> (CORREIO PAULISTANO, 24.05.1908; 26.05.1908; 27.05.1908; 28.05.1908; 29.05.1908).

---

<sup>55</sup> Nilo Cairo se envolve nessa polêmica, mas originalmente os artigos de Sanches de Lemos eram uma resposta à Bettencourt Rodrigues que defendera a homeopatia em uma palestra em abril de 1908.

Nilo Cairo publica inicialmente as suas posições nos jornais e em 1909 traz a luz a polêmica em livro intitulado *A Homeopatia e a Crítica*<sup>56</sup> (CORREIO PAULISTANO, 25.07.1908, 27.07.1908, 28.07.1908, 29.07.1908, 03.08.1908, 17.08.1909, 26.08.1909, 16.09.1909).

Chama atenção o fato de que tendo publicado as respostas ao Sanches de Lemos nos jornais, deixa claro seu desejo de que suas opiniões expressas não se percam com o tempo, e por esse motivo faz questão que o material venha à luz na forma de livro. Nilo Cairo reserva-se o papel de divulgação das ideias e vê nessa função uma atividade politicamente necessária, não para si somente, mas principalmente para o progresso da ciência que pratica.

Esses debates eram comuns na imprensa diária e o *Correio Paulistano* é rico em relação à temática da homeopatia, e Nilo Cairo é um assíduo frequentador das páginas do jornal. Em que medida essa participação constante na imprensa diária não é uma estratégia de mostrar-se atuante nos objetos de disputa entre homeopatas? Nilo Cairo é um homem que luta por prestígio entre os pares, por meio seja da produção científica, seja de ações filantrópicas, seja dos embates no mundo da clínica. Nilo sabe que paga preços diversos por essa participação constante, mas sabe também dos ganhos que daí advêm. Basta ver como se movimenta com desenvoltura em todos esses aspectos que envolvem as relações de interdependência na configuração a que pertence e como se utiliza disso para obter não só resultados simbólicos (respeito e admiração), mas também poder político e posições econômicas. Não temos dados sobre esta última, mas constatamos que logo nos primeiros anos em Curitiba, torna-se dono de um laboratório e farmácia homeopática.

No período entre 1908 e 1909 Nilo Cairo publica, além da polêmica com Sanches de Lemos, no *Correio Paulistano*, os artigos *O erro em medicina* (CORREIO PAULISTANO, 27.06.1909, 29.06.1909, 04.07.1909, 06.07.1909), *Os erros da Gazeta Clínica* (CORREIO PAULISTANO, 21.07.1909, 23.07.1909, 26.07.1909, 27.07.1909, 31.07.1909, 02.08.1909), *Resposta aberta* (CORREIO PAULISTANO, 30.09.1909), *Menino Teimoso* (CORREIO PAULISTANO, 06.12.1909). Esses artigos têm como escopo principal polemizar com os alopatas, e os ataques são desferidos principalmente à *Gazeta Clínica*, revista de divulgação da medicina alopática.

---

<sup>56</sup> Exemplar consultado na Biblioteca Nacional.

Quando da publicação de *A Homeopatia e a Crítica* na forma de livro, os *Anais* publicaram extensa notícia sobre o assunto (ANNAES, n.10, 1909, p.319).

Sabem os nossos leitores que, em abril do ano passado, o ilustrado Sr. Dr. Bettencourt Rodrigues fez em São Paulo, no Salão Steinway, uma erudita conferência publica em que, com pasmo da medicina oficial expôs e defendeu as bases da medicina homeopática. Foi fulminante o efeito dessa conferência nos arraiais alopáticos, já pela autoridade do preletor, já pelo valor da argumentação, já pela beleza do estilo. Era necessária uma reação qualquer, daí cinco artigos publicados no Correio Paulistano pelo sábio e conhecido médico de Poços de Caldas, o Sr. Dr. Pedro Sanches de Lemos, com o intuito de fazer da homeopatia uma crítica pejorativa. Mas estava alerta o infatigável polemista, nosso colega do Paraná, Sr. Dr. Nilo Cairo, que, travando da pena, escreveu pelo mesmo jornal uma série de artigos em defesa da doutrina. Ora, no número de 03 de julho do Diário Popular, em sua primeira coluna editorial, lia-se sob o título Explicações necessárias um artigo do Sr. Dr. Pedro Sanches, que assim começa:

"Reunindo em folhetos artigos que publiquei, em maio do ano passado, no Correio Paulistano, em resposta ao ilustre Dr. Bettencourt Rodrigues, alvejo duplo fim: salvar os meus artigos do olvido em que soem cair as publicações jornalísticas; seguir o exemplo do meu egrégio colega de São Paulo, que também publicou em opúsculo a sua conferência de 10 de abril do ano transacto. Ora, a lei dos contrastes, encontrada em todas as relações da vida, exige que ao lado da acusação esteja a defesa. Justamente porque a comparação é o fundamento do juízo".

Então o Sr. Dr. Nilo Cairo reuniu também em brochura sob o título acima [A Homeopatia e a Crítica], a série de suas confutações, e escreveu-lhe um prefácio que, em justificação do aparecimento do livro, começa com a paráfrase do período acima descrito do Sr. Dr. Pedro Sanches, e continua respondendo às explicações necessárias.

Mister não se faz de que alguma coisa digamos a respeito do valor dessa nova obra; limitamo-nos a transcrever os dois seguintes períodos traçados na Nota dos Editores:

"Este livro não precisa de apresentação; justifica-se por si mesmo pelos méritos do autor. Dotado de saber enciclopédico, ao mesmo tempo engenheiro e médico e superiormente orientado pelo conhecimento profundo da filosofia positiva o autor se nos revela um polemista de primeira ordem, e faria honra a qualquer país, mesmo os de mais intensa cultura.

Reunindo em volume os seus artigos de polêmica com o Dr. Pedro Sanches, os editores colimam prestar um serviço à ciência. Seria realmente uma perda se tais trabalhos tivessem a vida efêmera dos artigos de jornais. E quando mesmo não tivesse utilidade imediata, à míngua de leitores, aguardaria o livro no pó dos arquivos o momento oportuno, como material que é e de alta valia para o histórico da homeopatia em nossa pátria".

Baste-nos consignar aqui o conceito que, ainda há pouco nos apresentava o Sr. Conselheiro Saturnino Meirelles: "A capacidade produtiva do autor desse livro só mede pela de um homeopata de tempos remotos – João Vicente Martins".

Noticiamos com satisfação aos nossos leitores que *A Homeopatia e a Crítica* acha-se a venda pelo preço de 3\$000 na livraria do Sr. Briguiet & C., à travessa do Ouvidor (ANNAES, n.10, 1909, p.318-320).

Assim, a visão de Nilo Cairo de que seria importante deixar para o futuro, de uma forma mais duradoura do que os jornais, as suas opiniões a respeito da homeopatia permitiu acesso<sup>57</sup> à polêmica com Sanches de Lemos.

Em 1910 Nilo Cairo publica o livro *A Febre Amarela e seu Tratamento Homeopático*<sup>58</sup>, o qual será discutido mais à frente por se tratar de um libelo contra as teorias de transmissibilidade da doença<sup>59</sup> pelos mosquitos. Trata-se também de manual para o tratamento e profilaxia dessa doença pela homeopatia. São 68 páginas que apresentam o histórico da doença, a sua etiologia, a sintomatologia, o tratamento alopático, o tratamento homeopático e a profilaxia.

Esse lançamento atende a uma necessidade da época, pois a febre amarela é uma doença prevalente e com alta mortalidade. Nilo Cairo afirma que essa doença é muito estudada pela homeopatia:

A febre amarela é, entre as moléstias tropicais, uma daquelas, cujo tratamento homeopático mais bem estudado e estabelecido se haja presentemente, devido a grande experiência adquirida pelos médicos homeopatas nas numerosas epidemias nos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil (CAIRO, 1910a, p.26).

Fica evidente também que, ao se referir ao tratamento homeopático, o faz de forma minuciosa e oferece aos homeopatas conhecimentos necessários ao combate dessa doença pela homeopatia. Mas, ao se referir ao tratamento alopático, limita-se a mostrar a inferioridade deste em relação ao primeiro. Neste caso, Nilo se apresenta como cego defensor da homeopatia, apesar do progresso evidente da medicina alopática, no que diz respeito à transmissibilidade pelo mosquito. Nilo Cairo, sempre presente nas discussões de seu tempo, no caso da febre amarela, não consegue admitir as evidências científicas apontadas por Oswaldo Cruz, as quais inclusive levaram ao sucesso das medidas de controle da doença na capital federal. A posição conservadora em relação aos avanços da microbiologia e da medicina alopática

---

<sup>57</sup> Na Biblioteca Nacional tivemos acesso aos microfimes dos artigos publicados no *Correio Paulistano*, porém a existência do livro, como Nilo Cairo previu, permitiu a consulta à íntegra do documento e em melhor qualidade do que o que restou dos exemplares dos jornais.

<sup>58</sup> Exemplar consultado na Biblioteca Nacional.

<sup>59</sup> As questões ligadas à etiologia e aos modos de transmissão da febre amarela serão tratadas mais adiante nesta tese.

deve ser tomada como indicadora de uma mentalidade arraigada a um saber que começa a ser questionado em suas bases. Mas em que medida a defesa intransigente da homeopatia e seus métodos não é a defesa política dos homeopatas e de suas condições sociais? Revela-se aqui um embate que vai além da forma como se deve tratar a febre amarela, mas sim de luta entre paradigmas científicos. A homeopatia está nesse momento enfrentando a grande ameaça que representa a medicina fundada na microbiologia. Negar esses avanços é o que resta à homeopatia para fazer frente à sua perda de espaço.

A *Revista Homeopática Brasileira*, no seu número de novembro de 1909, anuncia que se encontram no prelo duas novas publicações de Nilo Cairo. A primeira delas<sup>60</sup> é uma resposta à *Imprensa Médica*, intitulada *O Dr. Huchard e a Homeopatia*<sup>61</sup> (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.11, 1909, p.246).

Trata-se de um livreto de 36 páginas. Huchard é um importante médico do Hospital Necker de Paris e tendo escrito algumas reflexões a respeito de velhas e novas crenças em medicina ofereceu rico material para mais uma polêmica entre homeopatas e alopatas brasileiros.

Como Nilo Cairo explica na introdução do livro, o *Brasil Homeopático*, do Rio de Janeiro, havia publicado um artigo em fins de 1907 exaltando a conversão de Huchard à homeopatia, o que foi contestado, em março de 1908, pela revista alopática *Revista Médico-Cirúrgica do Brasil*.

Nilo Cairo desafia a revista a publicar integralmente os textos de Huchard, o que viria a acontecer. Porém Nilo Cairo assiste a tudo em discordância com o teor da tradução.

Quando *A Imprensa Médica*, de São Paulo, em fins de 1908, inicia a transcrição dessa tradução e acrescenta uma nota é que Nilo Cairo reage publicando nove artigos, no começo de 1909, no *Correio Paulistano* (CAIRO, 1910b, p.7).

Não nos prenderemos ao mérito da discussão, sobre o fato de o médico do Hospital Necker de Paris ter ou não se convertido à homeopatia, mas sim à forma como Nilo Cairo ataca a questão.

---

<sup>60</sup> A outra é a brochura *Os Erros da Gazeta Clínica*.

<sup>61</sup> Não encontramos esta publicação no Brasil, mas adquirimos uma cópia de um exemplar existente na University of Michigan.

Nilo Cairo repete a sua forma característica de atuar. Diante de uma questão polêmica, manifesta-se pela imprensa publicando a série de artigos que reunirá sob a forma de livro, o que acontecerá em 1910. Aproveita o momento adequado para fazer propaganda de si e da homeopatia. Leva ao prelo esse material dando maior durabilidade à polêmica e se resguardando da possível volatilidade do jornal diário. Assim, Nilo Cairo deixou um grande legado às discussões futuras sobre os temas que julgava importantes.

O centro do ataque de Nilo Cairo, nesse caso, é a tradução feita do francês para o português da *Lição do Dr. Huchard*. Nilo Cairo atribui má-fé ao tradutor e logo no início do livro publica o que à primeira vista parece ser uma errata, mas trata-se de uma ironia.

Corrigenda

Onde se lê a palavra *tradição*, leia-se *traição*.

Onde se lê a palavra *tradictor*, leia-se *trahidor*.

Onde se lê a palavra *tradisse*, leia-se *trahiu*.

Os outros erros de revisão o leitor corrigirá por si.

Em todo o texto essas palavras aparecerão e o leitor pode "brincar" de substituí-las, conforme a "corrigenda", levando à reiterante ideia de que o tradutor traiu as palavras de Huchard, com o claro intuito de distorcê-las. A sutileza utilizada por Nilo Cairo nessa estratégia torna o texto mais afiado para a crítica que deseja fazer.

Nilo Cairo discorda da tradução e assim se expressa sobre a publicação da mesma na *Revista Medico-Cirurgica do Brasil*: "esta *Lição* foi pouco depois aí publicada, não sabemos por que *traductor*, ou antes *tradictor* (como adiante se verá): o que sabemos é que ela foi truncada em alguns pontos capitais" (CAIRO, 1910b, p.7).

Nilo usará de expressões como "insidiosamente truncada", "manhosa adição" e "tradutor manhoso". Ainda critica os subtítulos colados no texto e inexistentes no original, dizendo que estes tinham como objetivo dar sentido diferente às palavras de Huchard, e pesa nas expressões ao dizer que foram ali colocados com "manha de mão de gato" (CAIRO, 1910b, p.10). Ao longo do texto sempre volta ao ataque ao tradutor afirmando que este "torceu maldosamente o pensamento do professor do Hospital Necker, e cometeu, portanto, uma falta grave, que poderia merecer algum áspero adjetivo" (p.16). Ao não citar o adjetivo, Nilo Cairo dá ainda mais força à repreensão que faz ao tradutor.

Ao longo do texto, Nilo Cairo procura demonstrar seus conhecimentos de língua francesa ao fazer análises do sentido das frases, para ele, distorcidos na passagem para o português.

Na mesma edição da *Revista Homeopática Brasileira*, Nilo Cairo informa que:

Entrou também para o prelo outra brochura nossa, intitulada - *Os Erros da Gazeta Clínica (Resposta ao Dr. Rubião Meira)* - enfeixando os artigos que temos publicado recentemente pelo *Correio Paulistano*, em resposta aos artigos editoriais daquela revista alopática. Depois publicaremos a resposta que estamos dando ao Dr. Xavier da Silveira (*REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA*, n.11, 1909, p.246).

Embora não tenhamos encontrado a brochura, esse material está fartamente registrado no *Correio Paulistano*. A polêmica se inicia quando Rubião Meira da *Gazeta Clínica* faz críticas a um livro recentemente publicado por Alberto Seabra. Nilo Cairo se envolve na polêmica e edita uma série de artigos naquele jornal sendo cinco deles publicados com o nome de *O erro em medicina*, nos meses de junho e julho; seis artigos intitulados *Os erros da Gazeta Clínica*, em julho e agosto; entre outros (*CORREIO PAULISTANO*, 1909).

Novamente o tom de Nilo Cairo é agressivo e aqui ele adotada um linguajar mais popular, o que gera protestos de seus contendores.

#### 4.2 TENTATIVA DE RETORNO AO RIO DE JANEIRO

Galhardo (1928, p.851) informa que, no final de 1910, Nilo Cairo teria voltado ao Rio de Janeiro, onde permanecera por pouco tempo: "o Dr. Nilo Cairo que em novembro de 1910 havia mudado sua residência para a Capital Federal, regressou novamente à Curitiba no início de março de 1911". O autor atribui essa mudança a um projeto de criação da *Sociedade Homeopática Brasileira*.

Na *Revista Homeopática Brasileira* Nilo Cairo explica o motivo de sua mudança para o Rio de Janeiro. Mudara-se para a Capital Federal com o intuito de participar da fundação de "uma associação leiga humanitária (a Sociedade Homeopática Brasileira) destinada a manter uma Policlínica Homeopática para indigentes, um

Hospital Homeopático e uma pequena Escola de Medicina Homeopática" (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.3, 4, 1911, p.71).

Nilo contava com o apoio do presidente do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, Joaquim Murtinho, homem de elevado "prestígio social e político". Porém, esse apoio não veio, o empreendimento fracassou, e Nilo Cairo retornou a Curitiba profundamente magoado e frustrado, atribuindo a Joaquim Murtinho e seus colegas de *Instituto* o fracasso.

Isso seria determinante para os passos seguintes que Nilo Cairo tomaria. Frustrado e desgastado com os colegas do *Instituto*, solicita seu desligamento e canaliza seu esforço para a fundação da Universidade do Paraná.

O tom das críticas ao *Instituto* foi crescendo. Quando da morte de Joaquim Murtinho, Nilo Cairo, apesar de homenageá-lo na *Revista Homeopática Brasileira*, manteve sua posição de crítica à atitude do finado Presidente do *Instituto*, desqualificando, inclusive, sua importância na homeopatia nacional e promovendo ataques à sua reputação (REVISTA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA, n.11, 12, 1911). Quando percebe que sua posição na homeopatia brasileira é abalada, não poupa esforços em atacar seus colegas.

#### 4.3 O GUIA DE MEDICINA HOMEOPÁTICA

Apesar de todos esses dissabores é no ano 1912 que Nilo está preparando o seu maior sucesso editorial: o *Guia de Medicina Homeopática*, o qual será lançado em 1913 como a "2.<sup>a</sup> edição do *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*".

Esgotada em três anos a 1.<sup>a</sup> edição do *Pequeno Guia Homeopático Para Uso do Povo*, publicada em fins de 1907, falaram-me os editores da conveniência da publicação de uma 2.<sup>a</sup> edição, visto o grande número de pedidos que do livrinho continuavam a receber, sem já poder satisfazê-los.

Concordamos e metemos mãos à obra.

Mas o favor com que o público nos honrou e que não esperávamos, dada a pequenez daquela obra, nos tendo obrigado a dar maiores desenvolvimentos a todas as suas partes na revisão que encetamos, saiu a 2.<sup>a</sup> edição tão grande, e com uma feição tão nova, que não foi possível mais conservar-lhe o antigo nome de *Pequeno Guia*. [...]

De sorte que a 2.<sup>a</sup> edição do *Pequeno Guia* tendo saído da revisão uma obra quase inteiramente nova, nos obrigou a mudar-lhe o nome para *Guia de Medicina Homeopática*, nome que passará a usar doravante<sup>62</sup> (CAIRO, 1913, p.7-8).

Assim como em *O Guia Homeopático para Uso do Povo*, publicado em 1907, Nilo Cairo voltou-se para a educação popular em homeopatia; ele insistiria na estratégia de difundir o conhecimento homeopático à população estimulando-a a utilizar de forma doméstica esses conhecimentos, sem necessariamente o concurso de médicos homeopatas ou mesmo alopatas.

O formato manual era de fácil consulta e com conteúdos que, apesar de científicos, eram compreensíveis por qualquer pessoa que dominasse a língua escrita. É o maior sucesso editorial de Nilo Cairo em toda a sua vida e o de mais longa duração, chegando aos dias atuais.

Dessa forma é que surgiu, em 1913, o *Guia de Medicina Homeopática*<sup>63</sup>, responsável por sucessivas edições e reimpressões até noventa anos depois. Em 2002 a Livraria Teixeira publica a 23.<sup>a</sup> edição do livro.

A estrutura desse guia mantém o didatismo e sentido prático de Nilo Cairo, já demonstrado no guia de 1907. O livro<sup>64</sup> apresenta uma estrutura voltada para a rápida consulta pelo leigo: na *Introdução* encontra-se uma série de orientações gerais aos pacientes, sempre a respeito da homeopatia, como o modo de administração dos medicamentos, mas também orientações dietéticas; na *Teoria Geral da Homeopatia* o autor relata as origens históricas da homeopatia, bem como seus princípios doutrinários; no *Guia Homeopático de Matéria Médica Clínica*, por ordem alfabética estão os medicamentos homeopáticos, seguidos de suas indicações; e, por fim, no *Guia Homeopático de Terapêutica Clínica*, novamente por ordem alfabética estão listadas as principais patologias seguidas dos medicamentos indicados.

---

<sup>62</sup> Prefácio assinado por Nilo Cairo em novembro de 1912.

<sup>63</sup> Que aliás segue a mesma linha do *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*, ou seja é voltado para as famílias, embora tenha sido muito utilizado por médicos.

<sup>64</sup> A descrição se refere à quarta edição, de 1921, com 787 páginas, exemplar do acervo do autor. Embora tenhamos acesso a edições anteriores, as quais tem a mesma estrutura, optamos por descrever a edição de 1921 por ter sido "consideravelmente aumentada".

Essa estrutura mostra que esse livro manteve a linha editorial do *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*, sendo que as duas últimas partes, embora extremamente reduzidas, já existiam no anterior. O fato de Nilo Cairo ter acrescentado a teoria homeopática antecedendo a parte de aplicação prática do livro mostra um autor preocupado em difundir o conhecimento de forma mais profunda, não se contentando apenas com as indicações.

Se em 1907, como já vimos, a publicidade apresentada no *Pequeno Guia Homeopático* era da Farmácia Homeopática de Duarte Velloso e do Nectrol, produto preparado por Velloso em sua farmácia, agora a publicidade é mais farta e divulga não só a farmácia, mas também o laboratório que leva o nome de Nilo Cairo e de produtos ligados a esse empreendimento.

O primeiro anúncio utiliza uma página inteira:

Laboratório Homeopático Dr. Nilo Cairo  
de

Silva & Lima<sup>65</sup>

Praça Tiradentes, 32, Curitiba

Dispõe de um completo sortimento de medicamentos homeopáticos em tinturas, pós, pastilhas e glóbulos, preparados cuidadosa e caprichosamente, em todas as dinamizações, sob a inspeção direta e a fiscalização pessoal do Dr. Nilo Cairo, o que constitui a melhor garantia da pureza e fidelidade dos seus produtos; e executa as mais exigentes encomendas de homeopatia para o interior e fora do Estado por preços sem competência.

Tem à venda numerosos e vários artigos para doentes, e drogas de uso doméstico, colares elétricos para crianças, sabonetes medicinais, *Sabonete de Arnica*, *Sabonete de Calêndula* (para crianças), e de *Hamamelis* (para senhoras), colheres de vidro, de louça ou de chifre para tomar remédios homeopáticos, copinhos graduados, conta-gotas. *Pós para assaduras das crianças*, *Matricaria*, seringas de borracha, mamadeiras, bicos, termômetros, ponto-falso, algodão. *Óleo homeopático para os cabelos*, *Chocolate e Café homeopáticos*, *Farinha de Cevadinha para dieta infantil*, etc., etc., etc.

Boticas homeopáticas de 18 (para algibeira), 32 e 60 medicamentos (para uso doméstico)

Livros de homeopatia em português para uso do povo.

Específicos de Humphreys para varejo e para revender; preços sem competência.

Todos os produtos deste Laboratório são garantidos pelo Dr. Nilo Cairo.

À venda em todas as Farmácias do Estado do Paraná (CAIRO, 1913).

---

<sup>65</sup> Não encontramos documentos que expliquem do que se trata "Silva & Lima", mas é provável que Nilo Cairo tenha se associado a algum farmacêutico para o empreendimento. Em todas as propagandas Nilo Cairo aparece como aquele que dá garantias sobre a qualidade dos produtos ou mesmo como autor da fórmula, mas há ênfase de que os produtos são fabricados por Silva & Lima.

É importante salientar que nesse anúncio estão incluídos os "específicos do Dr Humphreys", que são associações de pelo menos dois medicamentos e que podem ser considerados medicamentos complexos. Os medicamentos complexos foram defendidos por Nilo Cairo quando da polêmica no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Essa defesa foi um dos fatores que interferiram em sua vida para Curitiba, como vimos em capítulo anterior.

Galhardo (1936), quando analisa as correntes da homeopatia (unicismo, alternismo e complexismo), cita o Dr. Humphreys e Nilo Cairo e critica a venda desses medicamentos:

Surgiu posteriormente o Dr. Humphreys, de Utica, nos Estados Unidos da América do Norte, criando os específicos que tem seu nome. São misturas de dois a três medicamentos, salvo os números 20 e 23 que tem quatro, recebendo cada mistura um número e cada número é apontado em um Manual, como sendo específico de várias moléstias. Trinta e cinco é o número de seus específicos que, sem qualquer defesa doutrinária, são empregados para curar todas as moléstias. Apesar de seu sigilo, *The Chironian*, de janeiro de 1905, publicou a relação dos trinta e cinco *Específicos de Humphreys*, os números, a composição de cada número e as moléstias em que devem ser empregados. Não inseriu, porém as dinamizações empregadas nas várias misturas. O Dr. Nilo Cairo, que, apesar de ter sido um homeopata culto e inteligente, admitia e se batia pelo complexismo, organizou os medicamentos das misturas de Humphreys com as dinamizações que julgou admissíveis (GALHARDO, 1936, p.345-346).

O mesmo autor, mais adiante, ataca aqueles que comercializam os medicamentos complexos, como Nilo Cairo o fez:

Rara é, entre nós, a Farmácia Homeopática que não exponha à venda um medicamento complexo, privilegiado pela Saúde Pública. Uma verdadeira infinidade de complexos, cuja utilidade é deturpar a Homeopatia, propagando entre o povo uma ideia falsa da doutrina hahnemanniana (GALHARDO, 1936, p.349).

A ampla oferta de produtos associados ao nome de Nilo Cairo mostra a magnitude do empreendimento: Dentraria (pós homeopáticos para a dentição), Xarope Homeopático (para crianças), Gotas Ferinas (específico para coqueluche), Café Homeopático Higiênico, Maravilha Reguladora do Parto (fórmula do Dr. Nilo Cairo), Vinho Homeopático Tônico do Dr. Nilo Cairo. Além destes produtos outros são anunciados como sabonetes medicinais, brilhantina e óleo para o cabelo, entre tantos.

No corpo da obra muitos desses produtos aparecem como indicações principalmente em uma seção chamada Aplicação Externa dos Medicamentos Homeopáticos, apresentada como Apêndice. Trata-se de apelos comerciais na obra de Nilo Cairo, o que não encontramos em nenhum outro trabalho de Nilo e que desaparece em edições subsequentes do Guia, como a de 1918, a terceira edição da obra (CAIRO, 1913).

Essa obra pode marcar o final do ciclo de produção bibliográfica em que predominam as publicações homeopáticas.

Nos anos que se seguem Nilo Cairo ainda revisará o Guia de Medicina Homeopática para as novas edições e na fase rural de suas publicações publicará mais um livro a respeito da homeopatia, dessa vez o Guia Prático de Veterinária Homeopática, mas não mais predominará a homeopatia como sua área de interesse editorial. Mesmo as suas ações deixarão de estar focadas na homeopatia.

É interessante relatar que, embora o Guia de Medicina Homeopática tenha sido utilizado por muitos anos pelas famílias brasileiras, quando este pesquisador fez o curso de especialização em homeopatia pela Associação Médica Homeopática do Paraná, entre 1987 e 1990, e iniciava a prática homeopática em seu consultório, assim como outros colegas, socorreu-se no "Nilo Cairo"<sup>66</sup>. Assim foi adquirida a última edição do livro, a 23.<sup>a</sup> publicada em 2002, para uso profissional.

O fato de que esse livro de apelo popular seja útil atualmente para profissionais homeopatas, passado um século de seu lançamento, mostra que o seu autor ao popularizar o conhecimento nunca abriu mão de que ele fosse de natureza científica. Traduzir a ciência em palavras compreensíveis e divulgá-la foi uma das tarefas às quais Nilo Cairo se dedicou com mais afinco.

#### 4.4 DESLIGAMENTO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL

O desligamento definitivo do *Instituto Hahnemanniano do Brasil* viria a acontecer no mesmo ano, encerrando-se o que chamamos de fase homeopática na

---

<sup>66</sup> É assim que a população se refere ao Guia, pelo nome de seu autor.

produção de Nilo Cairo. Ele não abandonará as suas concepções em relação à medicina e em especial a homeopatia, mas tanto em suas ações como nas publicações, a homeopatia perderá prioridade.

O desgaste provocado pelo episódio do fracasso da criação da *Sociedade Homeopática Brasileira* fez com que as relações de Nilo Cairo com o *Instituto* rapidamente se deteriorassem e, na reunião do dia 09 de novembro de 1911, seria lida uma carta de Nilo Cairo demitindo-se da condição de sócio correspondente.

pedindo demissão de sócio do mesmo, e na qual diz o Sr. Dr. Nilo já ter em outra carta, anteriormente dirigida ao Sr. Dr. Theodoro Gomes, feito tal pedido. O Sr. presidente declara que, realmente, recebera uma carta do Sr. Dr. Nilo contendo a referida solicitação e submete o caso à apreciação da casa.

Pede a palavra o Sr. Dr. Dias da Cruz e diz que lamenta sinceramente a resolução tomada pelo seu ilustre confrade; acha que o *Instituto* não se poderá ver privado do concurso eficaz de tão ilustre consócio, cujos serviços ao *Instituto* e à causa da homeopatia são inestimáveis (ANNAES, n.12, 1911, p.91-92).

Colocado em votação, o pedido é rejeitado por unanimidade.

Nove dias após essa reunião Joaquim Murtinho estaria morto e os acontecimentos já relatados de que Nilo Cairo teria aproveitado as homenagens feitas por sua revista ao presidente do *Instituto* para reafirmar suas restrições a ele, provocaram reações de seus colegas, principalmente de Juvenal Murtinho:

Pede a palavra o Sr. farmacêutico Juvenal Murtinho e diz que vai ler perante o *Instituto* um trecho de um artigo da *Revista Homeopática Brasileira* em que o Sr. Dr. Nilo Cairo, a propósito da não aceitação da sua demissão de sócio desta casa, faz considerações a respeito do falecido Dr. Joaquim Murtinho excessivamente acrimoniosas e injustas. Lê o trecho referido e diz que o Dr. Nilo sempre foi tratado pelo Dr. Murtinho com especial agrado e distinção não dispensados a outros colegas, e que, dadas as condições de moléstia em que se achava o Dr. Murtinho e os fatos que já se tinham passado, comprometendo-o perante os seus amigos, não era possível que ele acedesse ao que queria o Dr. Nilo e pela forma por que o queria, e daí a atitude pouco cavalheiresca e descabida do Dr. Nilo, atacando um morto que não lhe poderá portanto dar a resposta devida (ANNAES, n.5, 1912, p.252).

Nessa mesma reunião, ocorrida no dia 18 de abril de 1912, vários outros sócios do *Instituto* se manifestam em censura a Nilo Cairo. Theodoro Gomes afirmou que não poderia aceitar "os conceitos por demais injustos do Dr. Nilo Cairo a respeito

da personalidade do seu saudoso ex-presidente". Manifestaram-se ainda Dias da Cruz e Alcides Nogueira em desacordo a Nilo Cairo.

Nos meses que se seguem haverá discordâncias entre Nilo Cairo e Dias da Cruz Filho em relação à reforma dos estatutos do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, culminando com um novo pedido de desligamento por parte Nilo Cairo:

Curitiba (Paraná), 21 de julho de 1912  
 Ilmo Sr. Presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil  
 Tendo resolvido, por motivos particulares, que só a mim dizem respeito, deixar de fazer parte desse Instituto, *renuncio*, nesta data, depondo-o nas vossas mãos, o meu lugar de sócio correspondente, o que vos peço mandeis consignar em ata.  
 Aproveito a oportunidade para apresentar-vos os protestos da minha elevada consideração e profundo respeito e pedir-vos transmitir aos demais membros do Instituto os meus agradecimentos e profunda gratidão pelo distinto apreço com que sempre fui tratado no seio da corporação.  
 Cr.º e am.º mto. obr.º  
 Dr. Nilo Cairo  
 (ANNAES, n.9, 1912, p.377).

Dessa feita, o pedido foi aceito de forma unânime.

Termina aí a fase da homeopatia de Nilo Cairo. Embora não vá abandoná-la, ele se envolverá de forma apaixonada à questão do ensino.

Depois de trabalhar pela homeopatia acreditando sempre na difusão das ideias nos meios populares e profissionais, julgava que o *Instituto Hahnemanniano do Brasil* deveria albergar uma escola de homeopatia. Frustrado na tentativa de convencer seus colegas do Rio, não abandonou seu sonho e iria empreender aqui a criação de uma universidade. Antes, quando frustrou-se com a tentativa de Saturnino Meirelles em impedir as discussões no *Instituto* sobre o uso de medicamentos complexos, abandonou a redação dos *Anais*, mudou para Curitiba e criou aqui sua própria revista. Agora, ataca Joaquim Murtinho, que não o apoiara e vai criar a "sua própria escola".

Antes de se passar ao próximo período da vida de Nilo Cairo, há que se fazer um registro da sua vida pessoal e trazer algumas informações sobre a carreira militar.

Ao lado de termos encontrado nesse período um homem combativo e operante na defesa da homeopatia, encontramos também indícios de que a sua vida pessoal tenha sido repleta de problemas.

Tendo chegado viúvo a Curitiba, não estava de todo só. Tinha as responsabilidades em relação ao filho, fruto de seu primeiro casamento, o qual, como já afirmamos, tinha sérios problemas de saúde.

Sebastião Paraná (1922, p.272) anotou em seu livro *Galeria Paranaense* que Nilo "em 1910<sup>67</sup> casou-se em segundas núpcias com D. Leonor Lopes da Silva, filha do honrado e laborioso paranaense Coronel Jesuino Lopes". A família de Leonor Lopes será fundamental para que Nilo Cairo não sofra resistências em sua vida profissional em Curitiba. A estratégia matrimonial vem completar o que já havia feito com o exercício da homeopatia. Segundo Carneiro (1963, p.545), Leonor era neta de Candido Martins Lopes, fundador do *Dezenove de Dezembro*, primeiro jornal do Paraná.<sup>68</sup>

Esse casamento lhe daria parentesco com Flavio Ferreira da Luz<sup>69</sup>, pois este havia se casado com a irmã de Leonor, Sarah. Portanto, Flavio Luz era concunhado de Nilo Cairo e será seu companheiro na iniciativa de criação da Universidade no Paraná, como veremos adiante.

Leonor tendo contraído tuberculose provocou a mudança do casal para a cidade de Palmeira, para se beneficiar dos ares do campo em seu tratamento. Nilo Cairo teria permanecido naquela cidade cerca de um ano "estudando e clinicando", voltando a Curitiba assim que a esposa apresentou sinais de melhora. Do casamento de Nilo Cairo e Leonor Lopes nasce uma filha, Sarah Lopes da Silva (CARNEIRO, 1963, p.545; 1984, p.15-16).

Nilo Cairo não conviverá com essa filha nos primeiros anos de sua vida, pois o casamento de Nilo e Leonor enfrentando sérios problemas resultará em separação.

---

<sup>67</sup> Carneiro confirma esta data em sua obra *Nilo Cairo: biografia* (CARNEIRO, 1984, p.15), mas havia afirmado em obra anterior, a *Galeria de Ontem*, que Nilo Cairo casara-se com D. Leonor em 1906 (CARNEIRO, 1963, p.545).

<sup>68</sup> O Dezenove de Dezembro circulou pela primeira vez no dia 1.º de abril de 1853, cujo proprietário, o tipógrafo Candido Martins Lopes assentara-se na recém criada província do Paraná, vindo do Rio de Janeiro. Esse jornal dava publicidade aos atos do novo governo, de Zacarias de Góes e Vasconcellos (MARTINS, 1999, p.59-60).

<sup>69</sup> Flávio Ferreira da Luz em 1909 tornou-se bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi um dos precursores do espiritismo no Paraná (OLIVEIRA, 2012, p.60).

Novamente temos a repetição dos fatos ocorridos no final da estada de Nilo Cairo no Rio de Janeiro, onde o homeopata produzia bastante no trabalho, mas ao mesmo tempo vivia dramas familiares como a morte da primeira esposa e a doença do filho. Agora precisa enfrentar os problemas de saúde da mulher, o fim do casamento e a separação da filha ainda pequena enquanto se desliga do *Instituto*.

Em relação à sua carreira militar, nota-se que, embora, inicialmente, a justificativa apresentada por Nilo Cairo para a solicitação de afastamento temporário da redação dos *Anais* tenha se referido às suas obrigações militares, nem o próprio Nilo atribuiu relevância aos seus feitos na carreira militar, pois não ficaram registros a esse respeito. Nilo tinha acesso à imprensa e fez publicar as suas opiniões estabelecendo as polêmicas que julgou relevantes e ocorre que em nenhum momento encontramos referências a temas ou assuntos ligados à sua vida militar.

Há diversos relatos de um de seus biógrafos sobre o seu desinteresse pela vida militar, ou pelo menos pelo seu despreço pelo uso do uniforme militar (CARNEIRO, 1963; 1984).

É possível que a vida militar, como opção na maturidade, realmente não fizesse parte dos seus planos, sendo que a vida militar e sua formação na Academia Militar da Praia Vermelha tenham sido importantes para cunhar nele a mentalidade positivista, o engenheiro disciplinado, mas, sobretudo, foi a vida no exército que lhe permitiu sair de Paranaguá e formar-se médico no Rio de Janeiro. Considerando sua origem social – filho de telegrafista e professora primária – não teria conseguido formar-se médico sem a passagem pela vida militar. Assim, cursar a Academia Militar foi fundamental em suas estratégias de ascensão social, numa sociedade elitista.

Quando chegou a Curitiba em fevereiro de 1906, Nilo Cairo era 2.º tenente e em 1908 foi promovido a 1.º tenente, na arma de engenharia. Essa promoção passou a valer a partir do dia 27 de agosto de 1908 e está publicada no *Diário Oficial* de 10 de outubro de 1908. A sua promoção a capitão, na arma de engenharia, ocorreu a 07 de dezembro de 1910, e foi publicada no *Diário Oficial* de 30 de dezembro de 1910. A promoção a capitão foi efetivada mais tarde, pois no *Diário Oficial* de 08 de fevereiro de 1911 ainda se fala da promoção de Nilo Cairo como "proposta" da "Comissão de Promoções", sendo que a classificação como capitão no dia 11 de fevereiro de 1911 está publicada no *Diário Oficial* de 16 de fevereiro daquele ano (DIARIO OFFICIAL, 08.02.1911, p.10; 16.02.1911, p.5).

Nilo Cairo, no posto de capitão, teria solicitado a reforma do Exército, no mesmo ano de 1911, segundo Carneiro (1963, p.545; 1984, p.15). Ao fazê-lo teria sido reformado no posto de major. Carneiro afirma que o motivo que levou Nilo Cairo da Silva a pedir a reforma foi a sua surdez, resultado da própria prática militar.

Não encontramos nenhuma consistência na afirmação de Carneiro de que Nilo Cairo tenha chegado a major, pois referências posteriores encontradas em *Diário Oficial* tratam Nilo Cairo como "capitão reformado", sendo a última que localizamos datada de 1941<sup>70</sup> (DIARIO OFICIAL, 01.07.1941, p.51).

Ainda, naquele ano de 1912, em que seu pedido de afastamento definitivo do *Instituto Hahnemanniano do Brasil* foi aceito por unanimidade, em reunião acontecida no dia 12 de dezembro, os *Anais* registrariam os próximos passos de Nilo Cairo, não sem uma ponta de ressentimento:

O Paraná vai ter uma Universidade, na organização da qual esta empenhada a atividade do nosso colega Dr. Nilo Cairo. Será possível que só nós fiquemos na inação?! Não é possível, precisamos trabalhar! (ANNAES, n.5, fev., 1913).

Esse tom de desabafo ocorre em uma discussão em que o presidente do *Instituto* traz o problema de falta de recursos financeiros para a instalação de uma faculdade de homeopatia, a *Faculdade Hahnemanniana*, e propõe utilizar recursos do *Instituto*.

Sete dias depois Nilo Cairo participaria da criação da Universidade do Paraná.

#### 4.5 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Como vimos, a posição de Nilo Cairo na homeopatia brasileira já é muito conflituosa, principalmente a partir das polêmicas internas em que se envolveu no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Porém, o seu ímpeto criativo o impele a outros projetos, agora no Paraná. Esse estado que está emancipado politicamente há

---

<sup>70</sup> Trata-se de melhoria de pensão de herdeiras de Nilo Cairo, Ermelinda Schmidt da Silva, 1938 e Sarah Silva Cavagnari, em 1941.

pouco mais de meio século e buscando a sua emancipação econômica principalmente pelo mate, necessitará que quadros de profissionais, o que lhe completaria a emancipação, desta vez a intelectual. É nesse contexto que Nilo Cairo se envolverá na criação da Universidade Federal do Paraná.

Como vimos Nilo Cairo nesses anos passou por várias situações delicadas, mas mesmo assim esteve sempre atento ao que se passava no Brasil. Fiel ao pensamento positivista já havia publicado em 1909 na *Revista Homeopática Brasileira* o artigo intitulado *Pela Liberdade Profissional*. A motivação para esse artigo foi o debate ocorrido na *Academia Nacional de Medicina*, onde se discutia o exercício da homeopatia pelos leigos em consultórios espíritas. Nilo Cairo se posiciona pela liberdade do exercício profissional afirmando que:

A época que atravessa a medicina é uma época de transição; só a mais completa liberdade profissional pode permitir a vitória da verdadeira doutrina e que cada um seja responsável perante a lei pelos erros que cometer, sem que aos doutores o diploma, às vezes ganho à custa de *colar* o Paul Lefert<sup>71</sup>, possa servir de capa e a ignorância de desculpa aos curandeiros (REVISTA HOMOEOPATHICA BRAZILEIRA, n.11, nov. 1909, p.241-243).

A liberdade profissional era defendida pelos positivistas, que exigiam um menor controle do Estado sobre as profissões. O diploma oficial era considerado um cerceamento a liberdade, não sendo, porém, para Nilo Cairo, aceitável que aqueles que exercessem as profissões o fizessem sem instrução alguma, e é por esse motivo que ao lado da liberdade profissional Nilo Cairo é favorável à liberdade de ensino e à responsabilização dos atos daqueles que exercerem as profissões.

Em 1911 a reforma de ensino promovida pela Lei Rivadavia<sup>72</sup> faz com que Nilo publique na *Revista Homeopática Brasileira* o artigo *Reforma do Ensino*, no qual comenta a reforma da educação. Nesse artigo Nilo Cairo lamenta que a tentativa de criar uma Escola Homeopática no Rio de Janeiro não tenha dado certo.

---

<sup>71</sup> Paul Lefert publicou, em língua francesa, uma série de manuais para a preparação para exames de diversas cadeiras do curso de medicina como histologia, fisiologia, medicina legal, patologia, medicina operatória, clínica médica, entre outros.

<sup>72</sup> Pelo Decreto n.º 8.659, de 05 de abril de 1911, lei orgânica do ensino superior e do fundamental, assinado pelo Presidente da República Hermes da Fonseca e pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, Rivadavia da Cunha Corrêa, foi instaurada uma reforma do ensino que liberou e desoficializou o ensino superior no país.

Portanto, o interesse de Nilo Cairo pelo ensino é anterior à ideia de criação da Universidade do Paraná. Antes da abertura provocada pela Reforma do Ensino, como vimos, Nilo voltou para o Rio de Janeiro com o objetivo de criar uma escola médica para o ensino da homeopatia.

Malgrado seu esforço em contar com a força de Joaquim Murinho, como já visto, Nilo não teve o apoio dos homeopatas da Capital Federal. A frustração por tal desfecho não o abateu por muito tempo, rapidamente voltou a Curitiba e ao lado de seu concunhado Flavio Luz empreendendo nova tentativa, desta vez longe dos homeopatas e do *Instituto Hahnemanniano*.

Como vimos, Domingos Duarte Velloso havia sido importante para que Nilo se fixasse em Curitiba e desenvolvesse sua clínica, suas publicações e empreendimentos a serviço da homeopatia. Agora, desligado do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, olhando para o Paraná para além dos limites da homeopatia, Nilo Cairo abandonará temporariamente o estilo de divulgação popular das suas ideias e de educação popular para se envolver com a educação profissional. Nesse cenário, Nilo precisará estabelecer vínculos com outros segmentos sociais e mesmo indivíduos, fora da configuração médico-homeopática. É provável que o capital cultural e o capital social<sup>73</sup> que acumulou como médico homeopata lhe forneceram as credenciais necessárias para participar do projeto de criação da Universidade do Paraná. Nesse sentido foram importantes, para ele, as ligações com Flavio Ferreira da Luz.

O cenário político com a Reforma Rivadavia é favorável a novos empreendimentos educacionais e científicos. A Lei Rivadavia havia retirado do poder central o monopólio sobre o ensino superior no país. Este é o momento em que os positivistas podem concretizar no Paraná o projeto de um ensino laico desvinculado do controle do Estado. Ao mesmo tempo, podiam retomar e dar continuidade ao plano de Rocha Pombo (1857-1933)<sup>74</sup>, de criar uma universidade no Paraná, o qual não se concretizou, como veremos mais adiante. A nova legislação abria possibilidades concretas para que dessa vez isso fosse possível.

---

<sup>73</sup> Utilizamos aqui estes conceitos na perspectiva que foram desenvolvidos em Bourdieu, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

<sup>74</sup> José Francisco da Rocha Pombo, professor, jornalista, romancista e historiador paranaense obteve concessão, em 1892, para criar uma universidade em Curitiba, porém o projeto não se concretizou.

A criação da Universidade do Paraná é resultado da junção de dois grupos que iniciaram os trabalhos quase simultaneamente, porém sem conhecimento um do outro. Um dos grupos, o de Victor do Amaral, representa os interesses da elite econômica paranaense, que sentia a necessidade de formação dos profissionais para dar sustentação à atividade econômica. Ao lado de Victor, entre outros, estava Pamphilo de Assumpção. O outro grupo é representado pelo pensamento positivista, oriundo da Academia Militar do Rio de Janeiro e era liderado por Nilo Cairo, ao lado de Daltro Filho, Flavio Luz e Hugo Simas.<sup>75</sup>

Estimulado pela Lei Rivadavia, Victor do Amaral reuniu um grupo de pessoas no dia 12 de junho, entre os quais estava Miranda Rosa, diretor do Banco de Curitiba, e Pamphilo de Assumpção, com o objetivo de tratar-se da "fundação de uma Universidade" (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.3).

Porém, segundo o relato do próprio Victor do Amaral, os trabalhos ficaram estagnados. O grupo de Nilo Cairo também havia iniciado os trabalhos, mas ao saber, pelos jornais, da iniciativa de Victor do Amaral, também pararam os trabalhos, como refere Nilo Cairo:

No mesmo dia em que o "Diário da Tarde" de Curitiba, tornou pública a ideia dos Srs. Drs. Victor do Amaral e Pamphilo de Assumpção, o autor destas linhas, em palestra, á noite, em seu gabinete, com o Sr. Dr. Manoel de Cerqueira Daltro Filho, engenheiro militar e hoje lente da cadeira de mecânica do Curso de Engenharia desta Universidade, o autor destas linhas sem haver lido o jornal, aventara a mesma ideia, propondo trabalharem juntos na fundação de um estabelecimento de ensino superior nesta Capital, com vários cursos. No dia seguinte, voltando a falar ao Se. Dr. Daltro Filho, soube da notícia publicada no "Diário" e a ideia foi então posta de parte, à espera do desenvolvimento e realização do projeto já lançado.

Os meses, porém, passaram-se e ninguém mais falou da fundação da Universidade. Parecia, pois, a ideia abandonada, quando o autor destas linhas, passando pela porta do Sr. Dr. Flavio Luz, diretor do Ginásio Curitibano e hoje lente da primeira cadeira de direito criminal do Curso de Ciências Jurídicas e Sociais desta Universidade, foi por este convidado para organizar um curso particular de odontologia no mesmo Ginásio, que ele pretendia fundar. Eu e o Dr. Flavio Luz ficamos de nos entender depois a respeito. Estávamos em fins de outubro de 1912 (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.14).

---

<sup>75</sup> Wachowicz (2006, p.46) relata ainda o papel de Fernando Moreira, que sendo diretor de um estabelecimento de ensino, a *Escola Republicana*, viajou ao Rio de Janeiro, para tratar com o ministro Rivadavia da equiparação de sua escola ao *Ginásio Paranaense* e teria sido o primeiro paranaense ao ouvir do ministro que se poderia criar uma universidade no Paraná. Alceu Chichorro, filho de Chichorro Junior alega, em denúncia ao jornal *O Dia*, que a ideia da universidade teria partido de seu pai, Fernando Moreira e Pamphilo de Assumpção (LIVRO DE RECORTES, O DIA, 05.07.1931).

Nilo relata que à ideia inicial de se criar um curso de odontologia foram se acrescentando outros cursos como comércio, agrimensura, obstetrícia e direito. O grupo inicialmente composto por Nilo Cairo, Daltro Filho e Flavio Luz reunia-se todas as noites no gabinete de Nilo Cairo, à Praça Tiradentes, n.º 32. Logo resolveram, pela ampliação vertiginosa da proposta, chamar o empreendimento de "Universidade do Paraná", pretendendo inaugurá-la em 1.º de janeiro de 1913.

A ideia foi anunciada pelo *Comércio do Paraná* no dia 26 de novembro. A partir daí se consolidou a parceria entre os dois grupos: o liderado por Nilo Cairo e aquele envolvendo o Victor do Amaral:

A esta hora, já fora convidado para lente do Curso de Obstetrícia o Sr. Dr. Victor do Amaral, a quem dias depois, a comissão iniciadora, como justa homenagem à sua competência e ao fato de ter sido ele, meses atrás, um dos autores da ideia de criação de uma Universidade em Curitiba, devia eleger para daí em diante chefiar a organização e instalação do novo instituto de ensino superior.

Publicada a notícia do que projetávamos fazer não devíamos ficar calados, e no mesmo dia, dirigi uma carta ao "Diário da Tarde", explicando-lhe o nosso plano da Universidade do Paraná.

Não era então mais possível recuar. Dois dias depois, procuramos o Sr. Dr. Victor do Amaral, a quem oferecemos o lugar de presidente da comissão organizadora (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.16).

A comissão continuava a se reunir todas as noites no gabinete do Dr. Nilo Cairo com a participação dos Drs. Victor do Amaral<sup>76</sup>, Flavio Luz, Hugo Simas<sup>77</sup>, Daltro Filho<sup>78</sup> e Euclides Bevilaqua<sup>79</sup>.

---

<sup>76</sup> Victor Ferreira do Amaral e Silva, nasceu no atual município da Lapa, em nove de dezembro de 1862, sendo que seu pai tinha uma fazenda, cuja principal produção era a erva-mate.

Em 1872, com apenas nove anos de idade veio para Curitiba para estudar e mais tarde, em 1874 foi enviado para o Colégio Abílio no Rio de Janeiro.

Em 1878 matriculou-se na *Imperial Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, onde formou em medicina. Consta que defendeu a monografia sobre o tema *Influência da Prenhez sobre as Moléstias Pulmonares*, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 21 de agosto de 1884 e defendida em 10 de dezembro do mesmo ano

Exerceu a medicina (Ginecologia e Obstetrícia) em Curitiba tendo tido importante atuação na Santa Casa de Misericórdia.

Entre outros cargos públicos foi Diretor de Saúde Pública do Estado do Paraná, Deputado Estadual, Vice-presidente do Estado, Diretor Geral da Instrução Pública e Deputado Federal (LIMA, 1982, p.8-14).

Victor foi instrutor de educação no Paraná tendo sido o responsável pela construção do edifício do Ginásio Paranaense, hoje albergando a Secretaria da Cultura. Militou pela agricultura paranaense, tendo sido, inclusive o autor de monografia sobre o mate, a qual derivou em publicação de um livreto de divulgação dessa planta.

O jornal o *Comércio do Paraná*<sup>80</sup> dava total apoio à iniciativa, porém isso não era unanimidade na imprensa, como se pode ver na notícia abaixo, dada pelo próprio *Comércio do Paraná*:

Estamos vendo que os esforços dos ilustrados cidadãos que cuidam em fundar a Universidade do Paraná estão sendo coroados de todo o êxito, pois até os nossos distintos colegas d' A República, amenizando a sua repugnância pelas academias e pelos homens formados, já acham que a Universidade está parecendo "um mal aceitável" (COMMERCIO DO PARANÁ, 29.11.1912).

Inicialmente estava se planejando a abertura dos cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Agrimensura, Odontologia, Obstetrícia e Comércio, mas, por sugestão do João David Pernetta, o grupo resolveu substituir o curso de Agrimensura pelo de Engenharia. Resolveram incluir também os cursos de Veterinária, de Agronomia e de Farmácia.

Já em dezembro, Nilo Cairo foi encarregado da missão de comunicar ao Presidente do Estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pedindo-lhe o "seu apoio moral".

A 11 de dezembro, o Sr. Dr. Presidente do Estado recebeu-me muito gentilmente e declarou-me que dava de todo o seu coração o aplauso à nobre ideia que levantávamos e que tanto devia orgulhar o Paraná; convidado por mim, em nome da comissão, para ocupar uma cadeira, que se achava vaga, no Curso de Engenharia Civil, S. Exa. excusou-se escrupulosamente, por ser presidente do Estado e ter talvez mais tarde de proteger materialmente a nova instituição: disse ele que não podia dar a si mesmo alguma coisa, se algum dia, no seu governo, tivesse de dar alguma coisa à Universidade do Paraná. E a correr na conversação, sugeriu a ideia de realizarmos a sessão

<sup>77</sup> Hugo Gutierrez Simas nasceu em Paranaguá em 1883. Estudou Farmácia e Direito no Rio de Janeiro. Era maçom (OLIVEIRA, 2012, p.61).

<sup>78</sup> Manuel de Cerqueira Daltro Filho nasceu na Bahia em 1882. Coursou as Escolas Militares do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Engenheiro Militar (OLIVEIRA, 2012, p.60)

<sup>79</sup> Euclides Bevilaqua nasceu no Ceará em 1869. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife em 1891; Juiz de Direito transferido para o Paraná em 1892; Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná e Procurador Geral de Justiça em 1900 (OLIVEIRA, 2012, p.59).

<sup>80</sup> Importante salientar que esse jornal fora fundado por Victor Ferreira do Amaral e Silva: "como que pressentindo a obra que iria realizar, Victor Ferreira do Amaral fundava na oportunidade com mais alguns companheiros o jornal *Comércio do Paraná*, que haveria de dar, sob sua inspiração, uma total cobertura jornalística sobre os eventos universitários que se aproximavam" (WACHOWICZ, 2006, p.43).

inaugural da Universidade a 19 de dezembro, para a qual de bom grado cederia o salão das sessões do Congresso Legislativo do Estado (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.16-17).

Como Nilo Cairo e grupo haviam recuado de seus propósitos quando verificaram que Victor Amaral tinha projeto semelhante, é provável, para a visão de Nilo Cairo, que o grupo comandado por Victor do Amaral tivesse maiores chances de sucesso, em função de seu prestígio. Victor, além de médico respeitado, representava os interesses da elite ervateira paranaense.

O sucesso foi consequência da junção do prestígio de Victor do Amaral e da capacidade de trabalho de Nilo Cairo. O próprio Victor reconhece na abertura do relatório que desconhecia essa capacidade:

Dois meses depois, tive a fortuna de ser procurado pelo Sr. Dr. Nilo Cairo da Silva, cuja enorme capacidade de trabalho era então por mim desconhecida, o qual, julgando fracassada a minha tentativa de organização, vinha me convidar para lente da cadeira de Obstetrícia de uma Universidade, cujo plano ele estava elaborando.

Vendo que o trabalho de organização do Dr. Nilo Cairo estava mais adiantado que o meu, e não estando eu agindo por sentimentos subalternos de primazia, acedi de bom grado ao convite que me era feito, certo de que assim atingiria mais facilmente ao fim por mim colimado – a fundação da Universidade do Paraná.

Incorporando-me aos companheiros do Dr. Nilo Cairo, constituímos a comissão organizadora da Universidade da qual me conferiram a imerecida honra de fazer presidente (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.4).

O grupo de Nilo Cairo da Silva já estava com os programas da universidade adiantados quando resolveu-se procurar Victor do Amaral, o qual foi imediatamente incorporado como presidente da comissão.

Essa estratégia garantiu o sucesso da empreitada, em função do prestígio político de Victor do Amaral. Sem Victor do Amaral havia o risco de repetir-se o insucesso de Rocha Pombo. Prova disso é a imediata recepção que o presidente do Estado do Paraná teve para com a ideia da fundação da Universidade.

No mesmo ano em que o desgaste no *Instituto Hahnemanniano do Brasil* o remete desanimado para fora do Instituto, ele já está às voltas com uma nova paixão, que também o consumirá. Agora, no entanto, terá em Victor do Amaral a força moderadora e mantenedora de suas ações.

A teoria das configurações sociais mostra as ligações (interdependências) entre os agentes, as valências pelas quais esses se ligam aos outros. Nesse sentido, ela nos ajuda entender que a associação entre Victor do Amaral e Nilo Cairo é desencadeadora e força de sustentação dos projetos que se construíram para a afirmação do Paraná autônomo não somente política e economicamente, mas também intelectualmente.

Para Nilo Cairo, as relações com Domingos Duarte Velloso, Flavio Ferreira da Luz, Daltro Filho ou Victor do Amaral estarão sempre carregadas de afeto, seja pela amizade, seja pelo parentesco, seja pelo trabalho. Quando da dedicatória a Victor do Amaral em um dos seus livros, Nilo torna público esse afeto. É como se Nilo Cairo ligasse Victor a uma de suas valências livres, apesar de ter muitas delas ocupadas pelas relações que construiu na homeopatia.

É claro o fato de que Nilo Cairo e sua capacidade de trabalho foram sustentados pelo prestígio de Victor do Amaral. Aí está evidente a interdependência entre Victor e Nilo. Victor funciona, assim, como o fiador simbólico de Nilo, nesta configuração, até o momento em que Nilo dá prova desta capacidade como secretário da Universidade do Paraná. Mais tarde, como veremos, por ocasião dos desentendimentos na Santa Casa, Nilo perde a confiança de seus pares e não lhe resta alternativa a não ser retirar-se da Universidade do Paraná. É interessante observar como o movimento prestígio/desprestígio que representa a alternância ou a conservação de poder pelos agentes numa configuração fica claro no exemplo de Nilo Cairo. Foi assim também com sua participação *Instituto Hahnemanniano do Brasil* no Rio e sua vinda para Curitiba.

Outra valência é ocupada pelo poder constituído no Estado e não é por acaso, portanto, que a data escolhida para a abertura da Universidade do Paraná tinha sido 19 de dezembro. Simbolicamente essa data marca um duplo compromisso: o do Estado em apoiar o ensino livre (privado) com subvenções públicas, explicitado por Carlos Cavalcanti ao receber Nilo Cairo, e o da nova universidade, que apesar de fruto da iniciativa particular, se colocar a serviço dos interesses da elite econômica e política do Paraná.

A comissão, que tomou a si a organização do estabelecimento, pensara fazer a sessão eleitoral<sup>81</sup> a 19 do corrente, e a sessão solene de instalação a 2 de janeiro próximo. Em virtude, porém, do desejo externado pelo sr. Presidente do Estado, dr. Carlos Cavalcanti, cujo espírito adiantado e progressista não pode deixar de apoiar moralmente a nova instituição, que tanto vem elevar o nível da nossa cultura mental, em virtude do seu desejo de ver a data da fundação da nossa primeira Universidade coincidir com o aniversário da nossa emancipação política, a comissão resolveu realizar, no referido dia 19, as duas sessões, a eleitoral, traje à vontade, a 1 hora da tarde, e a sessão solene, traje de rigor, gravata branca, as 7 horas da noite, tudo no Palácio Legislativo do Estado, gentilmente cedido pelo governo para esse fim (COMMERCIO DO PARANÁ, 12.12.1912).

Em resposta ao apoio dado por Carlos Cavalcanti à Universidade do Paraná, Nilo Cairo propõe que ele seja nomeado diretor honorário, o que foi aprovado na reunião de 19 de dezembro.

Utilizamos as valências de Elias como recurso metodológico para entender como se fizeram as ligações entre Nilo e Velloso. Nilo, como mostrado, estava numa posição importante e gozava de prestígio e reconhecimento na configuração medico-homeopática no Rio de Janeiro. Por sua vez Velloso era um farmacêutico prestigiado em Curitiba e a associação com Nilo beneficiou os dois, seja por meio das atividades médica e farmacêutica dos dois, seja pela criação da revista de homeopatia, que de revista local em breve passou a ser a principal revista de homeopatia do país, com reconhecimento internacional.

Em 19 de dezembro de 1912, dessa forma, abre-se a Universidade do Paraná, e quem fará o discurso na noite de inauguração será o professor Daltro Filho<sup>82</sup>, militar de mesma origem de formação que Nilo Cairo.

Assim, ressurgem novamente as relações pessoais e afinidades filosóficas construídas na Academia Militar da Praia Vermelha. Daltro Filho foi contemporâneo de Nilo na Escola Militar. Na primeira administração da Universidade do Paraná ocupa a função de subsecretário. Nas fotos do corpo dirigente da universidade recém-criada Daltro Filho aparece uniformizado, enquanto Nilo Cairo está em trajes civis, pois Nilo a esta altura já havia passado para a reserva, enquanto Daltro seguia a

---

<sup>81</sup> Sessão para eleição dos membros da diretoria, conselho econômico e conselho superior.

<sup>82</sup> Daltro Filho, assim como Nilo, também fez sua formação militar na Escola da Praia Vermelha no Rio.

carreira militar. De qualquer forma, Nilo não gostava de vestir-se como militar, mesmo quando aluno da Academia.

Nilo Cairo traz para a Universidade não somente o rigor e a disciplina militares, como também muitos de seus ex-colegas de armas: Plínio Alves Tourinho, Guilhermino Baeta de Faria e Mário Alves Monteiro Tourinho, atuavam principalmente no curso de engenharia.

No discurso Daltro Filho faz uma análise da formação do povo brasileiro e alerta para o fato de que as novas gerações deverão aceitar como missão a formação de um espírito nacional e atribui esse papel à escola. Como positivista, acredita na educação como redentora de uma sociedade atrasada (sic) como o Brasil e elogia o Ministro do Interior pela Lei Rivadavia.

É importante ressaltar que em seu discurso cita apenas Nilo Cairo como responsável pela iniciativa de concretizar o sonho de Rocha Pombo:

Senhores. Só nos resta acentuar que a ideia da Universidade não é original nem nova.

Semeou-a Rocha Pombo, em 1892, como no-lo conta Euclides Bandeira, mas pensando, então, o preclaro historiógrafo patricio, que ela necessitaria de vinte anos para percorrer as fases subjetivas por que passam as ideias, antes da completa e irradiante objetivação.

Concretizou-a, agora, em bela criatura o gênio fecundo de Nilo Cairo num lance de esplêndida energia.

Não o louvemos nós, magoando-lhe a modéstia. Um nome, cujo brilho já assinalaram letras estrangeiras, dispensa o ornamento vulgar de uns pálidos adjetivos (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.81).

Outros militares também assumirão cadeiras na Universidade do Paraná, principalmente no Curso de Engenharia Civil. Este curso teve dificuldades em constituir um quadro de docente com professores sem formação militar, "pois eram pouquíssimos os engenheiros civis então atuantes na cidade". Foi "graças, porém, aos elevados e patrióticos propósitos de colaboração de um grupo de prestimosos engenheiros militares que, como oficiais do exército, aqui serviam, tornou-se possível prover todas as cadeiras". Nilo Cairo embora engenheiro militar, "preferiu, como médico que também era, ser catedrático de Patologia e Fisiologia dos cursos de medicina e odontologia" (PUPPI, 1986, p.10).

Assim, percebe-se que a formação como engenheiro militar e como médico permitiu a Nilo diversificar suas associações e colocar-se na configuração como um agente privilegiado, por poder transitar entre médicos e engenheiros. Há que se perguntar, porém, se de fato é essa formação diversificada que lhe permite isso, se é sua atuação no *Instituto Hahnemanniano* ou se a posição ocupada por ele na configuração médico-homeopática no Rio de Janeiro. Podemos dizer que essas condições não são excludentes, embora não tenhamos como precisar o quanto uma ou outra são determinantes. Mas, por certo, essas condições o ajudaram a constituir a rede de relações necessária para que pudesse participar do projeto da elite paranaense, já que pela sua origem social isso estaria vedado.

Por mais que se queira acreditar que Nilo se sustente por seu brilhantismo tão acentuado pelo discurso ufanista e laudatório de alguns de seus biógrafos, os dados apontam para o contrário. Não fosse sua associação com Victor do Amaral e o seu grupo, Nilo não teria participado do projeto de criação da universidade. Ser aceito pela elite paranaense do mate foi a condição que lhe permitiu ser incluído como agente desse processo.

Nilo se dedica às tarefas que lhe cabem após a fundação da universidade e reconhece o prestígio e a liderança de Victor do Amaral, torna-se seu principal assessor, ocupando as funções de secretário da Universidade do Paraná até que desgastado se retira ao findar o ano de 1916.

A primeira Diretoria<sup>83</sup> da Universidade do Paraná, segundo o Relatório de 1913 (p.19), teve a seguinte composição:

- Diretor: Victor Ferreira do Amaral e Silva (médico);
- Vice-diretor: Euclides Bevilaqua (advogado);
- Secretário: Nilo Cairo da Silva (engenheiro militar e médico)
- Subsecretário: Daltro Filho (engenheiro militar);
- Tesoureiro: Flavio Ferreira da Luz (advogado);
- Bibliotecário: Hugo Gutierrez Simas (advogado).

---

<sup>83</sup> Além da diretoria, foram eleitos o Conselho Econômico e o Conselho Superior.

Apesar da desconfiança inicial, por parte da imprensa, a Universidade do Paraná é acolhida com entusiasmo. Em uma crônica, publicada no *Comércio do Paraná* Generoso Borges transborda de otimismo em relação á contribuição da Universidade para a mudança do cenário da capital paranaense, considerada uma cidade acanhada. A chamada para a leitura da crônica já nos remete ao seu conteúdo – A Universidade do Paraná vai funcionar. – Os jovens paranaenses vão transformar a capital em uma nova Coimbra:

A Universidade está definitivamente criada, com casa, material e estudantes. Dentro de alguns anos, quando o renome dessa instituição passar as fronteiras, Curitiba será, na sua vida intelectual, uma Coimbra dos bons tempos, com veneráveis professores e estudantes alegres, barulhentos poetas, oradores das massas, transformando a cidade silenciosa e pacífica num Cenáculo e numa eterna folia, onde haverá arte e riso, talento e espírito de crítica. E então bem mais feliz será a nossa terra (COMMERCIO DO PARANÁ, 23.01.1913).

Tendo iniciado suas atividades em um casarão alugado na rua Comendador Araujo n.º 42, a Universidade adquiriu um terreno na esquina da rua Carlos de Carvalho com a rua Visconde de Nacar, onde pretendia construir uma sede própria (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.20). Recebendo, porém, em doação pela municipalidade um terreno na Praça Santos Andrade, inicia aí sua construção. A pedra fundamental do edifício foi lançada em 31 de agosto de 1913, sendo Nilo Cairo escolhido para compor a comissão de fiscalização das obras ao lado de Daltro Filho e João Moreira Garcez (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.93).

O contrato para a construção do edifício, inicialmente planejado para o terreno da Rua Carlos de Carvalho, foi assinado no consultório de Nilo Cairo. Wachowicz (2006, p.64) apresenta-nos o relato de Plácido Silva sobre esse episódio. Tratou-se de uma reunião "no gabinete do Dr. Nilo Cairo, instalado nos fundos da Farmácia e Laboratório Homeopático<sup>84</sup>, à Praça Tiradentes", onde estavam Victor do Amaral, Nilo Cairo e Plácido Silva aguardando Bortolo Bergonse, o construtor, para a assinatura

---

<sup>84</sup> Trata-se do Laboratório Homeopático Dr. Nilo Cairo situado na Praça Tiradentes, n.º 32. Os produtos desse laboratório estão fartamente anunciados em propagandas ao final da edição de 1913 do *Guia de Medicina Homeopática*.

do contrato. Enquanto Victor do Amaral preocupava-se com a falta de dinheiro, Nilo Cairo dava as últimas instruções para o contrato "naquele seu jeito especial, fumava cigarro após cigarro". Victor com "certo nervosismo", "andava, inquietantemente de um lado para outro". "E o Dr. Victor, com aquela coragem que se constituiu em apanágio de sua pessoa, comprometendo-se nas mais aventurosas iniciativas de Nilo Cairo, firmou o documento".

A ocupação do edifício da Praça Santos Andrade foi gradativa. No dia 13 de abril de 1914 começaram a funcionar algumas aulas no novo edifício, ainda em construção.

Nilo Cairo se envolverá também na execução de mais um plano ligado à Universidade do Paraná, que é a criação da Maternidade do Paraná, que será instalada no prédio da Rua Comendador Araújo. Essa maternidade se apresentava como necessária para o ensino da obstetrícia nos cursos oferecidos pela Universidade.

O jornal *Comércio do Paraná* anuncia em janeiro de 1914 que os trabalhos para a criação da Maternidade do Paraná estão sob responsabilidade de uma comissão composta por Reinaldo Machado, Nilo Cairo e Petit Carneiro. O jornal aposta na competência de Nilo Cairo para afiançar que não haverá atrasos na instalação da Maternidade: "a comissão, a que foi cometida a tarefa da instalação da útil instituição, trabalha ativamente, e, como dela faz parte o ativíssimo secretário da Universidade, sr. dr. Nilo Cairo, pode-se contar desde já que nem um dia será retardada a inauguração da nossa Maternidade" (COMMERCIO DO PARANÁ, 07.01.1914).

Para a manutenção da Maternidade será criada a *Associação de Damas de Assistência à Maternidade e à Infância*. A esposa de Nilo Cairo aderiu a essa associação, juntamente com outras mulheres de membros da Diretoria da Universidade (COMMERCIO DO PARANÁ, 07.01.1914; 24.01.1914).

Nilo Cairo estará presente nos noticiários sobre a Maternidade do Paraná, empenhando-se pessoalmente na organização da instituição e na busca de apoio estatal, tal como fez em relação à Universidade:

#### Maternidade do Paraná

Estiveram ontem no palácio do governo, os srs. drs. Reinaldo Machado e Nilo Cairo, que foram pedir ao sr. presidente do Estado reservar para a Maternidade do Paraná, cuja fundação aqueles cavalheiros estão promovendo, a subvenção de 15 contos dada pela União ao Estado para serem aplicados em obras de beneficência. O sr. dr. Carlos Cavalcanti, que aplaudiu o novo empreendimento, prometeu conceder a referida subvenção à Maternidade (COMMERCIO DO PARANÁ, 09.01.1914).

E, mais:

Procurado pelos srs. drs. Reinaldo Machado, Petit Carneiro e Nilo Cairo, o sr. dr. Cândido de Abreu, prefeito municipal, prometeu conceder à Maternidade a verba de 10:000\$000 votada pela câmara municipal para esse fim e que se acha incluída no orçamento vigente (COMMERCIO DO PARANÁ, 13.01.1914).

Apesar de todo esse trabalho, mantém sua atividade clínica, o que pode ser verificado pelos anúncios no *Comércio do Paraná* (26.02.1914; 08.03.1914; 20.03.1914).

D. Nilo Cairo  
Médico homeopata.  
Consultas das 3 às 5 da tarde, diariamente. – Praça Tiradentes, 32.<sup>85</sup>

#### 4.6 A CRIAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA E CIRURGIA

Quando da fundação da Universidade do Paraná não se incluiu o curso de Medicina, pois uma instituição ainda em organização poderia não oferecer as condições necessárias para esse curso, principalmente em relação aos ambientes de aprendizagem necessários. Mas, em 28 de outubro de 1913, o Conselho Superior autoriza a organização do Curso de Medicina e Cirurgia (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.22), para funcionar já no ano de 1914. Assim, em outubro de 1913, Nilo Cairo da Silva, na função de Secretário da Universidade, apresenta os programas dos cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Comércio, Engenharia Civil, Farmácia, Medicina e Cirurgia, Obstetrícia e Odontologia. Além desses cursos será ofertado também o Curso Preparatório<sup>86</sup> (RELATÓRIO GERAL, 1913).

A não inclusão de início do Curso de Medicina e Cirurgia parece ter sido acertada, pois poucos acreditavam na criação da universidade, havendo oposição veiculada pela imprensa.

---

<sup>85</sup> Mesmo endereço do Laboratório Homeopático Dr. Nilo Cairo.

<sup>86</sup> O Curso Preparatório foi criado em função do despreparo dos candidatos que se apresentavam aos exames de admissão na Universidade.

Esse cenário de luta pode ser ilustrado pelo artigo de jornal de Valcastro.<sup>87</sup>

Quando, pela primeira vez, surgiu, em Curitiba, a ideia de se fundar uma Universidade na nossa capital, muita gente achou a coisa inexequível e sorriu-se da tolice.

Organizou-se a Universidade do Paraná. Essa mesma gente irritou-se. Não se sorriu mais. Criticou acremente tudo quanto se fazia: a organização da Universidade era má, o corpo docente composto de incompetentes e nulos, a obra toda destinada a uma completa desmoralização. Vociferava-se até, nas esquinas, contra o grupo de cavalheiros que se achava à testa do empreendimento, e como, à frente desse grupo, o mais denodado era o meu distinto amigo Dr. Nilo Cairo, passou-se a chamar a Universidade do Paraná de "Universidade do Nilo". E assim e assim. O que não se podia derrubar com a crítica sisuda e as exclamações admirativas e o soado argumento "o nosso meio não comporta", tentou-se derrubar pelo ridículo; a campanha foi cruel, inglória e impatriótica. [...]

Mas "o jovem grupo de estudiosos", que se achava empenhado na fundação da nossa Universidade, fez ouvidos moucos... Há males que vem para o bem: o dr. Nilo Cairo é surdo e por aquela época andava surdo como uma porta. Surdos se fizeram também os seus companheiros de jornada e a obra foi para frente, inflexivelmente, implacavelmente, sem vacilações, com a firmeza de um cálculo matemático.

E a Universidade do Paraná, amparada moral e materialmente pelo governo do Estado e pelo favor do publico, abriu as portas, apesar dos negros vaticínios dos pedantes e dos desocupados...

Falou-se da edificação do prédio da Universidade. Riram-se. [...]

Com a próxima mudança da Universidade para o edifício da Praça Santos Andrade, parecia que os críticos de obras feitas, cansados de se verem desmentidos, iam meter a viola no saco.

Qual! Pois não está aí o Curso de Medicina da Universidade a despertar as iras da infatigável maledicência? E que maledicência! Blandiciosa, sorridente, delicada, cheirando à pomada de Paris, meiga, cheia de "aplausos sinceros", guiada somente pelo "único intuito de prestigiar a própria Universidade". Ela diz apenasmente que a Universidade do Paraná fez mal em abrir o seu Curso Médico, porque "não possui elementos para fazer médicos dignos desse belo sacerdócio" (COMMERCIO DO PARANÁ, 29.04.1914).

Valcastro anuncia então que publicará uma série de artigos em defesa do Curso de Medicina, o que acontecerá nas edições subsequentes do jornal. Nesses artigos, descreverá a implantação do primeiro ano do curso e instalação de seus laboratórios e anunciará as medidas previstas para a implantação dos anos subsequentes.

Nilo tem intensa atuação como docente da Universidade apresentando-se como professor em diversas disciplinas de vários cursos, assumindo funções administrativas, participando de comissões e de bancas julgadoras, entre outras atividades.

---

<sup>87</sup> Não temos outras referências sobre esse VALCASTRO; supõe-se que se trate de um pseudônimo.

Antes de descrevermos as atividades desenvolvidas por Nilo Cairo nos primeiros quatro anos da Universidade do Paraná, entendemos importante registrar a "questão da homeopatia" no Curso de Medicina e Cirurgia, já que Nilo Cairo, como homeopata desejava que a homeopatia fosse contemplada na proposta do curso e desenvolveu ações para que isso ocorresse.

São poucos os registros sobre a homeopatia, causando estranheza o fato de não haver pronunciamentos de Nilo Cairo a esse respeito.

Nos anexos do relatório apresentado em 1913 são apresentados os programas dos cursos para 1914 e no Curso de Medicina e Cirurgia constam as seguintes cadeiras ligadas à homeopatia: *Homeopatia e Terapêutica Homeopática* e *Clínica Homeopática*, ambas tendo Nilo Cairo da Silva como professor. A homeopatia também estará presente no Curso de Farmácia, por meio da disciplina *Farmacologia Homeopática*, tendo também Nilo Cairo como professor, ofertada no terceiro ano do curso. O nome de Nilo Cairo não consta de nenhuma outra disciplina nos programas de 1914 (RELATÓRIO GERAL, 1913). Apesar de que, como veremos a seguir, em 1913, ele tenha se dedicado a outras disciplinas<sup>88</sup>, havia claramente um plano de se dedicar à homeopatia, o que, como veremos, não ocorrerá.

Nilo Cairo a partir de 1913 ministra de disciplina de Patologia no Curso de Odontologia. Isso lhe possibilita que publique o livro *Elementos de Patologia Geral*, que se manteve por décadas após a sua morte como livro de referência na área, inclusive fora do Brasil.

A homeopatia desaparece do Curso de Medicina e Cirurgia e do Curso de Farmácia já nos Estatutos da Universidade do Paraná aprovados pelo Conselho Superior em sessão de 21 de maio de 1914 (ESTATUTOS, 1914). Essa curta vida das disciplinas de homeopatia apontam para o enfraquecimento da medicina homeopática ante os avanços da bacteriologia e da medicina impulsionados pelas descobertas de Pasteur, de quem Oswaldo Cruz é o principal representante no Brasil. Essa é também a tendência que vai direcionar o estudo e a prática da medicina no Paraná.

---

<sup>88</sup> No livro *Assentamentos de Professores*, anotações feitas em 1920 apontam que Nilo Cairo "em 1912 toma posse como lente catedrático da cadeira de Fisiologia, Patologia Geral e Anatomia Patológica do Curso de Odontologia a 19 de dezembro.

Poder-se-ia imaginar que a oposição dos alopatas à homeopatia poderia ter causado essa mudança, mas não há fonte que nos permita sustentá-la. Porém, mesmo Nilo Cairo sendo Secretário da Universidade e defendido a inclusão da homeopatia nos cursos de medicina e farmácia, foi vencido. Aí fica a questão: em que medida a tentativa frustrada de Nilo Cairo em implantar o ensino da homeopatia nos cursos da Universidade do Paraná foi também causa de seu enfraquecimento na configuração?

O interesse de Nilo Cairo pela implantação da homeopatia nos cursos da Universidade do Paraná pode ser ilustrado pelas doações efetuadas à biblioteca da Universidade. A biblioteca, em dezembro de 1913, já contava com 972 títulos, figurando o Dr. Nilo Cairo da Silva como o segundo maior doador, com 123 livros (RELATÓRIO GERAL, 1913, p.41).

Ao analisarmos o Catálogo da Biblioteca da Universidade do Paraná, publicado em 1914, chama a atenção o grande número de livros de homeopatia, sendo o maior acervo por disciplina de toda a biblioteca, com 71 títulos. Além desses livros, ainda constam três revistas de homeopatia em um universo de 13 títulos de periódicos (CATÁLOGO, 1914).

A inclusão da homeopatia nos cursos da Universidade do Paraná suscitou comentários em artigo publicado no *Jornal do Comércio* na capital da República e reproduzidos por jornal de Curitiba sob o título *A Homeopatia Marcha*:

Já não é somente pela grande aceitação que tem a homeopatia no seio de nossa sociedade, nem pela justa reputação de alguns de seus cultores, que ela se impõe.

Ela surge agora como objeto fundamental nos estatutos e nos programas dos institutos de ensino, que vão sendo criados na nossa Pátria.

Nada menos de três cadeiras relativas à homeopatia existem na Universidade que, sob os melhores auspícios, acaba de ser fundada no Paraná (COMMERCIO DO PARANÁ, 15.01.1913).

Nilo Cairo mantém seu consultório de médico homeopata e, como vimos, o seu *Guia de Medicina Homeopática* está sendo preparado no mesmo ano da fundação da Universidade do Paraná. As disciplinas de *Homeopatia e Terapêutica Homeopática*, e *Clínica Homeopática* para o Curso de Medicina e Cirurgia estão previstas para serem lecionadas em 1918, mas em maio de 1914 elas são suprimidas do programa.

Desde 1913 Nilo Cairo lecionava a disciplina *Elementos de Fisiologia e Patologia Geral* no Curso de Odontologia.

O livro de *Assentamentos de Professores* da Faculdade de Medicina do Paraná foi aberto em 05 de maio de 1920 por Victor Ferreira do Aral e Silva, Diretor da Faculdade de Medicina, e contém informações sobre os professores. A primeira página traz informações a respeito do próprio Victor e a n.º 2 foi dedicada a Nilo Cairo, as quais apresentaremos a seguir. Optamos pela construção de quadros sinópticos, em função do grande volume de informações.

Apresentamos as atividades de Nilo Cairo, de 1913 a 1916 agrupadas nas categorias: a) funções administrativas (Quadro 1), b) regência (Quadro 2), c) regência interina (Quadro 3), d) participação em banca como examinador (Quadro 4), e) participação em comissões e emissão de pareceres (Quadro 5).

QUADRO 1 - FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS

FUNÇÃO	PERÍODO
Secretário da Universidade	Eleito em 19 de dezembro de 1912. Reeleito em 19 de dezembro de 1914 para o período de 1915 e 1916.
Provedor provisório da Maternidade do Paraná	De 02 de junho de 1915 a 17 de fevereiro de 1916

FONTE: Livro de Assentamentos de Professores

QUADRO 2 – REGÊNCIA

CADEIRA(S)	CURSO OU LOCAL	ANO
Fisiologia Patologia Geral Anatomia Patológica	Odontologia	1913
"A 28 de outubro foi transferido para a cadeira de Homeopatia e Terapêutica Homeopática, do 5.º ano do Curso de Medicina e Cirurgia".	Medicina e Cirurgia	1913
Farmacologia Homeopática	Farmácia	1914
"A 21 de maio foi transferido provisoriamente, <i>ad-referendum</i> da Congregação de Medicina e Cirurgia, para a cadeira de Patologia Geral, do 3.º ano do Curso de Medicina e Cirurgia, visto ter sido extinta do mesmo curso na cadeira de que era lente catedrático".	Medicina e Cirurgia	1914
"A 21 de dezembro foi nomeado para fazer, na Maternidade, um Curso de Obstetrícia em forma de conferência, destinado às parteiras que desejarem se habilitar nesta Universidade".	Maternidade do Paraná	1914
Química Médica, 2.º ano	Medicina e Cirurgia	1915
Botânica e Zoologia Aplicadas Mineralogia Geologia Agrícola	Agronomia	1916

FONTE: Livro de Assentamentos de Professores

QUADRO 3 - REGÊNCIA INTERINA

CADEIRA(S)	CURSO	ANO
Histologia Anatomia Microscópica	Odontologia	1913
Geologia Mineralogia	Engenharia Civil	1913
Elementos de Fisiologia Patologia Geral	Odontologia	1914 1915
Farmácia Homeopática	Farmácia	1914
Histologia	Medicina	1914
Elementos de Histologia	Odontologia	1914
Geografia Corografia	Preparatório	1914
Geografia Comercial História do Comércio	-	1914
História Natural Farmacêutica	-	1914
Química Biológica Bromatologia	Farmácia	1915
Fisiologia	Medicina e Cirurgia	1915

FONTE: Livro de Assentamentos de Professores

QUADRO 4 - PARTICIPAÇÃO EM BANCAS COMO EXAMINADOR

continua

CADEIRA(S)	ESPECIFICAÇÃO	ANO
História Universal História do Brasil	Exame de Admissão para os Cursos Superiores	1913 1914 1915
Inglês	Exame de Admissão para os Cursos Superiores	1913 1914 1915
Anatomia Descritiva e Topografia da Cabeça	Exames finais do Curso de Odontologia	1913
Histologia e Anatomia Microscópica	Exames finais do Curso de Odontologia	1913
Prática de Língua Inglesa	Congregação de Comércio	1913
Desenho Linear e de Aquarela	Curso de Engenharia	1913
Física Experimental	Concurso para a cadeira de Física Experimental do Curso de Engenharia Civil	1913
Farmacologia Homeopática	Exames de habilitação de um farmacêutico estrangeiro	1914
Noções de História do Brasil	Exame de Admissão para o Curso Preparatório	1914
Fisiologia Histologia Anatomia Descritiva	Curso de Odontologia	1914
-	Exame de habilitação de prático de farmácia	1914
Anatomia Patológica Fisiologia Patológica	Exame de habilitação do Dr. Mário de Fiori	1914

QUADRO 4 - PARTICIPAÇÃO EM BANCAS COMO EXAMINADOR

CADEIRA(S)	ESPECIFICAÇÃO	ANO	conclusão
Elementos de Anatomia Descritiva Elementos de Histologia Elementos de Fisiologia Matéria Médica Patologia Dentária	Curso de Odontologia	1914	
História Natural Farmacêutica Farmacologia Homeopática Química Biológica e Bromatológica	Curso de Farmácia	1914	
Prática da Língua Francesa Prática da Língua Inglesa	Curso de Comércio	1914	
Botânica Zoologia	Curso de Engenharia	1914	
Terapêutica Clínica e Experimental	Concurso para a cadeira de Terapêutica Clínica e Experimental	1914	
Patologia Geral	Exames de habilitação de médicos estrangeiros	1915	
Obstetrícia	Exames de habilitação de parteira estrangeira	1915	
-	Exame prático de parteiras	1915	
-	Exame prático de farmácia	1915	
Inglês História Universal História do Brasil	Curso Preparatório	1915	
Física Médica Química Médica Fisiologia Química Farmacêutica Química Analítica Química Biológica Anatomia Histologia História Natural História Universal História do Brasil Inglês Botânica Zoologia Agrícola	Diversos cursos	1915	
Alemão	Exames ginasiais	1915	
Física Química	Exames ginasiais	1915	
-	Banca de admissão do Curso de Direito	1916	
-	Banca de admissão do Curso de Odontologia	1916	
Histologia	Curso de Medicina	1916	
Francês	Curso Preparatório	1916	
História Natural Médica	Curso Preparatório	1916	

FONTE: Livro de Assentamentos de Professores

QUADRO 5 - PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES E EMISSÃO DE PARECERES

COMISSÃO OU PARECER	ANO
Comissão destinada a organizar o Curso Preparatório da Universidade	1913
Parecer sobre os projetos para o edifício da Universidade	1913
Comissão de fiscalização da construção do edifício da Universidade, conjuntamente com o Dr. Manoel de Cerqueira Daltro Filho e João Moreira Garcez	1913
Viagem em comissão à São Paulo e Rio de Janeiro para tratar de interesses da Universidade	1913
Comissão organizadora da Maternidade e Associação de Damas de Assistência à Maternidade e à Infância	1914
"A 11 de março foi nomeado para fazer uma análise solicitada pelo Dr. Chefe de Polícia"	1915
Comissão para dar o parecer sobre o preço dos desenhos do edifício da Universidade	1915
Viagem ao Rio de Janeiro para tratar de interesses da Universidade junto ao Governo Federal a propósito da Reforma de Ensino	1915
Comissão destinada a fazer uma pesquisa de espermatozoides	1915
Comissão para proceder a análise qualitativa de um líquido, solicitado pelo Chefe de Polícia	1915

FONTE: Livro de Assentamentos de Professores

Além dessas atividades, Nilo Cairo participou da criação de uma associação de médicos:

Após a sessão da congregação<sup>89</sup>, foi lembrada a criação de uma Sociedade de Medicina nesta capital; para organizá-la foi eleita uma comissão de cinco membros composta dos Drs. Manoel Carrão, Claudio de Lemos, Nilo Cairo, H. Riedel e Virgolino Brazil, a qual se reunirá proximamente para discutir os estatutos, cuja confecção ficou a cargo do relator Dr. Nilo Cairo. A esta sociedade pertencerão quaisquer membros da classe médica do Paraná, independentemente de fazerem parte do corpo docente da Universidade, pois não terá nenhuma ligação com esta (COMMERCIO DO PARANÁ, 14.06.1914).<sup>90</sup>

Nilo Cairo mantém sua produção bibliográfica, nesse período, agora influenciada pela atividade no ensino e na gestão da Universidade. Se antes preocupava-se com as polêmicas da homeopatia e utilizava-se dos jornais e de suas publicações para

<sup>89</sup> Congregação de Medicina e Cirurgia da Universidade do Paraná.

<sup>90</sup> A associação de que trata a citação acima diz respeito à Associação de Medicina do Paraná, criada em 1914. Havia duas diretrizes para essa sociedade: lutar pela ética médica e pela produção científica. Como fruto dessa entidade surgiu, em 1916, uma revista o *Paraná Médico*. A atual Associação Médica do Paraná é fruto da fusão, em 1933, da Sociedade Médica do Paraná, criada com a participação de Nilo Cairo com outras duas entidades de surgimento posterior. São elas a Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná (1930) e o Sindicato Médico do Paraná (1931). Essa fusão foi necessária em função de que a legislação trabalhista de Getúlio Vargas somente reconhecia uma entidade como representativa de uma categoria de trabalhadores. (SIQUEIRA, 1993, p.14-23) O atual Sindicato dos Médicos no Estado do Paraná foi criado em 1974.

defendê-la, agora está trabalhando pela Universidade do Paraná, envolvido nas atividades necessárias para dotá-la de condições para o ensino.

Em 1914, Nilo Cairo faz um libelo positivista e liberal sobre as suas concepções de ensino. Esse discurso será discutido no capítulo seis, para dar sustentação às concepções positivistas de Nilo Cairo. Consiste em um longo discurso feito por ele, na condição de paraninfo, por ocasião da formatura da primeira turma da Universidade do Paraná, realizada em 19 de dezembro de 1914 (WACHOWICZ, 2006, p.171-195).

O Dicionário Bibliográfico do Paraná, de autoria de Júlio Estrella Moreira, traz a informação desse discurso como produção bibliográfica com o nome de *Liberdade de Ensino e Liberdade Profissional*, tendo sido publicado pela Tipografia Alfredo Hoffmann com 38 páginas (MOREIRA, 1960, p.233).

A mesma tipografia já havia publicado, em 1913, uma brochura com 12 páginas intitulada *Teoria Celular*. Moreira (1960, p.385) aponta esse trabalho como resultante "de uma lição de histologia dada na Universidade do Paraná". Essa lição foi publicada no jornal *Comércio do Paraná* em duas partes, mostrando que Nilo Cairo mantém a sua estratégia de utilizar a imprensa para divulgar seus trabalhos, agora não mais de homeopatia, mas sim a respeito dos temas ligados às disciplinas que ministrará na Universidade (COMMERCIO DO PARANÁ, 09.04.1913; 10.04.1913).

Essa mudança de foco na sua produção bibliográfica mostra que se antes se preocupava com a educação popular e seu alvo era o povo, expressão esta usada no título do *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*<sup>91</sup>, agora se volta para os estudantes. Percebendo que há poucas publicações em português que possam ser utilizadas pelos alunos, sua experiência de professor de Patologia Geral no Curso de Odontologia lhe possibilita publicar em 1916 *Elementos de Patologia Geral*. No mesmo ano publica *Elementos de Fisiologia*.

A primeira edição de *Elementos de Patologia Geral*, a qual foi escrita para os estudantes de Odontologia, resultou de anotações de aulas ministradas por ele. No prefácio Nilo Cairo já deixa claro que não abandonará a ideia de totalidade ao justificar por que razão ensina patologia geral aos alunos do Curso de Odontologia:

---

<sup>91</sup> Este livro recebe a sua segunda edição, muito ampliada, em 1913, passando a chamar-se *Guia de Medicina Homeopática*.

Mas o livro é feito para estudantes de odontologia e, como tal, lhes são suficientes as noções que contém de patologia geral, como uma base fundamental e geral para a compreensão ulterior da patologia da boca e dos dentes. Diga-se embora que fui exagerado no número de noções que lhes dei do assunto, pense-se embora com a opinião desdenhosa de alguns, que faz da arte dentária uma simples arte manual; eu responderei, com o imortal Hipócrates, que, no organismo, tudo converge, tudo concorre e tudo conspira, e que, como dizia Zomolxis, não se pode curar o corpo sem a alma, a cabeça sem o corpo, a boca sem a cabeça e o dente sem a boca (CAIRO, 1916a, p.8-9).

Nilo reconhece as limitações do livro pelo fato de resultar de "notas de aula" e confessa que teve "lazer e tranquilidade bastantes para revê-las com cuidado e desenvolvê-las, na ocasião de sua impressão". Porém, a partir dessas limitações e reconhecendo a possibilidade de erros, estabelece com os seus leitores (seus alunos) um compromisso de receber as críticas que porventura venha a receber.

Afirma que falta no livro a discussão das causas de natureza social e moral como determinantes no aparecimento de moléstias:

Uma lacuna grave, porém, existe, neste livro, que não pude, por muitas razões, preencher: é a falta que nele se sente de um capítulo destinado ao estudo das causas determinantes de natureza social e moral. Os tratados comuns são mudos a este respeito; por toda a parte, sente-se a influência das perturbações do moral sobre o físico, mas habitualmente se lhe atribui papel predisponente e não um papel determinante, na gênese de certas moléstias. Entretanto, nenhum médico, que se preze de ser clínico, desconhece quanto influem, como causas determinantes de muitas moléstias, sobretudo crônicas e constitucionais, as agitações sociais e os traumatismos morais, a que, nos conflitos, que suscita a vida moderna sem crenças nem moral, está sujeito o homem, dentro ou fora do lar: a arteriosclerose, o diabetes, a gota, o Mal de Bright, as litíases, os tumores malignos, etc., são muitas vezes resultados dessa ordem e dos quais ainda não se distinguiu bem os fatores da predisposição e as causas determinantes.

E, justifica

Mas o tempo escasso e os afazeres de secretário geral da Universidade do Paraná, não me permitiram meditar com calma sobre esse assunto, e criar este capítulo, preenchendo uma lacuna deplorável; é provável, porém, que o faça, em uma segunda edição deste livro, se até lá chegarmos juntos (CAIRO, 1916a, p.8).

Nilo Cairo estabelece um diálogo em tom coloquial e pessoal com os seus leitores no prefácio, o que contribui para a aceitação de sua obra. E, mesmo sem ter certeza da aceitação do trabalho, já anuncia uma segunda edição. Mas, ao assinar esse prefácio em 15 de agosto de 1916, Nilo já está cansado e desanimado. Tem

trabalhado muito como revela ao afirmar a falta de "lazer" e "tranquilidade", mas também tem as dificuldades de sua vida pessoal. Cansado, Nilo Cairo prenuncia o seu afastamento do Paraná ao afirmar que a segunda edição acontecerá "se até lá estivermos juntos".

Nesse mesmo ano lança o livro *Elementos de Fisiologia*, cujo prefácio é de 2 de janeiro de 1916. Segue a mesma linha editorial, ou seja, produz um livro para dar suporte didático às disciplinas e seu alvo principal são os seus próprios alunos. Reconhece, como faz em outras das suas obras, que o livro não é todo original, pois partes são extraídas de manuais estrangeiros, não disponíveis em língua portuguesa.

Nesse sentido, Nilo Cairo democratiza o acesso à informação, já que o acesso a esses livros estrangeiros é oneroso economicamente, além das dificuldades com a língua.

A dedicatória de *Elementos de Fisiologia* é para o seu tio Honorio Decio da Costa Lobo<sup>92</sup>: "professor público na cidade de Paranaguá e meu primeiro mestre de escola; quem lançou, em minha razão juvenil, as primeiras sementes da cultura científica".

A outra de *Elementos de Patologia Geral* é para Victor do Amaral:

Ao meu ilustre amigo

Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva  
Diretor da Universidade do Paraná

Espírito culto, coração bondoso e caráter ilibado, junto a quem, durante quatro anos, dediquei os melhores dos meus esforços à fundação e à prosperidade da Universidade do Paraná.

Como preito de gratidão, dedico afetuosamente este livro.

Nilo Cairo  
Curitiba, 15 de agosto de 1916

Essa dedicatória faz referência aos quatro anos de relacionamento com Victor e o trata de forma afetuosa. A referência aos quatro anos e usando o verbo "dedicar" no passado poderiam representar já uma despedida e um testemunho de seus esforço e lealdade.

---

<sup>92</sup> Em trabalho intitulado História da Homeopatia no Brasil, apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, no Rio de Janeiro, em 1926, pelo Dr. José Emygdio Rodrigues Galhardo, o Sr. Honorio Decio da Costa Lobo é citado como prosélito do Dr. Filastrio Nunes Pires, juiz municipal que praticava a homeopatia em Paranaguá, após o falecimento, em 1883, do Dr. Filastrio (GALHARDO, 1928, p.849).

#### 4.7 DECISÃO DE AFASTAR-SE DO PARANÁ

Nilo Cairo iria se afastar do Paraná, dirigindo-se ao Estado de São Paulo, onde permaneceria por seis anos. Assim, solicita a 3 de novembro de 1916, licença da Universidade, inicialmente por 15 dias. No dia seguinte o Conselho Superior "concedeu-lhe em vista dos serviços prestados", o diploma de Benemérito. O ano seguinte, na Universidade do Paraná, não contaria mais com Nilo Cairo, pois a 17 de fevereiro de 1917 foi-lhe concedida uma licença de um ano, renovada sucessivamente até 1922. Só retornaria às atividades na Universidade do Paraná no início de 1923.

Victor do Amaral anunciou a saída de Nilo Cairo, em relatório apresentado à sessão da Assembleia Geral da Universidade do Paraná, no dia 19 de dezembro de 1916:

Se grande incremento vai tendo, dia a dia a Universidade, deve-se, em grande parte, à abnegação e desinteresse de seu esforçado corpo docente e (nunca será demasiado repetir) à cooperação assídua e inigualável do espírito empreendedor do ilustrado Dr. Nilo Cairo da Silva que, como secretário, havia se dedicado de corpo e alma à organização da Universidade. Infelizmente por motivos, aliás, respeitáveis de ordem particular, o induziram à resolução inabalável de se ausentar de nós. Convencidos da improficuidade de qualquer tentativa, isolada ou coletiva, para demovê-lo dessa resolução, que ele tornou irrevogável, só nos cumpre externando aqui a nossa imensa gratidão, acatá-la e fazer votos para que algum dia ainda se resolva ele a regressar ao seio da Universidade, que tanto deve à sua operosidade. Cumprindo inelutável dever, o Conselho Superior já lhe conferiu o merecido título de Benfeitor da Universidade do Paraná, o que é uma justa recompensa de seus inestimáveis serviços. Quanto a mim particularmente, peço permissão para deixar aqui consignado o meu profundo reconhecimento por sua eficacíssima coadjuvação à minha administração na Universidade, com uma superioridade, abnegação e lealdade a toda prova (COMMERCIO DO PARANÁ, 29.12.1916).

Mais uma vez Nilo Cairo se utiliza da estratégia de retirada do campo, foi assim quando saiu do Rio de Janeiro para Curitiba, porém mantendo-se na homeopatia. Em Curitiba, em 1912, abandona a luta pela homeopatia, mas não a clínica, para se dedicar à Universidade. Agora se afasta da Universidade e do Paraná indo para o Estado de São Paulo.

Entender as razões dessa retirada do Paraná é um dos aspectos mais instigantes desta tese. Como motivos para a saída de Nilo Cairo do Paraná e sua

mudança para o Estado de São Paulo listamos as seguintes ordens de problemas enfrentados por Nilo Cairo: a) as dificuldades da Universidade do Paraná após a Reforma de Ensino, que ocorreu em 1915; b) problemas ocorridos na Santa Casa de Misericórdia, hospital que a partir de 1916 recebeu os alunos do Curso de Medicina e Cirurgia; c) desentendimentos com desafetos, como Petit Carneiro.

Com a liberalização do ensino pela Lei Rivadavia em 1911, o que retirou o monopólio do ensino oficial, surgiram no Brasil muitas escolas superiores de qualidade duvidosa, se configurando em verdadeiras "fábricas de vender diplomas". Esses abusos provocaram um recuo do Governo Federal e assim, 11 de março de 1915, foi baixado o Decreto n.º 11.530, que ficou conhecido com a Lei Maximiliano. Apesar de o alvo ser as instituições não idôneas essa mudança trouxe dificuldades quase intransponíveis para a Universidade do Paraná. As exigências da Reforma Maximiliano eram tantas que a Universidade do Paraná não foi reconhecida pelo Governo Federal. A Lei Maximiliano exigia que a cidade tivesse pelo menos cem mil habitantes para ter sua Universidade. Nilo assume o recenseamento da cidade de Curitiba, no intuito de justificar a manutenção da Universidade, mas para sua decepção a contagem da população urbana chegou a apenas 66.000 habitantes (WACHOWICZ, 2006, p.81-87).

A Primeira Guerra Mundial, nessa época, provocou uma redução dos créditos disponíveis e os alunos se viram impossibilitados de pagar a anuidade e inseguros com o futuro da Universidade do Paraná se transferiam para o Rio de Janeiro. Assim a situação financeira da Universidade tornou-se crítica.

Em 1918 a Congregação da Universidade, não havendo outra saída, dividiu a Universidade em três Faculdades: Direito, Engenharia e Medicina.

Embora Victor do Amaral, no relatório de 19 de dezembro de 1916, tenha afirmado que a decisão de Nilo Cairo tenha se dado por motivos de "ordem particular", Carneiro (1963, p.547) relata como causa o esgotamento de Nilo Cairo pelo trabalho e pelas resistências que sofrera:

Diz-se com razão, que sem ele a inauguração dos cursos superiores a 24 de maio de 1913 não teria tido lugar. Diz-se mais que sem ele o lançamento da pedra fundamental do edifício da Universidade na Praça Santos Andrade a 12 de agosto de 1913 teria ficado apenas no simbolismo de uma pedra... Foi Nilo Cairo, com efeito, que conseguiu o reconhecimento da Universidade a 27 de março de 1913 pelo Estado do Paraná, então governado pelo Dr. Carlos

Cavalcanti de Albuquerque, elevada também esta figura benemerita à dignidade de professor catedrático de eletrotécnica.

Mas essa atividade, aliada ao natural esgotamento, e, sobretudo ao desgosto que muitas resistências inexplicáveis lhe causavam, fê-lo declarar-se decidido a retirar-se do Paraná.

[...]

Os que não desejavam tê-lo perto pela projeção natural do seu nome conferiram-lhe logo o diploma de benemerência facilitando-lhe a saída (CARNEIRO, 1963, p.547).

O mesmo autor assim se refere ao episódio, em outro livro: "Se Nilo Cairo chegou a desanimar, se nunca lhe havia faltado coragem para a obra ciclópica, faltou-lhe (à vista do lhe pareceram dificuldades irremovíveis) essa perseverança quase inconsequente que os grandes iludidos possuem." (CARNEIRO, 1984, p.27).

Declaradamente um desafeto de Nilo Cairo, Milton Carneiro faz referência à retirada de Nilo Cairo do Estado do Paraná e refere desavenças entre Nilo e seu pai, o também professor Petit Carneiro.

Ele foi professor de 1912 a 1917; de 1917 a 1924 esteve criando porcos em Mogi das Cruzes. Retornou em 1924, mas até a hora da morte em 1928 se não me engano no Rio de Janeiro, no Hospital Evangélico, foi uma espécie de rei inconformado por ter perdido a majestade. Atribuía com ou sem razão a perda, à maçonaria do meu pai. Meu pai me contou que ele sempre que o encontrava dizia-lhe: Petit eu vou antes, mas preparo para você no inferno uma cama de espinhos (CARNEIRO, 1976, p.164).

Esse relato coincide, em parte, com as palavras do próprio Nilo Cairo que gravemente doente e residindo em Paranaguá, escreve a Walfrido Leal, tesoureiro da Faculdade de Medicina do Paraná. Diz-se já "muito magro e acabado" e indo de "mal a pior". A carta é carregada de lamentos, pois ele profetiza a sua morte iminente (o que viria a acontecer em seis meses) e se penaliza por não poder continuar entre os amigos de empreitada. Não deixa, porém de alfinetar o Petit Carneiro, ao escrever a última frase da carta: "Levo, porém, um consolo: é que vou, lá em cima, preparar com antecedência a cama de espinhos para o Petit." (CARTA, 28/12/1927).

Mas, Nilo Cairo, já no Estado de São Paulo, quando escreve a Victor do Amaral, uma carta datada de 27 de abril de 1818, se refere a um episódio ocorrido na Santa Casa e que teria sido causa de sua saída no Paraná:

Depois do que me aconteceu na minha vida, da reprovação à minha ação pelo fato da eleição à mesa da Santa Casa, creia que eu seria inteiramente destituído de brio se permanecesse aí. Afinal eu não ambicionava grandeza nem fortuna. No dia em que me desprestigiaram foi forçoso que me afastasse (CARNEIRO, 1984, p.35).

Segundo Ravazzani, a origem da *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de Curitiba* está ligada à primeira loja maçônica instalada em Curitiba, em 1845, a qual se denominou a *Fraternidade Curitibana*. Em nove de junho de 1852 essa loja maçônica se extinguiu e se converteu na sociedade filantrópica *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de Curitiba*.

Em 1855 os membros da loja maçônica *Candura Curitibana* resolveram doar à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba seu imóvel para "patrimônio e sede do hospital dessa Irmandade" (RAVAZZANI, 2008, p.149-151).

Esse fato serve para ilustrar a importância da maçonaria na origem da Santa Casa de Misericórdia. O atual prédio do hospital foi inaugurado em 1880 e a partir de 1916 passou a receber os alunos da Faculdade de Medicina do Paraná. O Hospital da Santa Casa funcionou como hospital escola da Universidade até 1961, quando foi inaugurado o Hospital de Clínicas. Em consulta às atas da Santa Casa não encontramos nenhuma referência a Nilo Cairo. Nilo não teve atuação como médico naquele hospital.

É possível afirmar que a sua saída tenha motivos de ordem pessoal e profissional. As causas de ordem pessoal aparecem nas cartas pelo tom de ressentimento em relação aos amigos e parentes. As causas de ordem profissional se referem aos episódios da "eleição da mesa da Santa Casa" e à "maçonaria do Petit".

Quando ao sair do prelo o primeiro exemplar de *Elementos de Patologia Geral*, em outubro de 1916, Nilo faz de próprio punho uma nova dedicatória a Victor, na qual se refere às circunstâncias ligadas à sua saída do Paraná (LIMA, 1982, p.467):

Meu caro Victor,

Aqui lhe remeto um exemplar, o primeiro que sai do prelo, do livro que tenho a muita satisfação de lhe dedicar, e espero que esta prova de afeto que lhe tenho e que, certamente, é o reflexo do afeto que todos nós, da Universidade, lhe temos, sirva-lhe de incentivo para, de futuro, continuar a prestar o seu prestígio e os seus serviços a prosperidade de uma obra, que começamos juntos e que as penosas circunstâncias de minha vida me obrigam a abandonar precocemente.

E, com este exemplar, aceite um apertado abraço do  
amigo Nilo Cairo  
Outubro de 1916

Nilo Cairo ao atribuir o abandono precoce da obra que iniciara com Victor do Amaral às "penosas circunstâncias" de sua vida, deixa, para nós, claro que existem fortes motivos para a sua retirada. Como médico não exerceu a docência nas áreas clínicas, o que limitava o seu acesso à Santa Casa, tampouco foi possível ser docente na sua área de interesse, a homeopatia, tendo-se que contentar com a patologia. Embora prestigiado como secretário da Universidade, não alcançou legitimidade semelhante entre os seus colegas médicos.

Veremos a seguir que Nilo Cairo estará, no Estado de São Paulo, extremamente amargurado com o Paraná, chegando a escrever para Victor, no dia 17 de abril de 1917:

Vivo alegre e satisfeito, leve como uma pena, sem ter mais nada a desejar. Apenas foi preciso para isso o isolar-me dos "amigos" e parentes. Longe deles vivo livre da malícia, do comentário e da calúnia, pratos sociais das nossas afeições.

[...]

Aqui não tenho amigos nem parentes (CARNEIRO, 1984, p.32).

Assim, Nilo se retira de Curitiba desgastado com os episódios da Santa Casa, com o desprestígio da homeopatia ante o avanço da medicina bacteriológica que domina na Santa Casa e na Faculdade de Medicina, perde as disciplinas de homeopatia nos Cursos de Medicina e Farmácia e se vê reduzido a um professor de disciplinas básicas. Todo o capital que havia acumulado no Rio de Janeiro como médico homeopata e como membro do *Instituto Hahnemanniano do Brasil* não é suficiente para garantir-lhe posição e reconhecimento na configuração médico-intelectual<sup>93</sup> do Paraná.

---

<sup>93</sup> Chamo assim esta configuração porque ela é composta por médicos, engenheiros e advogados, diferentemente da configuração médico-homeopática do Rio de Janeiro, composta somente por homeopatas. Quando examinamos esta última no Rio de Janeiro ela estava constituída de tal forma que conseguia fazer frente à medicina bacteriológica (alopatia) liderada por Oswaldo Cruz. A configuração médico-homeopática enfrenta Oswaldo Cruz em sua luta pela vacinação contra a febre amarela e a varíola e suas concepções de infecção e transmissibilidade da doença. Esta luta mostra o poder desta configuração neste momento. No Paraná ao contrário do Rio, Nilo não tinha colegas homeopatas com quem pudesse se associar constituindo aqui uma configuração aos moldes do que acontece no Rio e na Universidade do Paraná prevalecem os médicos praticantes da alopatia, cujo conhecimento clínico se embasa na bacteriologia.

## 5 A RETIRADA PARA O RURAL, O RETORNO E A MORTE

### 5.1 A PEREGRINAÇÃO ENTRE O RURAL E O URBANO

Nilo sai do Paraná sem planos e vai morar no Estado de São Paulo onde vive da clínica homeopática atendendo a chamados domiciliares. Não há referência sobre seu local de moradia. Não sabemos se nos primeiros meses vive na cidade de São Paulo ou em Mogi das Cruzes. As cartas desse período poderiam precisar esta informação, mas não foi possível ter acesso aos originais<sup>94</sup> e a referência à cidade de Mogi das Cruzes só é feita a partir da carta de 27 de abril de 1918, quando passou a viver na zona rural. De qualquer forma, ainda no início de seu afastamento do Paraná Nilo está exercendo a clínica na cidade, talvez Mogi, talvez São Paulo, pois conta a Victor como novidade o fato de que lá, onde reside, "os chamados são feitos por telefone" e afirma que está em uma "grande cidade que se agita" em torno dele sem saber que ele existe. Nilo buscara o isolamento, o anonimato e o sossego e se surpreende porque a cidade não o reconhece.

Logo nos primeiros meses em São Paulo, Nilo deixou de fumar e passou a frequentar as missas de domingo. Fez planos de montar um consultório "às custas de uma farmácia homeopática". Mas já em 1918 se torna lavrador tendo adquirido "uma fazendinha" onde tem "terras para tudo, desde o alto do morro até as baixas do Tietê", onde já encontrou um sítio montado e produzindo cereais. Afirma animado que tem "800 pés de abacaxis e 300 de uvas", além de árvores frutíferas.

Uma "casa de tijolos com sete cômodos, estábulo, galinheiro, paióis, ranchos, grande chiqueiro, água nascente-corrente, poços e até jardim", esse é o cenário que Nilo Cairo encontra todas as manhãs a partir das cinco e meia, quando se levanta. Cuida da horta, do pomar, das suas plantações e animais e às oito horas da noite já está na cama.

---

<sup>94</sup> As cartas desse período estão em posse de herdeiros de Victor Ferreira do Amaral e como David Carneiro teve acesso a elas ele transcreve parte delas em seu ensaio biográfico sobre Nilo Cairo, o que usamos como fonte (CARNEIRO, 1984).

Logo retornam as suas energias, trabalhando na terra. Conta que certa vez "apanhou uma bronquite", pois estava "abrindo uma picada para lançar uma cerca" caiu num brejo e atolou-se.

Esperançoso, inclusive com o retorno financeiro da sua lavoura vende seus porcos e frangos e colhe "centenas de alqueires de milho". Como bom observador aprende com a lida e ainda em 1918 já anuncia que haverá uma "inundação de publicações para a lavoura" e que já escreveu 700 páginas de seu primeiro livro sobre a terra.

Ativo, o tempo já lhe falta. Afirma que enquanto os problemas e dificuldades no Paraná persistem, ele continua "plantando batatas", sem deixar de reclamar que já tem "calos nas mãos".

Recebe correspondência do Paraná, principalmente do amigo Victor do Amaral, o que periodicamente interrompe a sua rotina, como certa vez em que estava construindo um telheiro para a sua moenda de cana e uma carta que chega o faz abandonar temporariamente os seus "cuidados agrícolas". Encostado à cancela do terreiro vai ler a carta e põe-se a meditar. Tem dificuldade de se desligar das questões da Universidade, que Victor lhe relata.

Embora animado de início, já em 1920 está decidido a "deixar o mato e voltar ao seio da civilização, passando da agricultura para a indústria, como diretor técnico dos laboratórios de uma companhia anônima" que está se organizando em São Paulo.

Ao final da aventura agrícola faz um balanço positivo: "Vim para aqui sem um real. Saio com trinta contos e dentro de cinco anos estou certo terei cem", mas coloca sua chácara à venda.

Passa por sérios problemas de saúde. Esteve internado por dois meses em quarto particular na Santa Casa de Mogi, vítima de febre tifóide. Isso o faz sair de Mogi das Cruzes, "abandonando tudo" para ir ao Rio de Janeiro, na esperança de se recuperar.

Ainda sentindo-se debilitado e morando em um quarto de pensão, no Rio de Janeiro, em 1922, sente-se perdido e sem saber o que fazer. Tossindo, espirrando por ter sido "atacado de uma ligeira influenza", acredita que levará dois meses para se recuperar e adia seus planos de visitar o Paraná.

Apesar de afastado do *Instituto Hahnemanniano do Brasil* não perde a oportunidade, estando no Rio de Janeiro, naquele ano de 1922, de comparecer as reuniões<sup>95</sup> onde encontra seus velhos companheiros de homeopatia.

Embora a surdez o atrapalhe, necessitando ler os jornais para acompanhar os assuntos discutidos no *Instituto*, e reconhecer que não tem o ânimo de outrora, não deixa de chamar a atenção dos colegas para a baixa frequência às reuniões, trazer temas que julga relevantes e defender a *Faculdade Hahnemanniana* dos ataques dos alopatas ligados à *Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*, como Felício Torres e Fernando de Magalhães<sup>96</sup>.

As mudanças de ânimo que os anos e os reveses produziram em Nilo Cairo ficam evidentes quando ele afirma que o entusiasmo apostólico já é uma página virada na história da sua vida e que já não sente "pelas coisas deste mundo o mesmo entusiasmo que tinha na idade de Jesus Cristo" (ANNAES, jun. e jul. 1922, p.346-347)

A propósito de Fernando de Magalhães, a exposição de motivos de Nilo Cairo em defesa da homeopatia beira o pitoresco, ao elogiar a beleza física desse opositor. Mas se trata de um jogo de ironia ao trabalhar com duas imagens conflitantes: a beleza física e o valor moral.

Mas, na notícia do "Jornal" há uma frase atribuída ao Sr. Dr. Fernando de Magalhães, de quem se presa o orador [Nilo Cairo] de ser um dos admiradores do seu talento e da sua atividade, que o orador não pode deixar passar em silêncio – é quando o Sr. Dr. Fernando de Magalhães disse que a homeopatia é condecoração de nulidade. Não deseja o orador discutir o conceito; deseja apenas lastimá-la. É com efeito, de lastimar que de lábios tão formosos tenha caído palavra tão feia. Diz formosos, porque, ao tempo em que manteve amistosas relações com aquele colega, era ele um dos mais belos rapazes que tem conhecido. Seus cabelos encaracolados, sua fronte inteligente, sua cutis finíssima, seus olhos grandes, cheios de brilho, sua boca quase feminina, a palidez romântica de suas faces, tudo nele o fazia um dos mais formosos médicos do seu tempo. É possível que o seu colega, com o tempo, tenha envelhecido (não o vê há bem 15 anos), mas há de certamente guardar os traços primitivos, o bastante, para que se lamente que um homem tão belo tenha deixado escapar palavras tão feias e tão pouco conformes

---

<sup>95</sup> Na reunião ocorrida em 17 de maio de 1922, Nilo Cairo está presente e os Annaes publicam a sua intervenção com o título "Discurso pronunciado na sessão de 17 de maio pelo Dr. Nilo Cairo", Nilo refere também participação em sessão anterior.

<sup>96</sup> Em 1904, como foi relatado, Nilo já havia se envolvido em uma polêmica com o Fernando Magalhães, da Academia Nacional de Medicina, que apesar da diferença de grafia no nome, pode se tratar da mesma pessoa.

com as regras da cortesia civil, que deveria sempre presidir todas as discussões, sobretudo científicas. Há tantos meios e tão floridos de chamar os homeopatas de nulos, sem ser preciso usar termos tão feios! (ANNAES, jun. e jul. 1922, p.347-348).

No Rio de Janeiro também fez gestões para tratar de interesses da Universidade, mas desanimado com a sua saúde, confia a Victor: "Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintém. Pela minha parte creio bem que já nem valho um real."

Alguns meses depois, recuperado de sua saúde, ainda no Rio, trabalha pelas manhãs na redação de seus livros, já em segunda edição, e atende em dois consultórios, trabalho que o anima, pois em três meses e meio já havia ganhado cinquenta mil réis.

Como já está pretendendo voltar a Curitiba, interessa-se em saber dos prazos em que finda a sua licença e preocupa-se se haverá para ele pelo menos duas cadeiras para assumir na Universidade e pergunta sobre os ganhos financeiros que poderão vir dessa atividade.

Está se preparando, na segunda metade de 1922, para sair do Rio e voltar a Curitiba, mas passa por dificuldades financeiras afirmando que para passar o Natal e o ano Bom restava-lhe "na gaveta pouco mais de vinte". Nessa situação, ao receber 250 mil réis do Paraná, provavelmente da Universidade, não achando isso justo prefere que se "entregue esses cobres ao Velloso" para a sua filha, e afirma: "É o único escrúpulo que me resta na consciência. Não tocar neles".

Nesses anos esteve longe de sua filha Sarah, preocupou-se com a saúde de Leonor que se deteriorava, mas não estava o tempo todo sozinho, pois em algum momento havia Ermelinda a lhe acompanhar, a qual se tornará a sua terceira esposa.

Nilo Cairo vai se referir a Ermelinda Schmidt da Silva como sua esposa somente em 1926, na dedicatória que faz a ela na terceira edição do *Guia Prático do Pequeno Lavrador*:

À minha esposa  
Ermelinda Schmidt da Silva  
Companheira fiel dos labores campestres  
de que saiu este livro  
Gratidão do  
Nilo Cairo

Ocorre que está dedicatória só aparece na terceira edição, em 1926, quando Nilo Cairo já está no Paraná novamente. Na primeira edição de 1920 e na segunda de 1923 não há dedicatória alguma. Ora, se Nilo se refere a ela como "companheira fiel dos labores campestres" é porque eles estavam juntos em Mogi das Cruzes e se ela não aparece nas primeiras edições daquele livro é porque ainda não estão casados. Essa situação só seria regularizada após a morte de Leonor, pois, como afirma Carneiro (1984, p.29; 59), ao voltar Nilo Cairo ao Paraná a sua segunda esposa já havia falecido.<sup>97</sup> Após a morte de Leonor Nilo, "levou para junto de si, sua filha Sarah<sup>98</sup>" e também tratou de regularizar a sua situação com Ermelinda, com quem passara a viver.

Afastado do Paraná não deve ter resolvido seus ressentimentos e sua amargura em relação a uma série de perdas.

A relação com sua primeira mulher foi interrompida tragicamente com a morte prematura dela, portanto não aponta para o que ele se queixa. Relação complicada só teve com Leonor a qual foi sua mulher em Curitiba e como tal acompanhou todas as perdas que Nilo viveu: o desgaste no *Instituto Hahnemanniano*, a desavença na Santa Casa, o desprestígio da homeopatia na Universidade e o fato de não ter conseguido tornar-se professor das disciplinas clínicas em homeopatia às quais estava destinado e ter sido obrigado a aceitar a condição de professor das disciplinas de Patologia Geral e Fisiologia. Embora homeopata, Nilo Cairo não consegue garantir a permanência das disciplinas de homeopatia na Universidade, em um momento em que a Medicina Experimental de Pasteur e Oswaldo Cruz, se afirma como dominante. O que levantamos como hipótese, portanto, é que Nilo não consegue (ou se recusa) inscrever essas perdas dentre os fatores que estão na origem do mal-estar ao qual está submetido. Até porque isso exigiria que Nilo admitisse esses fracassos não só para si mesmo, mas também para os demais agentes das configurações sociais às quais pertenceu, a quem ele chama de amigos. A nosso ver, Nilo fala do mal-estar sem citar as fontes de sua origem. Porém, para

---

<sup>97</sup> O mesmo autor se contradiz, pois em obra anterior havia afirmado que Leonor faleceu aos 08 de outubro de 1924, portanto quando Nilo já se encontrava de volta ao Paraná (CARNEIRO, 1963, p.547).

<sup>98</sup> "Somente em 1924 sua filha até então morando com a avó passa a viver em sua companhia." (GAZETA DO POVO, 12.11.1968).

pensar sociologicamente esse mal-estar temos que considerar sua trajetória, para além dos problemas com Leonor. E para tanto sua atuação na configuração médico-homeopática do Rio de Janeiro e na configuração médico-intelectual de Curitiba, são fundamentais.

Sabemos que os agentes se movem no interior de uma configuração, a partir de determinados interesses, é a defesa e a conquista destes interesses que orientam a luta, os antagonismos e as alianças (Elias, 2005). Algo muito semelhante afirma Bourdieu (1998) em suas análises sobre o campo. Portanto, circunscrever a interpretação da queixa de um mal-estar na condição de Nilo Cairo, não pode ser reduzida a uma queixa sobre as mulheres. Os afetos não podem ser descartados nesta análise, mas também não podem ser supervalorizados. Isso é não ser fiel aos princípios teórico-metodológicos da análise que procuramos fazer aqui. Nesse sentido, uma sociologia dos afetos, como propõe Elias, é também uma sociologia da história dos afetos, porque toma o agente no conjunto amplo das relações a que se inscreveu num determinado tempo. O caso de Mozart discutido por Elias (1995) ilustra muito bem essa premissa e nos possibilita sugerir que a união com Ermelinda pode ter-lhe trazido tranquilidade na vida privada.

É nesse contexto que faz reflexões sobre as relações com as mulheres, sobre as quais mostra uma posição dualista, como se essas pudessem lhe oferecer o céu ou o inferno. Em 1917, em carta a Victor diz que há de voltar um dia ao Paraná, porém a passeio, mas anuncia que estará novamente casado:

Hei então, de estar de novo casado, porque apesar do que as mulheres me têm feito sofrer, ainda não desci do coração feminino, e nisto sou fiel ao meu venerando mestre Augusto Comte.

A felicidade doméstica será para a segunda metade da minha vida, e poderei então dizer, que se há mulheres doentes que nos transformam a vida em inferno, também há mulheres sãs que nos embelezam a existência e dela fazem um jardim florido.

Conhecerei essas coisas um pouco tarde, mas conhecendo morrerei consolado, podendo proclamar que, na terra, a vida é boa... e adeus!

Nilo Cairo é um observador arguto do ambiente rural em que está após sua saída de Curitiba. Tem também um olhar inquisitivo sobre o papel desse lugar e das pessoas de lá na construção de um Brasil, cuja riqueza neste momento é em sua

grande parte rural<sup>99</sup>. E não somente da observação se faz a visão de Nilo Cairo sobre o Brasil rural, mas principalmente da ação, do trabalho na terra. É assim que nasce a sua produção bibliográfica, que chamamos de fase rural e que ele anunciou como "uma inundação de publicações para a lavoura": *A Cultura da Terra* (1920), *Guia Prático do Pequeno Lavrador* (1920), *Guia Prático da Cultura e Preparação do Fumo*<sup>100</sup> (1922), *Guia Prático de Veterinária Homeopática*<sup>101</sup> (1923), *O Livro da Cana de Açúcar*<sup>102</sup> (2.<sup>a</sup> ed. em 1924), *Guia Prático do Criador de Animais Domésticos*<sup>103</sup> (1925) e *Manual do Agricultor* [192?].

Essas publicações consumiram boa parte do seu tempo nesses seis anos em que esteve afastado do Paraná e serão sucessos editoriais por décadas, com várias edições, em alguns casos, tendo o *Guia Prático do Pequeno Lavrador* alcançado sete edições, sendo a última de 1950.

Faz esse tipo de publicação, porque, embora longe e desacreditado do empreendimento do ensino superior que fizera no Paraná, o qual passa por sérias dificuldades e decepcionado com seus conterrâneos, ainda acredita na educação. Este tema será retomado no capítulo em que tratamos das concepções de ensino e ciência de Nilo Cairo.

Nilo Cairo acredita que o caboclo necessita de educação e que a visão de Monteiro Lobato de que o problema daquela gente seriam as doenças é equivocada. Nesse sentido não poupa pesadas críticas, em 1920, ao programa *Profilaxia Rural* e ri-se "desses idiotas que querem reformar coisas complexas com medidas simplistas: curar a preguiça hereditária com cápsulas de quinino..." "Doutores que nunca conviveram com os nossos operários rurais, que não estudaram a vida deles, incapazes de observar, médicos sem clínica, inventaram opilação, malária e outras

---

<sup>99</sup> Em 1910 o índice de urbanização do Brasil era de 9,8%. (FRANCO; LAGO, 2012, p.199).

<sup>100</sup> A primeira edição, de 1922, foi consultada na Biblioteca Nacional e o autor adquiriu a segunda edição de 1935.

<sup>101</sup> A primeira edição, de 1923, foi consultada na Biblioteca Nacional e o autor adquiriu exemplares dessa e da segunda, esta de 1942.

<sup>102</sup> O exemplar da segunda edição, de 1924, foi consultado na Biblioteca Nacional.

<sup>103</sup> A primeira edição, de 1925, foi consultada na Biblioteca Nacional e o autor adquiriu a segunda edição, de 1934.

tolices..." Acredita sim, que o fato de que "essa gente" seja "preguiçosa, indolente e pálida", seja "vício de educação e nada mais", sendo "almas mal formadas, criadas no isolamento dos sertões, insociáveis, sem noção dos deveres da sociabilidade e da solidariedade humanas e analfabetos..."

Nota-se no julgamento que Nilo Cairo faz do "caboclo" a mesma posição etnocêntrica de Monteiro Lobato. Ambos consideram que, para além dos problemas de saúde o "caboclo", é possuidor de uma preguiça atávica.

Aí está presente, com todas as cores, o Nilo Cairo positivista que acredita na redenção do homem pela educação e a serviço da sociedade. E, agressivo, continua: "nunca vi uma mentira mais estúpida do que dizer-se que o nosso caboclo é doente!!" E, completa: "Mas, opilados? Opilação tem a *Profilaxia Rural* no miolo." E, novamente agressivo: "Por vezes ao ler essas patranhas nos jornais tenho ímpeto de meter o cacete nestas bobagens."

Volta à carga sobre o mesmo tema em 1921, citando novamente Monteiro Lobato e estendendo a crítica a Miguel Pereira: "Pura balela, simples fantasia literária de Miguel Pereira e Monteiro Lobato, acobertados pela avidez americana dos Rockefelleristas..."

Mais uma vez, argumenta veementemente contra a *Profilaxia Rural*, colocando-se com a autoridade de quem vive com o caboclo há três anos e afirma que:

o que ele necessita não é de cápsulas nem pastilhas, mas de educação moral e sociabilidade, que lhe deem ideias e ambições para tirá-lo da apatia e da miséria em que vive. Quem vê o caboclo trabalhando sob a inclemência das intempéries sem adoecer, não pode deixar de admirar a sua excepcional robustez e a sua magnífica saúde. Na roça, no rural, não há moléstias. Dizer o contrário é levantar calúnia. Em vez de *Profilaxia Rural* crie-se antes *Profilaxia Moral* que comece a povoar o solo do Brasil e dar ao caboclo o sentimento de sociabilidade. O mais é tolice. Querem que ele vá aprender o alfabeto à escola? Mas como se a criança desde cedo é obrigada a ajudar o pai a ganhar a vida e a remediar a miséria dos três mil réis diários? Pois então pague-se mais ao caboclo. (CARNEIRO, 1984, p.51-52)

Pela lente do positivismo de Augusto Comte, Nilo Cairo faz observações a respeito da complexidade do social e combate, com paixão, o simplismo de soluções por meio de programas verticais como a *Profilaxia Rural*. Por outro lado, como já mostramos, sua visão do caboclo é preconceituosa tanto quanto a de Monteiro Lobato.

## 5.2 HOMENAGENS, AFETOS E DESILUSÕES

Neste item do capítulo trabalhamos a forma como Nilo reage aos fatos que o fizeram se afastar para o rural. Trabalhamos principalmente com as cartas trocadas com os amigos.

Acreditamos que o isolamento no interior de São Paulo faz com que Nilo experimente de forma mais intensa as perdas ocorridas tanto no Rio quanto em Curitiba. Nesse sentido, a experiência do isolamento o força a refletir e, ao mesmo tempo, se manifestar sobre o significado das perdas e como estas o têm afetado. Tratar dos afetos é abordar a forma como as condições vividas atuam sobre o sujeito e determinam, em certa medida, sua forma de entender a vida, o mundo e a relação com o outro.

Nesse período ausente do Paraná, Nilo Cairo recebeu duas homenagens. A primeira delas veio da *União dos Acadêmicos de Medicina*, que, dando posse à primeira diretoria no dia 19 de dezembro de 1917, resolveu enviar um telegrama a Nilo Cairo, informando-o da instalação da entidade e de que ele fora escolhido como presidente honorário.

Nilo Cairo responde a homenagem enviando uma carta datada de 23 de dezembro de 1917, ao presidente da *União dos Acadêmicos de Medicina*, José Pereira de Macedo, na qual emocionado agradece a homenagem: "Nessa hora de injustiças e esquecimentos, que atravessamos no mundo anarquizado, bem difícil me seria exprimir o meu desvanecimento pela honra imerecida que me deram,..." E se refere à sua situação como de "exílio" (SIQUEIRA, 2004, p.28).

Nilo Cairo se apresenta como vítima da incompreensão dos paranaenses. Mas, deve-se levar em conta que, embora de forma menos explícita do que quando de sua retirada do Instituto Hahnemaniano do Brasil, aqui também as ações de Nilo Cairo dentro das circunstâncias em que se encontrava no Paraná, após o cenário desfavorável provocado pela Reforma de Ensino, pode ter provocado essa situação.

É a perda de poder, na configuração social em que se encontrava, que Nilo Cairo não suporta e reage se afastando para o interior de São Paulo.

Quando pensamos na Sociologia de um Gênio, de Elias (1995), fica claro o princípio a partir do qual Mozart é considerado. Elias leva em conta em sua análise a

articulação entre a personalidade de Mozart e as circunstâncias. Em nossa análise de Nilo Cairo trata-se de considerar como essa articulação determina as ações, o comportamento e a direção dos afetos, assim, Nilo se afasta, rompe sempre que a circunstância lhe é adversa.

Outra homenagem foi um "busto em bronze do ilustre paranaense colocado no vestíbulo do edifício da Universidade, a 19 de agosto de 1921" (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.273).

Essas cartas que estamos utilizando para retratar os afetos de Nilo Cairo são reveladoras do seu cotidiano em São Paulo. Assumem importância por revelarem o seu "estado de espírito". Compõem um conjunto de documentos de natureza privada, em que aparecem, nas suas próprias palavras, seus humores e seus afetos. Elas são também um testemunho das relações entre Nilo Cairo e Victor do Amaral e apontam para o entendimento das relações entre Nilo e os demais agentes da configuração à qual pertencia.

As relações de interdependência estabelecidas, em quatro anos de convívio intenso, entre Victor e Nilo poderiam ser explicadas apenas pelas circunstâncias em que os seus objetivos se cruzaram, mas isso empobreceria a natureza dessas relações.

Embora sejam relações permeadas de solidariedade, não se pode dizer que sejam relações apenas de natureza pessoal. O que mobiliza essas emoções é o conjunto das relações dos agentes da configuração médico-intelectual, que resultou na constituição da Universidade do Paraná, no início do século. O que congrega os agentes nessa configuração foi o projeto de colocar o Paraná no cenário de uma nação moderna que se anunciava (CAMPOS, 2008, p.116-117).

Para se compreender as emoções de Nilo Cairo não é possível fazê-lo apenas a partir da sua individualidade, tampouco a partir da sua vida privada ou da relação com um amigo, o seu correspondente Victor do Amaral.

Partindo da sociologia de Elias, Burkitt (2009, p.210-211) afirma que: "As emoções estão em ligação estreita com a natureza humana das pessoas, ativamente emersas em relações de poder e interdependências, cuja expressão incorporada e sentimentos têm a ver primeiramente com os relacionamentos entre eles." E, acrescentaríamos, mediadas pelas circunstâncias históricas.

Assim, compreender as relações de Nilo Cairo e seus afetos é também buscar compreender as relações entre os agentes naquela configuração social. As

emoções de Nilo, nesse período, foram mobilizadas pelas suas relações e pelas posições que tenha conquistado e, posteriormente, perdido nessas configurações.

Victor do Amaral, quando da saída de Nilo Cairo do Paraná, havia reconhecido que Nilo estava sendo vítima de alguma incompreensão ou injustiça e se comprometia a lutar para que a justiça se restabelecesse ao afirmar, em carta ao amigo, datada de 24 de fevereiro de 1917, que seria "o maior pregoeiro da justiça a ser proclamada pelos tempos a fora em decisão que há de ser emitida face ao seu mérito e à sentença que faz justiça eterna, que é a da história".

E Victor nos anos seguintes, durante a ausência de Nilo, depois no seu retorno e mesmo após a sua morte, nunca deixou de propagar os méritos do amigo. Se Nilo Cairo passou para a história isso deve, em parte, ser tributado ao esforço do amigo Victor.

Amigo Victor! É assim que Nilo tratará Victor do Amaral em cartas desse período.

É pela "convivência durante quatro anos e a camaradagem leal" que Victor retoma a correspondência com Nilo em 24 de fevereiro de 1917. Seriam seis anos de confidências bilaterais, embora conheçamos apenas as cartas de Nilo e mesmo assim por referências secundárias.

Victor se reconhece devedor de Nilo e mostra a sua admiração pelo seu trabalho. Abraça-o afetuosamente ao final da carta e lhe deseja que o *spleen* e a misantropia de Nilo já tenham terminado.

Essas expressões *spleen* e misantropia fazem Nilo expressar sentimentos sobre a sua terra e a sua gente. Refere-se aos amigos e parentes como causa de seu sofrimento e ao isolamento como necessário para a recuperação do amor pela vida.

Retoma esse tema em 14 de maio de 1917 dizendo que perdeu suas "ilusões e ambições", afirmando: "Os meus ideais estão reduzidos a muito pouco – comer e dormir em paz, ganhando o suficiente para isso."

Continua:

Veja bem que cada vez mais ganho horror às multidões, sobretudo às maldizentes que, com os seus dizem-dizem, tanto mal fazem aos nossos corações.

Foi esse afastamento dos comentários que me curou. Hoje me sinto de perfeito humor e amo a vida, como lhe disse:

Se não morrer dentro de dez anos<sup>104</sup>, espero ser o homem mais feliz da terra, depois de 42 anos de luta inglória e vã.

Presentemente não desejo mais nada, senão que tudo corra como vai correndo: Em paz, ignorado em meio à imensa multidão... É tão bom ser desconhecido de quem nos passa ao lado! Só hoje sei o quanto é horrível ser-se um homem célebre.

Por isso não espero mais voltar ao Paraná, ainda que o meu ódio aos "patuscos da minha terra" tenha abrandado, depois que me sinto feliz. (CARNEIRO, 1984, p.34)

Nilo, amargurado e depressivo, está elaborando os últimos fatos ocorridos no Paraná, os quais envolvem, também, a sua vida privada. Passa-se o ano de 1917 e, em 1918, Nilo volta à carga queixando-se do Paraná, mas mudando o foco das questões pessoais para as dificuldades pelas quais passa a Universidade do Paraná, em função da falta de seu reconhecimento pelo Governo Federal.

Mostra-se pessimista com o futuro da Universidade do Paraná: "O Paraná não é ainda, nem será por dois ou três séculos, terra para universidades".

E, complementa:

E você há de agora confessar que eu fiz muito bem em atirar tudo isso à ventas de um povo atrasado, cujos dirigentes não compreendem o bem que se faz à sua terra...

Inveja-me, pois, inveja-me. Planto o mate<sup>105</sup> para um dia fazer chá e o feijão para alimentar-me. Isso é melhor do que andar a dar tratos à bola para fazer bem aos outros e levar coices.

Você também há de ser crucificado, porque ninguém, certamente há de avaliar o que gastamos de fósforo cerebral e de energia moral, para levantar nossa instituição que o Paraná não merece. Nem o Paraná nem o Brasil.

Eu fico plantando batatas. (CARNEIRO, p.38)

O estado de Nilo explode em ressentimentos em relação às perdas que sofreu nas configurações sociais de que participou ativamente. Embora esse ressentimento revele um drama pessoal, não podemos tomá-lo apenas como uma expressão de seu humor, mas como o efeito dessas perdas sobre este último.

Seu humor começa a melhorar, em 1919, quando Victor lhe noticia a fiscalização da Universidade. Em resposta de 23 de fevereiro se solidariza com Victor elogiando-o por seu trabalho e faz votos "pela grandeza e prosperidade" do

---

<sup>104</sup> Nilo Cairo morrerá em 06 de junho de 1928, onze anos após essa carta.

<sup>105</sup> Victor enviara uma muda de mate para que fosse plantada na "fazendinha" de Nilo Cairo.

ensino. Lamentando não poder estar com Victor e os "nossos colegas", percebe que o reconhecimento ao seu trabalho e de seus colegas está chegando.

Apesar das circunstâncias da minha vida, que me impedem de estar ao lado de você e de nossos colegas, para gozarmos juntos as alegrias do momento, em que se reconhece enfim a sinceridade dos nossos esforços, espero ainda do meu inclemente destino que um dia possa abraça-los a todos pessoalmente e voltar a ocupar um modesto lugar ao lado dos velhos companheiros de luta pelo bem da terra paranaense. (LIMA, 1982, p.471)

A compreensão que Nilo tem de sua condição e da qual se queixa, é debitada à ingratidão e à ignorância dos paranaenses. No entanto, para nós, trata-se antes de tudo do jogo de forças e da disputa pelo poder das quais participou, seja no Rio de Janeiro, seja em Curitiba, e na qual foi vencido. Sustentar valências positivas e interdependências numa configuração social exige do agente o desenvolvimento de estratégias que lhe fortaleçam. Desentender-se no Rio com os homeopatas unicistas e depois no Paraná com a Mesa da Santa Casa, insistir na homeopatia num curso em que predominava a medicina bacteriológica, foram estratégias equivocadas.

Ao mesmo tempo, em sua carta, de 23 de fevereiro, Nilo demonstra não entender o que se passou em Curitiba, ao reafirmar que possa retornar e "voltar a ocupar um modesto lugar ao lado dos velhos companheiros de luta pelo bem da terra paranaense". Ora as configurações são dinâmicas e dificilmente um agente que perde posições em seu interior consegue recuperá-las somente pela benevolência de colegas, ou dos outros agentes. Não há colegas numa configuração, não é de relações de amizade e coleguismo que se trata numa configuração e sim de relações de força pela conquista do objeto em disputa, e com ele, para usar uma expressão de Bourdieu<sup>106</sup>, trata-se da acumulação de capital simbólico, de prestígio. Não há lugar à espera de Nilo.

Dois anos de tristeza e Nilo aparenta nessa mesma carta estar curado desse mal. Já se alegra, não nega e até almeja estar novamente entre os paranaenses, embora entregue essa possibilidade ao desejo do seu "inclemente destino".

---

<sup>106</sup> Ver Bourdieu, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Mas, ao escrever, em 26 de maio de 1919, a Leocadio Cisneyros Correia<sup>107</sup> afirma que para ele já morreram "as doces ilusões" e trata da vida humana como "reles", "má" e "ingrata", e continua:

Ah! Quanta coisa já se extinguiu no meu coração!  
Depois de uma carreira de 44 anos, vã e oca, eis-me aqui, na serra, feito pequeno lavrador, a cavar a terra para comer... emancipado, enfim, dessa ciência dourada e falaz, que não sabe curar os males que corroem o coração humano... sem ardor, sem entusiasmo, sem esperanças...  
Tornar-nos-emos a ver? É quase certo que não. Deste canto solitário e verdejante onde a todo momento verifico entristecido a superioridade moral dos vegetais e dos animais sobre o Homem, espero ir para o cemitério, a esconder sob a terra as minhas ilusões perdidas. (GAZETA DO POVO, 01.12.1983)

Nilo expressa-se como um verdadeiro melancólico. Assim como o Mozart de Elias, aqui está um Nilo que nos permite caminhar na trilha da sociologia das emoções ou dos afetos, se quisermos fazer a sociologia deste homem. O que não podemos perder de vista é que todas as expressões do mal-estar de Nilo são formas que reforçam a incapacidade de compreender, na qualidade de agente, a dimensão das estratégias que utilizou nas configurações às quais pertenceu. Assim, os afetos precisam ser considerados nesta dimensão, ou seja, efeitos do seu percurso na configuração. Apelar para a emoção e a queixa, e no limite à solidariedade dos amigos, não trará de volta o que foi perdido no jogo.

Em 1920, Nilo está tão saudoso da Universidade que, comovido com um telegrama de Victor do Amaral comunicando o reconhecimento da Faculdade de Direito, relembra muitos fatos da fundação da Universidade do Paraná. Saudoso e alegre, escreve os trechos mais longos aos quais tivemos acesso.

Repete-se essa alegria em 1921, quando recebe notícias favoráveis a respeito da fiscalização da Faculdade de Medicina e, em 1922, quando do seu reconhecimento pelo Conselho Superior de Ensino, equiparando-a às suas congêneres oficiais.

Nas últimas cartas antes do retorno, faz planos e desaparecem todos os resquícios das mágoas tão intensas dos primeiros anos. Está pronto para retomar a sua trajetória no Paraná, voltando para a Universidade que ajudara a criar.

---

<sup>107</sup> Leocadio Cysneros Correia foi filho do médico Leocadio José Correia (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.292).

Victor foi paciente e solidário e, de alguma forma, criou condições para o retorno do amigo, mantendo a promessa de fazer justiça apregoando as suas virtudes demonstrando, assim, lealdade e, inclusive, inaugurando um busto em sua homenagem, nas dependências da Universidade.

### 5.3 O RETORNO AO PARANÁ

Nilo Cairo voltou ao Paraná pouco antes das comemorações do Centenário da Independência. Foi recebido de braços abertos pelos seus velhos amigos especialmente o Dr. Victor do Amaral, que sabia do seu valor e recomeçou a lutar por aqui, com o velho afinco (CARNEIRO, 1984, p.59).

Essa afirmação certamente é laudatória e não se presta à compreensão das relações existentes naquela configuração. Nilo se retirara no momento mais difícil em que passava a Universidade do Paraná e agora resolvera voltar justamente quando houve o reconhecimento das três faculdades nas quais havia se desmembrado. É provável que Nilo Cairo tenha perdido poder entre os seus pares depois de seis anos ausente, período em que aqueles que ficaram no Paraná enfrentaram as dificuldades antes do reconhecimento.

O retorno naquela data estaria de acordo com o livro de *Assentamentos de Professores*, no qual consta que, terminada a sua licença de seis meses recebida em 31 de março, Nilo Cairo apresentou-se a "20 de outubro, não assumindo a regência da sua cadeira". Porém, na carta de 14 de agosto de 1922, publicada pelo mesmo autor, não há indícios de que a sua vinda ao Paraná pudesse vir a ocorrer em tão pouco tempo.

Além disso, encontramos no *Comércio do Paraná*, datado de 14 de março de 1923 a seguinte notícia:

Dr. Nilo Cairo

Procedente do Rio de Janeiro, chegou anteontem a esta capital o nosso distinto patrício o Dr. Nilo Cairo.

Afastado a alguns anos do nosso convívio, volta, novamente, o distinto clínico a exercer a sua atividade em nossa capital, onde o seu nome já se acha aureolado, devido aos grandes serviços prestados à nossa terra.

Criador da nossa Universidade, vai agora ampliá-la, e desde já podemos dizer que a sua energia e força de vontade inquebrantável, farão que em breve possamos admirar, concluído, o vasto templo da Instrução.

Dotado de uma inteligência que muito honra a nossa terra, tem o Dr. Nilo Cairo se imposto em nosso meio não somente pelos livros de valor que há publicado, como, e, sobretudo, pela sua atividade incomparável em prol do progresso do Paraná.

Ao distinto patricio enviamos as nossas saudações (COMMERCIO DO PARANÁ, 14.03.1923).

Retoma a sua atividade clínica e se faz anunciar na imprensa do dia 20 de março daquele ano:

Dr. Nilo Cairo  
MÉDICO HOMEOPATA  
Consultas:  
Das 2 às 3 da tarde  
Rua 15 de novembro, 109  
(COMMERCIO DO PARANÁ, 20.03.1923).

No livro de recortes de jornais da Faculdade de Medicina do Paraná, intitulado *Notícias dos Jornais sobre a Faculdade*, Nilo Cairo aparece em 12 de abril de 1923, em uma notícia que afirma que fará parte de uma comissão com o objetivo de apresentar um parecer que proponha sugestões e emendas a projeto de regulamento publicado no Diário Oficial da República pelo Conselho Superior de Ensino (LIVRO DE RECORTES, A Republica, 12.04.1923) e alguns dias depois o *Comércio do Paraná* faz ampla matéria de cobertura de uma festa em homenagem a Nilo Cairo, do discurso proferido pelo aluno de medicina Decio de Bastos Coimbra e da resposta do homenageado.

Essa matéria jornalística marca o retorno de Nilo Cairo ao Paraná. O *Comércio do Paraná*<sup>108</sup> trata do tema em clima de euforia e mostra o reconhecimento da comunidade da Universidade ao paranaense que houvera se afastado e agora retornava, bem como o humor de Nilo Cairo, disposto a retomar a luta pela Universidade.

A homenagem foi de iniciativa dos alunos e revestiu-se de pompa, já que estavam presentes "o que de mais elegante possui a nossa capital". Pelo número de pessoas que se esperava e pelas atividades programadas o prédio da Universidade

---

<sup>108</sup> É bom lembrar que o jornal em questão foi fundado por Victor Ferreira do Amaral (WACHOWICZ, 2006, p.43).

mostrou-se pequeno e o evento foi realizado no "vasto salão da sociedade 'Sangerbund'<sup>109</sup> que se achava lindamente enfeitado". Às 21 horas o salão "regorgitava de exmas. famílias e cavalheiros", a Comissão dos Acadêmicos assumiu a direção dos festejos. O objetivo de tão grande festa era "prestar uma bela e sincera homenagem ao eminente clínico patricio Dr. Nilo Cairo, comemorando assim o seu regresso à terra que o viu nascer".

A mesa foi composta por José Gelbeck, presidente da Comissão, os acadêmicos Victor do Amaral Filho e Decio de Bastos Coimbra, Victor do Amaral, Augusto Teixeira de Freitas e Desembargador Vieira Cavalcanti Filho, respectivamente diretores das Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito. Nilo Cairo, "como homenageado foi chamado a tomar parte também no lugar de honra".

Como era início de ano letivo houve também manifestações de recepção aos calouros, os quais foram aclamados pelo bacharelado José Gelbeck.

Victor do Amaral se manifesta, elogiando a humanização da recepção dos calouros:

Ao encerrar a sessão o Sr. Dr. Victor do Amaral congratulou-se com os estudantes, em ver a fraternidade existente, prova concludente do espírito progressista dos nossos estudantes. Disse que já foi o tempo do canelão, da moca, das vaias, do corte de cabelo e de outras selvagerias que se usavam no estrangeiro e entre nós. A festa que ali se realizava era a prova da nossa cultura e do progresso. Regosijando-se com os estudantes, fez-lhes um apelo para que estudassem sempre, de modo que a nossa Universidade cada vez mais patenteie o seu desenvolvimento e evidencie a cultura do Povo Paranaense (COMMERCIO DO PARANÁ, 25.04.1923).

Os discursos que foram pronunciados, principalmente o de Nilo Cairo, retratam o estado de espírito dessa nova fase, a do seu retorno. Essa fase será profícua, embora se verificará mais tarde que será por demasiado curta, em função do adoecimento que abreviaria a sua vida.

---

<sup>109</sup> Em passagem pela sede Concórdia do Clube Curitibano, antigo Clube Concórdia, em 12 de fevereiro de 2013, pudemos constatar, na Rua Presidente Carlos Cavalcanti nº 815, na parte frontal do edifício, as inscrições DEUTSCHER SÄNGERBUND ainda presentes. Um totem da municipalidade explica: "Clube Concórdia. Construção de 1886, sede da Deutscher Sängerbund, criada em 1884 pela fusão dos clubes Germania e Gesangurein Concordia, para encontro e integração da colônia alemã. Foi ampliada a partir de 1912. Em 1938 adotou o nome atual, pela nacionalização que viria com a II Guerra Mundial." Deve ter sido nesse local o evento em homenagem à Nilo Cairo.

O discurso do aluno orador oficial se reveste de importância, pois demonstra o legado de Nilo Cairo que ficará para a posteridade:

As homenagens que hoje vos são tributadas são altamente expressivas. Elas constatarem de um modo positivo e eloquente o valor extraordinário das vossas obras, os benefícios incalculáveis advindos da vossa inteligência privilegiada, da vossa capacidade de trabalho, do vosso labor fecundo, em prol dos progressos de nossa estremecida Pátria.

Não compete a mim, por certo, dizer do valor dos vossos trabalhos máxime, daqueles que produzistes nos vastos campos da ciência médica.

As vossas obras magistrais difundidas e recebidas com aplausos pela classe médica, são o atestado mais valioso do vosso talento, da vossa inteligência. Dotado que sois de saber enciclopédico, portador de diversos diplomas que vos conferem os honrosos títulos de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, de Engenheiro Militar e Doutor em Medicina, com uma capacidade de trabalho invejável, tendo vos tornado o cidadão útil ao Estado, à Pátria e à Humanidade.

Em todos os tratados e monografias que tendes dado à luz da publicidade, revela-se sempre, ao lado da profundidade do saber, do método irrepreensível e genuinamente prático, da lógica irrefutável, o acentuado e arguto espírito do cientista que, senhor dos princípios básicos, filosóficos dos ramos do conhecimento humano, - ausculta, estuda e penetra os arcanos da Natureza.

Os vossos compêndios *Elementos de Fisiologia* e *Elementos de Patologia Geral*, escritos para os estudantes de nossas Faculdades, conforme declarastes em seus respectivos prefácios, constituem hoje o vade-mécum de cada aluno dessas cadeiras e prestam relevantíssimos serviços aos candidatos à matrícula no curso de direito, como base indispensável para o seu estudo de psicologia, de que tanto carecem.

A conferência que realizastes sobre o tema *Liberdade de Ensino e Liberdade Profissional*, por ocasião da entrega de diplomas à turma de graduandos de 1914, da qual fostes digno paraninfo, enefixa também uma série de conhecimentos valiosos, ao lado de conselhos salutares, que destes àqueles que personificaram em vós o corpo docente do estabelecimento onde haviam aurido as luzes do saber e ao qual nesse momento diziam o saudoso adeus de despedida (COMMERCIO DO PARANÁ, 25.04.1923).

O acadêmico ressalta a intelectualidade de Nilo Cairo e sua produção bibliográfica ligada à Universidade, sem citar a homeopatia e as obras rurais. Mas, ao enfatizar os livros de patologia geral e fisiologia, denuncia a importância que esses livros, principalmente o *Elementos de Patologia Geral*, terão no ensino da medicina por várias décadas. Ao se enfatizar a conferência de 1914 está se reconhecendo que aquelas ideias fiéis ao positivismo e lá apresentadas foram as ideias que permitiram emergência de uma universidade no Paraná. Certamente foi reconfortante para Nilo Cairo ouvir essas palavras de reconhecimento.

É sintomático que no discurso de boas-vindas a Nilo Cairo não seja citada a produção bibliográfica relacionada à homeopatia e nem à agricultura. Se admitirmos que um dos elementos que garantiram sua entrada na configuração médico-intelectual

em Curitiba foi o fato de ter ocupado altas posições no *Instituto Hahnemanniano do Brasil* e adquirido prestígio com isso, agora esta experiência não tem mais o mesmo valor. O discurso enfatiza a condição de professor de patologia geral e fisiologia que ele havia sido, num curso que já nasce sob o signo da bacteriologia ou pela medicina anátomo-clínica, como quer Foucault (2001)

O que se reconhece na sequência do discurso, como veremos, é a importância de seu trabalho para a criação da Universidade de Paraná.

Nilo ao tomar a palavra discursiva em dois sentidos, um operativo e outro afetivo. Do ponto de vista afetivo Nilo Cairo anuncia-se um apaixonado pelas coisas que faz e às quais se associa com todas as energias do seu caráter, mas reconhece que "o mérito" que advém da empreitada "cabe a todos".

Obras como essa, não dependem de um único impulso nem de uma única energia, tanto no que se refere à sua criação, como no que se refere à sua conservação. A Universidade do Paraná, pois, é uma obra coletiva e não individual: todos quantos fizeram parte dela foram as colunas de ferro que sustentaram a sua armação periclitante; todos quantos hoje fazem parte dela são os esteios sobre os quais assentam a sua estabilidade e a sua continuidade (COMMERCIO DO PARANÁ, 25.04.1923).

Cita o apoio dos poderes públicos federais, estaduais e municipais, sem esquecer-se de Victor do Amaral, a quem chama de "ilustre amigo e chefe". Longe daquele Nilo Cairo cheio de mágoas do Paraná, reconhece o trabalho de todos, redistribui as homenagens, como "flores", e com isso tenta se colocar novamente na configuração, disposto a dar de si a força.

Deixai, portanto, que, neste momento, transforme em flores a braçada das vossas bondosas palavras, para esparzir sobre as frentes de todos esses abnegados servidores do progresso mental do Paraná, desde aqueles que primeiro esboçaram a primeira ninagem da obra até aqueles que hoje, professores, se dedicam esforçadamente por difundir a cultura científica nos vossos espíritos juvenis.

Permiti-me, pois, meus amigos, que, em vez de receber esta festa como uma homenagem a méritos individuais que não possuo e que só viram a lente da generosidade cega da vossa mocidade e o vosso entusiasmo o amor pelo estudo, permiti-me que não veja mais senão uma homenagem a esse concurso de sentimentos patrióticos, de ideias e de atos, de que resultou a instituição do ensino superior que aí tendes e que vos prepara para bem servir a sociedade.

Se, agora, regosijais-vos pela minha volta à Universidade, que sempre amei, na esperança de que a ela torne, com as mesmas energias dos primeiros tempos, cumpre-me dizer-vos que, apesar da prolongada ausência que me reteve longe de vós por tantos anos, não se verificou felizmente o princípio psicológico – longe da vista, longe do coração – e que aqui me tendes, na

mesma disposição de caráter, de trabalhar convosco e com os vossos mestres, pelo progresso cada vez mais eficiente das Faculdades, que constituem o ensino da Universidade do Paraná (COMMERCIO DO PARANÁ, 25.04.1923).

Chama a Universidade de "filha dileta", para a qual já usara o verbo ninar. Trata a Universidade como uma criança que precisa de cuidados para o seu desenvolvimento e logo se lança à ideia de continuar a construção do edifício da Universidade. Aqui ressurgue o Nilo Cairo operativo, elogia o corpo docente, mas se põe a apontar todas as suas deficiências de estrutura, principalmente de laboratórios. Lança o desafio dizendo que não basta criar, mas "é preciso agir, agir continuamente, com a mesma coragem criadora dos primeiros tempos, com mais prudência, é certo dada pela experiência, mas não com menos pertinácia". E, convoca a todos: "- Trabalharemos, pois..."

A mocidade é sempre corajosa. A vós, pois, meus amigos, cumpre apelar para nós, dar às nossas artérias um pouco de sangue novo, insuflar, nos nossos nervos, gastos pelas intempéries da vida e pelos anos, um pouco do influxo motor dos vossos nervos juvenis... À vossa voz eu reunirei a minha... E como leio nos vossos olhos as mesmas esperanças que me animam, dou-me o prazer, neste momento, de transmitir o vosso apelo ao nosso deão e nosso amigo, Sr. Dr. Victor do Amaral, cheio sempre de boa vontade para atender aos reclamos do progresso de uma instituição, a que ele dedicou o resto da sua vida...

Estou, por isto, convencido de que o vosso apelo será ouvido. Pela minha parte meus amigos, desde já vos hipoteco o meu voto... Voto pelo progresso contínuo, pelo aperfeiçoamento gradual, mas incessante, de uma instituição, que será um dia a glória do nosso Estado, colocado então entre os outros mais cultos do mundo...

Porque é para o futuro que devemos olhar... Pois o que somos nós senão a federação harmônica de células sociais trabalhando, sob o peso dos nossos antepassados, para os nossos netos? Do passado herdamos todo o capital moral, intelectual e material que desfrutamos; cumpre-nos, por nossa vez ajuntarmos-lhe os aperfeiçoamentos do nosso esforço presente, para ligarmo-lo, acrescido, aos nossos vindouros do futuro. Resguardando, pois, os justíssimos interesses materiais da criança que vimos nascer, que acalantamos nos braços, que aquecemos ao calor do nosso entusiasmo, dediquemo-lhe todo um programa de trabalho incessante, de aperfeiçoamento, de progresso contínuo, que aumente cada vez mais o nosso crédito exterior, e que seja a condenação formal da indiferença, da inércia, da estagnação, do egoísmo... (COMMERCIO DO PARANÁ, 25.04.1923).

Esse discurso de Nilo Cairo, no momento de seu retorno, representa uma estratégia de reconciliação com os agentes da configuração, com o objetivo de voltar a compor com seus antigos pares.

Vale, porém, lembrar, que mesmo que os agentes de uma configuração determinada mantenham relações pessoais, o que é importante embora não seja suficiente para garantir posições em seu interior, apenas formas de cancelar o prestígio e o poder entre iguais. A escultura do busto é o reconhecimento da contribuição e de um lugar ocupado no passado, que se pereniza na homenagem, que sempre remete ao passado. Mas nem a recepção festiva, nem a homenagem se traduzem imediatamente em reinserção na configuração em posição equivalente à que fora perdida.

O livro de *Assentamentos de Professores* mostra a retomada das funções de Nilo Cairo, em 1923, reassumindo a Secretaria da Faculdade de Medicina, a regência das disciplinas de Patologia Geral e Fisiologia do curso de medicina. Além dessas funções faz parte de uma comissão fiscalizadora das obras de construção do prédio das Faculdades. De 24 de setembro a 31 de outubro "exerceu as funções de Diretor da Faculdade, por motivo de licença do Diretor efetivo".

Sua volta a Curitiba se dá com a retomada de suas antigas funções na Universidade. Porém, mesmo retornando às suas funções de Secretário, ocupando um dos mais altos cargos da hierarquia universitária, seu conhecimento de homeopatia não é reconhecido como necessário para o curso de Medicina, nem para o exercício da docência em Patologia Geral e em Fisiologia. Nossa hipótese é que mesmo retomando essas funções, não o faz mais com os mesmos poder e prestígio de quando chegou do Rio de Janeiro saindo do *Instituto Hahnemanniano*. Podemos acrescentar ainda que havia perdido também o reconhecimento que lhe conferia o fato de ter sido criador da *Revista Homeopática do Paraná*, mais tarde *Revista Homeopática Brasileira*. O fato de reingressar na configuração com a qual havia rompido não significa que tenha recuperado a posição perdida com a ruptura. Nilo continua sem acesso às disciplinas de clínica no curso de medicina e sua clínica homeopática não teve mais o vigor que experimentou quando de sua vinda do Rio de Janeiro e tampouco participou da Santa Casa, fundamental para determinar as orientações da formação médica que a Universidade oferecia.

O *Comércio do Paraná*, em 13 de setembro de 1923, publica notícia sobre a continuidade da construção do "majestoso edifício de nossas Faculdades Superiores de Ensino", cuja fachada principal carecia dos dois torrões laterais. Enfatiza a importância da doação feita pela colônia alemã para o início das obras e da

oportunidade criada pela volta de Nilo Cairo, o qual foi importante para que Victor do Amaral colocasse em prática a execução do seu plano de aproveitar as reservas da Faculdade de Medicina acrescidas da doação recebida (COMMERCIO DO PARANÁ, 13.09.1923). E nesse sentido, mais que médico, Nilo é o secretário da Universidade e como engenheiro militar tomará parte na comissão de fiscalização das obras de construção dos torrões laterais Universidade.

Na véspera, o jornal *Gazeta do Povo* havia publicado extensa matéria com entrevista de Nilo Cairo explicando detalhes da obra de ampliação do edifício da Praça Santos Andrade para poder albergar as estruturas necessárias ao ensino, principalmente da Faculdade de Medicina. Nessa entrevista cita, ainda, a intenção da Faculdade de Engenharia de solicitar à municipalidade a aquisição do Belvedere no Alto de São Francisco. Aí seria construído o Observatório Astronômico do Paraná. E, sonha em voz alta:

Compreende a importância que esta construção traz para o nosso Estado: Curitiba possuir um Observatório Astronômico. Ora, essa construção, essa adaptação do edifício do Alto de São Francisco custaria talvez uns 30 contos... Além disso, uma vez terminada a construção dos nossos torrões, ela vai instalar um gabinete especial de eletrotécnica e acomodar em espaço mais amplo o atual de resistência dos materiais. Como se vê, é geral e contínuo o nosso esforço por melhorar a eficiência do nosso ensino, o que vamos fazendo com os nossos recursos (LIVRO DE RECORTES, *Gazeta do Povo*, 12.09.1923).

Perguntado se há recursos suficientes, garante que existem recursos para pagar a construção em cinco anos. Mas, ele mesmo, sorrindo, se pergunta sobre o depois:

Depois?  
Depois? Ora! Deus nos ajudará. Ele não disse: trabalha que eu te ajudarei? Olhe: como sabe, o ano passado, a benemérita colônia alemã desta capital doou-nos 26 contos, para serem empregados na continuação da construção do nosso edifício. Esse dinheiro está agora sendo entregue aos construtores, como início do pagamento da obra. Olhe mais: a colônia francesa desta capital fez-nos também o benefício e doou à nossa Biblioteca comum cerca de 3.700 francos, que está atualmente empregando na compra de livros franceses. E assim. Pois então? Devemos agora esmorecer? (LIVRO DE RECORTES, *Gazeta do Povo*, 12.09.1923).

O *Diário da Tarde*, de 30 de outubro de 1923, elogia o trabalho de Nilo Cairo, em coluna assinada por Ildefonso Juvenal:

Essa obra gigantesca, esse empreendimento arrojado e dignificante desse espírito infatigável e benemérito que é o Dr. Nilo Cairo, deve encher de orgulho a todos os filhos desta terra, que não pode nem deve olvidar o nome de tão ilustre filho.

[...]

Surgindo envolta pelos maiores obstáculos, mas impondo-se sempre pela tenacidade do incansável Dr. Nilo Cairo, secundado pelos esforços ingentes do Dr. Victor do Amaral, em pouco tempo tornou-se a Universidade um modelo de escola superior no Brasil [...] (LIVRO DE RECORTES, Gazeta do Povo, 12.09.1923)

A previsão para essa obra era de dois anos, o que certamente envolveu Nilo Cairo para além das suas funções de Secretário da Faculdade de Medicina e regente de disciplinas. Nesse período não houve novas publicações, mas sim novas edições de suas obras e lançamento de obras oriundas da fase rural.

A presença de Nilo na imprensa e os elogios aos esforços para a melhoria e ampliação do espaço físico da Universidade do Paraná, estão muito distantes daquilo que representava ao médico homeopata o sucesso da sua clínica, da revista de homeopatia e da redação dos *Anais do Instituto Hahnemanniano*. Esses dados sobre sua contribuição para com as obras da Universidade nos falam claramente de que do que se trata aqui não é mais do médico e sim do engenheiro. Podemos dizer que sua posição no curso de medicina, ensinando *Patologia Geral e Fisiologia*, conserva, em certa medida a sua posição de médico, do saber médico que detém, mas saber que não pode ser equiparado ao dos professores de clínica. Estes sim, detentores do poder e do prestígio fundado na clínica, na Medicina Experimental e na bacteriologia em detrimento do saber homeopático.

Sua vida pessoal continua perturbada. Leonor, sua segunda esposa, que se encontrava doente falece em 8 de outubro de 1924. Nilo Cairo passa a conviver com a filha Sarah e regulariza a situação com Ermelinda, vindo a se casar com ela (CARNEIRO, 1963, p.547; 1984, p.59).

Nilo ainda participa de outros projetos como a publicação no Brasil do livro *O Médico Homeopata da Família* do Dr. Bruckner. Esse livro tem a sua primeira edição brasileira com prefácio de Nilo Cairo assinado em janeiro de 1924. A edição brasileira foi revisada e ampliada por Nilo Cairo (BRUCKNER, 1927). Em 1925, foi

parceiro de Guido Straube<sup>110</sup> na tradução do original em alemão da obra *A Disposição Constitucional às Moléstias Internas*, edição de 1921, do Dr. Júlio Bauer, da Universidade de Viena (STRAUBE, [1990?], p.29).

De 1924 a 1925 foi regente interino das cadeiras de Higiene, Anatomia e Fisiologia Patológicas, Fisiologia, Anatomia Patológica e História Natural em diversos cursos da Faculdade de Medicina do Paraná (LIVRO DE ASSENTAMENTOS DE PROFESSORES).

#### 5.4 ADOECIMENTO E MORTE<sup>111</sup>

Em 1925 solicita licença do cargo de Secretário da Faculdade a partir de 03 de agosto, quando também é dispensado da Comissão da Construção de Obras. Embora a razão do afastamento não esteja especificada, é bem provável que Nilo Cairo já estivesse se sentindo doente. Não há registro de sua atuação em 1926, e em 1927 constam anotações de licenças da Universidade do Paraná e períodos subsequentes de três meses, até que em outubro recebe uma licença de um ano (LIVRO DE ASSENTAMENTOS DE PROFESSORES).

Nilo Cairo não retorna mais à atividade na Universidade do Paraná e morando em Paranaguá nos oferece um rico material de análise, que são cartas enviadas para Walfrido Leal e Otávio da Silveira durante o seu adoecimento.

"E é assim, seu Walfrido, como acabam todas as histórias... Era uma vez o Dr. Nilo Cairo". É com essas palavras que Nilo Cairo reconhece o seu fim próximo, quando em janeiro de 1928 encerra uma das cartas escritas de Paranaguá a Walfrido Leal.

Houvera se transferido para Paranaguá por conta de seu adoecimento e nos deixou oito cartas de 1927 a 1928, sete delas escritas ao Walfrido Leal e uma para

---

<sup>110</sup> Guido Straube (1890-1937), cirurgião dentista pela Universidade do Paraná, professor da Universidade do Paraná e do Ginásio Paranaense.

<sup>111</sup> Para análise desse período tivemos acesso as cartas originais de Nilo Cairo para Walfrido Leal e Octavio da Silveira, escritas nos anos de 1927 e 1928, disponíveis no acervo da Direção do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

Octavio da Silveira. Essas cartas se constituem em um verdadeiro epílogo da intensa vida de Nilo Cairo.

Se antes, no período de afastamento de 1917 a 1922, Nilo Cairo se sentira "exilado e injustiçado segundo suas próprias palavras"<sup>112</sup> agora a situação será diferente.

Os seis anos de exílio, que se iniciaram em 1917, do qual resultaram cartas já trabalhadas nesta tese, serviram para alguns processos em que o sofrimento de Nilo Cairo provocado pelo desprestígio, o ressentimento, se amainasse com o tempo e possibilitasse seu retorno para Universidade do Paraná aconteceram, também, nesse período modificações em Nilo Cairo como uma aproximação com a religiosidade, um maior reconhecimento do trabalho coletivo e um tratamento afetuoso para com a Universidade.

Agora, com as cartas de 1927 e 1928 se verifica um novo afastamento, já sem ressentimentos mas, centrado no sofrimento provocado por grave doença e voltado para Ermelinda e Sarah<sup>113</sup>, sua família. Recolhe-se e ao mesmo tempo prepara a sua morte. Se antes era o homem público que prevalecia, agora é o do homem privado que se trata.

Essas cartas a Walfrido Leal apresentam de forma gradativa a evolução da sua doença, a qual se agrava e provoca em Nilo Cairo um movimento de organização antevendo sua morte. Preocupa-se com o futuro financeiro de Ermelinda.

Na carta de 02 de janeiro de 1927 anuncia que o seu problema de estômago, pelo diagnóstico feito por Rocha Vaz<sup>114,115</sup>, o levará à morte. Escreve isso no *post-scriptum*, depois de se despedir, como se fosse menos importante, mas que traz um desabafo e uma necessidade de dividir as suas preocupações com Walfrido Leal e com Octavio da Silveira, não deixando de fazer certa ironia com algum desafeto:

---

<sup>112</sup> Este aspecto da vida de Nilo Cairo é enfatizado por Jose Ederaldo Queiroz Telles na apresentação do livro História do Diretório Acadêmico Nilo Cairo de autoria de Márcia Dalledone Siqueira, de 2004.

<sup>113</sup> Além de Maury, mas este não convive com seu pai.

<sup>114</sup> Juvenil da Rocha Vaz recebera a solidariedade de Nilo Cairo da Silva quando da greve dos acadêmicos em 1925, sendo que Rocha Vaz a essa época era Chefe do Departamento Nacional de Ensino e instituíra uma reforma de ensino que encontrou resistência dos estudantes. Esse tema será tratado em capítulo intitulado Concepções de Ensino e de Ciência.

<sup>115</sup> Rocha Vaz é docente livre de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi autor de um livro publicado em 1919 sobre o tema do adoecimento de Nilo Cairo, *O Estômago e Duodeno: suas correlações patológicas*.

P.S. – Ah! sim! Diga também ao Octavio que o Rocha Vaz, no diagnóstico que fez do meu estômago, condenou-me irremissivelmente à morte... Paciência! Vou entender-me com o bom Deus para recebermos lá em cima condignamente o Arthur Cottomano... Quem é este sujeito, você sabe?  
Adeus.  
Nilo.

Um ano e meio, após esta carta, Nilo Cairo morre. É provável, que pelo prognóstico de Rocha Vaz Nilo tenha tido um câncer de estômago, mas para as possibilidades terapêuticas daquela época não se pode afastar a úlcera crônica como causadora do sofrimento que Nilo descreverá em suas cartas.

Essa carta tinha como propósito a solicitação de uma cópia do Regimento Interno da Faculdade, sob pretexto de consultá-lo para colaborar na reforma dos Estatutos do Club Literário em Paranaguá. Nilo diz a Walfrido que pretende levar a eles "algo da nossa velha disciplina".

Em várias cartas Nilo Cairo pede ao Walfrido Leal que resolva questões ligadas a uma casa sua alugada em Curitiba, anuncia o casamento de sua filha e ao final do ano as cartas se tornam mais frequentes.

Preocupa-se, na carta de 11 de dezembro de 1927, em quitar as dívidas que tem junto ao Montepio da Faculdade, ainda sem referir-se aos motivos que o levam a isso, mas já em 26 de dezembro escreve pedindo um exemplar do Regulamento do Montepio, com as modificações atualizadas e "bem assim o *quantum* que cabe à primeira viúva que aparecer". E acrescenta entre parêntesis "provavelmente será a minha".

Tem consciência de seu estado, pois pede a Walfrido que não se demore em responder.

Se até então vinha sendo discreto em relação ao seu sofrimento, a partir da carta a Walfrido Leal, datada de 28 de dezembro de 1927, explicita o seu estado e mostra a sua tristeza:

Seu Walfrido

Recebi a sua carta de 27 do corrente e nela a grata notícia de que a minha viúva ficará com 200\$000 por mês. Faço votos, por isso, para que Deus conserve ainda por muitos anos a preciosa vida do Victor...

Eu é que tenho o cerebelo muito estragado e conto para breve dar o fora em vocês todos... Vou de mal a pior, muito magro e muito acabado...

Sensibilizado pelos votos que recebera para o ano novo, acrescenta em *post-scriptum*:

Agradeço os votos de felicidades que vocês todos fazem para o meu ano novo. Creio, porém, que eles não se realizarão. Também lhes mando aqui os meus, que, esses sim, terão realidade. Gente moça! Quanto sinto não ter conseguido, aí entre vocês três, recuar 20 anos de minha vida!... Levo, porém um consolo: é que vou, lá em cima, preparar com antecedência a cama de espinhos o Petit.

Embora lamentando a própria sorte não deixa de lembrar-se de seus desafetos como o Petit Carneiro.

Nessa carta muda o tom com Walfrido, tratando-o por "Seu Walfrido". Endurece com o amigo, pois o mesmo fizera insinuações a respeito de Odette, que trabalhava na secretaria da Universidade. A reação de Nilo Cairo é de extrema irritação:

Mas sua carta, seu Walfrido, contém uma insinuação peçonhenta! Com que então, heim! "a D. Odette ficou muito triste quando leu a sua carta"? Que tem você que se meter com a vida dos outros? O que você precisa, seu Walfrido, é *um puxão de orelha*..

Encerra abruptamente, assinando sem antes fazer as habituais despedidas afetuosas, se bem que no *post-scriptum* retoma em tom confidencial.

A situação se agrava e, na carta de 14 de janeiro de 1928, confia ao amigo, que o visitara: "apesar das ilusões que você levou talvez sobre o meu estado de saúde, a minha moléstia agrava-se progressivamente".

Em função da piora de seu estado de saúde, Nilo e Ermelinda resolvem vender uma casa de Curitiba. Pede a Walfrido que anuncie a venda por 20 contos de réis.

Todas as cartas anteriores foram enviadas de Paranaguá a Walfrido Leal. Em face do seu estado resolve procurar tratamento médico no Rio de Janeiro, de onde, em 10 de abril de 1928, envia as últimas instruções, agora a Octavio da Silveira, secretário geral da Faculdade de Medicina, pois está finalizando a terceira edição de duas das suas obras, aquelas mais utilizadas pelos estudantes da Universidade: *Elementos de Fisiologia e Elementos de Patologia Geral*.

Transcrevemos esta carta na íntegra:

Octavio

Creio que é esta a última carta que te escrevo, tão grave sinto meu estado. Escrevo-te da cama, de onde já não me levanto mais. Vômitos espasmódicos impedem agora de me alimentar.

Vivo num martírio.

Bem. Escrevo-te para te prevenir que os originais da 3.<sup>a</sup> edição da Patologia Geral estão com o Heitor: eles pertencem à Faculdade.

Os originais da 3.<sup>a</sup> edição da Fisiologia, porém, ficam com minha mulher e espero que após minha morte, vocês lhe deem, pelo menos 1 conto de réis por esses originais, que ulimei aqui sobre o meu leito, sabe lá curtindo que sofrimentos.

Outrossim, logo que vocês aí receberem notícia do meu falecimento, mandem ordem telegráfica ao Banco Pelotense aqui para mandar entregar à minha mulher a quota do enterro.

Só, meu caro amigo. Não posso escrever-te mais. Mil felicidades no futuro e um apertado abraço do

am<sup>o</sup> velho

Nilo Cairo

Abraços nessa nossa gente toda, no Walfrido, no Lemberg, na Odette.

Não conto escrever-te mais.

Rio, 10-4-928

Sobre a viagem ao Rio de Janeiro, Sarah comentaria, muitos anos mais tarde:

"Parecia saber que ia morrer, que não voltaria." (GAZETA DO POVO, 12.11.1968).

Quando Rocha Vaz o havia condenado "irremissivelmente à morte", a resignação de Nilo Cairo foi evidente ao escrever: "- Paciência!" Não havia mais força que Nilo pudesse colocar para mudar o curso dessa história, como tinha feito ao longo da vida. Nas palavras de Norbert Elias (2001b, p.95), "processos naturais cegos e incontroláveis" ganham poder sobre as pessoas que estão para morrer.

Embora Elias reconheça que para alguns, nesse processo, a solidão possa ser benéfica, especula:

Mas talvez as pessoas nessa situação tenham uma necessidade especial de outras pessoas. Sinais de que os laços ainda não foram cortados, de que aqueles que estão deixando o círculo humano ainda são valorizados dentro dele, são especialmente importantes, dado que agora estão fracos e talvez não passem da sombra do que foram. Mas, para alguns moribundos, a solidão talvez seja um benefício (ELIAS, 2001b, p.96).

Quando Nilo envia, como despedida, "abraços nessa nossa gente toda", ele mostra que ainda pertence a esse "círculo humano" e quando deixa os originais da terceira edição de seus livros para que estejam à disposição dos estudantes, mesmo

após a sua morte, sabe que é reconhecido, embora possa não passar agora de uma sombra do que foi anteriormente.

Morre em seis de junho daquele ano, no Rio de Janeiro, após ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

Seus restos mortais seriam trazidos para Curitiba somente em 1933, quando seriam depositados no pedestal de seu busto, nessa oportunidade transferido para a Praça Santos Andrade, defronte ao edifício que ajudara a construir (CARNEIRO, 1963, p.60).

O *Diário da Tarde* de 08 de junho anuncia, em primeira página: "Nilo Cairo: desaparece o notável realizador da Universidade do Paraná", enquanto a *Gazeta do Povo*, também na sua primeira página trazia: "Faleceu o Dr. Nilo Cairo: estão de luto a nossa Universidade e os círculos pensantes do Paraná" (DIARIO DA TARDE, 08.06.1928; GAZETA DO POVO, 08.06.1928).

Victor do Amaral, Diretor da Faculdade de Medicina do Paraná, determinou "a suspensão das aulas da Faculdade por três dias, convidando os lentes da mesma a tomarem luto no mesmo espaço de tempo" (DIARIO DA TARDE, 08.06.1928).

A Gazeta termina a notícia citando que Nilo Cairo deixa seus filhos Maury e Sarah Lopes Cavagnari e viúva Ermelinda Schmidt da Silva.

Galhardo (1928, p.1011-1012) assim registra o seu falecimento, fazendo um balanço do seu legado:

Às 23 horas do dia 06 de junho de 1928 faleceu no Hospital Evangélico, onde havia internado e sofrido uma intervenção cirúrgica o Dr. Nilo Cairo da Silva. Com a morte do Dr. Nilo Cairo perdeu a Homeopatia do Brasil um dos seus maiores servidores. Professor eminente, escritor excelente e polemista inimitável foi Nilo Cairo um dos ótimos apóstolos da doutrina hahnemanniana no continente sul-americano.

Extraordinário é o número de obras que escreveu e publicou sobre patologia, fisiologia, terapêutica, matéria médica, agricultura e veterinária.

Várias são as polêmicas em que se envolveu, defendendo a homeopatia onde fosse atacada e jamais houve quem lhe conquistasse a vitória. Sua tese de doutoramento - *Similia similibus curantur* – é um dos maiores libelos contra a alopatia, formado de escritos dos próprios alopatas.

Fundou e manteve por alguns anos a *Revista Homeopática do Paraná*, posteriormente *Revista Homeopática Brasileira*, onde sua pena traçou variados e brilhantes estudos doutrinários, críticos e científicos.

Foi um dos fundadores da Universidade do Paraná, seu Estado natal, exercendo durante alguns anos o cargo de secretário, além de professor da respectiva Faculdade de Medicina.

Doutor em medicina, era igualmente capitão reformado da arma de engenharia do Exército, bacharel em ciências físicas e matemática.

Inteligente e culto era Nilo Cairo, uma das grandes mentalidades brasileiras, privilegiada cerebração paranaense.

Nasceu em Paranaguá a 12 de novembro de 1874. Morreu aos 54 anos incompletos, quando muito ainda daria à ciência e à homeopatia. Seu passamento foi muito sentido por todos os colegas. O Instituto Hahnemanniano, do qual era sócio<sup>116</sup> o Dr. Nilo Cairo da Silva, prestou-lhe extraordinárias homenagens.

Os *Anais de Medicina Homeopática* assim deixaram registrada a morte de Nilo Cairo:

NILO CAIRO – Batalhador incansável das hostes hahnemannianas. Sempre que as doutrinas que abraçara sofriam um ataque mais violento ei-lo na estacada, de viseira erguida e clava em punho defendendo-as sem fraqueza ou desfalecimento. Ensinando e praticando era sempre o mestre isento de preconceitos, nobre pelos sentimentos, respeitado pelo saber, calmo e ponderado na exposição das ideias que julgava dignas e verdadeiras. Deixou grande número de livros e artigos sobre homeopatia e a medicina em geral. [...] (ANNAES, n.2, 3; mar.,abr., jun. 1928).

Mas as homenagens mais duradouras foram aquelas nascidas do seio da Universidade do Paraná: nome de rua na capital do Paraná, nome de Centro Acadêmico e instituição da Medalha Nilo Cairo para os melhores alunos da Universidade.

Nilo Cairo será patrono da cadeira n.º 35 da Academia Paranaense de Letras<sup>117</sup> (BÓIA, 2001, p.220) e da cadeira n.º 43 da Academia Paranaense de Medicina<sup>118</sup> (COSTA, 2003, p.201), terá seu nome associado a um colégio da rede estadual de ensino<sup>119</sup>, será nome de rua em outras cidades do Paraná e do Brasil<sup>120</sup>, além de outras homenagens.

---

<sup>116</sup> Nilo Cairo houvera se desligado do Instituto em 1912, sob forte polêmica. José Emygdio Rodrigues Galhardo foi presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil no período de 1924 a 1927 e faz questão de frisar que Nilo Cairo era sócio daquela entidade. Nilo Cairo morre, portanto, reconciliado com os colegas do Instituto.

<sup>117</sup> A Academia Paranaense de Letras será fundada em 26 de setembro de 1936.

<sup>118</sup> A Academia Paranaense de Medicina será fundada em 17 de outubro de 1978.

<sup>119</sup> Em 1959 o Ginásio Estadual de Apucarana (PR) mudou seu nome para Ginásio Estadual Nilo Cairo, atual Colégio Estadual Nilo Cairo (DIÁRIO OFICIAL, 06.04.1959, p.7542).

<sup>120</sup> A busca ao site [www.buscacep.correios.com.br](http://www.buscacep.correios.com.br) resultou em oito cidades com ruas denominadas Nilo Cairo: Curitiba, Londrina, Maringá, Paranaguá e Toledo no Paraná; São Gonçalo no Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 1931 são publicadas a terceira edição de *Elementos de Fisiologia e Elementos de Patologia Geral*.

Nilo deixou os originais da terceira edição de *Elementos de Patologia Geral* para a Universidade do Paraná, como expressou em uma das suas últimas cartas, assim essa edição traz, além da dedicatória ao "ilustre amigo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Diretor da Faculdade de Medicina do Paraná" e do prefácio apenas da segunda edição (assinado em 15 de agosto de 1924), uma nota de Victor do Amaral:

Palavras explicativas

A Faculdade de Medicina do Paraná, com os direitos que lhe foram outorgados, reedita pela terceira vez os *Elementos de Patologia Geral*, do saudoso Professor Nilo Cairo, corretos e aumentados pelo espírito extraordinário do malgrado mestre, no último ano de sua preciosa e já combalida existência, que findou a 6 de junho de 1928.

Esta preciosa obra é um manancial moderno de ensino, em português, como foi outrora a *Patologia Geral* do eminente Professor Dias da Cruz, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nela aquele insigne luminar da ciência, de que fez seu apostolado, deixou estampadas suas idéias originais, a par dos assuntos que, por dever do ofício e probidade profissional, teve de expender, mesmo destoando de suas convicções filosóficas.

As edições anteriores esgotaram-se rapidamente, pondo-se em evidência assim a aceitação que tem tido.

Com esta edição póstuma a Faculdade de Medicina do Paraná presta também mais um preito de homenagem ao seu mais esforçado fundador.

Curitiba, 15 de janeiro de 1931.

Dr. Victor F. do Amaral

Diretor (CAIRO, 1931b, p.7)

Esses exemplares vêm numerados e assinados pelo Secretário da Faculdade e com a informação de que são "propriedade autoral da Faculdade de Medicina do Paraná".

Os outros originais a respeito dos quais Nilo deixou recomendações na mesma carta são os da terceira edição de *Elementos de Fisiologia* cujos direitos passaram a pertencer à Ermelinda Schmidt da Silva, sua viúva.

Nessa edição encontramos situação semelhante à do livro que ficou com a Faculdade de Medicina do Paraná. Não há novo prefácio, reproduzindo-se o da edição anterior, mantém-se a dedicatória ao tio do autor, Honório Decio da Costa Lobo. Todos os exemplares são numerados e rubricados pela proprietária dos direitos que assina Ermelinda S. da Silva. Há também uma nota explicativa:

#### AO LEITOR

A presente edição sai com as emendas e os aumentos feitos pelo autor até o momento de sua morte. A proprietária da obra, viúva do autor, fez questão que esta edição não sofresse, em homenagem ao seu falecido marido a menor alteração. As demais edições, conforme o desejo do autor, formulado antes da sua morte e por escritura pública, serão revistas e modificadas pelo Prof. Dr. Artidonio Pamplona. (Nota do Editor) (CAIRO, 1931a, p.7).

### 5.5 O PROCESSO DE MITIFICAÇÃO

Após a morte de Nilo Cairo, Victor, sempre que tem oportunidade, cultuará a sua memória.

A construção do mito Nilo Cairo iniciou-se mesmo antes de sua morte. Quando da sua partida para São Paulo, ele deixa as primeiras edições dos livros que serviram ao estudo das disciplinas de Fisiologia e Patologia Geral, permanecendo, portanto, na memória de todos os estudantes dessas áreas. Suas queixas ajudam a formar a imagem de injustiçado e as insinuações ou, mesmo o próprio reconhecimento de seus problemas pessoais humanizam o mito. A sua morte precoce em relação à vida longa que estará reservada para Victor do Amaral contribui para a construção do mito. Na ausência temporária de Nilo, mas que se pretendia definitiva, Victor cultuou sua memória, correspondeu-se com ele, homenageou-o com um busto e conseguiu trazê-lo de volta para a Universidade, como símbolo da força dessa instituição. Agora, com a sua morte, Victor e a própria Universidade do Paraná manterão viva a figura de Nilo Cairo.

O processo de mitificação de Nilo Cairo permitiu manter o uso simbólico de sua força para motivar a todos, legitimar os esforços para manter unidade da Universidade do Paraná, desmembrada que estava e serviu também para canalizar a personificação dessa força em Victor do Amaral, o "reitor de sempre".

Nilo Cairo estará, mesmo depois de morto, a serviço da unidade de um projeto – a Universidade do Paraná.

O ensino livre (privado) por meio de universidades no Brasil foi vítima de ameaças externas, sendo que as congêneres no país, em São Paulo e Manaus, fecharam as suas portas. Essas mesmas ameaças desmembraram a Universidade do Paraná em Faculdades, mas havia necessidade de resistir.

Mantida a unidade da Universidade, ela seria enfim restaurada em 1946, realizando o projeto de Victor, de Nilo e de todos os outros que participaram da sua concepção. Para que Victor estivesse presente na restauração da Universidade do Paraná e finalmente assumisse como primeiro Reitor, foi necessário que Nilo estivesse presente esse tempo todo como sustentação simbólica do projeto, agora transformado em realidade.

A Universidade do Paraná seria federalizada em 1950, embora só na década de 1960 incorpore ao seu nome a expressão Federal, passando a chamar-se Universidade Federal do Paraná, por padronização nacional dos nomes das instituições federais de ensino superior.

Nilo também permanecerá vivo nos lares brasileiros, onde muitas famílias recorrerão ao "Nilo Cairo"<sup>121</sup> para medicarem seus filhos. As sucessivas edições e reimpressões do "Nilo Cairo" revelam a permanência na cultura popular da homeopatia como prática doméstica.

Um fato curioso ilustra como o "Nilo Cairo" ganhou força semântica no Brasil, a partir da popularização do Guia de Medicina Homeopática: em 1932, durante uma reunião do Conselho Nacional de Educação se discutia e intervenção ou não na *Faculdade Hahnemanniana do Rio de Janeiro*, um dos membros do conselho, em ataque à homeopatia, assim se manifesta: "... qualquer senhora de quarenta anos que possua um livro de Nilo Cairo se acredita um médico consumado, para atrapalhar os outros" (DIÁRIO OFICIAL, 29.07.1932).

O desejo de Nilo Cairo de difusão da homeopatia junto à população estava realizado. Faltou-lhe, porém, a sua aceitação por parte dos médicos, talvez seu sonho maior, mas seus livros permanecerão por muito tempo no ensino da Fisiologia e Patologia no Brasil e no exterior<sup>122</sup>.

---

<sup>121</sup> É comum referir-se ao *Guia de Medicina Homeopática* pelo nome do seu autor.

<sup>122</sup> Em 1929, o Dr. Victor do Amaral recebeu da diretoria da Escola Medico-Cirúrgica de Nova Goa (Índia Portuguesa) correspondência lamentando a morte de Nilo Cairo e salientando que *Elementos de Fisiologia* e *Elementos de Patologia Geral* eram utilizados pelos alunos daquela escola. (LIVRO DE RÉCORTES, GAZETA DO POVO, 06.09.1929)

Nas três etapas de sua produção bibliográfica, a homeopática, a acadêmica e a rural Nilo Cairo lutou por uma sociedade que ele acreditava melhor do que aquela do início do século XX. Construiu suas relações de interdependência em diferentes configurações, mas em todas elas foi fiel à sua filiação ao vitalismo e ao positivismo. Nos próximos dois capítulos, mostraremos essas linhas mestras do pensamento e, por que não, das ações de Nilo Cairo.

## 6 CONCEPÇÕES DE ENSINO E DE CIÊNCIA

"Audaces fortunat juvat" (Virgílio, Eneida).

Sebastião Paraná informa que Nilo Cairo tinha essa expressão da Eneida de Virgílio como divisa<sup>123</sup> (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.272). Tendo deixado o Rio de Janeiro e se instalado em Curitiba, em 1906, envolveu-se em diversos empreendimentos. Publicou artigos sobre a homeopatia durante o final de 1905 e início de 1906 nos jornais Diário da Tarde e A Notícia, mostrando-se um grande publicista (Paraná refere que esses artigos "produziram grande sensação"). Instalou seu consultório como médico homeopata em parceria com o farmacêutico Domingos Duarte Velloso. Fundou a Revista Homeopática do Paraná, que posteriormente passou a se chamar Revista Homeopática Brasileira. Casou-se, mudou-se para Palmeira e retornou a Curitiba, onde criou o Dispensário Homeopático Infantil. Em 1912 rompeu com o Instituto Hahnemanniano do Rio de Janeiro.

No mesmo ano em que se desligou do Instituto Hahnemanniano, envolveu-se com a criação da Universidade no Paraná, realizando ao lado de Victor do Amaral e outros, o sonho de Rocha Pombo<sup>124</sup> de duas décadas atrás.

---

<sup>123</sup> A sorte ajuda os audazes. A expressão latina referida por Sebastião Paraná como divisa de Nilo Cairo é correspondente ao verso 283 do Livro X, da Eneida de Virgílio.

<sup>124</sup> José Francisco da Rocha Pombo nasceu a quatro de dezembro de 1857, na então vila de Morretes, no Paraná. Em 1875, aos 18 anos de idade, foi professor de primeiras letras em Anhaya, subúrbio de Morretes.

Na sua obra Galeria Paranaense: notas biográficas, Sebastião Paraná, publicada por ocasião do centenário da Independência, apresenta Rocha Pombo como professor, jornalista, romancista, historiador e político.

Rocha Pombo acabara de publicar a História do Estado do Rio Grande do Norte (1920), mas já fizera fama com sua História do Brasil (1905-1917), com seus 10 volumes. Talvez pelo momento em que Paraná escreve, a ênfase dada no texto é ao historiador: "O Sr. Rocha Pombo é hoje o maior historiador do Brasil. Os seus vastos conhecimentos, a sua já longa prática de historiografia, a sua instrução geral deram-lhe naturalmente, uma posição excepcional nas nossas letras. A sua monumental História do Brasil é hoje clássica, e depois disso a sua técnica ainda se aperfeiçoou de modo que a História do Estado do Rio Grande do Norte, que acaba de ser publicada, é uma verdadeira obra prima."

Antes de residir em Curitiba, em 1879, Rocha Pombo já havia criado o semanário O Povo, no qual fazia propaganda republicana. Em 1877 havia publicado seu primeiro artigo na revista fluminense A Escola. A Revista del Plata, de Buenos Aires, também publicou o mesmo artigo. Mudou-se para Curitiba em 1880, onde teria intensa atividade intelectual e jornalística, publicando seu primeiro romance A Honra do Barão, em 1881, também publicado na Patria de Montevideo.

Segundo Paraná, Rocha Pombo ainda publicou: Dadá ou a Boa Filha (romance, 1882); A Supremacia do Ideal (livro, 1882); Religião do Belo (estudo, 1883); Guayra (poemeto, 1886); Nova Crença

Para se entender o fato de que um militar positivista, formado na Academia Militar da Praia Vermelha, tenha se envolvido na criação da universidade é necessário partir da sua formação. Além de engenheiro militar, também é relevante o fato de Nilo Cairo ter se formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesses ambientes se defende a liberdade de ensino e o positivismo.

Há diferenças entre o projeto de Rocha Pombo e aquele que viria a se concretizar no início do século XX, não somente de concepções, como também na forma de encaminhamento dos projetos. Pode-se entender o projeto de Rocha Pombo como um fracasso e atribuir a criação da Universidade do Paraná ao grupo liderado por Victor do Amaral e Nilo Cairo. Por outro lado, pode-se estabelecer uma relação de continuidade entre um projeto e outro, tomando-se a experiência de Rocha Pombo como preparatória que Nilo Cairo e Victor do Amaral encontrarão.

Nesse sentido, é necessário para a compreensão das concepções que moldaram o modelo de universidade de Nilo Cairo e de Victor do Amaral estudar-se a proposta de Rocha Pombo.

Em 1892 Rocha Pombo conseguiu a concessão para instalar no Paraná uma universidade, pela Lei n.º 63 de 10 de dezembro. Além dos cursos de Direito, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia, pretendiam-se também os cursos de Letras e Formação Profissional (CAMPOS, 2008, p.53). "No pensamento de Rocha Pombo, a formação universitária deveria ser a expressão da totalidade do conhecimento humano." (2008, p.54).

(1887); *Visões* (contos e poesias, 1888); *Petrucello* (romance, 1888), *Marietta* (poemeta, 1896); *Historia da América* (1899); *O Paraná no Cincoentenario* (1900); *Grande Problema* (1900); *Historia do Brasil* (10 volumes, 1905-1917); *Contos e Pontos*; *No Hospício* (romance); *Dicionário de Sinônimos*; *Nossa Patria*; *História do Brasil* (livro didático); *Notas de Viagem* (no norte do Brasil, 1918); *Historia do Brasil* (edição especial destinada à comemoração do 1.º Centenário da Independência do Brasil, 1921).

Em Castro, no Paraná, foi redator do *Eco dos Campos*; em Curitiba, em 1886, redigiu a *Gazeta Paranaense*, órgão do Partido Conservador. Em 1887, dirigiu o *Diario Popular*, e, em 1892 foi redator do *Diario do Commercio* (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.74-78).

Quando em Castro, além de ter fundado o *Eco dos Campos*, fundou também "um colégio – primário e secundário de que tirasse proventos para a vida." Foi Deputado à Assembléia Provincial em 1886-1887. (CARNEIRO, 1963, p.371)

Em 1897, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao magistério, ministrando aulas para se manter.

"No biênio de 1916-1918, o Paraná ofereceu-lhe uma cadeira de deputado no Congresso Legislativo do Estado." (PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, 1922, p.79).

Para Sottomaior: "Pode-se com ufania dizer que a glória de Rocha Pombo faz parte do patrimônio paranaense."

Foi membro da Academia Brasileira de Letras, cadeira 39 e faleceu no Rio de Janeiro a 26 de junho de 1933 (CARNEIRO, 1971, p.109).

Esse projeto malogrou em função das dificuldades políticas que Rocha Pombo teve de enfrentar, tendo o pedido de subvenção ao seu projeto recusado pelo Estado do Paraná. Seria diferente vinte anos depois quando Victor do Amaral e Nilo Cairo conseguiram subvenções do Estado do Paraná. Já nas primeiras horas da Universidade do Paraná, com subvenções anuais e doação de um montante financeiro permitiria a compra de um terreno para a construção da sede própria da Universidade. A prefeitura de Curitiba também colaborou com a nova universidade, doando um terreno localizado na Rua XV, junto à Praça Santos Andrade.

Como estamos tratando das diferenças entre as concepções de universidade e as estratégias para atingir seus objetivos, extrairemos do trabalho de Campos (2008) as informações necessárias para se entender essas questões, as quais permitirão, inclusive, compreender melhor a relação entre a formação de Nilo Cairo da Silva e seu projeto de universidade.

É necessário entender também as relações entre o projeto de Rocha Pombo<sup>125</sup> e o contexto em que ele se deu, já que acreditamos que no processo histórico exista uma relação de continuidade entre os projetos, embora com concepções diferentes.

Quando se muda para Curitiba, em 1880, Rocha Pombo, encontra um ambiente rico em iniciativas educacionais, e estabelece boas relações com Antonio Mariano de Lima<sup>126</sup>, criador da escola de Artes e Indústrias, chegando a colaborar na revista *A Arte*, órgão da escola (CAMPOS, 2008, p.59).

O sucesso de Antonio Mariano, segundo Wachowicz (2006, p.40), pode ter influenciado Rocha Pombo:

O primeiro paranaense a aproveitar-se dessa experiência realizada em Curitiba por Antônio Mariano de Lima, foi o granítico morretense José Francisco da Rocha Pombo. Jornalista, poeta, historiador, lança-se em 1891 a uma empreitada considerada como verdadeira utopia: fundar em Curitiba uma Universidade.

---

<sup>125</sup> Para isso sugerimos a leitura do trabalho citado de Maria Tarcisa Silva Bega, a qual apresenta Rocha Pombo como um intelectual precursor da geração de simbolistas do Paraná.

<sup>126</sup> Antonio Mariano de Lima, artista português, chegou a Curitiba em 1882, vindo do Rio de Janeiro para decorar o Teatro São Teodoro. Auxiliado pelo presidente da província Alfredo d'Escagnolle Taunay, conseguiu criar a escola de Artes e Indústrias, escola voltada principalmente para "filhos de operários", da qual Victor do Amaral foi professor e vice-diretor, em 1897 (WACHOWICZ, 2006, p.37).

A resposta veio na forma de lei, a qual transcrevemos a seguir:

Lei n.º 63<sup>127</sup> de 10 de dezembro de 1892

O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1 É feita a concessão por 50 anos ao cidadão José Francisco da Rocha Pombo ou empresa que organizar, para o estabelecimento de uma Universidade na Capital do Estado e conforme as plantas que forem aprovadas pelo governo.

Art. 2 O estado garante ao concessionário durante o tempo da concessão, o juro de 6% ao ano sobre o capital efetivamente empregado, até o máximo de 1000 contos de réis a contar da inauguração dos cursos.

Art. 3 Além dos juros o Estado garante ao concessionário: 1.º Direito de desapropriar a área de terreno de domínio particular que seja necessária para a construção de edifícios e suas dependências, de acordo com as leis vigentes. 2.º Isenção de todos os impostos devidos ao Estado pelo material destinado ao Estabelecimento.

Art. 4 A universidade compreenderá pelo menos os seguintes cursos: Direito, Letras, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia. Além do curso geral, cujos programas ficarão sujeitos à aprovação do Congresso Legislativo.

Art. 5 Logo que a Universidade seja inaugurada, ficarão extintos o Ginásio Paranaense e a Escola Normal, que constituirão uma das seções da mesma Universidade, com as regalias que competem e que vierem a este estabelecimento.

Art. 6 Os atuais professores, tanto do Ginásio como da Escola Normal passarão a lecionar na respectiva seção da Universidade, devendo seus ordenados ser pagos pela empresa e ficando garantida em plenitude a vitaliciedade que lhes compete. Só depois de aposentados, na forma das leis vigentes, terão seus vencimentos pagos pelo Tesouro do Estado.

Art. 7 O governo do Estado fiscalizará o estabelecimento, ficando entendido que esta fiscalização de modo algum atingirá a independência da instituição, limitando-se a fazer que a empresa cumpra os compromissos que assume.

Art. 8 Fica o concessionário na obrigação de fundar dentro dos primeiros dez anos a contar da data da inauguração da Universidade, uma Escola Prática de agricultura no interior do Estado, sem mais ônus para o mesmo.

Art. 9 Será considerada caduca a presente concessão se dentro do prazo de dois anos o concessionário não der princípios aos trabalhos, ou se dentro de quatro anos a contar da data da aprovação das plantas, não for inaugurada a Universidade.

Art. 10 Findo o prazo da concessão a Universidade poderá ser passada para o domínio do Estado, mediante indenização feita ao concessionário.

Art. 11 Revogam-se as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente nela se contém.

---

<sup>127</sup> Na sequência do texto se perceberá que há divergências em citações de diversos autores em relação ao número da lei: 62, 63 e 93. Optamos por manter as citações originais, porém na tese adotamos o número 63, pois em Névio Campos (2008) há referência a fonte e esse autor cita a Lei n.º 63.

Além da criação de uma universidade com pelo menos seis cursos superiores em áreas de conhecimento distintas, havia também a obrigatoriedade de se incorporar as atividades desenvolvidas pelo Ginásio Paranaense e a Escola Normal. Soma-se a esses compromissos a obrigação de se criar, no interior, uma Escola Prática na área da agricultura, sem ônus para o Estado, em no máximo dez anos. Esse empreendimento teria espaços curtos de tempo para a sua realização, com a previsão de inauguração da futura universidade em apenas quatro anos.

Havia, no entanto, a promessa de independência da instituição, restando ao Estado apenas o papel de fiscalizador e mesmo assim com poderes limitados. Essa "liberdade" se coaduna com o ideário, mais tarde defendido por Nilo Cairo, quando de seu discurso, em 1914, sobre a liberdade de ensino. (CAIRO, 2006) Porém, o que faltava nessa lei é aquilo que tanto defenderia no citado discurso, que era a necessidade de subvenção do Estado em empreendimentos como esse.

Portanto, o Congresso Legislativo do Estado do Paraná, ao aprovar a Lei n.º 63/1892, deixa para Rocha Pombo a tarefa de buscar financiamento para uma empreitada que não seria apenas de interesse privado, mas sim uma necessidade do Paraná. Talvez aí resida a diferença fundamental entre o projeto de Rocha Pombo e a iniciativa de Victor do Amaral e Nilo Cairo: a garantia da subvenção pelo poder público, resguardando-se a liberdade de ensino.

A referência ao trabalho que Rocha Pombo empreendeu para implantar o ensino superior no Paraná é usualmente feita quando se menciona o sucesso do projeto de Nilo e Victor. Assim, Paraná de Sá Sottomaior (1922, p.78) credita a Rocha Pombo, a "ideia", deixando o "feito" para vinte anos mais tarde: "Deve-se a ele a ideia da fundação, no tempo do Império, da Universidade do Paraná, chegando a assentar a pedra fundamental do edifício, ideia que foi levada a feito em 1912."

A expressão "nada mais foi adiante", utilizada por Cecília Westphalen, dá a impressão de uma descontinuidade entre o projeto de 1892 e o de 1912. Rocha Pombo é apresentado como precursor, mas apenas, nas ideias, e não como participante do processo pela modernização do Paraná.

O historiador paranaense Rocha Pombo, pela Lei n.º 93(sic)<sup>128</sup>, do Congresso Legislativo Estadual, em 1892, teve autorizada a concessão para o estabelecimento de uma Universidade em Curitiba, confundidos, porém os seus objetivos com aqueles do ensino médio. Chegou a ser lançada, no mesmo ano, a pedra fundamental dessa Universidade, no Campo da Cruz (hoje Praça Ouvidor Pardinho). Nada mais foi adiante (WESTPHALEN, 1987, p.9).

As explicações das razões pelas quais o empreendimento de Rocha Pombo não se tornou realidade passam por características atribuídas a ele, que seria menos brilhante do que seus sucessores; por características locais, pois Curitiba ainda seria uma cidade muito pequena para receber uma universidade e por fatos históricos como a Revolução Federalista.

Curitiba em 1892 era demasiado pequena, e todo o estado como mercado de trabalho também o era, para que pudesse ser esse ideal, realizado sem empecilhos. E o resultado foi a caducidade da concessão. A revolução de 1893-94, no Paraná, teve sua influência dissolvente ou antagônica, como é fácil imaginar (CARNEIRO, 1971, p.111).

O fato de Curitiba ser demasiado pequena, naquela época, não pode justificar as dificuldades de Rocha Pombo que Carneiro alega, pois a verdadeira causa do fracasso do projeto foi a falta de financiamento público e de apoio político.

Atribuir a Rocha Pombo uma "força" menor do que tinha, por exemplo, Nilo Cairo, pode ter contribuído para reforçar o mito dos fundadores da Universidade do Paraná, como pessoas que representavam o pioneirismo e o abnegado interesse em construir um Paraná moderno: "Rocha Pombo era idealista. Não lhe faltava patriotismo e generosidade. Era intelectual capaz, mas nos recursos da sua atividade não era um Nilo Cairo, nem teria, deste, a capacidade teórica e a generalidade de conhecimentos." (CARNEIRO, 1971, p.111).

A Revolução Federalista é apontada como causa para a caducidade da concessão dada à Rocha Pombo, afirmação que se repete em diversas publicações de Carneiro como na abaixo e na anteriormente citada:

---

<sup>128</sup> O número correto da lei de 1892 é 63.

O historiador Rocha Pombo requer ao presidente do Estado Dr. Francisco Xavier da Silva, em 1892, os favores do governo para a instalação educacional de alto nível que se propunha a fundar. A lei estadual n.º 62(sic)<sup>129</sup> de 10 de dezembro daquele ano garante vários monopólios e impõe inúmeras obrigações. A tarefa em condições normais seria árdua, talvez insuperável à vista da revolução federalista que se aproximava vitoriosamente do Paraná a qual impediu a convergência de circunstâncias para decidirem a conjuntura favorável,... (CARNEIRO, 1971, p.62-63).

As afirmações acima apontam três ordens de causa para o fracasso de Rocha Pombo: a) características pessoais de Rocha Pombo; b) grau de desenvolvimento regional e c) Revolução Federalista. Fazendo frente a argumentos reafirmamos a hipótese de que foi a falta de apoio financeiro e político do Estado que levou ao fracasso o projeto de Rocha Pombo. Nesse sentido nos compartilhamos com o pensamento de Campos (2008) e Wachowicz (2006).

Wachowicz (2006, p.40), ao referir-se à iniciativa de Rocha Pombo como "utopia", acrescenta como justificativa ao termo utopia as condições em que isso ocorreu, em Curitiba: "esta era então uma cidade de 20.000 habitantes" e completa, justificando o fracasso: "sozinho, sem equipe e sem dinheiro, com apenas 30 anos de idade".

Ocorre, no entanto que Rocha Pombo esteve envolvido em muitas disputas políticas tendo sido essa a razão de não contar com apoio para a criação da universidade quando da concessão. Enquanto Victor e Nilo contaram com o necessário apoio estatal, principalmente no que se refere a subsídios públicos, Rocha Pombo não tinha condições de conseguir os subsídios necessários.

Campos (2008) mostra que Rocha Pombo, no momento da concessão, já não encontra mais apoio político, embora tenha sido deputado provincial pelo Partido Conservador. Havia razões políticas para se considerar o fortalecimento das posições de Rocha Pombo indesejável pelos membros do legislativo estadual. Houve um isolamento político de Rocha Pombo, o que comprometeu o seu projeto. Para Campos (2008, p.60), o que faltou a Rocha Pombo "foi estratégia no sentido de forjar um grupo coeso e forte em torno do projeto universitário". E, acrescenta, "Rocha Pombo desconsiderou as disputas locais e particulares ao solicitar apoio ao Estado para consolidar o seu projeto universitário."

---

<sup>129</sup> O número correto da lei de 1892 é 63.

As estratégias adotadas, duas décadas depois, pelos grupos de Victor do Amaral e de Nilo Cairo, podem ter levado em conta a experiência de Rocha Pombo. As estratégias de junção dos grupos e de procurar o Presidente do Estado do Paraná, Carlos Cavalcanti, para angariar o apoio político e financeiro foram fundamentais para garantir o sucesso do empreendimento. Se em 1912, a articulação dos grupos de Victor e Nilo conseguiu agregar na proposta os interesses do Estado e do município de Curitiba, não é possível negar a contribuição da experiência de Rocha Pombo na estratégia política desses grupos.

## 6.1 CONCEPÇÕES DE UNIVERSIDADE

Para se entender melhor a participação de Nilo Cairo na criação da Universidade do Paraná, temos que levar em conta sua concepção positivista de ciência e de ensino, continuaremos analisando o tema à luz da contribuição de Campos (2008) que estudou as concepções de universidade no Paraná durante o período de 1892 a 1950, relativos aos projetos de Rocha Pombo (1892), a criação da Universidade do Paraná (1912) e a criação da Faculdade de Filosofia Letras e Artes (1938). O período estudado contempla, ainda, a restauração da Universidade do Paraná em 1946 e sua federalização em 1950.

A análise que Campos (2008) faz leva em conta diferentes concepções universitárias que são consideradas, desde os oitocentos, dois modelos clássicos do mundo ocidental: o modelo napoleônico e o modelo humboldtiano. Uma terceira experiência, a do modelo confessional católico, também é utilizada pelo autor em seu trabalho.

Campos, ao apontar as convergências desses diferentes projetos universitários presentes no Paraná nos ajuda também, a entender as concepções de universidade para os grupos de intelectuais envolvidos nesses projetos.

A luz desse autor, formulamos a hipótese de que essas concepções correspondem em certa medida à composição das configurações sociais de cada momento, as posições de seus agentes e aos interesses nelas dominantes, ou em jogo. No caso de Rocha Pombo, que embora tenha sido deputado provincial pelo Partido Conservador e ocupado vários cargos públicos na Província, no momento

em que se propõe a criar uma universidade no Paraná, havia perdido apoio, poder e prestígio junto aos demais agentes da configuração política paranaense. Ao contrário de Nilo e Victor, que articularam para a criação da Universidade do Paraná uma configuração médico-intelectual, que incluía políticos como Candido de Abreu e Carlos Cavalcanti. Isto explica, em certa medida, o sucesso da proposta.

Campos (2008), ao escolher prioritariamente três momentos (1892, 1912 e 1938) para a sua análise dos projetos universitários, seleciona grupos sociais e suas "figuras-síntese"<sup>130</sup>, para articular esses projetos a determinadas concepções de universidade. Busca, entretanto, essas concepções de universidade na história do continente europeu.

O autor relaciona a proposta de Rocha Pombo, de 1892, à concepção de universidade humboldtiana; o projeto implantado em 1912, como de inspiração na concepção de universidade napoleônica e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como relacionada ao modelo católico de universidade, concepções essas explicadas a seguir.

A lei que dá a concessão a Rocha Pombo permite a criação além dos cursos de Direito, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia, do curso de Letras. Rocha Pombo, portanto, não estava preocupado apenas com as profissões técnicas, mas propôs as Faculdades de Letras e de Formação de Professores, além do que as funções do Ginásio Paranaense e da Escola Normal seriam incorporadas a Universidade. Assim, para Rocha Pombo a formação universitária não deveria apenas contemplar o conhecimento específico das profissões técnicas, mas deveria também "ser a expressão da totalidade do conhecimento humano". A preocupação com a formação de professores está de acordo com um projeto que transcende o ensino superior, provocando impacto em outros níveis de ensino (CAMPOS, 2008, p.53-54).

---

<sup>130</sup> Expressão utilizada por Bega (2001, p.156) para se referir a alguns nomes cujas trajetórias são tratadas em seu trabalho sobre a geração de intelectuais simbolistas do Paraná como "figuras singulares, à medida que os subsidiaram, quer com seu capital econômico, quer com o cultural, quer com os suportes institucionais nas carreiras que se iniciavam."

Para demonstrar o que é o modelo humboldtiano, Campos usa como referência a Universidade de Berlim, criada em 1810, inspirada no pensamento de autores como Kant, Fichte, Schleiermacher e Humboldt. A crítica de que o ensino superior prussiano estava alicerçado no "indivíduo preocupado com as atividades técnicas e, portanto, não no sábio, aquele cujo papel é dedicar-se à elevação intelectual e moral do ser humano", e a afirmação de que a filosofia deveria ocupar posição central no saber universitário estava presente na produção intelectual dos autores citados (CAMPOS, 2008, p.16-17).

Nesses termos, embora Rocha Pombo não tenha sugerido a criação da Faculdade de Filosofia, mas tenha proposto a de Letras e Formação de Professores, pode ter seu projeto de universidade ligado não somente ao ensino que levasse a suprir o Paraná dos profissionais necessários ao seu desenvolvimento econômico, mas também à formação nas Humanidades como prescreve o modelo humboldtiano.

O mesmo não ocorre com o projeto universitário do grupo liderado por Victor do Amaral e Nilo Cairo, o qual se aproxima do que Campos (2008) refere como modelo napoleônico.

Na França de Napoleão Bonaparte, pós-revolucionária, a estabilização do país demandava a formação de profissionais necessários às ações do Estado. Esse sistema imprimiu uma divisão de atividades e especialização. Nesse modelo as Faculdades de Letras e Ciências não encontravam a relevância que tinham no modelo humboldtiano. A Universidade Imperial, de 1806, caracterizou-se por escolas e faculdades isoladas (CAMPOS, 2008, p.16-19).

O modelo francês predominou no Brasil, durante todo o Império, mesmo antes com a vinda da Família Real, em 1808. Faculdades isoladas foram criadas e, principalmente, ligadas a profissões estratégicas para o Estado, como, por exemplo, engenharia, direito e medicina. Assim, a formação superior acabava por priorizar o pragmatismo.

O projeto universitário de 1912, ao não contemplar as Faculdades de Filosofia ou Letras, ou mesmo a Formação de Professores, mas instalando cursos como Direito, Engenharia, Obstetrícia, Odontologia, Comércio e Farmácia, aproxima-se do modelo napoleônico, embora difira deste no que se refere ao controle do Estado, fortemente presente no modelo francês e rejeitado pelos idealizadores da Universidade do Paraná. Para estes, o Estado não deveria interferir no ensino, embora devesse prover as

condições para seu desenvolvimento, tal como defendem as posições positivistas. A esse ponto voltaremos mais adiante quando tratarmos da questão das concepções de ensino de Nilo Cairo.

A concepção católica está ligada à ideia de que "a universidade deveria se responsabilizar pela formação moral, espiritual, associando os conhecimentos oriundos do desenvolvimento científico aos preceitos religiosos" (CAMPOS, 2008, p.28). O autor cita a Universidade de Louvain, criada em 1834, como representante desse modelo. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1938 é a expressão dessa concepção de universidade no Paraná. Esta faculdade irá incorporar-se à Universidade do Paraná, em 1946, pois para sua restauração foi feito um processo de unificação das Faculdades de Medicina, Engenharia, Direito e Filosofia, Ciências e Letras.

Apesar de Rocha Pombo ter sido apontado como um idealista que fracassou, seu legado permitiu a reorientação das estratégias. O grupo de 1912, já é resultado da junção de interesses diversos, empreendendo por iniciativa particular a instalação de uma Universidade, embora com subsídios estatais e defendendo a liberdade de ensino. A concepção desse grupo afastava-se da visão de Rocha Pombo, mas evitou confrontos, inclusive com a visão católica. Esse grupo, ainda presente em 1946, necessitou aliar-se aos católicos para construir a Universidade do Paraná, somente então reconhecida como tal pelo Governo Federal. Em 1949 a capacidade da iniciativa particular se havia esgotado, havendo, da parte da Universidade, o desejo de passar para as mãos do Governo Federal, sem, no entanto, perder suas características regionais.

Nesse sentido, a convicção do então Reitor Flávio Suplicy de Lacerda, durante discurso pronunciado na sessão da Assembleia Universitária de 19 de dezembro de 1949, orienta-se pela necessidade de contar-se com o Estado de forma mais intensa para o financiamento da Universidade:

Agora temos para nós que a Universidade está chegando ao término da capacidade limite do que pode realizar uma iniciativa particular. A sua fase inicial terminou.

Chegou o momento de ser a nossa Universidade incluída dentre os centros universitários que merecem o amparo carinhoso e decidido do Governo Federal. Suportamos cotejo vantajoso com os Estabelecimentos Federais já existentes e, dentre os Institutos equiparados, poucos como o nosso podem ombrear em recursos, em instalações e em patrimônio moral tão maduramente alcançado.

É, pois a hora da Federalização do Ensino Superior do Paraná, não como um favor obtido nos corredores da Câmara, mas como a vitória mais retumbante alcançada, no Brasil, pela iniciativa particular (FURTADO, ca1960, p.18).

A restauração da Universidade do Paraná em 1946 implicou na unificação das Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia e Filosofia, Ciências e Letras. A unificação das humanidades com as outras três faculdades permitiu o reconhecimento pelo Governo Federal da Universidade do Paraná. Assim a Universidade do Paraná como tal foi criada efetivamente em 1946, embora seja de domínio público que sua essa criação se deu em 1912.<sup>131</sup>

O mesmo Reitor traz mensagem semelhante, quando se dirige ao Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, solicitando a federalização:

Reestruturada oficialmente a Universidade do Paraná, porém, torna-se imperioso que ela, sob as responsabilidades que lhe são emprestadas pelas suas tradições, pelo seu merecido e incontestável conceito e pelo seu conhecimento das funções que são próprias aos organismos universitários modernos, desenvolva o seu campo de ação e amplie os seus horizontes, passando da sua fase, caracterizada pela existência de faculdades imbuídas de espírito individualista, para uma outra em que a sua atitude se possa orientar, mais eficientemente, num sentido mais social, vinculando-se mais intimamente à Nação, o que está de plena conformidade com os programas educacionais traçados por V. Excia.

Torna-se neste ponto evidente que o esforço particular não conta com elementos necessários para serem alcançados tão complexos quanto patrióticos desígnios, impondo-se ou a estagnação da Universidade, o que não se pode aceitar por ser solução meridianamente absurda, ou o comprometimento mais íntimo da Nação aos seus problemas específicos, e este comprometimento então ressalta como imperativo de ordem superior, não sendo, portanto lícito aos professores responsáveis pela empresa que têm mantido, alimentar outros sentimentos que aqueles que nos impulsionam a este apelo, que a Universidade do Paraná dirige a V. Excia. (FURTADO, ca1960, p.19).

Nesse discurso fica claro que é chegado o momento em que o crescimento da Universidade e seu papel social exigem a sua federalização, passando de empreendimento da iniciativa particular à instituição de natureza pública. Aqui reside uma das características menos discutidas nos trabalhos que versam sobre a

---

<sup>131</sup> A Universidade do Paraná só passa a existir oficialmente em 1946, ano de sua criação. A pretensão de 1912, na prática, não foi realizada, pois a Lei Maximiliano, de 1915, impôs condições que não puderam, à época, serem superadas obrigando o desdobramento em faculdades independentes.

trajetória da Universidade do Paraná à Universidade Federal do Paraná, ou seja, a passagem da iniciativa privada à pública.

Mesmo tendo sempre recebido ajuda estatal, a Universidade do Paraná e as Faculdades nas quais ela se desmembrou até a sua restauração em 1946 eram de iniciativa particular e, embora sobrevivessem principalmente de subvenções públicas, não deixavam de contar com o montante de recursos oriundos das mensalidades dos alunos, chegando ao extremo de pelo menos em uma situação determinar a suspensão da matrícula de um aluno da Faculdade de Medicina por falta de pagamento.

Porém, como se percebe nas palavras de Suplicy, o empreendimento atendia interesses não somente privados, mas aqueles próprios do Estado do Paraná, e chegara o momento em que essa dimensão teria de ser albergada na esfera federal; momento esse já anunciado anteriormente por Victor do Amaral, como veremos adiante.

A forma como a Universidade foi criada e financiada está de acordo com o pensamento liberal e positivista de Nilo Cairo da Silva, expresso em seu discurso de 1914, quando, como já abordamos, defendeu a liberdade de ensino, sem interferência do Estado, porém com proteção financeira estatal.

A concepção da Universidade do Paraná como fruto da iniciativa particular subsidiada pelo poder público e a serviço dos interesses da sociedade está em consonância com os ideais positivistas e liberais, frutos de um pensamento que pretendia inscrever o Paraná na modernidade. Essa idéia de modernidade estava lançada desde o advento da República, resultado da emancipação dos indivíduos em relação ao Estado e que tivera como um dos berços a Academia Militar da Praia Vermelha.

Apesar do caráter particular da Universidade, Victor do Amaral estará sempre reiterando que isso não podia representar a mercantilização da educação, evitando, assim, que a Universidade fosse confundida com instituições cujo objetivo fosse o lucro mediante a fabricação de diplomas.

Para melhor elucidar as afirmações acima analisamos os relatórios da Universidade do Paraná<sup>132</sup>, produzidos por Victor do Amaral, além de suas posições em alguns de seus discursos. Analisamos também o Relatório Didático e Administrativo apresentado por Nilo Cairo da Silva, em 18 de dezembro de 1913.

Victor do Amaral e Nilo Cairo eram conhecedores das dificuldades da experiência anterior (de Rocha Pombo em 1892). Assim a aliança entre Nilo Cairo e Victor do Amaral permitiu, principalmente pelo prestígio político de Victor, a busca de articulação nos meios estatais, notadamente junto ao governo do Estado do Paraná, sem exclusão da municipalidade de Curitiba e da União.

Como parte dessa estratégia, por ocasião da criação da Universidade, como já vimos, Nilo Cairo foi encarregado de procurar o Sr. Presidente do Estado, Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque para comunicá-lo da iniciativa e pedir seu apoio moral.

A visita ao presidente do Estado solicitando apoio financeiro e não só político revela a interdependência entre o grupo fundador da Universidade e o poder público e vislumbra, por um lado, o financiamento público da empreitada e a vinculação da mesma ao interesse público. Carlos Cavalcanti impõe como condição a ajuda que a Universidade seja fundada na data de aniversário da emancipação política do Paraná e, mais ainda, oferece a sede da Assembleia Legislativa para a abertura dos trabalhos da Universidade. Dessa visita Nilo Cairo saiu comprometido com os interesses públicos e com a promessa de apoio material. Pode-se dizer que a Universidade do Paraná fará parte do projeto de emancipação intelectual do Paraná.

Embora particular a iniciativa, demonstrar a sua relevância social foi uma estratégia utilizada por Victor do Amaral para garantir o apoio estatal e da comunidade. A própria comunidade também se tornou fonte de recursos econômicos para a manutenção e ampliação da Universidade, principalmente em relação à assistência à maternidade e à infância.

---

<sup>132</sup> Analisamos os Relatórios Gerais da Universidade do Paraná apresentados por Victor do Amaral referentes aos anos de 1913, 1914, 1915, 1916. Após o desmembramento da Universidade em faculdades em 25 de maio de 1918, Victor do Amaral passa a apresentar Relatórios da Faculdade de Medicina do Paraná dos quais analisamos para este capítulo os referentes aos anos de 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1929, 1932, 1935, 1937, 1940. Victor do Amaral é eleito o primeiro Reitor da Universidade Restaurada (1946) – analisamos o Relatório de 1946 e o seu último relatório, o do primeiro semestre de 1948, quando Victor deixa a função de Reitor, sendo substituído por João Ribeiro Macedo Filho (Reitor) e Flávio Suplicy de Lacerda (Vice-Reitor) eleitos pelo Conselho Universitário em 25 de junho de 1948.

As questões da política paranaense estão em constante articulação com a necessidade de se lutar por uma universidade, que se mostre necessária ao projeto de um Paraná autônomo, política, econômica e intelectualmente por meio da educação de seus cidadãos; educação essa a serviço do trabalho. O sucesso das articulações que Victor promove e as quais Nilo executa nos apontam para a proeminência de Victor na configuração médico-intelectual que criou a Universidade.

No primeiro relatório apresentado à Assembleia Geral de 19 de dezembro do ano de 1913, Victor do Amaral agradece o apoio recebido pelas três esferas de governo:

Os poderes públicos do Estado, da União e do Município, não tem regateado o apoio moral e material à nascente instituição, conforme vereis detalhadamente pelo relatório do Sr. Dr. Secretário, não podendo eu todavia me eximir de citar, com profunda gratidão, os nomes do Sr. Dr. Carlos Cavalcanti, como Presidente do Estado, do Sr. Deputado Luiz Bartholomeu, por seus valiosos esforços empregados junto do benemérito Governo Federal, e do Sr. Dr. Candido Ferreira de Abreu, como Prefeito Municipal desta Capital (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Imediatamente após o reconhecimento do apoio estatal Victor do Amaral deixa claro o bom uso dos recursos públicos, prestando contas à sociedade dos objetivos da utilização desses recursos:

A meta que colimamos era e contínua a ser ministrar um ensino sólido e proveitoso, relegando para plano secundário a concessão de diplomas acadêmicos, a fim de não confundir a nossa Universidade com os estabelecimentos adrede fundados para o comércio ilícito da mercancia de títulos acadêmicos, rotulando os pobres de espírito e ocas fatuidades, que à instrução profícua e ao saber, que enobrece, preferem as lantejoulas de arlequim, compradas na almoeda do mais sórdido e imoral mercantilismo, que a complacência das leis penais tem tolerado (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Assumindo posição contra o mercantilismo na educação, Victor do Amaral garante a manutenção do apoio político e econômico, porém, é possível antever dificuldades, pois Victor estava preocupado com a mercantilização de diplomas propiciada pela liberalização do ensino superior. Logo mais adiante, em 1915, haverá um recuo das posições liberais de 1911, por parte da União, como que buscando coibir os efeitos da excessiva liberalização do ensino.

Os recursos recebidos para utilização na implantação da Universidade são descritos, a seguir, na sequência do relatório, sendo cinquenta contos de reis doados

pelo governo federal para aplicação no Curso de Engenharia; oitenta contos de reis doados pelo governo do Estado dos quais vinte e nove contos foram usados para a compra de um terreno situado à Rua Carlos de Carvalho, esquina com a Visconde de Nacar; um terreno mais central com uma das faces para a rua Quinze de Novembro doado pela Câmara Municipal de Curitiba (onde foi construído o prédio histórico).

A intenção era a construção de um prédio próprio da Universidade, pois ela estava funcionando provisoriamente em um sobrado alugado do ervateiro Manoel Miró, à Rua Comendador Araújo. Inicialmente se pretendia construir a sede no terreno adquirido à Rua Carlos de Carvalho, porém, uma vez que houve a doação de outro terreno pela municipalidade, preferiu-se este pela sua localização. O dinheiro advindo da venda do terreno da Carlos de Carvalho foi utilizado na construção do prédio, cuja pedra fundamental foi lançada a 31 de agosto de 1913.

Victor do Amaral continua incitando os governos do Estado e do Município para concederem "uma razoável subvenção anual, para a consolidação dessa ingente obra, cujos proveitos intelectuais, morais e materiais são enormes para o estado em geral e particularmente para o Município da Capital" (RELATÓRIO GERAL, 1913).

As contribuições dos alunos foram investidas nas despesas de instalação da Universidade como "mobiliário, gabinetes de ensino prático e biblioteca" (RELATÓRIO GERAL, 1913). Para o ano seguinte, Victor do Amaral estima que as contribuições dos alunos possam chegar a cem contos de réis (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Outra fonte dos recursos iniciais foram "os emolumentos de cada título de nomeação [expedidos por Victor do Amaral] ao pessoal docente", os quais embora de montante modesto, segundo Victor, foram utilizados para instalar a Secretária da Universidade no prédio alugado, já em fevereiro do mesmo ano. Assim, foi possível abrir as inscrições para os diversos cursos e proceder aos exames de admissão (RELATÓRIO, 1913). Nilo Cairo, em seu relatório, detalha que esses valores recebidos dos docentes foram os primeiros recursos para a implantação da Universidade:

Foi no momento em que lentes assinaram o termo de posse de suas cadeiras, que entraram os primeiros capitais para os cofres da Universidade: cada lente pagou 30\$000 de emolumentos de diploma e cada membro da Diretoria e o Conselho econômico mais 20\$000 de emolumentos do cargo (RELATÓRIO GERAL, 1913).

No citado relatório de Nilo Cairo, apresentado a Victor do Amaral, em 18 de dezembro de 1913, ainda há outras informações que mostram as fontes de recursos para a Universidade e a austeridade com que esses recursos foram aplicados. Havia uma preocupação nesses relatórios em mostrar a correção da utilização dos recursos. Reafirmamos que, embora de iniciativa particular, a Universidade prestava contas públicas, já que buscava não somente em fontes privadas seus recursos, mas, principalmente, contava com recursos públicos.

Havia também, uma vez que se desocupasse o sobrado alugado à rua Comendador Araujo, a intenção de se instalar lá uma maternidade, a qual serviria "não somente para o ensino de obstetrícia da Universidade, mas também para a classe pobre da população de Curitiba" (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Para tanto, já se contava com a ajuda financeira da municipalidade com subvenção anual de dez contos. Nilo Cairo, além dessa ajuda municipal, já proclama, no relatório, que espera também a ajuda do Estado para poder abrir as portas da maternidade com dez leitos para parturientes e seis para "gestantes que esperam" (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Na sessão de Votos de Louvor do relatório de Nilo Cairo, podem-se ver claramente, entre outros votos, os votos àqueles entes públicos que contribuíram para o patrimônio da Universidade:

Ao Congresso Legislativo do Estado, pela lei n. 1284 de 27 de março de 1913, que reconheceu oficialmente a Universidade por parte do Estado e autorizou o executivo estadual a concorrer para o patrimônio da instituição;  
 Ao Sr. Presidente do Estado, Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo interesse pessoal que tomou pelo desenvolvimento e progressos da universidade, especialmente pela obtenção da subvenção federal;  
 Aos Srs. Ministros da Justiça e da Fazenda, Drs. Herculano de Freitas e Rivadavia Correia, pela concessão da subvenção anual de 50:000\$000 feita à Universidade;  
 [...]  
 À Câmara Municipal de Curitiba, pela lei que concedeu gratuitamente à Universidade o terreno sito à Praça Santos Andrade, onde está sendo atualmente construído o prédio dela;  
 Ao Dr. Candido Ferreira de Abreu, membro do Conselho Superior e Prefeito de Curitiba, pelo esforço e boa vontade com que tem servido os nobres interesses da Universidade, quer quanto à concessão do terreno à Praça Santos Andrade, quer quanto às obras do prédio aí em construção  
 (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Os outros votos de louvor referem-se a contribuições pessoais na ideação e execução do desenho do emblema da Universidade, doação de livros à biblioteca,

confeção de projetos de gabinetes e oficinas, contribuições em geral sem remuneração, além de votos de louvor à diretoria da Universidade e ao Sr. Dr. Flavio Luz.

Nilo Cairo aponta, ainda, a concessão do primeiro diploma de Benfeitor da Universidade do Paraná, ao Deputado Federal pelo Paraná, Luiz Bartholomeu de Souza e Silva, pelos serviços prestados "em prol dos interesses da Universidade, guiando e esclarecendo os poderes públicos sobre o pedido feito por esta instituição de uma subvenção anual de 50 contos de reis" (RELATÓRIO GERAL, 1913).

Nilo Cairo encerra esse relatório de 1913 ressaltando o desprendimento dos membros do corpo docente, os quais recebem apenas setenta mil reis por mês cada um, descontadas as faltas. E afirma que a prioridade dos investimentos tem sido para os equipamentos e a construção (RELATÓRIO GERAL, 1913).

As referências às subvenções estaduais, municipais e federais vão aparecer nos relatórios de Victor do Amaral durante as próximas três décadas. O Estado contribuirá com 36 contos anuais, o município de Curitiba manterá seu apoio à Maternidade com subvenções anuais e a União manterá as subvenções anuais. A Associação de Damas de Assistência à Maternidade e à Infância contribuirá com auxílio pecuniário mensal.

Existirão ainda contribuições por subvenções populares e doações como, por exemplo, a doação em 1922 de 1.333 francos pela comunidade francesa para a biblioteca (para aquisição de livros de autores de língua francesa) e em 1923 a doação da comunidade alemã para o reinício da construção do prédio da Universidade.

As contribuições cobradas dos alunos foram explicitadas nos relatórios analisados representando uma parte menor do que aquela referente aos auxílios e subvenções.

Em 1915 a receita total da Universidade foi de 325:000\$488, sendo 97:236\$000 o montante resultante da contribuição dos alunos; nesse ano existiram 239 matrículas, 37 trancamentos de matrícula, chegando ao fim do ano 202 com alunos, "dos quais 10 [eram] gratuitos em virtude de disposição da lei estadual que subvencionou a Universidade do Paraná" (RELATÓRIO GERAL, 1915).

Esse pequeno número de alunos gratuitos se manteve nas décadas seguintes com 46 (dentre um total de 677 alunos) em 1935, 42 em 1938 (total de 608) e 40 alunos gratuitos em 1940 para um total de 422 alunos.

Existe um relato, feito em 1921, que mostra a exclusão de um aluno por falta de pagamento das contribuições: "Por falta de pagamento das taxas regulamentares, foi

em 1.º de junho deste ano, trancada a matrícula do Sr. José Caetano Alves Neves, aluno matriculado condicionalmente na sexta série do Curso de Medicina." (RELATÓRIO DA FACULDADE, 1921). Nesse ano os valores cobrados para o Curso de Medicina eram de 40\$000 como mensalidade, taxa de admissão 50\$000 e de matrícula 80\$000 (SIQUEIRA, 2004, p.31).

Victor do Amaral chegou a empreender esforços para receber ajuda da Fundação Rockefeller, sem sucesso, tendo citado essas tentativas pelo menos nos relatórios de 1929, 1935 e 1937 (RELATÓRIO DA FACULDADE, 1929; 1935; 1937).

Em 1933 Victor do Amaral manifestou, em relatório, o desejo de ver a Faculdade de Medicina do Paraná federalizada, o que mostra coerência com a ideia de que, embora particular a iniciativa, a sua manutenção e ampliação dependiam do esforço público para se viabilizar:

Em meu relatório, eu disse que nobre aspiração, que tínhamos e devíamos pleitear, era a federalização de nossa faculdade nas mesmas normas outorgadas à Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Esse nosso justo anelo encontrou boa acolhida nesta Congregação e mereceu as simpatias do EXMO. Sr. Manoel Ribas, digno Interventor Federal do Estado, que está empregando seus melhores esforços junto ao Ministério da Educação e Saúde Pública, no que foi secundado pelo Prof. Paula Soares Neto, Vice-Diretor de nossa Faculdade, quando estive na Capital Federal (RELATÓRIO DA FACULDADE, 1932).

A seguir relata a petição apresentada em 21 de novembro de 1932 solicitando a referida federalização. Faz um histórico da Faculdade de Medicina do Paraná<sup>133</sup>, equiparada às Faculdades oficiais desde 1922 e manifesta o apoio do Paraná, bem como dos professores e docentes nos acontecimentos de 1930 e 1932, na própria petição (RELATÓRIO DA FACULDADE, 1932).

Após a restauração da Universidade, a qual ocorreu em 1946, houve diminuição das taxas cobradas dos alunos e conseqüente reposição pecuniária feita pelo governo federal. Agora a Universidade do Paraná contava já com 2.245 alunos, tendo incorporado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, para a sua restauração.

---

<sup>133</sup> Envolvendo os cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia.

Assim, vai aumentando o componente público da Universidade e reduzindo o papel privado, embora o motor inicial tenha sido a iniciativa particular.<sup>134</sup> Dessa forma, no segundo semestre de 1948, verifica-se que de um total de receitas de Cr\$ 3.458.716,00 da Universidade do Paraná, três milhões são oriundos de subvenções recebidas e apenas Cr\$ 70.850,00 ainda são frutos das taxas universitárias.

Isso permitiu, como vimos anteriormente, a redução das taxas de matrículas, conforme prenunciava Victor do Amaral, em discurso proferido na solenidade de restauração da Universidade do Paraná, em 1.º de abril de 1946: "As valiosas subvenções agora prometidas à Universidade, virão melhorar as suas condições econômicas e diminuir as taxas de matrícula dos alunos dos diversos cursos da Universidade." (RELATÓRIO GERAL, 1946).

Estava concretizada a Universidade do Paraná, uma universidade pautada pelos ideais liberais e positivistas, cuja iniciativa fora particular, mas que encontrara no poder público o apoio que necessitava. Uma Universidade que atendeu aos interesses de um Paraná moderno. Nas palavras de Victor do Amaral, em 19 de dezembro de 1916, uma educação voltada para o desenvolvimento econômico do Estado do Paraná:

Fundada sob o regime liberal da lei orgânica do ensino, de 5 de abril de 1911, sem intuítos mercantis e sem a preocupação subalterna de distribuir diplomas decorativos, a Universidade do Paraná tem inscrito em seu programa a difusão do ensino sólido, profícuo e proveitoso; porque o seu escopo é preparar o homem, não para ser um parasita que venha aumentar o proletariado intelectual, mas para ser um fator de produção econômica (LIMA, 1982, p.402).

Assim, conforme vimos, a Universidade do Paraná nasceu como uma iniciativa muito mais próxima do modelo napoleônico do que do modelo humboldtiano preconizado por Rocha Pombo. A Universidade do Paraná nasceu no escopo do positivismo, visão predominante na configuração social em que ela foi engendrada.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> "Fruto genuíno de arrojada iniciativa particular"; obra "oriunda de um conjunto de esforços sinergicamente empregados, e de uma associação de labor e energia". Nas palavras de Victor do Amaral, em discurso de 1921 (LIMA, 1982, p.382).

<sup>135</sup> Alguns agentes da configuração médico-intelectual que fundou a Universidade pertenciam também a configuração política do Estado, dos quais podemos citar Victor que foi deputado federal e Carlos Cavalcanti então presidente do Estado, embora não estudemos nesta tese a referida configuração. Ver a este respeito Oliveira (2012).

Nilo Cairo da Silva contribuiu fortemente para essa visão a partir de sua formação, como vimos em sua trajetória e veremos a seguir.

## 6.2 CONCEPÇÕES DE ENSINO E CIÊNCIA EM NILO CAIRO

Nilo Cairo já em 1903, em sua tese *Similia Similibus Curantur*, demonstra preocupação com o ensino da medicina, não somente fazendo críticas ao curso que está concluindo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas também propondo mudanças nele.

Essas preocupações o acompanharão em toda a sua trajetória. Os diversos livros de sua autoria e as revistas científicas nas quais se envolveu como redator e fundador apontam a coerência de suas concepções, das quais trataremos a seguir; assim, também o ativismo nos jornais está de acordo com o papel que ele atribui à educação como difusora de conhecimentos validados pela ciência.

Ao se envolver com a fundação da Universidade do Paraná, realiza seu papel já prenunciado na tese apresentada ao fim do curso de medicina. As concepções de universidade que estão presentes na Universidade do Paraná, vistas anteriormente, são fruto não somente de concepções individuais de seus fundadores, mas também são concepções ligadas ao positivismo, desenvolvidas na Escola Militar. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pode ter influenciado nessas ideias, incluindo aí a liberdade de ensino, que aparecerá de forma contundente no discurso de Nilo Cairo, quando da formatura de 1914 na Universidade do Paraná.

Para se compreender a predominância da concepção positivista no surgimento da Universidade do Paraná é necessário compreender-se não somente as concepções individuais, mas também o pensamento que circula na configuração social a qual pertencem. Todos são filiados ao Positivismo. O sucesso do empreitada foi fruto da interdependência desses indivíduos, portadores de interesses convergentes, mas unidos em sua concepção filosófica. Por um lado, a necessidade das elites econômicas de criar condições para um Paraná moderno e, por outro, a convicção dos positivistas de que educação seria um meio de regeneração de uma sociedade entendida por eles como em anomia.

Encontrar regularidades no pensamento de Nilo Cairo acerca desses temas é também encontrar as concepções de ciência e de educação que se apresentam como "redentoras" da sociedade, ou construtoras de uma nova ordem social, desejada por aqueles que naquele momento detêm algum grau de poder. Assim, o que se passará, com a fundação, a resistência e sobrevivência da Universidade é resultado tanto do esforço daqueles indivíduos, quanto da capacidade que demonstraram em se articular com a configuração política daquele momento e levar adiante as concepções liberais e positivistas sobre a ciência e educação.

"Quem diz ensino diz harmonia e homogeneidade". Ao fazer a crítica à escola de Paris, defensora do materialismo em medicina, Nilo Cairo afirma que a escola é dogmática, que em Paris não há nem escola nem ensino. Acusa os professores, pagos pelo governo, de defenderem individualmente opiniões e doutrinas. Acusa a inexistência de um laço comum que possa unir aquelas "individualidades esparsas" (CAIRO, 1903, p.9).

Embora reconheça o surto do espírito positivo como capaz de afastar as crenças teológicas e de permitir no campo da medicina o surgimento de "diversas tentativas filosóficas de sistematização", acusa o fato de que não se conseguiu evitar o "deplorável estado de dissolução e dispersão" da ciência. Está aí a forma como Nilo Cairo enxerga a anarquia intelectual na medicina no início do século XX. Já trabalhamos em capítulo anterior a crítica que Nilo Cairo faz à profusão de teorias e também ao fato de que há muita ênfase, no ensino da medicina, ao diagnóstico e pouca ao tratamento. Nilo cita a situação do ensino em que "os alunos aprendem a conhecer as lesões e os sinais das moléstias e pouco se importando com o tratamento". Aparece aí, mais uma vez o sentido prático que Nilo Cairo atribui à ciência. Critica o fato de que o fim da atividade médica passou a ser o diagnóstico ou mesmo o reconhecimento das "lesões cadavéricas", deixando-se para o tratamento uma atitude "leviana e apressada". E termina com: "É tempo, me parece, de sair deste beco-sem-saída." (CAIRO, 1903, p.9-13).

Nilo Cairo esperava ter encontrado na sua formação médica "um todo relativamente coordenado, um verdadeiro corpo de doutrinas inspiradas por um único critério e entrelaçadas de princípios gerais universalmente aceitos" (CAIRO, 1903, p.5). É com essa missão reformadora da medicina e da sociedade que vai pautar sua produção intelectual e prática nas próximas duas décadas.

Na mesma tese, quando apresenta as proposições, deixa claro as várias observações que mostram a sua preocupação com o ensino. Algumas delas ainda são muito pertinentes à pauta de discussões atuais na educação médica. Mantém nas proposições uma linha de pensamento que recusa a fragmentação, coerente com a sua posição junto ao vitalismo em medicina.

As proposições confirmam a posição de Nilo Cairo em relação à recusa da excessiva especialização do conhecimento, à fragmentação do ensino em disciplinas isoladas, e ao excesso de detalhes em detrimento da unidade vital. Chega a ser irônico, nas suas críticas, quando atribui, por exemplo, a expressão "sutilezas musicais" para se referir ao ensino da ausculta cardíaca, embora reconheça que a invenção do estetoscópio possa ter trazido avanços à prática médica, assim como o desenvolvimento das técnicas de percussão torácica.

O estudo da clínica propedêutica, irracionalmente separado do de clínica médica pela preocupação, hoje muito comum, de tudo especializar, deverá ser a este unido, quando o espírito sintético regenerar o estudo da Medicina. As descobertas de Auenbrugger e de Laënnec trouxeram incontestáveis e imensos benefícios à clínica médica; infelizmente os seus sucessores de tal modo se abandonaram ao minucioso estudo das sutilezas musicais, que perdem quase sempre de vista o conjunto do organismo para se entregarem extasiados à contemplação exclusiva do órgão lesado (CAIRO, 1903, p.152).

Seguirão a essas observações a respeito da Clínica propedêutica, análises no mesmo sentido em outras disciplinas, como veremos a seguir em relação à Clínica dermatológica e sifilográfica, quando elogia o professor dessa matéria pelo fato de evitar teorias que levassem a um imobilismo e pelo fato de evitar a fragmentação. Aqui Nilo Cairo cunha mais uma figura de linguagem como a "marcenaria médica", responsável por transformar a totalidade do homem em um conjunto de "cavacos" ou "pedacinhos", expressão esta utilizada mais adiante.

Pela felicíssima ausência de niilismo teórico e dessa espécie de marcenaria médica contemporânea, que, na frase do professor M. Peter, reduz o organismo a cavacos tão pequenos que o próprio Hipócrates não poderia neles reencontrar a sua *conspiratio una*, as lições práticas do distinto lente desta cadeira, o meu ilustre mestre Dr. J. P. Gabizo, honram incontestavelmente o ensino médico desta Faculdade (CAIRO, 1903, p.152).

Segue na mesma linha, em relação às proposições para as disciplinas seguintes:

- Anatomia e fisiologia patológicas:

O estudo da anatomia patológica deve ser feito juntamente com o de patologia na clínica médica e não em preleções catedráticas, como se faz habitualmente em toda parte, visto como o estudo isolado da lesão faz perder o estudo doente e substitui pela medicina dos *pedacinhos* a medicina do inteiro, do conjunto do organismo, vivendo e reagindo, que é o que tem sempre diante de si o verdadeiro clínico.

Quanto à fisiologia patológica, ela não é mais do que o estudo dos sintomas ou das perturbações funcionais; a separação do seu ensino do da clínica médica é mais um sintoma do espírito de especialização dispersiva exagerada que preside os trabalhos da ciência contemporânea (CAIRO, 1903, p.153).

- Patologia médica:

Sendo indivisível o estudo do doente, o curso de patologia médica deve ser feito na clínica hospitalar, à cabeceira do enfermo, e não do alto de uma cátedra, onde ele degenera habitualmente na prolixa exposição de uma confusa erudição, tão desprovida de consistência como de utilidade (CAIRO, 1903, p.153).

- Patologia cirúrgica

A separação que as aberrações teóricas do espírito científico estabeleceram entre patologia médica e patologia cirúrgica é inteiramente contrária à Moral que define a moléstia como uma alteração da unidade vital (CAIRO, 1903, p.154).

- Clínica médica (2.<sup>a</sup> cadeira)

A minha franqueza habitual me impõe aqui o dever de prestar homenagem ao venerando professor desta cadeira, Dr. J. Benício de Abreu, cujo ensino prático, pelo método adotado e a feliz ausência de nebulosidades teóricas e eruditas, é um daqueles que o aluno realmente aproveita.

A cadeira de clínica médica é a única que, convenientemente fundida a todas aquelas que o espírito de especialidade dela separou, deveria existir em uma verdadeira Escola de Medicina.

Quanto ao tratamento, o diagnóstico distintivo das lesões cardíacas não tem a importância que lhe quer dar a obsessão musical da propedêutica (CAIRO, 1903, p.157).

Chama a atenção, mais uma vez a capacidade de Nilo Cairo em defender as suas ideias utilizando-se de ironia, agora atribuindo aos seus professores a expressão

"obsessão musical da propedêutica", sem resultados no tratamento. Ainda, defende a cadeira de clínica médica indivisível em oposição à especialização. Novamente, ao elogiar mais um professor, atribui o elogio à "feliz ausência de nebulosidades teóricas e eruditas".

Por fim, chama a atenção nesse conjunto de proposições a ideia regeneradora do "espírito sintético", demonstrada na primeira das proposições deste grupo, o que se apresenta como um devir, como uma evolução da ciência. Assim, a medicina seria regenerada por uma ciência positiva, e não somente a medicina, mas a sociedade, já que Nilo Cairo envolver-se-á em projetos de educação e ciência muito além da medicina.

Ainda na tese de 1903, Nilo Cairo mostra-se preocupado com o uso de cadáveres e da vivisseção na formação médica. Sua posição é contrária ao uso de cadáveres, ao mesmo tempo em que defende o uso de manequins para o estudo da anatomia humana.

Usando convenientemente dos desenhos e manequins, pode perfeitamente o professor ensinar e o aluno aprender anatomia humana, sem precisar mutilar cadáveres, evitando assim um processo que serve mais para empobrecer o coração do que para enriquecer o espírito (CAIRO, 1903, p.150).

Traz o mesmo com outras disciplinas.

- Fisiologia

As vivisseções devem ser restringidas o mais possível nos laboratórios e completamente abolidas no ensino da fisiologia, onde elas servem tão somente de mau estimulante moral (CAIRO, 1903, p.151).

- Operações e aparelhos

A aprendizagem prática desta cadeira deve ser feita na clínica cirúrgica, afim de que o método correspondente não degenera numa pura mutilação de cadáveres, cuja inutilidade é hoje habitualmente reconhecida por todo espírito bem disciplinado (CAIRO, 1903, p.155).

Uma vez estudada a anatomia humana nos bons desenhos e excelentes manequins, que produz a indústria contemporânea, aqueles que se destinam às funções cirúrgicas basta aprenderem a operar no próprio vivo, sob a direção dos professores, primeiramente como simples expectadores, depois como ajudantes, enfim como operadores, devendo todo simulacro sobre o cadáver ser proibido em nome da moral pública (CAIRO, 1903, p.155).

- Anatomia médico-cirúrgica

A substituição do cadáver pelos desenhos e manequins, efetuada em suas lições, pelo eminente catedrático desta cadeira, constitui o maior progresso que até hoje tem feito o ensino médico desta Faculdade (CAIRO, 1903, p.155).

E essa substituição que eleva tão notavelmente o nível moral do ensino correspondente, revela, por um lado, a superioridade dos sentimentos e idéias do ilustre Dr. B. Paes Leme e, por outro lado, a fragilidade dos argumentos acadêmicos sobre a *necessidade do cadáver*, no qual, pelo que me toca, eu confesso nada ter aprendido de qualquer anatomia (CAIRO, 1903, p.156).

Nilo Cairo na proposição sobre a cadeira de medicina legal traz uma citação que defende a liberdade profissional.

Mais que nenhuma outra profissão, a arte de curar exige a mais completa liberdade. Longe de repelir a concorrência dos empíricos honestos, todo médico digno deverá abster-se de invocar contra eles qualquer repressão legal e esforçar-se somente por substituí-lo na confiança dos doentes. Uma viciosa apreciação do estado da opinião pública poderia só levar os governos a manterem uma proteção muitas vezes imerecida e que não pode senão retardar a regeneração da medicina. (G. Audiffrent) (CAIRO, 1903, p.158).

Essa posição será relativizada, mais tarde, quando em 1914, defende a liberdade de ensino, porém, no mesmo discurso coloca restrições à liberdade profissional.

Vale lembrar que o discurso em questão foi proferido por ocasião da formatura da primeira turma da Universidade do Paraná, em 19 de dezembro de 1914. Na ocasião Nilo Cairo dirigiu-se aos novos engenheiros, cirurgiões-dentistas, farmacêuticos e contadores.

Quanto à liberdade profissional afirma:

Nem diante do texto de Augusto Comte, nem diante do da Lei Orgânica, pois nem um nem outro contém nem mesmo em germe a ideia desse crime, que outra coisa não é mais que essa liberdade de mistificação, essa liberdade de enganar, essa liberdade de iludir, essa liberdade de roubar, que é a liberdade profissional, conforme a pregam os velhacos de todos os matizes (CAIRO, 2006).

Nilo Cairo após defender veementemente a liberdade de ensino, reservando ao Estado a subvenção e fiscalização aponta os exageros da propaganda positivista.

Para ele é exagero, o que contraria os ensinamentos de Augusto Comte, defender a liberdade de ensino a ponto de afastar as subvenções econômicas do Estado.

Assim, de forma coerente com seu estilo contundente no debate, expõe restrições à liberdade profissional, o que relativiza, como já afirmamos, suas posições apresentadas em 1903.

Ao atribuir à liberdade profissional a categoria de "crime", usando verbos como "roubar", "iludir" e submeter os defensores dessas ideias a qualificação de "velhacos", Nilo Cairo tanto exerce o seu estilo agressivo como busca convencer seus ouvintes de que as suas ideias devam ser aceitas, expressando-se de forma propagandística. Apesar de atribuir à sua posição a condição de defesa dos "interesses gerais da sociedade", não deixa de tentar seduzir os formandos apelando para a defesa profissional.

Se em 1903 pregou a não perseguição aos "empíricos", agora usa a expressão "perigos da ignorância" que estariam ameaçando a sociedade.

É possível que a mudança nas posições de Nilo Cairo tenha se dado pela influência das circunstâncias que o levaram a participar da fundação da Universidade do Paraná. Nada mais estratégico que ao se propor a criação de uma universidade se passe a defender como condição necessária para o exercício da liberdade profissional uma educação profissional.

Nesse mesmo discurso, Nilo Cairo reafirma a sua visão positivista ao dizer que espera uma "doutrina geral e única, para se argamassarem em pedestal de amor, de fé e de paz, sobre o que deve repousar a felicidade do gênero humano" (CAIRO, 2006).

Para Nilo Cairo (2006), "os governos não devem manter o monopólio de escolas oficiais nem impor uma ciência de Estado, mas podem e mesmo devem, sem ferir o dogma da liberdade de ensino, auxiliar os institutos livres de estudo profissional que surgirem".

Referimos-nos anteriormente à afirmação de Victor do Amaral que a nova universidade deve "preparar o homem, não para ser um parasita que venha aumentar o proletariado intelectual, mas para ser um fator de produção econômica" (RELATÓRIO GERAL, 1916). Nilo Cairo compartilha da ideia de que a educação tenha um sentido prático e a obra que se segue será de acordo com essa concepção de ciência.

### 6.3 A CIÊNCIA PRÁTICA DE NILO CAIRO

Ainda na fase de produção homeopática, como vimos anteriormente, logo ao chegar a Curitiba Nilo Cairo publica o *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*, em 1907, o qual na sua segunda edição, em 1913, recebe o nome de *Guia de Medicina Homeopática*. Na quarta edição desse livro, publicada em 1921, Nilo Cairo esclarece no seu prefácio:

As novas denominações que damos agora às duas últimas partes<sup>136</sup> do nosso livro indicam bem o espírito que as anima e o fim a que se destinam: em ambas é o resultado prático imediato que predomina, sem acúmulo de detalhes teóricos, que poderiam levar a confusão ao espírito do leitor (CAIRO, 1921, p.6).

Esse guia tinha por finalidade instrumentalizar as famílias a fazerem uso da homeopatia sem a necessidade do concurso de um médico, tendo sido, talvez por essa razão, o maior sucesso editorial de Nilo Cairo. Apesar de fiel à teoria homeopática, tema ao qual Nilo Cairo dedicou toda a primeira parte do livro, a obra traz uma linguagem facilmente compreensível ao leitor em geral, com explicações detalhadas sobre a indicação e forma de utilização dos medicamentos. A consulta ao livro permite a entrada pelos medicamentos ou pelas moléstias, ambas em ordem alfabética.

O apelo popular desse livro pode ser ilustrado pela chamada publicitária que a Livraria Teixeira faz na contracapa da primeira edição do *Guia Prático do Pequeno Lavrador*, lançada em 1920: "Não consulte o Médico! Mas adquira imediatamente para o seu lar o GUIA DE MEDICINA HOMEOPÁTICA, pelo Dr. NILO CAIRO." (CAIRO, 1920).

No prefácio da 6.<sup>a</sup> edição, escrito em janeiro de 1926, Nilo Cairo informa que fez acréscimos ao livro, com o objetivo de "torná-lo útil àqueles que já possuem exemplares de tiragens esgotadas, e sem lhe tirar o caráter sintético e preciso de manual fácil de consultar, qualidade imprescindível de um livro de urgência como este" (CAIRO, 1926a, p.7).

---

<sup>136</sup> Guia Homeopático de Matéria Médica Clínica e Guia Homeopático de Terapêutica Clínica.

"Não escrevo para sábios; escrevo para homens práticos"<sup>137</sup>, epígrafe que abre o *Guia de Medicina Homeopática* anuncia essas posições.

Quando Nilo Cairo se retira do Paraná e passa a viver da terra, publica obras que reforçam mais ainda a sua visão de que a ciência tenha que ter um sentido prático. Trata-se de um conjunto de publicações cujas primeiras edições ocorreram entre os anos de 1920 e 1925. Predominam nos títulos desses livros expressões como "guia prático" e "manual": *Guia prático do pequeno lavrador* (1920), *A cultura da terra* (1920), *Guia prático da cultura e preparação do fumo* (1922), *Guia prático de veterinária homeopática –ou – Tratamento homeopático de todas as moléstias dos animais domésticos* (1923), *O livro da cana de açúcar – ou – Manual prático da cultura da cana e do fabrico de seus produtos* (1924 – 2.<sup>a</sup> edição), *Guia prático do criador de animais domésticos* (1925) e *Manual do agricultor* (s.d.)<sup>138</sup>

Esses manuais são reveladores das concepções de ensino e ciência de Nilo Cairo na medida em que eles são a expressão prática das suas ideias. Como positivista, Nilo Cairo acredita que a sociedade possa ser melhorada pela educação e se apresenta como alguém com a responsabilidade de levar às pessoas comuns os conhecimentos necessários para uma sociedade melhor. São conhecimentos que podem impactar a vida cotidiana das pessoas. Além de construir um país moderno em que se aproveite todo o seu potencial de desenvolvimento.

Se em 1907<sup>139</sup>, Nilo Cairo publicou o *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*, voltado para as famílias e contendo instruções que poderiam melhorar a saúde das pessoas, por meio do tratamento das doenças pela homeopatia, agora na fase rural publica os seus manuais salientando sempre que não se pode perder a oportunidade de aproveitar as riquezas que a terra nos oferece. Nilo Cairo também se preocupa com a saúde financeira do pequeno lavrador, quando tenta os instruir a respeito das melhores formas de administrar a sua pequena propriedade, mostrando, inclusive, aspectos da administração contábil e financeira.

---

<sup>137</sup> Citando Dieffenbach.

<sup>138</sup> Listagem segundo o Dicionário Bibliográfico do Paraná de Júlio Moreira (1960, p.578-579).

<sup>139</sup> A segunda edição desse livro saiu em 1913 com o nome *Guia de Medicina Homeopática*, inaugurando uma sequência de edições e reimpressões que chegam aos dias atuais.

Esse conjunto de obras, que também teve sucesso editorial, apresenta vários aspectos em comum, os quais desenvolveremos a seguir: a) a ideia de escrevê-los nasce de problemas práticos enfrentados pelo autor; b) o teor prático das obras; c) a concisão nas explicações; d) a negação das teorias que não tenham relação com as necessidades práticas; e) a afirmação de que as suas obras não se pretendem originais; f) o caráter de propaganda das riquezas nacionais e seu aproveitamento; g) o autodidatismo do autor.

Esses aspectos apresentados reafirmam a sua visão como positivista, agora falando a partir da posição de agricultor, mas mantendo coerência com seus propósitos de educador.

Como vimos, em sua trajetória, Nilo Cairo deixa o Paraná e instala-se em um sítio em Mogi das Cruzes. Suas cartas já discutidas revelam o esforço para adaptar-se ao novo meio e seu estado de espírito.

É nesse processo de adaptação ao meio rural e tendo que retirar da terra o seu sustento que Nilo Cairo desenvolve uma produção ancorada na sua experiência cotidiana e na experiência dos caboclos. Nilo Cairo enfrenta problemas em suas atividades agrícolas e busca solucioná-los por meio dos manuais de agricultura existentes. Sua preocupação pedagógica o faz dedicar-se à produção de manuais mais práticos e compreensíveis. É o que se pode ver no prefácio da 2.<sup>a</sup> edição do *Guia Prático do Pequeno Lavrador*, publicada em 1923:

Pelo menos foi isso o que aconteceu ao autor [não ter encontrado livros adequados às suas necessidades de pequeno proprietário], quando, um dia, comprando um sítio, quis ele próprio fazer-se agricultor: teve de aprender à sua custa e à custa do caboclo. Do resultado dessa áspera experiência, dão conta do melhor modo os dois<sup>140</sup> livros presentes, que espero, servirão utilmente a todos que, abandonando as cidades pela vida dos campos, desejam empregar, na agricultura ou na criação, as suas parcas economias (CAIRO, 1923b, p.5-6).

Situação semelhante serve para justificar a publicação do livro *Guia Prático de Veterinária Homeopática*.

---

<sup>140</sup> Nilo Cairo se refere a este livro e ao *Guia Prático do Criador de Animais Domésticos*, resultados, em 1923, do desmembramento de obra anterior que tratava dos dois temas.

Os médicos veterinários são ainda raros no nosso país, e por toda parte se ouve dizer que tais e tais moléstias dos animais são incuráveis pelos métodos de tratamento correntes. O criador, o lavrador, o simples proprietário de um animal qualquer, vê-se frequentemente desamparado de meios eficazes para combater os males que assaltam as suas criações, e forçado a recorrer a remédios caseiros ou roceiros, que em geral são absolutamente inúteis. Tal foi o que aconteceu ao autor destas linhas, quando, um dia, tendo-se feito pequeno lavrador e criador, viu os seus animais assaltados por moléstias, contra as quais não havia remédio, ou se havia, era a banalidade comum das porções indigestas usadas nas doenças humanas. Médico homeopata, sendo já autor do Guia de Medicina Homeopática que se acha na sua 11.<sup>a</sup> edição, viu-se ele obrigado a apelar para a homeopatia no tratamento de seus animais, que até ali morriam desamparados de todo socorro. Foi então obrigado a estudar o assunto, e desse estudo e da prática que se lhe seguiu, vai aqui o resultado (CAIRO, 1923a, p.4-5).

Quando da publicação de *O Livro da Cana de Açúcar* que tem por subtítulo *Manual prático da cultura de cana e fabrico de seus produtos* Nilo Cairo, após se lamentar que não encontrara obras adequadas, informa que publicara, sob pseudônimo, um "insignificante folheto" sobre o assunto e justifica: "depois disto, como fossemos também plantador de cana, fomos tomando várias notas e colhendo observações; de tal modo que se avolumaram elas, que resolvemos condensá-las em volume e dá-las à publicidade [...]" (CAIRO, 1924b).

Além do fato, como demonstramos, que esse conhecimento é construído a partir das necessidades práticas e imediatas, fica patente também o autodidatismo do autor, que a partir da experiência se apoia nas obras existentes sobre o tema para buscar as respostas das quais necessita, e traduz isso em material a ser divulgado com a função de uma educação instrumentalizadora da vida prática. É o plantador de cana, o pequeno proprietário rural, o lavrador e criador de animais quem escreve.

Dar publicidade (é a expressão usada por Nilo Cairo ao trazer a público o livro sobre a cana de açúcar) e fazê-lo utilizando o produto de suas experiências e pesquisas é importante para ele, e aí reaparece o Nilo Cairo que educa pela propaganda, como se pode ver, também, quando justifica o aparecimento do livro *Guia Prático da Cultura e Preparação do Fumo*, cuja primeira edição é de 1922<sup>141</sup>, dizendo que são dois os motivos da publicação do livro: o primeiro deles a intenção

---

<sup>141</sup> Foi utilizada a 1.<sup>a</sup> edição, de 1922, consultada na Biblioteca Nacional e confrontada com 2.<sup>a</sup> edição de 1935, do acervo particular do autor.

de "fazer a propaganda, tão necessária entre nós, desse elemento de riqueza nacional", e o segundo motivo,

guiar o agricultor na cultura e preparação do fumo, dando-lhe noções claras e sucintas, sem teorias ou nariz de cera, sobre a marcha metódica e regular que ele deve seguir no plantio, colheita e preparação desta planta, dizendo as coisas do modo mais simples, sem termos cabeludos e razões científicas ininteligíveis (CAIRO, 1922, p.4).

A questão da propaganda aparece de forma bastante clara também em 1924 no "prefácio geral da primeira edição brasileira" do livro *O Médico Homeopata da Família*, versão portuguesa da obra *Medicina Homeopática Doméstica* do Dr. Bruckner da Basiléia. Esse texto foi escrito por Nilo Cairo que corrigiu e melhorou a obra divulgada no Brasil, como já vimos no capítulo 5. Após assinalar as dificuldades de aceitação da homeopatia em uma ciência dominada pelas concepções materialistas aponta o livro como meio de divulgação e de oposição às resistências:

O bom livro, o livro acessível de terapêutica homeopática é, pois, o principal fator de propaganda da homeopatia nas massas populares; é ele, na realidade, que dá clientela aos médicos homeopatas; é ele ainda que supre o médico homeopata, onde este não existe, é ele que faz o curandeiro e a clientela do curandeiro; é ele em suma, que faz no povo as convicções em medicina e que pouco a pouco vai solapando os antigos hábitos das tisanas, dos xaropes e das injeções (BRUCKNER, 1944, p.ix).

Nilo se utiliza dos livros como ferramenta estratégica para a divulgação do saber homeopático. Nilo consolida-se no cenário nacional como o homeopata brasileiro mais conhecido pela população, mas perderá terreno, por esse motivo, entre os médicos. No prefácio da obra de Bruckner, Nilo faz uma longa argumentação na defesa da divulgação da homeopatia para o setor popular:

[...] é assim que a homeopatia se tem expandido, desde que Hahnemann a descobriu... Sua propaganda tem sido feita quase que exclusivamente no seio do povo, onde as conversões são feitas pelos resultados e não pelos princípios, ou, melhor, onde os hábitos têm menos raízes do que no espírito daqueles que especialmente os cultivam e aperfeiçoam. Estes são os médicos. E, com efeito, relativamente ao número de médicos existentes na medicina, mínima é sem dúvida a porcentagem dos homeopatas. A não ser nos Estados Unidos, onde o seu número vai para mais de dez mil, em todos os outros países, a nossa representação é quase nula. Mas não se infira daí que a homeopatia seja desconhecida nesses países. Se os médicos, enraizadamente aferrados aos seus antigos princípios se recusam a cultivá-la abertamente, o

povo a cultiva, seja através do curandeiro ou do espiritismo, seja, e sobretudo, através dos livros de fácil compreensão postos nas suas mãos.

Podemos dizer mesmo que este último meio de propaganda tem sido o verdadeiro fator da extensão tomada pela homeopatia nas massas populares. Insensível às baixas rezingas das corporações médicas, onde a vaidade domina mais que o saber, o povo só procura os resultados práticos mais convenientes à sua situação. E o livro de homeopatia, colocado nas suas mãos, foi sempre uma fonte de resultados benéficos, tanto para a saúde, como para os recursos pecuniários do doente (BRUCKNER, 1944, p.viii).

Tanto na agricultura como na homeopatia, encontramos Nilo traduzindo a ciência para os que dela necessitam e a serviço da solução de problemas do cotidiano.

Além da propaganda, verifica-se que existe, igualmente, a preocupação de que esse saber abra mão de especulações teóricas e vá direto à finalidade prática do conhecimento. É o uso prático e a linguagem acessível que aparecerão em quase todos os seus livros dessa fase, como pode se ver a seguir:

No *Guia prático do criador de animais domésticos*:

Assim, o presente livro diz respeito exclusivamente à criação de animais domésticos, como se pode fazê-la nas pequenas propriedades rurais, que dispõem de pequenos capitais, e que são a grande maioria das propriedades rurais do nosso país. Nele, nos esforçamos por ser o mais concisos possível, evitando toda discussão teórica estéril e mais ou menos ininteligível aos medianamente cultivados, para só visar o lado prático e material, que é o que mais interessa o criador, que não quer se arruinar (CAIRO, 1934, p.5-6).

No *Guia Prático de Veterinária Homeopática*, após chamar a ciência de "ciência vã, que classifica e descreve as moléstias, sem saber como tratá-las", cita Hahnemann e tergiversa sobre a causa dos fenômenos mórbidos afirmando que ela permanecerá:

[...] sempre oculta para nós, submergindo o todo numa mixórdia de abstrações ininteligíveis, cuja pompa dogmática embasbaca os ignorantes, enquanto os doentes suspiram em vão por socorros. Já estamos fartos desses sonhos sábios, que se chamam medicina teórica; é tempo que todos aqueles que se dizem médicos cessem enfim de enganar os pobres humanos com palavras ocas de sentido, e comecem a agir, isto é, a aliviar e curar realmente as doenças. É este livro, pois, obra prática, na qual nos ocupamos sempre mais com o tratamento do que com as conjecturas mais ou menos engenhosas sobre a essência íntima das moléstias (CAIRO, 1923a, p.5-6).

Aqui retorna o homeopata argumentando a favor dessa forma de tratar as doenças, mas também fica explícito o positivista ao afirmar que não busca a "essência íntima das moléstias".

No *Guia Prático da Cultura e Preparação do Fumo*, adverte, como o faz em outras ocasiões, que não há obras adequadas, sendo a maioria com excesso de teorias ou voltada para os grandes proprietários:

Este opúsculo não foi feito com a pretensão de trazer um manancial de ideias novas. Sobre o assunto, tudo está conhecido, mas, por isto ou por aquilo, os folhetos existentes na nossa literatura agrícola, ou estão esgotados ou são incompletos e deficientes, alguns meramente teóricos, a maior parte omitindo pontos práticos, que são da máxima importância para o lavrador (CAIRO, 1922, p.5).

Essa crítica se repete no *Guia Prático do Pequeno Lavrador*.

Em outros trabalhos sobre agricultura, tenho sempre dito e repetido que, salvo raras exceções, os livros da nossa literatura agrícola nacional trazem um vício essencial: são dedicados quase todos à grande lavoura, que só pode ser movida por grandes capitais e capitais tão grandes, que só sociedades anônimas podem reuni-los. Daí resulta que o agricultor ou criador que não dispuser de fazendas extensas e de centenas de contos de réis, para movê-las, será incapaz de plantar um pé de couve, com tais livros na mão (CAIRO, 1923b, p.5).

E, da mesma forma em *O Livro da Cana de Açúcar*.

É a cana de açúcar objeto de uma das mais importantes lavouras do Brasil e o fabrico dos seus produtos uma das grandes riquezas da sua indústria. Entretanto, na nossa literatura nacional, salvo artigos esparsos em revistas agrícolas, difíceis de obter, e relatórios sobre a indústria açucareira, a maior parte esgotados, nada mais existe sobre um e outro assunto (CAIRO, 1924b, p.6).

Reconhece que em relação à cana de açúcar, embora existam algumas obras disponíveis estas se dirigem às "grandes usinas ou engenhos centrais" e não aos pequenos produtores.

Os prefácios das obras expressam o pensamento do autor de forma mais livre, já que ele pede que não se espere dos conteúdos dos seus manuais a natureza de "obra original" ou que contenham "ideias novas".

Entretanto, não deixaremos de salientar o fato de que ao fazer compilações Nilo torna esses conteúdos extremamente detalhados em aspectos práticos, mostrando a cada fase da operação como o leitor deve agir para ter bons resultados, desde a construção de uma porteira, para a qual um dos livros traz até uma gravura para

guiar a sua construção, até as fases da construção de uma casa para a propriedade rural, especificando as madeiras mais apropriadas para cada parte da construção e a disponibilidade delas em cada região do país.

Seus guias são ricos também na explicação do fabrico de produtos necessários à subsistência, como, por exemplo, carvão, farinha de mandioca, fumo em corda, goiabada, sabão entre muitos outros e muitas vezes trazem conteúdos explicativos de contabilidade e finanças para o pequeno proprietário.

Assim, esses manuais expressam, como já afirmamos, a mesma visão de mundo que pautou a criação da Universidade do Paraná: o progresso alavancado pela educação voltada para interesses práticos e imediatos, visão essa de natureza positivista.

Esse período de seis anos afastado do Paraná manteve sua produção bibliográfica ativa e na melhor expressão da educação popular, da ciência levada ao público, o que pode ser considerado como uma retomada da educação para leigos que ele havia iniciado com a homeopatia, quando publicara, em 1907, o *Pequeno Guia Homeopático para Uso do Povo*. Mas, entre esses dois períodos, o educador esteve envolvido com as cadeiras que ministrava na Universidade do Paraná e aí as duas obras são *Elementos de Fisiologia* e *Elementos de Patologia Geral*, ambas surgidos em 1916.

Embora dirigidos aos alunos, esses dois livros didáticos também se pretendem sucintos e práticos. Os próprios nomes dos livros, ao fugir de "tratado" e preferir "elementos", mostra uma opção do seu autor, que pretendia instrumentalizar o ensino da patologia geral e da fisiologia para os alunos das disciplinas que ministrava, e isso Nilo Cairo deixa claro ao explicitar a que público se dirigem essas duas obras.

Há mais um sentido nessas obras, que é o de ordenar, organizar aquilo que Nilo Cairo chama de "anarquia didática e pedagógica", afirmando que nunca pudera se adaptar àquela anarquia. Assim, Nilo Cairo a partir de um "tratado elementar de fisiologia" pretende abordar a ciência como um bloco único, colocando ordem nas teorias, como se pode ver a seguir:

Nunca pude me adaptar à anarquia didática e antifilosófica, que caracteriza a exposição da fisiologia nos tratados estrangeiros contemporâneos, mesmo os mais afamados, onde as teorias se sucedem, ao sabor de cada autor, sem se saber como nem porque. Dessa indisciplina resulta que, na literatura contemporânea, não se encontra dois tratados iguais nem mesmo semelhantes: cada um começa a sua exposição e a termina por onde bem lhe parece e é do seu gosto, como se toda ciência não fosse um bloco

único, em que as teorias se sucedem, numa ordem lógica determinada, e das quais cada uma não pode ser compreendida sem a que se precede. Não cito nomes, falo em tese. E isto, porque reconheço quanto essa anarquia é o reflexo de uma época, em que tudo se decompõe...

Tenho, porém, a convicção de que este livro prestará alguns serviços aos estudantes de medicina das nossas faculdades, pois nele se acham expostos com a maior nitidez possível todos os pontos dos programas de ensino contemporâneo desta matéria.

[...]

Seja, porém, como for, bem ou mal delineado este livro, tenho a esperança de que os jovens estudantes que o lerem saberão prestar justiça ao autor, que a eles o destinou<sup>142</sup> (CAIRO, 1926b, v.1, p.vi-vii).

Estas palavras, escritas mais de dois anos depois do seu retorno ao Paraná e dois anos e meio antes de sua morte, são as expressões da sua visão de ciência, ordenadora, única, redentora, a partir da qual propõe um ensino encadeado de forma lógica e inequívoca, capaz de pôr ordem em um mundo anárquico onde "tudo se decompõe". Sem esquecer também que a educação, para ele, é voltada para fins específicos, como a formação profissional de quadros necessários para que, pelo menos no Paraná, se instituísse a almejada ordem social. O militar também está presente, novamente, nessa tarefa de ordenar, disciplinar, normalizar.

Em *Elementos de Patologia Geral* desenvolve sua concepção de ciência. Ciência, que acredita, está voltada para fins morais e sociais, para a melhoria da natureza e do próprio o homem. Diante disso, propõe, para o estudo da patologia geral

[...] referir todas as construções teóricas ao homem, isso é, à Humanidade, quer para aperfeiçoar a natureza, quer para melhorar a sua situação sobre o planeta. Ele [o método] nos fornece assim um processo geral de raciocínio para construir as nossas concepções quaisquer, visando exclusivamente esse fim; ele dirige então o trabalho intelectual, fazendo tender todas as partes para um fim comum, ao redor do qual devem elas convergir, não as cultivando, não as construindo, não as estudando senão para melhor conhecer o homem e por aí melhor assegurar o seu aperfeiçoamento e o seu bem estar (CAIRO, 1931b, p.50).

A sua visão positiva de ciência o leva a afirmar que "é então necessário que todas as nossas hipóteses ou leis ou concepções sejam sempre verificáveis, o que exige de antemão que elas digam respeito apenas a ligação entre os fenômenos observados, e não à sua origem ou à sua essência metafísica" (CAIRO, 1931b, p.52).

---

<sup>142</sup> Texto assinado com a data de 25 de outubro de 1925, extraído do prefácio da segunda edição do livro *Elementos de Fisiologia*.

Os fins morais aos quais a ciência deve servir levam-na a trabalhar contra a desordem social. Nilo Cairo atribui o processo de adoecimento não apenas às agressões dos agentes do meio físico e biológico sobre o corpo, mas também dos "agentes sociais". Prescreve "o melhoramento dos hábitos, das profissões, da educação e da moral, tendente a desenvolver o altruísmo e a restringir o egoísmo; pelo estabelecimento de uma paz cada vez mais duradoura; pelo aperfeiçoamento das ciências e das artes, do modo de criar crenças cada vez mais comuns" E, completa: "Defender, portanto, a ordem social é defender a própria vida." (CAIRO, 1931b, 321-322).

A ciência reaparece aqui como ordenadora do real e para Nilo Cairo isso é necessário, pois em várias oportunidades considera a desordem como a característica da sociedade da época. Chega a afirmar que "o nosso século é um século de trabalho excessivo, de anarquia intelectual, de dissolução moral" (CAIRO, 1931b, p.280).

Analisando a medicina, Nilo Cairo lança mão novamente do pensamento de Augusto Comte, trazendo o papel da ciência ao lado da arte médica e evitando a separação entre a teoria e a prática:

Mas importa agora não confundir a *ciência médica* com a *arte médica*. Porque, se a arte médica é a ciência sabiamente aplicada, sem esta jamais se poderia adquirir as habilidade na prática, por esta razão que a ciência é a luz das relações e a fonte de todas as verdades patológicas e terapêuticas; por outro lado, se é fato que a ciência médica existe independente da arte médica, esta não é menos indispensável àquela, para lhe fornecer os dados com que ela estabelece as suas leis. A ciência e a arte se acham assim estreitamente unidas. "No fundo – disse A. COMTE – a medicina sempre ficou, como a moral, rebelde a toda vã separação entre a teoria e a prática, cujos domínios se confundem em relação a tudo o que diz respeito imediatamente ao homem propriamente dito, visto a coincidência entre o objeto e o assunto, donde resulta que a abstração se acha aí reduzida tanto quanto possível. [...]" (CAIRO, 1931b, p.633)

Com a contribuição da ciência, Nilo Cairo acredita em uma sociedade adaptada, harmônica, equilibrada e quando explica a sua concepção de saúde e doença estende de forma quase poética a doença da esfera do indivíduo para a sociedade.

Morre-se de paixão, como se morre de traumatismo, de intoxicação ou de infecção. Há assim uma adaptação psíquica do organismo ao meio social, como há uma adaptação física ao meio cósmico. Ora, esta adaptação só se pode realizar pelo exercício do altruísmo, que adapta as nossas crenças e os nossos sentimentos às crenças e sentimentos alheios, ou por outra, é pela harmonia cada vez mais estreita entre as crenças e os sentimentos de todos os homens, a que tende espontaneamente a espécie humana, que se estabelece o mecanismo regulador de adaptação do indivíduo às variações

do meio social. [...] Em suma, a adaptação psíquica do indivíduo ao meio consiste na tendência espontânea que ele tem, em sociedade, de subordinar o egoísmo ao altruísmo, isto é, de viver para outrem (CAIRO, 1931b, p.18).

Essa sociedade adaptada e harmônica depende da ordem e da disciplina e da hierarquia que Nilo Cairo tanto conhece da sua formação militar. Essa posição poderá ser ilustrada a partir de um fato ocorrido após o seu retorno ao Paraná, quando ele se posiciona a respeito de uma greve de estudantes.

Em 09 de setembro de 1925 o jornal curitibano Diário da Tarde estampa como manchete de primeira página: "A Questão do Ensino e o Movimento Acadêmico" e logo no primeiro parágrafo anuncia, com o subtítulo "A Greve dos Acadêmicos: Ontem e hoje acentuou-se a atitude dos estudantes do Paraná, está declarada a greve, em solidariedade com os acadêmicos cariocas" (LIVRO DE RECORTES, p.33a).

Como se sabe, o Dr. Bruno Lobo, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pondo-se ao lado dos acadêmicos que pleiteavam a anulação da reforma de ensino, pelo menos quanto à obrigatoriedade da frequência às aulas, tudo fez para que eles pudessem obter "habeas corpus" com o fim de se conservarem no regime antigo, sem as obrigações que não fossem as da lei vigente no tempo da matrícula de cada aluno.

Concedida a ordem de "habeas corpus" para a livre frequência, um dia depois foi preso o professor Bruno Lobo, sob a acusação de pregar a desordem entre os acadêmicos.

Os estudantes de medicina então se movimentaram, vaiando o diretor do ensino [Dr. Rocha Vaz] e se declarando em greve até que o professor Bruno Lobo seja posto em liberdade (LIVRO DE RECORTES, p.33a).

Segundo o jornal, a greve contou com a solidariedade dos acadêmicos das demais Faculdades do Rio, seguindo-se o apoio de São Paulo e outros estados. Não foi diferente no Paraná, onde os acadêmicos das Faculdades de Medicina, Direito e Engenharia da Universidade do Paraná, "se reuniram no Clube Curitibano e aí resolveram definitivamente declarar a greve, acompanhando seus colegas cariocas e paulistas".

A liderança do movimento foi dos acadêmicos da Faculdade de Medicina destacando-se o acadêmico Duilio Calderari, o qual chefiara a delegação para o 2.º Congresso de Estudantes de Medicina – que teria sido realizado em São Paulo, mas fora suspenso no calor da greve – e que ao retornar trouxera as notícias de São Paulo, e o aluno Jurandir Manfredini. Ambos discursaram durante comício na Praça Tiradentes e realizaram o enterro simbólico de Rocha Vaz com a queima de um

caixão. A irritação dos estudantes estava elevada por declarações de Rocha Vaz contra a gratuidade do ensino, em que teria dito que "quem não pode, não estuda" (SIQUEIRA, 2004, p.40). Essas manifestações ocorreram no dia 10 de setembro.

O Diário da Tarde afirma que a reunião da Congregação do dia 05 de setembro envolveu elevado número de professores: vencida a pauta da reunião, o professor Nilo Cairo pede a palavra para tratar dos acontecimentos do momento, pois no mesmo dia em que os professores estavam reunidos os acadêmicos deliberaram pela greve no Paraná.

Transcreveremos a seguir a notícia que detalha o restante da reunião, o que, apesar de exaustivo, traz um material rico sobre a dinâmica das discussões e as posições assumidas e defendidas por Nilo Cairo:

Depois de lida e aprovada sem debate a ata da sessão anterior e esgotada a matéria do expediente, pediu a palavra o Professor Nilo Cairo. Diz o orador que, apesar de não ser mais o secretário da Faculdade, mantém, todavia, com a maioria dos seus colegas a mais estreita solidariedade de orientação, para se permitir assumir naquele momento uma atitude, que julga necessária e justa, diante dos acontecimentos que se desenrolam na Capital do país e que pensa serem da maior gravidade para o prestígio do ensino superior no Brasil. Mal inspirados, os acadêmicos no Rio de Janeiro, apedrejaram a mais alta autoridade do ensino, na pessoa do Dr. Juvenil da Rocha Vaz; e o orador acaba de saber que um grupo dos alunos das Faculdades do Paraná, reunidos na Praça da Universidade, acabam de manifestar a sua solidariedade com aqueles acontecimentos, declarando a greve acadêmica na nossa capital. Está convencido, certíssimo mesmo, que este movimento pacífico dos nossos alunos não visa, como no Rio, a reforma recente do ensino, mas apenas um ato de companheirismo mal entendido, que vai levar apoio a atos condenáveis, como seja esse, ao que lhe consta, de vaia a mais alta autoridade do ensino no país. Não visa a reforma do ensino, porque a reforma do ensino foi recebida e acatada pelos nossos estudantes, sem protesto algum e ia ela sendo executada sem tropeços e a contento geral. O regime da frequência obrigatória sempre fora o regime adotado pelas Faculdades do Paraná, que mesmo sempre o agravaram com as sabatinas escritas mensais, feitas sempre gostosamente pelos alunos. As taxas elevadas sempre existiram nas nossas Faculdades, como de resto, em todas as Faculdades equiparadas do país, pois que, instituições particulares, essas Faculdades vivem das contribuições de seus alunos. Em matéria de exames, as nossas Faculdades sempre tiveram provas escritas e nelas sempre foi exigido o máximo rigor. Em que podia, pois, prejudicar aos nossos alunos a nova reforma de ensino? O orador julga mesmo que, sem a criação de novas cadeiras, como as de Patologia Médica e de Patologia Cirúrgica a nova reforma veio beneficiar a instrução dos alunos. Certamente, a nova reforma contém senões secundários. Mas qual a reforma de ensino, desde a queda da de Benjamin Constant, que na vida da República, não tem tido senões e dos mais graves? O orador pensa mesmo que o ensino mundial da medicina, aqui, no Brasil como na Europa, em toda a parte, está eivado de erros crassos, que não tem tempo de enumerar. Mas isso é fruto da época de anarquia mental que atravessa o século, e contra ele em vão seria revoltarmos-nos. Conclui, pois, o orador que não vê, por esse lado, motivo de greve para os nossos estudantes. Fizeram-no por simples companheirismo,

está convencido. Companheirismo mal entendido, é também a sua opinião. Compreende que o companheirismo se dê entre indivíduos da mesma corporação, ligados pelo afeto de uma vida comum. Não compreende, porém, um companheirismo mundial... De resto, classifica-se de injusta a prisão do professor Bruno Lobo. Injusta, por quê? O orador sabe bem que esse colega foi detido pelo governo porque era insuflador das vaias e manifestações agressivas ao Sr. Dr. Rocha Vaz, diretor da Faculdade de Medicina do Rio e Chefe do Departamento Nacional de Ensino. Se isso é verdade, pergunta o orador aos seus colegas se essa prisão é ou não justa? Pois que qualificativo merece um professor que se apeia da sua cátedra para mancomunar-se com alunos e incitá-los a vaiarem o seu próprio diretor? Seja quem for esse diretor, seja quem for esse chefe do departamento nacional do ensino, o Dr. Rocha Vaz, A, B ou C, o fato é inqualificável. O orador prossegue dizendo que não conhece o Dr. Rocha Vaz e não pode ter por ele nem simpatias, nem antipatias pessoais; que a sua pessoa lhe é, pois, absolutamente indiferente. Mas vê nele a mais alta autoridade do ensino no país, o próprio representante do governo federal, e como tal considera o seu prestígio como o próprio prestígio do ensino, que um vendaval de anarquia pretende subverter neste momento... Ora, as Faculdades superiores do Paraná sempre mereceram a maior consideração dos poderes constituídos da nação. Sempre encontraram da parte do antigo Conselho Superior do Ensino o melhor acatamento e as mais elogiosas referências. Quer no tempo do Sr. Barão de Ramiz Galvão, quer recentemente sob a diretoria do Sr. Dr. Rocha Vaz, as nossas Congregações sempre obtiveram o que quiseram das nossas mais altas autoridades do ensino. Julga, pois, o orador, ser do mais comezinho dever de gratidão e do mais comezinho dever de disciplina, porem-se os corpos docentes das Faculdades de Medicina, de Farmácia e Odontologia ao lado do Sr. Dr. Rocha Vaz, neste momento em que se apedreja injustamente o prestígio do ensino superior no nosso país, encarnado na sua pessoa. Vem, pois, o orador apresentar à consideração dos seus colegas a votação da seguinte moção, que passa a ler: "Reconhecendo os elevados intuítos do governo federal em incentivar a eficiência do ensino no país, os corpos docentes das Faculdades de Medicina, de Farmácia e Odontologia manifestam o seu apoio e solidariedade ao Sr. Dr. Juvenil da Rocha Vaz, Chefe do Departamento Nacional de Ensino, e autorizam ao Sr. Dr. Diretor das Faculdades, a comunicar telegraficamente àquele cavalheiro, esta sua resolução" (LIVRO DE RECORTES, Diário da Tarde, 09/09/1925, p.33a, 34).

Após a proposição de Nilo Cairo, as primeiras manifestações que se seguem são contrárias à moção.

Um deles "manifesta-se contrário à moção, porque, a seu ver, ela viria destruir a cordialidade que sempre existiu entre professores e alunos da Faculdade". Nilo Cairo afirma que "acima de todas as cordialidades, está o prestígio do ensino superior e não pode admitir que um professor seja cúmplice dos atos condenáveis que se passam no Rio de Janeiro". O autor da proposta, enfim, consegue reverter a posição da reunião e seguem-se outras manifestações, agora na sua maioria favoráveis, até que a moção seja aprovada, com apenas três votos contrários, os dos professores Simão Kossobudski, Evangelista Espindola e José Guilherme de Loyola.

Nessa discussão surgem argumentos em defesa do Prof. Bruno Lobo, pois sua prisão teria sido atribuída "simplesmente à defesa que ele faz dos estudantes no Supremo Tribunal", sendo esse professor advogado. Nilo Cairo rebate afirmando que o professor Bruno Lobo "se havia feito arruaceiro contra o diretor da Faculdade". Em apoio à moção, Otavio da Silveira concorda com Nilo Cairo de que o fato de os alunos da Faculdade no Paraná estarem em greve "equivalia evidentemente a uma quebra da disciplina escolar diante da Congregação" (LIVRO DE RECORTES, Diário da Tarde, 09/09/1925, p.34a).

Esse episódio ocorreu no calor dos acontecimentos, com os estudantes reunidos e ao mesmo tempo os professores também em reunião. A reunião do corpo docente poderia ter acabado sem a discussão do tema, não fosse a intervenção quase extemporânea de Nilo Cairo para propor a moção de apoio à Rocha Vaz. À proposta do ex-secretário da Universidade reagem docentes com posturas conciliadoras no sentido de evitar conflito com os estudantes, mas mesmo assim Nilo Cairo mantém a sua proposição e parte para a defesa dela. Utiliza duas estratégias para defender a sua proposta. Na primeira busca descaracterizar a prisão do professor do Rio de Janeiro como injusta, não a reconhecendo como fruto da defesa que o professor teria feito do direito dos estudantes junto à justiça brasileira, mas levantando a questão de que a prisão teria sido por atitudes de "arruaceiro" do professor. Criado esse ambiente desfavorável a Bruno Lobo, a outra estratégia utilizada por Nilo Cairo é o chamamento de seus colegas para a preservação da disciplina.

A indignação que Nilo Cairo traz à reunião está bastante de acordo com sua formação militar e positivista, que valoriza as relações hierárquicas e disciplinares. É nesse sentido que esse episódio revela as suas concepções de ensino e talvez seja essa uma das razões do seu sucesso quando secretário da Universidade baseado na tenacidade dos propósitos, na disciplina e na determinação.

Outra estratégia utilizada por Nilo é a descaracterização da personalidade da ofensa à Rocha Vaz, remetendo sempre a agressão recebida à posição que ele ocupa de autoridade máxima do ensino no país.

A utilização de expressões como "arruaceiro", "insuflador de vaias e manifestações agressivas", "mancomunar-se com os alunos", atribuídas a Bruno Lobo o coloca em posição equivocada, segundo Nilo Cairo; de quem abre mão da

sua posição hierárquica de professor e "apeia de sua cátedra para mancomunar-se com os alunos".

Quanto aos estudantes Nilo Cairo busca desqualificar parte do seu protagonismo ao atribuir as suas "pacíficas" manifestações a equívocos como aqueles atribuídos aos do Rio de Janeiro, os quais teriam sido "mal inspirados". Nilo não reconhece entre as manifestações dos estudantes do Paraná a rejeição à reforma de ensino proposta por Rocha Vaz, já que as medidas como frequência obrigatória às aulas e provas escritas que Vaz defendia, já eram adotadas no Paraná.

Nilo Cairo atribui aos alunos do Paraná o "simples companheirismo", porém "companheirismo mal compreendido". Temos um Nilo Cairo, mais uma vez, atribuindo os males do momento a um "vendaval de anarquia" e à "anarquia mental que atravessa o século". Ao mesmo tempo Nilo Cairo apresenta uma instigante posição contra o "companheirismo mundial"<sup>143</sup>.

O sentido prático e não metafísico da ciência e da educação, a não fragmentação do conhecimento, a ciência como redentora de uma sociedade em anomia e o intelectual como difusor da ciência estarão presentes, sempre, nas ações de Nilo Cairo.

Uma universidade que se estrutura com disciplina militar, que tem muitos docentes militares, que defendeu principalmente a formação de médicos, engenheiros e advogados, se colocando a serviço de um Paraná moderno, não é senão expressão dos ideais positivistas.

#### 6.4 NILO CAIRO: AS CONTRADIÇÕES

Descrito por David Carneiro como um homem "fisicamente bonito, alto, espadaúdo, claro, de olhos azuis esverdeados" (CARNEIRO, 1984, p.14) Nilo também

---

<sup>143</sup> No livro *A Greve Geral de 17 em Curitiba: resgate da memória operária* os autores relatam o episódio da adesão dos operários curitibanos à greve geral de 1917, que se iniciara em São Paulo. Nessa obra há referência ao predominante papel das lideranças anarcossindicalistas na greve (FONSECA; GALEB, 1996). Há que se considerar também o contexto internacional após a Revolução Russa de 1917. Nilo Cairo poderia estar falando a partir desse contexto, de início de século, quando há um incremento dos movimentos grevistas no Brasil, em que correntes como o anarquismo e o socialismo disputavam a liderança desses movimentos, inclusive em Curitiba.

era de difícil trato, pelo que se constata pelas observações abaixo. De resto, a surdez poderia ter contribuído para as dificuldades de relacionamento de Nilo Cairo. Ele era calado como se percebe no depoimento de sua filha Sarah ao jornal Gazeta do Povo: "Meu pai era um homem de poucas palavras voltado exclusivamente para os problemas intelectuais" (GAZETA DO POVO, 12/11/1968).

David Carneiro relata ter presenciado uma discussão entre Nilo Cairo e João Pernetta (secretário da Faculdade de Engenharia), na qual Nilo Cairo teve uma "atitude desabusada e irônica" com o professor. David Carneiro refere que, por esse motivo, mantinha-se afastado de "qualquer contato com Nilo Cairo" (GAZETA DO POVO, 16.11.1975).

A imagem de Nilo Cairo pode ser enriquecida pela descrição de seu comportamento em sala de aula<sup>144</sup>, feita por Jurandyr Manfredini<sup>145</sup>, que foi seu aluno no curso de Medicina:

Nilo, nas aulas, mais parecia falar a si mesmo que aos alunos quando fazia a analítica dos esquemas limpamente alinhados no quadro negro, ou quando dava notícias das doutrinas da medicina, ao longo da história das escolas que a patologia milenarmente foi erigindo com as interpretações, pouco ou muito sibilinas, dadas à rude simplicidade dos fatos. Perdia os olhos num ponto vago ou, mais frequente, baixando-os para a mesa, longamente falava, esquecido dos presentes e da hora, inatento a tudo quanto, no instante, fugisse à orbita da crítica que ia construindo, com os materiais de uma cultura imensa, sobre o malogro ou inconseqüências dos teorismos da filosofia vital. Breve, a exposição era sacudida com pausas bruscas e nervosas, rápidas e amargas crispações

---

<sup>144</sup> Discurso proferido em 19 de abril de 1930, no Salão Nobre, em sessão presidida por Victor do Amaral, por iniciativa do Centro Acadêmico Nilo Cairo.

<sup>145</sup> Jurandyr Manfredini nasceu em 21 de janeiro de 1905, em Piraí do Sul, no Paraná e formou-se em medicina pela Universidade do Paraná. Mudou-se para o Distrito Federal na década de 1930, onde fez carreira como médico militar e carreira acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Autor de vários livros na área de psiquiatria e psiquiatria forense, foi nomeado, em 1954, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, na gestão do ministro da saúde Aramis Taborda de Ataíde, outro médico paranaense diplomada pela Universidade do Paraná (VIDAL; AMORIM, 2008).

Jurandyr Manfredini tornou-se figura na psiquiatria do Brasil. Essa importância pode ser constatada na denominação: a) do Hospital Municipal Jurandyr Manfredini no Rio de Janeiro (fruto de desmembramento da Colônia Juliano Moreira); b) Centro de Estudos, Aperfeiçoamento e Treinamento Jurandyr Manfredini do Hospital Philippe Pinel, também no Rio de Janeiro (a homenagem deve-se ao fato de que este Jurandyr Manfredini um dos principais responsáveis pela modernização da psiquiatria carioca e brasileira durante as suas duas gestões à frente da Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) nos anos 1950 e 1960); c) primeira denominação do diretório acadêmico da Escola de onde fez carreira como médico militar e carreira acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Autor de vários livros na área de psiquiatria e psiquiatria forense, foi nomeado, em 1954, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, na gestão do ministro da saúde Aramis Taborda de Ataíde, outro médico paranaense diplomada pela Universidade do Paraná (VIDAL; AMORIM, 2008).

da fisionomia, nas quais Nilo resumia comentários mudos e eloquentes, sublinhando ironias tamanhas que as compreendíamos melhor ainda que se foram pronunciadas, e do que nenhuma dúvida mais nos restava depois da gargalhada final, a diabólica e estridente gargalhada do seu tenebroso agnosticismo golpeando sem palavras, os erros e as alucinações da medicina. Nisso, na pausa sombria ou nos risos convulsos, as abismais descrenças do catedrático instilavam, contra a toleima das arquiteturas doutrinárias, o comentário decisivo e negativista, vestido sempre no arnez do mais completo do sarcasmo... (MANFREDINI, 1974, p.7-8).

A visão de Jurandyr Manfredini é reforçada pelo depoimento de Cesar Beltrão Pernetta, que também foi aluno de Nilo. Cesar Pernetta fala sobre a "surdez, nervosismo e agitação" que o caracterizavam, e que ele "ministrava aulas ruidosas e tumultuadas, mas de didatismo exemplar [...] Impulsivo e irreverente, Nilo Cairo dinamitava o ambiente e levantava o ânimo dos alunos" (GAZETA DO POVO, 23.07.1977).

David Carneiro insiste na defesa de certa visão de Nilo Cairo ao publicar em sua coluna Veterana Verba, na Gazeta do Povo, provavelmente em 16 de novembro de 1975<sup>146</sup>, uma refutação de afirmações de Júlio Moreira sobre o fato de que Nilo Cairo "desrespeitava a moral". Porém, reconhece que

Nilo Cairo podia desrespeitar as leis artificiais, jurídicas que atrapalhassem os seus cometimentos generosos, mas isso quando as leis morais o acobertassem, tornando legítimas e até necessárias as suas ações. Realmente ele não se deixava prender a alguns estreitos preconceitos que anulassem seus maiores objetivos sociais, e a sua generosidade e o seu altruísmo sabiam muito bem dosar o que fosse fatível para que as aspirações ideológicas ficassem satisfeitas.

Voltemos ao Nilo Cairo de Jurandyr Manfredini, que faz um elogio ao ex-professor:

Não sei o que possa dizer de Nilo Cairo que não seja do vosso conhecimento. Tenho por temerário falar de quem, por obra e sonhos, por sabedoria e atos, subiu entre nós a um tão alto prestígio e entra a exercer em torno tão profunda irradiação, que, feito para a nossa terra o estalão do homem-representativo, todos se abeberam nas tradições da sua cultura para arquitetar a cultura, todos vão ao espelho da sua energia para retemperar ou despertar a dinâmica da energia individual, todos detalham a ciência dos seus livros para ter a intimidade da ciência, todos descerram os véus da sua vida para surpreender nos interiores do homem de gênio o segredo da resignação às desgraças, e colher a experiência desse embate dantesco, que, para os gladiadores intelectuais, mais que para outro qualquer, é o entrelaço feroz entre o inevitável sibaritismo do espírito e as solicitações

---

<sup>146</sup> Data ilegível no documento constante na pasta "Nilo Cairo" da Biblioteca Pública do Paraná.

miseráveis da vida prática. Da fulgurância dos livros, do arrojo e titanismo das emprezas, da densidade da cultura às alternativas sombrias do homem social, Nilo Cairo vai sendo revolvido pelos que querem, e esperam exumar dos documentos deixados à análise futura – documentos feitos de papel, de alvenaria, de dores e entusiasmos, - as lições que os homens-representativos do conceito emersoniano devem à humanidade das eras vindouras, para lhe ministrar a forma das vidas em ascensão, a moldagem dos caracteres, o critério das pesquisas, o estímulo das obras, o sentido das quimeras, a medida dos cometimentos e o diagrama geral das resignações e audácias, dos heroísmos e dos sonhos. Estirando dos alicerces para a altura o bloco imponente desta casa e, com ela, o maciço espiritual da cultura universitária, cujas sombras arquitetônicas se projetam até as liseiras da planície e ao fundo dos vales, levando aos homens descuidados a notícia e a sedução da ciência, que aqui os magos elaboram e os graals condimentam e os filtros instilam, - Nilo Cairo somou uma colaboração tamanha à grandeza do Paraná, e a do Brasil, que o seu nome vai transcendendo da cátedra, que honrou, da crítica fisiopatológica, do rebrilho fulgurante do sábio e do êxito de construtor maravilhoso de impossíveis. Para o Paraná, Nilo é hoje, embora de ontem a sua morte, muito mais que isso. O fundador transita celeremente da estreiteza das especializações para atmosferas mais planetárias e mais distensas. Sentimos que o nosso culto o subtrate àquelas auréolas limitadas e o está situando, cada vez mais, nessa atitude universalizadora em que a posteridade assenta os indivíduos – padrões, forças morais incontrastáveis balizando os esforços humanos, símbolos do poderoso individualismo criados que parece justificar aos intransigentes a razão irrefutável da filosofia do super-homem (MANFREDINI, 1974, p.5).

Embora Manfredini faça apologia da genialidade de Nilo Cairo, principalmente quando diz que "todos detalham a ciência dos seus livros para ter a intimidade da ciência", Milton Carneiro o desqualifica neste aspecto, pois tendo presenciado Nilo Cairo referir-se pejorativamente a Cuvier a um examinando, perguntou ao mesmo estudante:

– Quem é mais cientista, George Cuvier, o criador da anatomia Comparada e da Paleontologia, o descobridor da lei de subordinação dos órgãos e de correlação das formas ou Nilo Cairo da Silva que segundo me parece não criou nenhuma ciência e nem descobriu nenhuma lei? (CARNEIRO, 1976, p.168).

Essa pergunta foi feita em 1926<sup>147</sup>, e levando-se em conta que Nilo já tinha publicado *Elementos de Fisiologia e Elementos de Patologia Geral*, essa pergunta tem o claro propósito de atribuir às suas obras pouca originalidade, o que o próprio Nilo reconhece em seus prefácios.

Milton Carneiro atribui a Nilo Cairo aspectos de temperamento e de comportamento que não se coadunam com a mitificação da sua figura. A surdez de

---

<sup>147</sup> O texto foi escrito em 1966 e publicado em coletânea de 1976.

Nilo também pode ter dificultado suas relações sociais, e Milton não deixa de enfatizá-la no artigo intitulado *Nilo Cairo que Vi e Ouvi*.

Milton Carneiro mostra ainda um Nilo Cairo piadista, referindo-se às brincadeiras que fazia com o seu nome em exames de geografia, lembrando do rio e da cidade homônimos: "De Nilo Cairo na sua primeira fase, só conheci esta gracinha geográfica, nos exames de geografia: - Qual o maior rio da África? - Nilo, professor. – Como se chama a capital do Egito? – Cairo, professor. É isto mesmo, só faltou o da Silva para ser o meu nome completo." (CARNEIRO, 1976, p.164).

Mais que piadista, Milton tenta caracterizar um Nilo Cairo que tripudiava sobre os examinandos e sobre seus colegas. Nilo falava aos berros, em razão da sua surdez, segundo seu desafeto, e costumava comunicar-se por bilhetinhos (CARNEIRO, 1976, p.164-168).

Segundo Manfredini, Nilo possuía "[...] olhar irônico que nada revelava das grandezas interiores quando, fixado sobre o mundo e as coisas, formalava o cadáver antes que o retalhasse a autópsia da navalhante gargalhada..." A linguagem de Manfredini é repleta de metáforas, o que torna mais vivo o seu relato. Manfredini, ainda aponta como a "grande arquitrave da inteligência em Nilo Cairo" o seu sarcasmo. "Corrosivo e maligno quase sempre, não selecionava as vítimas", assim "doutrinas e homens, livros e obras, amigos e inimigos" eram alvo da crítica de Nilo Cairo, que apesar do uso da "galhofa" e do "sarcasmo", era generoso. Apesar de tudo isso, aponta que, na essência, Nilo tinha uma alma flexível à tristeza das misérias humanas (MANFREDINI, 1974, p.8).

Cabe a Nilo Cairo o termo "intemperança do saber" atribuído a ele por Manfredini. Da engenharia à medicina e desta à agricultura, Nilo transitou por conhecimentos diversos e trabalhou de forma incessante. Algumas vezes esmoreceu e trocou de empreitada, mas manteve sempre o fio condutor do vitalismo e do positivismo.

Se a terapêutica hahnemanniana dispunha das canseiras maiores do publicista, a sua bibliografia, averbando manuais de agricultura, tratados de criação de animais domésticos, compêndios sobre fumo e cana de açúcar, revela o poliedrismo intelectual de um cérebro instável, que se fazia internacionalista nos continentes da ciência como, por força do sistema positivo (MANFREDINI, 1974, p.9).

Manfredini, parafraseando Euclides da Cunha, afirma que Nilo Cairo faz parte daqueles que "padecem a insolação do espírito".

Manfredini atribui a Nilo Cairo um revisionismo de suas posições positivistas iniciais, já na maturidade. Diz que Nilo Cairo aceitara o positivismo pela iniciação na matemática e não pela religião da humanidade, a qual se refere como uma fórmula totalmente pueril. Afirma que Nilo Cairo no final da vida, dotado de bom senso, teria ficado apenas com os ensinamentos da ciência positiva, abandonando os "fetichismos bizarramente ingênuos" aos quais Augusto Comte teria aderido já no "crepúsculo do cérebro":

A religião da humanidade – fruto da vesânia pungente que obliterou em Comte o sentido gigantesco da própria coordenação científica e das equidistâncias e conformismos que ela lhe impunha em todo o artigo de fé, - falece de ausência de embasamento gnóstico, sem o qual as religiões, alienando as perplexidades metafísicas, excluem a única razão de prestígio sobre as almas e anulam a força inicial dos misticismos, essa força monádica e milenar, em que se adubam, desde as cavernas, as florações da crença humana (MANFREDINI, 1974, p.9).

Essa afirmação de Manfredini inscreve Nilo Cairo no grupo de positivistas acadêmicos e justifica a polêmica já apresentada entre Nilo Cairo e a Igreja Positivista. Também sugere uma pista para se entender o fato de o próprio David Carneiro ter afirmado que Nilo Cairo era um positivista incompleto. Nilo Cairo, um positivista incompleto e em conflito com a maçonaria, como vimos em sua trajetória.

Manfredini atribui a Nilo Cairo a forte possibilidade de se tornar perene e para isso usa para referir-se à sua obra expressões como "papiro de alvenaria" e "armorial de cimento". Coloca Nilo Cairo como um "divinizador da força": "a verdade é que os condutores-padrão, como Nilo Cairo, foram heróis da força, consumados na órbita da matéria ou do espírito, com que assombraram o século e os conterrâneos" (MANFREDINI, 1974, p.6).

Essa visão de Jurandyr Manfredini é corroborada amplamente pelas notícias de jornais, tendo havido inclusive, por parte da universidade, o cuidado de se confeccionar um livro de recortes de jornais, disponível até hoje, com notícias relevantes sobre a universidade no período de 1920 a 1943. Nesse material são constantes as manifestações a respeito de Nilo Cairo, atribuindo a ele a força geradora dos progressos que a universidade alcançou principalmente em relação à sua estrutura didática e física.

## 7 CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DE NILO CAIRO

### 7.1 NILO CAIRO E O VITALISMO

Nilo Cairo, como já vimos, apresentou sua tese<sup>148</sup> ao final do curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1903, com o tema *Similia Similibus Curantur*. Dedicou o livro à memória de sua mãe, recentemente falecida.

Já na introdução, parte para severas críticas à "medicina oficial" e manifesta a sua decepção com o curso que acabara de concluir. Desde o início é possível imaginar que Nilo Cairo, em sua trajetória, não fará esforços para evitar as situações de embate ou de confronto. Defenderá suas posições com veemência, sem poupar críticas aos seus adversários e muitas vezes utilizando-se de um estilo sarcástico. Isso trará para Nilo Cairo muitas situações desagradáveis e resultará, muitas vezes, em rupturas que o obrigarão a adotar estratégias de mudança de local de atuação.

Na tese afirma que:

Eu chego ao final deste calvário intelectual curvado ao peso de uma imensa cruz talhada nos mais acerbos desenganos e com a fronte cingida, não já de espinhos, o que seria muito menos doloroso, porém das mais amargas e cruéis decepções (CAIRO, 1903, p.5).

Nilo Cairo ataca, na sequência, a excessiva especialização do conhecimento médico:

Os sábios especialistas da Medicina se acharam isolados nos recessos de seus laboratórios, entregues a experiências habitualmente inúteis, ou à cabeceira de doentes, dos quais, por suas preocupações exclusivamente corpóreas, eles apenas estudam o animal e não o homem, cada um com um conjunto próprio e diferente de sentimentos, de ideias e de métodos, incapazes de chegarem habitualmente a resultados idênticos por falta de identidade de princípios fundamentais e cheios da mais insuperável aversão contra toda ideia geral (CAIRO, 1903, p.7).

---

<sup>148</sup> Ao concluir o curso de medicina o formando poderia apresentar e defender uma tese para a obtenção do título de doutor em medicina. Caso optasse por não apresentá-la o título recebido era de médico.

Não poupa a bacteriologia, ciência emergente, após as descobertas de Pasteur na França. Nessa época, Oswaldo Cruz está desenvolvendo seus trabalhos de saneamento da cidade do Rio de Janeiro, depois de três anos de estudos no Instituto Pasteur de Paris. A Medicina Experimental, baseada na bacteriologia, a partir dos trabalhos de Oswaldo Cruz tomará, nas próximas décadas lugar de destaque no campo médico no Brasil. Mas Nilo Cairo opõe-se a esse movimento, mais uma vez de forma irônica:

Bactéria aqui, bactéria ali, bactéria por toda parte! Diariamente anuncia-se ao público médico estupefato que tal moléstia depois de tal outra é manifestadamente parasitária; que a pneumonia o é como o reumatismo e este como o carbúnculo; que existem bactérias capazes de tudo; bactérias encapuzadas da saliva, que fazem bem na boca e mal nos pulmões, onde elas fabricam a pneumonia (há "erro de lugar"); bactérias que produzem a hipertermia da febre tifoide e bactérias que determinam a algidez do cólera: bactérias que sopram o quente e que sopram o frio!! (CAIRO, 1903, p.10-11).

E, ainda:

O mecanicismo apoia-se principalmente também sobre o microscópio. Desta mistura resulta a terapêutica mais confusa que se possa imaginar. Experimenta-se, tatea-se, o sol de cada dia ilumina o triunfo e a queda de um remédio novo, de um medicamento heroico; e é sempre o irritabilismo ou os sistemas físico-químicos que inspiram estas efêmeras descobertas. Compreende-se deste modo que não é lá preciso ser grande médico para brilhar em todo esse movimento (CAIRO, 1903, p.12-13).

Critica o princípio *contraria contrariis curantur*<sup>149</sup>, afirmando que o medicamento que atua por esse princípio é apenas paliativo (CAIRO, 1903, p.16).

No desenvolvimento da tese Nilo Cairo analisa as drogas mais usadas pela alopatia de sua época: arsenicais, mercuriais, iodados, quinina e ipeca, tentando mostrar que, na realidade, essas drogas atuam pelo princípio homeopático:

[...] o princípio *similia similibus curantur* é um guia espontâneo de aplicações terapêuticas no seio da Medicina Oficial, que assim não difere da Homeopatia senão pela falta de sistematização e por um menor grau de generalização do mesmo princípio fundamental de indicações (CAIRO, 1903, p.133).

---

<sup>149</sup> Princípio terapêutico atribuído à alopatia, que significa a cura pelos contrários.

Era uma prática, na época em que Nilo Cairo se forma em medicina, ao final da tese apresentar algumas proposições a respeito das diversas disciplinas que compunham o curso médico. Nesta parte de seu trabalho, mostra-se bastante crítico atacando novamente a bacteriologia e a especialização:

O estudo isolado e especial desta pretensa ciência (a bacteriologia), que eleva cogumelos à altura de palmeiras, é um dos sintomas característicos do estado de cega dispersão a que cada vez mais o bom humor do microscópio reduz a patologia contemporânea (CAIRO, 1903, p.151).

O estudo da anatomia patológica deve ser feito juntamente com o de patologia na clínica médica e não em preleções catedráticas, como se faz habitualmente em toda parte, visto como o estudo isolado da lesão faz perder de vista o estudo do doente e substitui pela medicina dos pedacinhos a medicina do inteiro, do conjunto do organismo, vivendo e reagindo, que é o que tem sempre diante de si o verdadeiro clínico (CAIRO, 1903, p.153).

Nas proposições faz uma série de críticas às disciplinas, propondo mudanças e elogiando algumas iniciativas de professores. Já se delineiam ali as suas preocupações com o ensino da medicina. Critica as vivisseções, o uso de cadáveres na anatomia e elogia a substituição desses por "bons desenhos e excelentes manequins" (CAIRO, 1903, p.155)

Essa postura intelectual e militante de Nilo Cairo lhe trará problemas e sua tese é rejeitada pela Faculdade de Medicina, tendo que elaborar outro trabalho para conseguir o grau almejado.

*O Pé Equino* é o título da tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1904, a qual foi aprovada. O pé equino é uma modalidade de pé torto, e Nilo Cairo avisa que, embora existam casos de pé equino congênito, ele tratará apenas do pé equino adquirido, já que aquele é muito raro.

Ao final da tese apresenta as proposições, três para cada uma das cadeiras do curso de ciências médicas e cirúrgicas, em um total de 78. Ao compararmos as proposições, em igual número, com as da tese anterior verifica-se que elas são mais superficiais e óbvias, o que nos faz levantar a hipótese de que Nilo tenha buscado a ironia, o deboche ou a provocação.

Dessas 78 proposições, 27 delas referem-se a questões ligadas a ânus, reto ou fezes e temas próximos.

Na abertura das *Proposições* da primeira tese há uma epígrafe de Augusto Comte, apontando para o que virá a seguir, esta epígrafe é suprimida na tese *O Pé Equino*.

As proposições em *Similia* são críticas a respeito do ensino da medicina e no *O Pé Equino* são lacônicas ou óbvias, diria, mais descritivas.

Transcrevemos dois conjuntos de proposições, para ilustração.

Proposições sobre a cadeira de História Natural Médica na tese *Similia*:

- I. Eu não sei o que quer dizer *historia natural médica*.
- II. Mas se, como eu suspeito, ela quer dizer – aplicações da história natural à medicina, - então a respectiva cadeira deve ser colocada no fim, e não no começo, do curso médico, por isso que para bem se poder conhecer as aplicações de uma coisa a outra, é preciso, em primeiro lugar, que se conheça as duas coisas.
- III. E se na realidade é isto que quer dizer o título dessa cadeira, o respectivo programa desta Faculdade não me parece completo, pois limita toda a História Natural à Botânica e à Zoologia (CAIRO, 1903, p.149).

Como se verifica, Nilo sem deixar de utilizar ironias, faz críticas ao curso e propõe mudanças. Talvez isso não fosse hábito nessa época. Ressalte-se que essa cadeira é a primeira da lista de cadeiras que receberão três proposições cada.

Na segunda tese, *O Pé Equino*, haverá uma perda desse potencial de crítica. Para a mesma cadeira de História Natural Médica, Nilo escreverá:

- I. O ânus primeiramente, depois o reto, assinalam dois progressos na escala zoológica.
- II. Assim, é entre os infusórios ciliados que aparece pela primeira vez o ânus.
- III. Mas não é senão entre os Mamíferos Placentários que o reto se caracteriza distintamente (CAIRO, 1904, p.25).

A título de comparação apresentamos as proposições para a mesma cadeira apresentada em outra tese, no mesmo ano de 1903, de um doutorando, também paranaense, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha, a tese *Do Câncer Primitivo do Pâncreas*:

- I. Possuem os répteis e os pássaros todos, glândula pancreática.
- II. Podem existir nos pássaros dois ou três pâncreas independentes.
- III. Em alguns mamíferos, o pâncreas é francamente bilobado (ROCHA, 1903, p.119).

Portanto, se Nilo Cairo tentou contribuir com a crítica, na primeira tese, uma vez rejeitada, aceita a regra do jogo. Porém, não deixa de usar do deboche.

Outro exemplo será o das proposições à cadeira de Histologia. Na primeira tese:

- I. O emprego da palavra *histologia* feito pelos anatomistas contemporâneos para designar a *anatomia geral*, é tão contrário à razão como avesso à moral, pois, por um lado, ela etimologicamente apenas exprime o estudo dos tecidos e não dá, portanto, uma ideia do conjunto das pesquisas que lhe são próprias, e, por outro lado, ela tende a fazer esquecer o tipo eminente do seu fundador que nos inspira uma tão justa veneração.
- II. A classificação geral dos tecidos, adotada em seu programa pelo ilustre professor desta cadeira, está espontaneamente de acordo com o princípio sistemático de classificações de Augusto Comte; são com efeito, em número de seis as espécies de tecidos que por sua combinação constituem os órgãos: o *epitelial*, o *conjuntivo*, o *cartilaginoso*, o *ósseo*, o *muscular* e o *nervoso*, aqui classificados segundo a sua complicação crescente e generalidade decrescente.
- III. O mesmo princípio sistemático, que guia a classificação geral das diversas espécies de tecidos vivos, deve reger também a das diferentes variedades da mesma espécie; assim eu penso que, segundo a sua complicação crescente e generalidade decrescente, os tecidos conjuntivos devem ser classificados na seguinte ordem: o *frouxo* ou *difuso*, o *condensado*, o *seroso*, o *laminado*, o *tendinoso* propriamente dito, o *ligamentoso*, o *aponevrótico*, o *elástico*, o *mucoso* e o *adenoide* ou *reticular* (CAIRO, 1903, p.150).

Depois dessas extensas proposições rejeitadas no conjunto da tese *Similia*, Nilo na segunda tese as substitui por:

- I. É o sangue o humor mais importante do organismo.
- II. O leucócito é o glóbulo branco do sangue.
- III. A hemácia é o glóbulo vermelho desse mesmo humor (CAIRO, 1904, p.26).

Assim, Nilo conclui a sua trajetória na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por um lado, abrindo mão da crítica em alguns aspectos e, por outro, reafirmando seus princípios.

Na proposição sobre a disciplina de terapêutica insiste nos temas abordados na tese anterior:

- I. Um medicamento só é curativo, quando é indicado pelo princípio *similia similibus curantur*; II. Todo medicamento indicado pelo princípio *contraria contrariis curantur* é puramente paliativo; III. Um medicamento pode agir de dois modos: quimicamente ou dinamicamente (CAIRO, 1904, p.29).

Ataca novamente a bacteriologia em uma das proposições acerca da clínica médica: "matar o micróbio do reumatismo articular agudo pelo salicilato de sódio é matar uma hipótese por outra hipótese" (CAIRO, 1904, p.34).

Para se entender as dificuldades pelas quais Nilo Cairo passará para manter as suas posições, é necessário acompanhar os jornais da época, nos quais é visível a emergência de uma nova forma de explicar as doenças, que são as teorias de contágio e que se ancoram na emergente bacteriologia para dar cientificidade às explicações a respeito das doenças prevalentes, naquele início de século, na capital da República e em São Paulo. A febre amarela representava grande desafio para a Saúde Pública e pesquisadores brasileiros, em São Paulo e Rio de Janeiro, mostram suas descobertas na imprensa. O Correio Paulistano é um dos mais importantes jornais diários e nele encontramos muitas referências às novas descobertas.

Em 24 de janeiro de 1903, na primeira página, o Correio Paulistano estampa uma notícia intitulada *Febre Amarela*, referindo-se a experiências realizadas no Hospital de Isolamento de São Paulo:

De tudo quanto observou, a comissão conclui que a transmissibilidade da febre amarela pelos mosquitos é um fato positivo adquirido para a ciência e que deste fato resulta a necessidade da higiene privada e pública deixar a defensiva para tornar-se energeticamente ofensiva (CORREIO PAULISTANO, 24/01/1903).

Dessa forma, o Dr. Emilio Ribas<sup>150</sup>, é referência em São Paulo, enquanto Oswaldo Cruz já chama a atenção no Rio de Janeiro. As experiências de Emílio Ribas a respeito da transmissibilidade da febre amarela ocupam os jornais da época.

A febre amarela, entre outras moléstias, representa um grande problema de Saúde Pública, como mostra o Correio Paulistano, de 26 de fevereiro de 1903: "Há muito se propalam entre nós, e com grande insistência, boatos de que não só aqui, mas também em Santos e outras cidades, reinam terríveis epidemias de moléstias graves de diversas naturezas." (CORREIO PAULISTANO, 26/02/1903).

---

<sup>150</sup> Emílio Marcondes Ribas (1862-1925), sanitarista brasileiro notável por seus trabalhos com a febre amarela no Estado de São Paulo.

A febre amarela, a peste e a varíola irão dominar o noticiário e desafiar a ciência brasileira nos próximos anos, e é nesse cenário que Nilo Cairo iniciará a sua intensa atividade no Rio de Janeiro, onde ficará até 1906, antes de partir para o Paraná. Nesse período Nilo Cairo terá profícua participação no *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, de onde não deixará de atacar os bacteriologistas e onde terá estabelecido polêmicas com seus pares.

Oswaldo Cruz, contemporâneo de Nilo Cairo, introduz a Medicina Experimental no Brasil. Isso só foi possível após três anos de estágio no Instituto Pasteur em Paris, onde se apropriou do conhecimento da microbiologia, o que deu à medicina um caráter científico (FRAGA, 2005).

Onde grassam a febre amarela, a peste e a varíola, o Porto de Santos e o Rio de Janeiro se tornam objeto de saneamento para garantir a chegada de imigrantes e a exportação do café. Assim, figuras como Emilio Ribas e Oswaldo Cruz despontam no noticiário com suas medidas saneadoras, sendo muito conhecido o episódio da Revolta da Vacina<sup>151</sup>, em 1904, envolvendo violentas reações às medidas propostas por Oswaldo Cruz e resistência política e popular ao governo de Rodrigues Alves.

Há um embate entre os adeptos da teoria miasmática<sup>152</sup> e os da teoria do contágio<sup>153</sup>. Em 11 de maio de 1903 no Correio Paulistano noticia:

Uma circular da Diretoria Geral da Saúde Pública do Rio de Janeiro, dirigido à imprensa daquela capital, é concebida nestes termos: As experiências realizadas no Posto Sanitário Experimental de Queimados, perto de Havana, com o rigor científico, a que obedeceram, não deixavam nem o vislumbre de uma dúvida ao espírito mais descrente, sobre a possibilidade de transmissão da febre amarela por intermédio do mosquito rajado, denominado *Stegomyia fasciata* (CORREIO PAULISTANO, 11/05/1903).

---

<sup>151</sup> Sobre esse tema ver o livro *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* de Nicolau Sevcenko (2010).

<sup>152</sup> Na teoria miasmática a doença se originava de emanções oriundas de refugos e água dos esgotos, assim a prevenção se daria pela melhoria das condições ambientais. " No entanto, à proporção que se identificavam os micro-organismos, e se expunham os modos de ação dos micro-organismos, abria-se o caminho para um controle das doenças infecciosas mais racional e específico" (ROSEN, 1994, p.243).

<sup>153</sup> As teorias de contágio admitem que a doença possa ser transmitida de um homem doente para um homem saudável. Essa teoria ganhou força com as descobertas da bacteriologia na segunda metade do século XIX (BARATA, 1985, p.13-27).

Em 13 de outubro de 1903, no mesmo jornal, na primeira página lê-se, em destaque, a manchete *Transmissão da febre amarela*, anunciando a presença de Oswaldo Cruz, de Emilio Ribas e de Dr. Adolpho Lutz, entre outros em um evento sobre a febre amarela: "Efetuou-se ontem, na sala principal da Secretaria da Agricultura, a sessão solene para a distribuição de diplomas e medalhas às pessoas que, espontaneamente, se prestaram às experiências feitas pela Diretoria do Serviço Sanitário, sobre a transmissão da febre amarela."

Conhecida como teoria havanesa, a teoria de que a transmissão da febre amarela se dava por meio do mosquito *Stegomyia fasciata* havia sido confirmada por experiências dos norte-americanos em Cuba.

Uma equipe de sanitaristas paulistas, coordenados por Emilio Ribas, repetiu essas experiências em São Paulo. De 15 de dezembro de 1902 a 20 de janeiro de 1903, em "cinco sessões, seis homens adultos, incluídos Emilio Ribas e Adolfo Lutz, deixaram-se picar por mosquitos previamente infectados". Três desses homens contraíram a febre amarela.

"A segunda série de experiências, de 20 de abril a 10 de maio, envolveu três italianos que foram mantidos em reclusão em quartos protegidos contra mosquitos e repletos de roupas e objetos sujos de urina, vômito e fezes de amareletos." Ficaram dez dias nessa situação e nenhum deles contraiu a doença (BENCHIMOL, 1999, p.410-411).

No campo médico, as novas teorias começam a ter aceitação no meio científico e tornam-se hegemônicas, o que pode ser demonstrado pelo artigo *A Febre Amarela* de 21 de dezembro de 1903 no *Correio Paulistano*. A matéria traz o discurso do delegado brasileiro na Conferência Sanitária Internacional de Paris, Gabriel de Piza. Nessa conferência se reafirma a transmissão da febre amarela pelo mosquito:

A conferência recomenda aos países interessados que modifiquem seus regulamentos sanitários de maneira a pô-los de acordo com os nossos conhecimentos atuais sobre o modo de transmissão da febre amarela e, sobretudo sobre o papel dos mosquitos como veículos dos germes da doença (CORREIO PAULISTANO, 21/12/1903).

Nilo Cairo está articulado com o pensamento homeopático e os homeopatas representam um setor que resiste às novas descobertas. Há conflitos entre os homeopatas e os médicos da higiene. Os homeopatas foram acusados de não científicos

e, inclusive, presos, em alguns casos quando se recusavam a cumprir os regulamentos sanitários (LUZ, 1996, p.193). Se em 1903, os jornais mostram a opinião pública e os cientistas aceitando as contribuições da bacteriologia, os homeopatas passaram a década resistindo a isso. Entretanto, em 1919, para Novaes (1989, p.248), os homeopatas já estão de alguma forma rendendo-se às evidências da bacteriologia, ao criarem em um hospital homeopático, no Rio de Janeiro, um laboratório de microbiologia.

Encontraremos referências a Nilo Cairo já em 1903 nos *Anais de Medicina Homeopática do Instituto Hahnemanniano do Brasil*, em que publica um artigo intitulado "*Positivismo e Homeopatia*" (ANNAES, n.1, 2 e 3, jan., fev. e mar. de 1903). Como já foi visto, os próximos anos serão de intenso trabalho no *Instituto*. Combativo, já no início de sua atividade como médico Nilo Cairo "assume a redação dos *Anais de Medicina Homeopática* em setembro de 1904 e permanece no cargo até fevereiro de 1906, quando passa a residir na capital do estado do Paraná, onde cria a *Revista do Paraná*<sup>154</sup>" (HOMEOPATIA BRASILEIRA, 1999, p.41).

Nos *Anais de Medicina Homeopática*, no início de 1903, aparece a notícia da nomeação por decreto, de 23 de março, de Oswaldo Gonçalves da Cruz, para o cargo de Diretor Geral de Saúde Pública, do qual foi exonerado Nuno Ferreira de Andrade. Os homeopatas não poupam duras críticas à gestão do diretor exonerado e prometem apoio a Oswaldo Cruz, citando elogios feitos a ele pela publicação "*Brazil Médico*":

O novo Diretor sanitário Dr. Oswaldo Cruz não é um desconhecido. É um profissional muito considerado entre os colegas, autor de várias publicações, hábil técnico, inteligente, criterioso, trabalhador, ilustrado, honesto, de uma probidade inatacável, um puro, em suma, na mais lata extensão da palavra, digno sucessor e exemplo vivo das virtudes de seu finado pai, o Dr. Bento Gonçalves Cruz, de saudosa memória. Devemos acrescentar que o ilustre jovem Diretor Geral de Saúde Pública pode e tem o direito de contar com o apoio e o auxílio dos médicos homeopatas para a execução de todas as medidas higiênicas que o seu alto critério julgar necessárias a bem da saúde pública (ANNAES, n.1, 2, 3, jan., fev. e mar. de 1903).

Mas, havia divergências entre os homeopatas. Nos *Anais de Medicina Homeopática*, na ata da 19.<sup>a</sup> Sessão Ordinária, realizada em 17 de julho de 1902,

---

<sup>154</sup> Refere-se à *Revista Homeopática do Paraná*, mais tarde *Revista Homeopática Brasileira*.

Maia Barreto lera um artigo intitulado "*A homeopatia e as infecções*", ao que Dias da Cruz reagira apresentando "objeções possíveis de serem feitas pela escola oficial no intuito de invalidar as conclusões a que chegou o colega". Dias da Cruz manifesta-se de acordo com as "teorias modernas microbianas" e com as práticas de antissepsia nas intervenções cirúrgicas e ginecológicas. Sucede-se um intenso debate e Maia Barreto "repele a medicina moderna com a sua luta contra o micróbio" (ANNAES, n.4, abr. 1903).

A esse respeito Figueiredo (2008, p.36) aponta o século XIX como "um marco na história da medicina por consolidar uma nova concepção de doença, de doente e de intervenção no corpo doente". O surgimento da anestesia, as técnicas de antissepsia e, já no final do século, "o avanço nas pesquisas bacteriológicas, identificando e isolando os agentes patogênicos, permitiu entender a etiologia das infecções". Era uma nova etapa da medicina aquela que se apresentava aos homeopatas, no início do século XX, mas muitos destes reagiram à "medicina moderna".

Os *Anais de Medicina Homeopática* publicam, em janeiro de 1904, um artigo de Juan Antiga, professor da cadeira de "Exposição da Filosofia Homeopática" da Escola Nacional de Medicina Homeopática do México, intitulado "*O Fracasso dos Micróbios*":

As últimas décadas do século XIX assistiram ao nascimento e propagação da mais extravagante doutrina patológica, que jamais apareceu na História da Medicina, a que assinala como causa das moléstias a invasão do organismo por micróbios patogênicos, cujo estudo criou uma nova ciência, a Bacteriologia.

As consequências destes delírios não seriam tão perigosas, se não houvesse, como já aconteceu, passado ao público domínio, colocando a mísera humanidade, já bastante maltratada pela polifarmácia, em um estado de terror ou angústia insuportáveis. Por toda a parte suspeita-se a presença de uma infinidade de inimigos invisíveis, que são veículos da morte (ANNAES, n.1, jan. de 1904, ano VI).

Não tarda a reação do *Instituto Hahnemanniano do Brasil* contra Oswaldo Cruz e suas medidas de higiene baseadas na microbiologia. Em uma reunião do instituto, na qual Nilo Cairo está presente, aos 28 de julho de 1904, Dias da Cruz pede a palavra para protestar contra o Regulamento de Saúde Pública. Qualifica o regulamento de tirânico, o qual aponta a futura obrigatoriedade da vacina contra a varíola. Nilo Cairo vem em seu apoio, declarando-se não contrário à vacinação, mas sim contrário a "uma tal imposição [que] é um atentado evidente à liberdade espiritual de cada um" (ANNAES, n.7, 8, 9, jul., ago., set. 1904, ano VI, p.296-298).

Em seis de outubro do mesmo ano, em discurso o presidente do *Instituto*, Joaquim Murinho, afirma que "o Governo está disposto a exercer a tirania, fazendo vigorar a vacinação obrigatória, que é um verdadeiro opróbrio para nós". Mais adiante se refere às multas aplicadas pela "Higiene do Governo" classificando-as como "instrumentos de tirania cômica e ridícula" (ANNAES, n.11, nov. 1904, ano VI, p.366).

A participação de Nilo Cairo nas reuniões do Instituto é ativa, mantém-se como redator dos *Anais*, função para a qual é reeleito. Estabelece polêmicas, sendo que a polêmica com o alopata Fernando Magalhães, entre outras, já recebeu destaque nesta tese.

Em 01 de fevereiro de 1906, Nilo Cairo comunica ao *Instituto* que precisa se retirar temporariamente para cumprir funções militares em Curitiba (ANNAES, n.2, fev. 1906).

Polemista de primeira ordem, nas palavras de seus editores, Nilo Cairo tinha por posição jamais deixar uma questão sem resposta, e assim o fez ao publicar *A Homeopatia e a Crítica*, em 1909, como já vimos no capítulo 4 ao apresentarmos a sua trajetória.

Para se compreender a filiação de Nilo Cairo ao vitalismo vale a pena transcrever um longo trecho de *A Homeopatia e a Crítica* no qual ele deixa clara a sua disposição a argumentar a favor do vitalismo, invocando sempre o mestre do positivismo, e rejeitando o materialismo:

É o materialismo, esse materialismo de Thales e de Pitágoras, que Augusto Comte e seus discípulos tão vitoriosamente aniquilaram nas suas obras imortais; se o sr. dr. Sanches se desse ao trabalho de ler os livros imperecíveis do Aristóteles moderno, cedo se convenceria da inanidade dessa sua pretensão de uma síntese objetiva, de achar entre os fenômenos exteriores, submetidos à nossa observação, um fenômeno servindo para explicar todos os outros. Ninguém poderá certamente jamais imaginar o equivalente mecânico de um fato social ou a expressão algébrica de um fenômeno moral.

Não é, pois, o ponto de vista objetivo (essa *aspiração da ciência* a que se refere o sr. dr. Sanches) que deve presidir a síntese científica, mas o ponto de vista subjetivo, como o ensina Augusto Comte.

Eu não quero dizer com isso que o materialismo não tenha prestado inestimáveis serviços à humanidade; foi ele quem gerou a ciência e quem a desenvolveu, isto é indubitável: mas é preciso não confundir duas situações profundamente dessemelhantes.

No começo das investigações humanas, fenômenos de todas as categorias foram abordados conjuntamente e, para sair da inevitável confusão das concepções que simultaneamente surgiam, o espírito humano foi levado naturalmente a explicar os fenômenos mais complexos pelos mais simples, estabelecendo assim teorias provisórias que serviam para agrupar e conservar os fatos para um melhor estudo ulterior; muito mais: na reação

contra os dogmas teológicos, foi ainda o materialismo quem esboçou a revolução ocidental.

Mas hoje que a ciência positiva está perfeitamente estabelecida e que por toda a parte se reconhece superabundantemente a distinção e a irreducibilidade das diversas categorias de fenômenos, cada uma regida por leis próprias, constituindo uma ciência à parte; hoje em que se não pode mais admitir, por exemplo, que a vida seja um resultado de leis físico-químicas, ou que um fenômeno físico seja regido por leis mecânicas ou geométricas, ou ainda que a fisiologia possa explicar os fatos sociais ou morais, hoje o materialismo cartesiano ou físico-químico, se tornou radicalmente retrógrado.

O materialismo, pois, não pode dominar a ciência, mesmo a mais simples e muito menos a medicina; [...] (CAIRO, 1909, p.xi-xii).

Agressivo e irônico usa de expressões como "é o materialismo, em suma, que faz da alopatia uma pura veterinária" (CAIRO, 1909, p.xiii).

Logo no segundo capítulo Nilo Cairo parte para o ataque à teoria microbiana, de forma sarcástica:

[...] eu poderia expor-vos aqui os motivos de ordem moral e intelectual (científicos e filosóficos) que me levam a não aceitar esse romance à Julio Verne, que se pretende impor ao público, como uma realidade científica, sob o nome de teoria microbiana... (CAIRO, 1909, p.10).

Reconhece a existência dos micróbios, mas nega-lhes a causalidade das doenças:

[...] não vejo nessa barafunda inextrincável de experiências contraditórias e sempre contestadas, nenhuma demonstração irrecusável de que sejam esses seres, em cuja existência acredito piamente, os causadores de muitas de nossas moléstias (CAIRO, 1909, p.11).

Parte da resistência de Nilo Cairo pode estar ligada a uma corrente médica descrita por Sayd (1998), conhecida como ceticismo terapêutico. É importante lembrar que os antibióticos ainda não existiam e, portanto, não havia uma resposta terapêutica às descobertas da microbiologia. As vacinas já existiam e a antissepsia havia modificado a histórias da cirurgia, mas muitos médicos exerciam o ceticismo terapêutico. Nilo Cairo não era exatamente oriundo dessa corrente (mas pode ter sido influenciado por ela), já que pertencia a um grupo de homeopatas, apontados por Sayd (1998) como médicos que escaparam do ceticismo ao acreditarem na ação dos medicamentos homeopáticos. Mas, os homeopatas continuaram negando que as bactérias pudessem explicar os fenômenos mórbidos (SAYD, 1998).

No terceiro capítulo de *A Homeopatia e a Crítica* Nilo sai em defesa do vitalismo de Hahnemann: "que todos criticam sem estudar, para mostrar quão mal informado se acha a respeito dela o meu douto colega, sr. dr. Pedro Sanches" (CAIRO, 1909, p.21). A estratégia de Nilo Cairo, no debate, é sempre partir das palavras do adversário e nelas encontrar contradições e também usar os argumentos do adversário para provar seus próprios pontos de vista e *A Homeopatia e a Crítica* é rica nessa forma de combater.

Nilo Cairo afirma que a base essencial do vitalismo é a "unidade indivisível e irreduzível da nossa natureza". Condena o especialismo médico citando Zamolxis, que dissera "que não se podiam curar os olhos sem a cabeça, nem a cabeça sem o resto do corpo, nem o corpo sem a alma". Articula essas ideias ao pensamento hipocrático e aponta que foi Galeno quem "derrubou a concepção hipocrática, lançando os fundamentos do organicismo, que ainda hoje perdura esfarrapado pelas teorias contraditórias da medicina oficial". Cita Stahl<sup>155</sup> e Barthez<sup>156</sup>, entre outros, como autores que defenderam o vitalismo (CAIRO, 1909, p.26).

Quase chegando ao final das mais de 120 páginas de respostas ao adversário, Nilo Cairo não arrefece a sua agressividade quando se refere à Sanches de Lemos: "o que parece realmente é que o meu distinto colega de Poços de Caldas gosta muito de perder tempo e gastar papel e tinta inutilmente" (CAIRO, 1909, p.111-112).

*A Homeopatia e a Crítica* talvez seja o melhor exemplo do estilo adotado por Nilo Cairo no embate das ideias.

Em 1910, a questão entre os contagionistas e os adeptos da teoria miasmática poderia estar totalmente resolvida, pois, se no início a teoria da transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito defendida por Oswaldo Cruz foi refutada, agora já havia elementos para acreditar nela. A princípio Oswaldo Cruz foi muito criticado pela imprensa e era comum que a sua figura fosse ridicularizada em recorrentes manifestações de chargistas, na imprensa carioca. Em 1909, a imprensa começa a reconhecer as ideias de Oswaldo Cruz, a partir dos resultados de suas campanhas

---

<sup>155</sup> Stahl (1660-1734) defendeu a ideia de que o princípio do movimento vital é a alma, sendo os órgãos apenas os instrumentos da alma (DIAS, 2001, p.32).

<sup>156</sup> Barthez (1734-1806) descreveu uma estrutura trinarria do ser humano: alma, corpo e princípio vital (DIAS, 2001, p.32).

contra a febre amarela, peste e varíola, e de seu reconhecimento internacional.<sup>157</sup> Ao mesmo tempo, em São Paulo, pesquisadores demonstram a transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito. Como vimos, essas ideias e trabalhos foram influenciados pelo sucesso do controle da febre amarela em Cuba, onde pesquisas foram realizadas demonstrando esse fato.

Nilo Cairo persistente em suas ideias, em 1910, ao publicar o livro *A Febre Amarela e seu Tratamento Homeopático* sequer faz referência às descobertas da teoria havanesa e afirma:

Própria às regiões baixas dos países intertropicais, especialmente vizinhas do mar e dos grandes rios navegáveis, a febre amarela parece encontrar aí condições sociais, morais, meteorológicas e geológicas notavelmente propícias ao seu entretenimento e desenvolvimento; um meio úmido e quente, à borda das águas, de terreno de aluviões, pantanoso ou vizinho de pântanos, onde substâncias vegetais e animais se putrefazem no solo em considerável fermentação, é o lugar do terrível flagelo americano: e é aí que ele adquire a força de impulso para se irradiar por contágio para as terras altas e para o interior dos continentes, em espantosas razias, sob um conjunto de influências acidentais que não se pode apanhar e precisar (CAIRO, 1910a, p.8).

Embora Nilo Cairo utilize a palavra contágio, não o faz no sentido dado a este termo pela bacteriologia, tampouco cita a transmissibilidade pelo mosquito e sua descrição da doença nos lembra do título do livro atribuído a Hipócrates *Dos Ares, das Águas e dos Lugares*.<sup>158</sup> Como positivista, Nilo Cairo não se preocupa com a causa final das coisas ao dizer que "não se pode apanhar ou precisar" o conjunto de influências acidentais.

Nilo Cairo se aproxima, na sua explicação sobre a febre amarela, das teorias miasmáticas, as quais atribuem às condições do terreno a origem da febre amarela. Ao mesmo tempo, Oswaldo Cruz, Emílio Ribas e Adolpho Lutz já comprovaram a transmissibilidade pelo mosquito.

---

<sup>157</sup> Em setembro de 1907, em função dos trabalhos liderados por Oswaldo Cruz, o Instituto Manguinhos, criado por ele, foi premiado com a medalha de ouro no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim (BRITTO, 1995, p.32).

<sup>158</sup> Hipócrates estabelece nessa obra uma estreita relação entre o homem e o meio-ambiente, tentando explicar assim o adoecimento humano (BARATA, 1985, p.13-27).

No mesmo livro, ao discutir a etiologia da febre amarela, Nilo Cairo se anuncia como "inimigo radical da doutrina microbiana":

Inimigo radical que somos da doutrina microbiana, não podemos absolutamente aceitar a doutrina havanesa de propagação da febre amarela, e, em outro lugar, já demos as razões desse nosso modo de entender. Mostramos, então, como, em Havana e no Rio de Janeiro, a campanha mosquitocida não foi senão uma campanha sanitária de higiene geral, no mais lato sentido da palavra, em que se melhoraram consideravelmente as condições locais que favoreceriam o surto da moléstia, seja individuais, seja coletivos, seja quanto ao rigoroso isolamento dos doentes, não permitindo a disseminação da moléstia e extinguindo-se assim os focos endêmicos. O mosquito, de qualquer espécie que seja, fica sendo então para nós, como, aliás, qualquer outro inseto, um transmissor banal de qualquer moléstia (CAIRO, 1910a, p.11).

Nilo Cairo rejeita veemente a teoria dos mosquitos:

Em resumo, a limpeza, a aeração, a iluminação e o isolamento, rigorosamente e inflexivelmente, rigidamente observados, poderão extinguir não somente os focos epidêmicos, mas também os focos endêmicos. Foram, na realidade, essas medidas, e não o mosquiticídio, que muito atenuaram e mesmo destruíram os focos endêmicos e epidêmicos em Cuba e no Rio de Janeiro (CAIRO, 1910a, p.68).

Já se iam sete anos do sucesso das experiências de Emilio Ribas, e Nilo Cairo mantém sua posição em relação à transmissibilidade da febre amarela. E, ainda, reforça sua visão com as seguintes afirmações:

E se a febre amarela aí se alastra<sup>159</sup> com facilidade é que o relaxamento da constituição social, dos laços morais, políticos e religiosos, conseqüente às tradições de anarquia e desleixo coloniais, deixa sempre o cérebro das populações correspondentes numa instabilidade, que, diminuindo a energia nervosa do consenso vital, abre as portas aos mais tremendos flagelos do equilíbrio orgânico (CAIRO, 1910a, p.9).

Onde os marinheiros, estivadores e os estrangeiros recém-chegados e não aclimados, vivem aglomerados em péssimas condições de higiene, causadas pelo acúmulo de imundices, de lixo, de águas estagnadas, de toda a sorte de matérias orgânicas em adiantada decomposição, em casas mal iluminadas, mal ventiladas e mal asseadas, dispostas promiscuamente em vielas estreitas e sombrias, onde o ar com dificuldades se renova (CAIRO, 1910a, p.8-9).

---

<sup>159</sup> O autor refere-se ao Golfo do México, às Antilhas e ao litoral do Brasil.

Apesar do prestígio alcançado por Nilo Cairo no campo homeopático, pela sua inteligência, trabalho e tenacidade, ele terá dificuldades entre os futuros pares em empreitada a qual se envolveria, no Paraná, com a criação de uma universidade. Há um conflito entre as posições de Nilo Cairo e a "nova ciência"<sup>160</sup> emergente.

Além dessa oposição aos bacteriologistas, Nilo Cairo mantém-se, durante toda a sua vida, ligado ao vitalismo. Em *Elementos de Patologia Geral* Nilo Cairo já, no prefácio, manifesta sua visão sobre as questões a serem tratadas no livro e faz alerta aos leitores sobre possíveis contradições entre sua visão vitalista e os conteúdos a serem tratados na disciplina de Patologia Geral (CAIRO, 1931b). Refere-se à Escola Militar da Praia Vermelha como o lugar onde aprendeu as lições do vitalismo.

"A cátedra não é lugar de polêmica" é o alerta que faz e afirma que por "obrigação de professor" tratará de alguns temas, com os quais não tem concordância. Nilo Cairo, apesar das polêmicas em que se envolve, mantém suas posições intelectuais e não perde oportunidade de defendê-las, sempre, mesmo tendo uma produção intelectual tão diversa. Esse prefácio datado de 15 de agosto de 1924 consta na segunda e na terceira edição.

Na edição de 1931, a qual utilizamos para a compreensão da visão do vitalismo, Nilo Cairo quando trabalha a concepção da saúde e da moléstia desenvolve as ideias de que: a) a saúde resulta de mecanismos adaptativos do organismo internamente e na relação com o meio ambiente; b) o sistema nervoso é que rege esta adaptação; c) as partes trabalham para o todo e o todo para as partes. Assim, reafirma suas posições em relação à totalidade. Em relação à moléstia observa que se trata de uma "ruptura da unidade funcional..."

Há uma articulação entre as ideias de totalidade, unidade funcional e unidade vital ou vitalismo. Pressupondo que as influências patogênicas atuam no sentido de desorganizar a unidade funcional, o autor reconhece que a moléstia é um "estado geral de desordem funcional" (CAIRO, 1931b, p.20) e afirma que "uma moléstia é sempre a localização de um estado mórbido fundamental e geral" (p.21). Essa abordagem é vitalista e assim cita Augusto Comte: "o corpo torna-se cada vez mais apenas o suporte da alma".

---

<sup>160</sup> Termo atribuído por Nilo Cairo à bacteriologia.

Passa a discutir diferentes visões a respeito dos termos afecção e moléstia citando as posições das escolas de Montpellier e de Paris. Afirma ao final que a posição da escola de Paris lhe parece "uma querela de palavras" (CAIRO, 1931b, p.24-25). Nilo adota postura crítica em relação à escola de Paris, a qual tornara-se referência em relação às teorias materialistas, enquanto a de Montpellier baseava-se nas teorias vitalistas.

Não apenas defende que "toda moléstia é geral", mas também que "ela abrange tanto a perturbação das funções corpóreas como a das funções psíquicas ou da alma" (CAIRO, 1931b, p.27).

Ao final do livro desenvolve a noção de unidade vital reafirmando que "a moléstia não reside no organismo [órgão ou parte] lesado ou na função alterada isoladamente, mas sim na afecção geral da unidade vital que conduz a essa lesão fundamental ou orgânica" (CAIRO, 1931b, p.32).

Reforça o papel da natureza no processo de cura, referindo-se a Hipócrates e sua visão vitalista quando, então, aponta a *natura medicatriz* (CAIRO, 1931b, p.634). Para Hipócrates, havia três possibilidades de cura: a cura pelos contrários (princípio da alopatia), a cura pelos semelhantes (princípio da homeopatia) e *natura medicatriz*, que é a cura pela própria natureza sem necessidade de intervenção médica. A cura pela natureza seria justificada pela capacidade curativa de um princípio vital.

Afirma que a escola hipocrática ficou oculta na Idade Média, mas renasceu em Montpellier, escapando das concepções da escola de Paris. Refere-se a diversos autores do pensamento médico, mas sintetiza as vertentes nas "duas grandes reformas barthesiana e broussesiana" (CAIRO, 1931b, p.634-635).

Atribui a Barthez concepções vitalistas e a Broussais, a redução ao organicismo, destruindo a patologia, sendo que este, porém teve o mérito de ter estabelecido a lei de que "o estado patológico não difere do estado normal senão por diferença de intensidade dos fenômenos correspondentes" (CAIRO, 1931b, p.635).

Afirma que as descobertas de Pasteur não podem neutralizar séculos de conhecimentos (vitalistas); faz uma extensa discussão sobre a bacteriologia, sempre reafirmando: "que os verdadeiros clínicos nunca cessaram de protestar contra os hábitos dispersivos do materialismo que isolam a alma do corpo" (CAIRO, 1931b, p.636-637).

Em *Elementos de Fisiologia*, cuja primeira edição é de 1916<sup>161</sup>, mesmo ano de *Elementos de Patologia Geral*, após reconhecer, no prefácio da segunda edição, datado de 25 de outubro de 1925, que muitas vezes o livro tem transcrições das fisiologias mais em voga, explicita:

Não me limitei ao servilismo muito comum de uma simples compilação. Afora o programa, que é meu, dei frequentemente balanço nos resultados científicos adquiridos, afirmando meus princípios e minhas convicções, sem que me detivesse o fetichismo do livro francês, chegado pela última mala, ou me anquilosasse o terror covarde de ir de encontro à maioria... (CAIRO, 1926b, v.1, p.vii).

Nilo Cairo, apesar das contradições que possam ocorrer entre as disciplinas que ministra na universidade e seus princípios, nunca deixa de afirmar a sua independência intelectual e reafirmar seus princípios: "logicamente, pois, como experimentalmente, a vida não resultou nem resultará das forças físico-químicas" (CAIRO, 1926b, v.1, p.20).

As concepções de Nilo Cairo a respeito do vitalismo ficam claras nesse livro, em que ele faz um breve histórico a respeito dessa corrente, citando os seus principais autores e ao final do livro tece considerações que o colocam claramente ao lado do vitalismo e longe do animismo ou espiritualismo.

Para Nilo Cairo, na Grécia antiga concorriam duas correntes de explicação da vida: aqueles que acreditavam em uma alma independente do corpo eram os *espiritualistas*. Os outros, os *materialistas* partiam da ideia que a vida poderia ser explicada pelo mecanismo matemático dos átomos. Para os materialistas, a explicação do fenômeno vital poderia ser reduzida à manifestação da atividade físico-química das moléculas (CAIRO, 1926b, v.1, p.2).

Citando Aristóteles, em o *Tratado da Alma*, Nilo Cairo opta por definir a vida a partir da capacidade de nutrição, sendo que a vida se caracterizaria pela presença, no mesmo ser, de três fenômenos encadeados: nutrir-se por si mesmo, desenvolver-se e perecer. "Mas Aristóteles era espiritualista e acabou por complicar a sua concepção da vida pela intromissão de um princípio vital e a existência de uma alma, de que a

---

<sup>161</sup> Tivemos acesso a primeira edição, de 1916, na Biblioteca Nacional, porém optamos por trabalhar com 2.<sup>a</sup> edição, esta de 1926, por tratar-se de obra mais completa e disponível no acervo do autor. Temos também no acervo particular a 3.<sup>a</sup> edição, de 1931.

vida era uma propriedade." (CAIRO, 1926b, v.1, p.3). Nilo Cairo afastar-se-á, como veremos, da ideia de uma alma imperecível e independente.

Com Descartes a vida passa a ser explicada pela física orgânica, assim "os órgãos foram considerados como crivos, prensas, válvulas, tubos, alavancas etc.". Nilo se mostra crítico à visão cartesiana referindo-se ao *avassalamento* da razão humana pelo materialismo cartesiano, em contraposição ao já decadente espiritualismo católico. Refere-se, ainda, ao cartesianismo como *aberração*, bem ao seu estilo agressivo, no embate das ideias (CAIRO, 1926b, v.1, p.3).

Como oposição ao materialismo cartesiano, autores como Stahl, trazem a *alma* como o centro da saúde e da doença humanas, Van Helmont com o conceito de *archêo* e o *princípio vital* de Barthez (CAIRO, 1926b, v.1, p.3).

O vitalismo de Stahl (1660-1734), que ensina na Faculdade de Halle, pressupõe a existência de uma alma, a qual tem o papel de conservar a integridade do organismo. Assim, o vitalismo de Stahl é animista. Esse autor aceita a ideia de Deus como necessária para a existência da alma e do princípio vital. Para Barthez (1734-1806), da Escola de Montpellier, não há necessidade de recorrer a Deus para explicar o vitalismo e o fenômeno vital (SAYD, 1998, p.47-48).

O vitalismo de Barthez deve ter influenciado Nilo Cairo, em função da filiação deste ao pensamento homeopático, pois nos tratados de homeopatia há, quase sempre, uma associação do pensamento de Hahnemann ao vitalismo barthesiano.

Mas é na descrição das concepções de Bichat (1771-1801) que Nilo Cairo se demora. Bichat, ao descentralizar o princípio vital, localizando-o em cada célula, deu à concepção da vida "um rumo científico e positivo, libertando-se das investigações metafísicas sobre a essência do fenômeno vital" (CAIRO, 1926b, v.1, p.4).

Esse autor permitiu a correlação anatomoclínica. A identificação dos tecidos lesados e não apenas dos órgãos foi a contribuição de Bichat, que embora não tenha usado microscópio, introduziu a histologia. A doença deixa de ser entendida a partir da superfície do corpo e passa a penetrar o interior do organismo (FOUCAULT, 2001, p.141-147).

Apesar de Nilo Cairo discordar de Bichat quanto ao papel do ambiente em relação ao organismo vivo, Bichat oferece a Nilo a explicação do princípio vital que ele procura localizando-o nas células e nos tecidos. Assim o princípio vital deixa de ser um conceito vago e passa a comandar a ciência da vida, a biologia.

Há uma aparente contradição em Nilo Cairo, pois, ao tentar dar cientificidade ao fenômeno vital aproxima-se das explicações físico-químicas, as quais ele associa ao materialismo. Para ilustrar essa contradição, podemos transcrever a definição de De Blainville, a qual Nilo Cairo adjetiva como "verdadeira definição científica da vida":

Um corpo vivo é uma espécie de retorta química, onde há todos os instantes entram moléculas novas e saem moléculas antigas, onde a combinação jamais se fixa, salvo em certo número de partes verdadeiramente mortas ou de depósito, mas, mesmo nestas, por assim dizer o movimento continua mais ou menos lento e algumas vezes com produção de calor. A vida é, pois, o resultado de uma espécie de combinação química, que se repete durante um tempo mais ou menos longo, com uma energia mais ou menos forte; ou ainda a vida é o resultado de uma combinação sucessivamente repetida (CAIRO, 1926b, v.1, p.6).

E, acrescenta Augusto Comte: "a vida é o duplo movimento intestino, ao mesmo tempo geral e contínuo, de composição e decomposição, que apresenta um organismo dado, sem se destruir, em um meio conveniente". Com essas definições Nilo Cairo acredita estar afastando as inúteis especulações metafísicas e teológicas dando positividade aos conceitos (CAIRO, 1926b, v.1, p.6).

A aparente contradição pode ser explicada pelo fato de que as definições acima teriam que ser tão amplas que incluíssem no conceito toda a forma de vida, como, por exemplo, a vida meramente vegetativa. Assim, o próprio Nilo Cairo reconhece que: "a quem quer que examine a definição de vida, que acabamos de dar, pode parecer que ela reduz o fenômeno vital a um fenômeno puramente químico de composição e decomposição e que assimila o organismo humano a uma mera retorta de laboratório" (CAIRO, 1926b, v.1, p.8).

Não reduzir a vida aos fenômenos físico-químicos, significa reconhecer, que apesar de haver nos processos de composição e decomposição reações químicas e físicas existe uma especificidade da vida, no que refere ao agrupamento, à ordem e à sucessão e, ainda, à harmonia, em que essas reações ocorrem (CAIRO, 1926b, v.1, p.12).

Assim, "a vitalidade, como disse Bergson, é tangente às leis físicas e químicas, mas não lhes é senão tangente, como diz Jankelevitch, sem jamais poder ser explicada por elas de um modo completo ou mesmo suficiente" (CAIRO, 1926b, v.1, p.12).

Nilo Cairo refere-se à eterna luta entre vitalismo e materialismo e citando a Escola de Montpellier e a Escola de Paris, respectivamente berço do vitalismo e materialismo na medicina; opta, claramente por Montpellier. Reconhece as contribuições para a ciência trazidas pelo materialismo, mas lhe retira a primazia da explicação dos fenômenos vitais (CAIRO, 1926b, v.1, p.18-19).

As definições apresentadas por Nilo Cairo são a seguir transcritas:

O vitalismo é, em fisiologia, a doutrina que considera o fenômeno vital como um fenômeno *sui generis* no conjunto dos fenômenos naturais, irreduzível a qualquer outro e submetido a leis próprias, cujo estudo consiste o objeto de uma ciência à parte na escala das ciências, que se chama biologia.

O materialismo, pelo contrário, cujas raízes vêm dos filósofos da antiga Grécia, é, em fisiologia, a doutrina que considera o fenômeno vital como um simples fenômeno físico-químico, regido pelas leis físicas e químicas, e que não mereceria as honras de constituir o objeto de uma ciência independente e à parte: para os discípulos desta doutrina, a vida é um fenômeno físico-químico tão legítimo como o que se passa em um tubo de ensaio ou em uma retorta química (CAIRO, 1926b, v.1, p.8-9).

Seguramente o vitalismo de Nilo Cairo afasta-se do animismo de Stahl e, a partir do positivismo de Augusto Comte, ele também se afasta de qualquer explicação teológica:

Vê-se assim, por tudo quanto temos dito até aqui, que a alma não é mais do que o conjunto das funções corticais do nosso cérebro, e que ela resulta do funcionamento de um aparelho fisiológico da vida animal, tendo por substrato material as células nervosas ou neurônios psíquicos do córtex cerebral. São, pois, essas células que fabricam os nossos sentimentos, os nossos pensamentos e os nossos atos, como a célula do fígado fabrica a biliar, a célula pancreática o suco pancreático, como o ovário o óvulo, o testículo o espermatozoide, a célula renal a urina.

Seja como for, o que é certo é que, assim concebida, a alma, animal ou humana, deriva apenas de uma transformação energética de protoplasmas diferenciados. Sua extensão e seu poder têm limites, e sua existência também. Sob pena de ignorância, de imbecilidade ou de loucura, não se pode mais emprestar-lhe senão as propriedades dos elementos anatômicos, aos quais ela está ligada e com os quais ela está condenada a viver. Daí consequências que de um só golpe arruinam todas as divagações da metafísica, que resultam, no fundo, do nosso instinto de conservação, do desejo que a maioria tem de nunca morrer; a alma não é mais imortal, pois que as células corticais, que lhe servem de substrato material, são perecíveis. Como estas, a alma está, pois, submetida às leis biológicas do desenvolvimento e da decadência; ela obedece à lei da renovação contínua e à lei da hereditariedade; ela enfim morre, como o cérebro e tudo o mais na natureza viva (CAIRO, 1926b, v.2, p.598-599).

A totalidade aparece, ao final de *Elementos de Fisiologia*, como uma unidade psíquica, regente de todas as outras funções. Há certa harmonia na unidade vital, que só é possível por existir "relações fixas de subordinação" (CAIRO, 1926b, v.2, p.661).

É estranho que Nilo Cairo após tanto opor-se ao materialismo e ao mecanicismo cartesiano, possa utilizar-se de terminologia como "máquina complexa" para se referir ao organismo animal e humano (CAIRO, 1926 b, v.2, p.663).

Quando se refere à complexidade do organismo, está procurando mostrar que a harmonia vital, no ser humano, repousa sobre a harmonia ou a unidade das funções psíquicas, e aponta a subordinação das demais funções àquelas funções.

Assim, o homem não se compõe somente de funções isoladas. Ele constitui um todo harmonioso, no qual tudo se liga e tudo se encadeia para formar um só indivíduo e de alguma sorte uma única grande função, composta de todas as outras funções. É pelo sistema nervoso, presidido pelo cérebro, que são coordenados esses diversos elementos de que a nossa economia é composta: ele os liga e os combina numa certa proporção de equilíbrio para as harmonizar e executar num ritmo regular. O homem constitui assim uma grande unidade, em que tudo se encadeia, sem se confundir, e tudo se distingue, sem se separar. [...] E, com efeito, por toda a parte no organismo, vê-se esse fim comum, essa tendência geral para esse fim, essa conspiração de todas as partes para essa harmonia (CAIRO, 1926 b, v.2, p.665-667).

A ideia de totalidade corrobora a visão vitalista de Nilo. Para este, o vitalismo se opõe ao materialismo pelo fato de que os fenômenos vitais são irreduzíveis às reações físico-químicas e devem ser considerados fenômenos submetidos a leis próprias, aquelas da biologia.

Porém, esses fenômenos, como os nossos sentimentos, pensamentos e atos, nascem por processos localizados nas células do cérebro, e, portanto, morrem quando a vida biológica acaba. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o vitalismo de Nilo Cairo aproxima-se do materialismo por não considerar a sobrevivência da vida para além das condições materiais. Como diz Nilo, a alma não sobrevive após a morte. Ela se localiza no cérebro.

Essa diferença de concepções que antagonizam o vitalismo e o materialismo, tendo Nilo optado pelo vitalismo, estarão na origem dos conflitos que ele enfrentará em Curitiba, onde predominarão concepções da nova ciência, a bacteriologia, a qual se apropria de princípios materialistas. A sua opção pela homeopatia está de acordo com sua visão vitalista, opção que também lhe trará problemas.

Nilo Cairo, em 1924, ao tratar da homeopatia<sup>162</sup>, queixa-se que esse ramo da medicina vem sofrendo resistências por se tratar de uma medicina filha do vitalismo, em um momento em que imperam as concepções materialistas.

A ciência não pode, pois, facilmente emancipar-se dos seus velhos princípios. Filha da reação contra o espiritualismo, ao surgir a Renascença com os primeiros passos da queda do "catolicismo", ela criou logicamente o materialismo. Esse materialismo criou, em medicina, esse "humorismo moderno", que hoje impera em todas as Faculdades, onde se fazem médicos. É a física e a química que dominam todas as concepções. As próprias concepções ou imagens puramente lógicas, como um anticorpo ou um hormônio, são consideradas substâncias químicas definidas, e os fenômenos mais complexos da nossa psicologia um jogo de quimismo fisiológico.

Assim é justamente na classe mais culta da medicina, onde a homeopatia encontra o seu pior inimigo, a mais séria barreira a transpor (BRUCKNER, 1944, p.vii).

## 7.2 NILO CAIRO E O POSITIVISMO

Na tese *Similia Similibus Curantur* Nilo Cairo já deixa clara a sua filiação ao pensamento positivista, citando Augusto Comte de forma exaustiva. Ao afirmar que a "medicina nos oferece o triste espetáculo de um conjunto de opiniões heterogêneas sem laços nem unidade, de teorias arbitrárias e artifícios quiméricos", propõe a "sistematização definitiva das doutrinas médicas". E, é nesse momento que evoca a filosofia comtiana para organizar o que chama de anarquia mental que reina atualmente nessas doutrinas (CAIRO, 1903, p.5-7).

---

<sup>162</sup> Nilo Cairo participou da divulgação no Brasil da obra *O Médico Homeopata da Família*, versão portuguesa por Francisco José da Costa do livro *Medicina Homeopática Doméstica* do Dr. Bruckner da Basileia. Nilo Cairo aparece nos elementos pré-textuais como tendo corrigido e melhorado o livro e expõe suas opiniões logo no início da obra, com o objetivo de apresentá-la ao público. Tendo os editores adquirido os direitos de publicação em 1920, encomendaram à Nilo Cairo a tarefa de revisá-la, adaptando-a aos progressos da homeopatia. Nilo afirma, no prefácio da obra na versão brasileira, em 1924, que acrescentou as indicações características de mais de 300 medicamentos, corrigiu e atualizou algumas concepções e descrições sobre a patologia das moléstias, aperfeiçoou o tratamento homeopático indicado de todas as moléstias descritas e acrescentou numerosas moléstias que faltavam, além de atualizar a linguagem adaptando-a à língua local e à ciência moderna. O resultado foi um livro de 1.072 páginas (BRUCKNER, 1944).

[...] a sistematização definitiva das doutrinas médicas não poderia emanar da pura medicina, que apenas preparou os materiais com que Augusto Comte a realizou, instituindo a Moral, isto é, o conhecimento do homem, o que vem confirmar mais uma vez o aforismo sociológico: toda sistematização parcial supõe a síntese geral. Mas se o poderoso gênio, que concebeu a Religião da Humanidade, lançou todos os princípios essenciais desta grande reforma médica, infelizmente a sua morte prematura [...] nos deixou sem uma regra geral de indicações terapêuticas, quando as exigências da situação do doente, na qual as variações excepcionais do organismo ameaçam comprometer a existência, obrigam o médico a intervir ativamente no corpo pelo emprego de substâncias farmacêuticas (CAIRO, 1903, p.11).

E, mais adiante, citando Comte afirma:

*É verdade que a 'medicina apresenta um vício lógico essencial, pois que ela é sempre reduzida a recorrer a processos gerais em casos especiais', em outros termos, 'a irracionalidade da arte médica resulta deste fato que as concepções são nela sempre coletivas, enquanto as suas aplicações se tornam sempre individuais: de sorte que a harmonia mútua fica essencialmente fortuita, como o indicam as dissidências habituais dos diversos médicos relativamente aos casos mais insignificantes.'* (CAIRO, 1903, p.11-12).

Ao propor que o princípio *similia similibus curantur* da homeopatia, é o princípio que rege, inclusive, a ação dos medicamentos alopáticos, Nilo Cairo está em busca de uma organização, de uma ordem no pensamento médico, para se contrapor à anarquia reinante. Alega que "a base da terapêutica é incompleta, incerta e movente" (CAIRO, 1903, p.12). Refere-se à Medicina Oficial<sup>163</sup> como uma torre de Babel, onde todos acrescentam tijolos e ninguém se lembra de acrescentar o cimento (p.6). Acusa o "deplorável estado de dissolução e dispersão, em que lançaram de um lado os *patogenistas* descendentes de Virchow e de outro lado os *microbiologistas* exagerados descendentes de Pasteur" (p.9).

---

<sup>163</sup> É assim que Nilo Cairo se refere à medicina alopática.

Crítica o niilismo terapêutico<sup>164</sup> ao afirmar que:

[...] tem-se assistido a este espetáculo: os alunos aprendendo a conhecer as lesões e os sinais das moléstias e pouco se importando com o tratamento; os médicos passando um tempo considerável a desembrulhar sintomas e a fazer o diagnóstico, depois se esquecendo de formular um tratamento ou cumprindo esta obrigação importuna por decoro, apressada e levianamente, como um vão cerimonial (CAIRO, 1903, p.13).

E, completa:

Medicina, pobre ciência!  
Médicos, pobres sábios!  
Doentes, pobres vítimas! (CAIRO, 1903, p.13)

Nilo Cairo conclui a tese *Similia Similibus Curantur* trazendo Hahnemann e Augusto Comte como ordenadores dessa situação em que se encontra a medicina e principalmente a terapêutica. Afirma que "toda investigação científica que não tiver por fim satisfazer as nossas necessidades morais, intelectuais ou práticas, não é senão uma curiosa divagação do espírito, que deve ser energicamente reprimida em nome da Humanidade como profundamente perniciosa ao coração" (CAIRO, 1903, p.134).

Nilo Cairo embora esteja preocupado com uma prática médica que cuide do indivíduo na sua totalidade, é conservador em relação à ciência que se configura a partir de Pasteur, negando os avanços representados pela bacteriologia e seu desdobramento na Medicina Experimental.

Rende homenagem à memória de Hahnemann, dizendo que este se aproximou do pensamento que Augusto Comte, mais tarde, desenvolveria ao escrever "esse monumento imperecível, atestado eterno do poder do gênio humano, que se chama SISTEMA DE POLÍTICA POSITIVA" (CAIRO, 1903, p.141).

---

<sup>164</sup> O niilismo terapêutico é consequência do ceticismo de um grupo de médicos, no século XIX, em relação aos medicamentos disponíveis. O período em que o niilismo terapêutico ou ceticismo terapêutico esteve em voga entre a emergência do modelo anátomo-clínico (o termo biópsia é de 1879) e até surgimento medicamentos sintetizados em laboratório (o Salvarsan, anti-sifilítico é de 1910) (SAYD, 1998, p.17).

Conclama aqueles que estão à frente do "movimento positivista de reforma social e moral e que combatem na vanguarda pela regeneração da espécie humana" a incorporarem a homeopatia, expurgada da metafísica, à Religião da Humanidade (CAIRO, 1903, p.142).

As relações entre o físico e o moral do homem devem ser objeto do conhecimento do "médico verdadeiramente sábio", e este terá condições de utilizar esse instrumento terapêutico em cada caso individual. Assim, como dizia Augusto Comte, o médico criterioso poderá *curar melhor, drogando menos* (CAIRO, 1903, p.143).

Dessa forma, Nilo Cairo após abrir o trabalho problematizando a anarquia em que se encontra a terapêutica na medicina, desenvolve a análise do princípio de atuação dos medicamentos alopáticos e conclui apresentando semelhanças entre o pensamento de Samuel Hahnemann e Augusto Comte. A concepção positivista é evocada como ordenadora da realidade e a homeopatia expurgada da metafísica, como método seguro no caminho de regeneração da terapêutica. Nilo considera que a terapêutica está degenerada porque não possui um método claro. Identifica no pensamento de Hahnemann o método de que a medicina necessita.

Em suas conclusões aproxima-se, mais ainda, do pensamento de Augusto Comte:

Tomando, pois, o homem no momento da concepção, até a morte, o sacerdócio da religião universalmente aceita, digno intérprete da moralidade pública, far-lhe-á sentir incessantemente, por instituições próprias a cada idade da vida, seu destino final e saberá combinar, por meio da educação, que se tornará então a sua principal preocupação, o conjunto das forças morais, intelectuais e materiais, de modo a conservar entre elas uma completa harmonia. E como esta harmonia individual está subordinada à manutenção da harmonia coletiva, nós vemos como o restabelecimento da ordem ocidental deve tornar-se o objetivo de nossas mais ativas solitudes, esforçando-nos pela adoção de uma nova religião capaz de substituir os restos impotentes do catolicismo expirante. E quando por outro lado, as solitudes sociais se voltarem com mais inteligência e atividade para o saneamento de nosso planeta, nós teremos atingido o ideal da profilaxia mais rigorosa, em que o homem poderá ter a esperança de ver desaparecer quase todos os tipos patológicos da doença, que atualmente flagelam a sociedade, ou pelo menos de vê-los raramente se manifestarem (CAIRO, 1903, p.144).

Nilo Cairo tem um projeto de sociedade, a partir da medicina, que passa pela busca de uma sociedade mais harmônica, mais ordenada, tendo o imperativo da moral como caminho e uma concepção de ciência positiva a alicerçar o conhecimento humano. Esse projeto vai acompanhar Nilo Cairo em toda a sua trajetória.

A homeopatia aparece como regeneradora da sociedade e como alternativa ao niilismo terapêutico em voga:

Mas de todos estes meios destinados a restabelecer o estado normal, uma vez formada a moléstia, é preciso que o sacerdote da futura religião, que há de ser a Religião da Humanidade, se lembre de que é do último<sup>165</sup> que ele deve principalmente lançar mão, quando a sua intervenção farmacêutica for exigida pela gravidade das circunstâncias: porque o princípio que, levando sempre em conta o conjunto de cada caso individual, satisfaz mais às condições de um tratamento positivo, é o princípio imortal de Hahnemann (CAIRO, 1903, p.145).

Na parte final da tese, anunciando as proposições, Nilo Cairo lança mão de uma epígrafe de Augusto Comte, na qual este afirma que a saúde consiste em unidade física e moral e que o ofício médico deva ser visto como um sacerdócio (CAIRO, 1903, p.147).

Nas proposições Nilo Cairo recorre a Augusto Comte e seus seguidores várias vezes para fazer as observações que julga pertinentes a respeito do curso de medicina que acabara de concluir e ao qual se referiu como "calvário intelectual". Percebe ao seu redor uma sociedade em anomia e vê no positivismo a força restauradora capaz de estabelecer a sua regeneração.

Nilo Cairo afirma que suas concepções filosóficas foram construídas na Escola Militar da Praia Vermelha, onde aprendeu as primeiras lições sobre o vitalismo e condenou o materialismo (CAIRO, 1931b, p.9-10). A origem militar de Nilo Cairo e o momento histórico que ele vive no Rio de Janeiro (1892) – início da República – alinha-o aos republicanos<sup>166</sup>, assumindo as concepções positivistas que estão na origem da República.

Antes da tese *Similia Similibus Curantur*, Nilo Cairo, ainda estudante de medicina, publica o artigo intitulado *Positivismo e Homeopatia* nos *Anais de Medicina Homeopática* (ANNAES, n.1, 2, 3, jan., fev., mar. 1903, ano V). Essa primeira aparição de Nilo Cairo nos *Anais de Medicina Homeopática* é um diálogo que ele estabelece a

---

<sup>165</sup> Refere-se ao parágrafo anterior, no qual descreve a administração de medicamentos usados com princípios homeopáticos, ao lado das ações de melhoria da saúde geral, higiene pública e privada e difusão da moralidade.

<sup>166</sup> Nilo Cairo esteve "embarcado" no período da Revolta da Armada, em 1894, como consta em sua trajetória.

propósito da publicação da circular *Positivismo e Vegetarianismo* de Miguel Lemos. Ao longo do artigo Nilo Cairo contrapõe-se às ideias de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, embora compartilhem da mesma doutrina filosófica e dos ideais da República. A divergência será em relação à homeopatia.<sup>167</sup>

Miguel Lemos e Teixeira Mendes se opunham às posições mais heterodoxas de Emile Littré (1801-1881), consideradas por eles como passivas por não representarem a integralidade da filosofia comtiana. Alinham-se, entretanto, às posições de Laffitte, este concordante com Augusto Comte, inclusive no que se refere à Religião da Humanidade (SILVA, 2008, p.9).

No artigo em questão Nilo Cairo usa a expressão "laffitices" para questionar as posições de Teixeira Mendes e Miguel Lemos. O que está em jogo aqui são posições divergentes em relação ao positivismo, os mais ortodoxos, também chamados de positivistas apostólicos se envolvem na Religião da Humanidade para difundir a ideia de uma nova sociedade, enquanto os heterodoxos mantêm uma posição mais distante da Religião da Humanidade e se aproximam da ciência. Estes seriam os positivistas acadêmicos, entre os quais Nilo Cairo se inscreve.

O que chama a atenção no artigo é a astúcia argumentativa de Nilo Cairo, o qual se utiliza da aceitação do vegetarianismo por Miguel Lemos e também lembra a aceitação do mesmo da intoxicação microbiana, para trazer os interlocutores ao debate das suas opiniões. A primeira parte do artigo trata de mostrar como Miguel Lemos e Teixeira Mendes estão relativizando a doutrina comtiana ao aceitar, no presente, o vegetarianismo, já que Augusto Comte defendeu o regime carnívoro. Agregada a esta tomada de posição dos positivistas ortodoxos, Nilo Cairo lembra que os ortodoxos também aceitaram a teoria microbiana.

Feito isso, e após declarar que ele próprio convertera-se ao vegetarianismo, em 1898, por conselhos de seu saudoso mestre, o Francisco de Castro, Nilo Cairo parte para o ataque.

---

<sup>167</sup> Miguel Lemos após uma viagem à França, e em contato com Pierre Laffitte (1823-1903), da Igreja Positivista da França, converteu-se ao apostolado positivista. Fundou a Igreja Positivista do Brasil em 1881. Pierre Laffitte confere à Miguel Lemos o título de Diretor Provisório do Positivismo no Brasil (SILVA, 2008, p.9).  
Teixeira Mendes, cunhado e amigo de Miguel Lemos, é citado por Nilo Cairo como Vice-diretor do Apostolado Positivista do Brasil.

Trata-se da conclamação aos positivistas para que aceitem a homeopatia:

De qualquer forma, porém, esta nova resolução do eminente Snr. Miguel Lemos, incorporando a alimentação vegetariana à religião positiva, mostra bem o espírito de relatividade que o anima presentemente para com umas tantas concepções ou práticas que, embora dando os mais belos e evidentes resultados, tem sido condenadas em nome de Augusto Comte, devido, parece-me, ao louvável empenho de interpretar ao pé da letra os seus escritos, e isto sem se examinar mais profunda e conscientemente o assunto que se condena. Mas agora, que os dois casos de que acabamos de falar (doutrina microbiana e vegetarianismo) nos vem mostrar quanta atenção são capazes de conceder a tais problemas ou dois eminentes chefes do apostolado Positivista do Brasil, nós ousamos alimentar a doce esperança de que, num porvir não muito distante, S.S.E.Ex.<sup>a</sup> abordarão com a mesma atenção o minucioso exame de um método terapêutico, até hoje proscrito por eles em nome de Augusto Comte e que tem sido tão injustamente qualificado de metafísico. Eu quero falar da homeopatia, dessa homeopatia tão condenada e tão mal compreendida, mas sempre tão triunfante, dessa homeopatia declarada incompatível com a ortodoxia positivista, mas onde eu nada encontrei contrário aos ensinamentos do venerando Mestre (ANNAES n.1, 2 e 3, jan., fev., mar. 1903).

A maestria de Nilo Cairo revela-se nesse embate. Nilo Cairo costumava, como já foi dito, usar as palavras do adversário para mostrar os seus próprios pontos de vista.

Nilo Cairo e os homeopatas do Instituto Hahnemanniano do Brasil e os positivistas do Apostolado Positivista do Brasil, como Miguel Lemos e Teixeira Mendes, pertencem à mesma configuração social. Nilo Cairo considera, porém, Miguel Lemos e Teixeira Mendes seus opositores e parte para o ataque, mesmo quando não existe provocação direta às suas posições. Essa escolha é a estratégia usada para legitimar sua posição em relação à homeopatia, já que Miguel Lemos e Teixeira Mendes aceitam as teses microbianas derivadas da bacteriologia e ao defenderem o vegetarianismo desviam-se do positivismo ortodoxo.

Atento, aproveita as manifestações dentro da configuração para defender as suas ideias e legitimá-las. Para tanto, lança mão da ironia e de artifícios que o isolam mais no seio da configuração.

Nilo considera que a sociedade em seu estado de anarquia necessita do pensamento positivista para a sua regeneração e ordenamento. A homeopatia representa para ele um dos meios de regeneração da sociedade mediante a regeneração do indivíduo, porque o considera como totalidade, e também da medicina ao ordenar práticas terapêuticas. Porém, sua intensa atuação no *Instituto Hahnemanniano do Brasil* não evita que haja um rompimento, o que culmina com a sua retirada do

Instituto. Nilo Cairo, afastando-se da configuração médico-homeopática do Rio de Janeiro, engaja-se na configuração médico-intelectual do Paraná para manter a sua luta por uma sociedade regenerada pelo positivismo.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa tese foi abordar a trajetória de Nilo Cairo levando em consideração a sociologia elisiana. Partimos da preocupação em situá-lo no conjunto das relações que viveu no Rio de Janeiro e em Curitiba. Nesse sentido, o fio condutor deste trabalho foi a noção de configuração social, porque ela nos permite abandonar a ideia de indivíduo isolado fazedor de grandes feitos e entender suas ações relacionalmente.

Como sabemos, o que viabilizou a formação médica de Nilo, foi sua saída do Paraná para estudos na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde se forma engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas. É como oficial do exército que realiza o curso de medicina. Permaneceu durante pouco tempo na carreira militar, tendo sido reformado pelas suas condições físicas. No exército Nilo não se transformou num militar destacado, porém é na formação militar que Nilo se encontra com o positivismo, assumindo as posições propostas por Benjamin Constant. Isso o transforma num republicano e liberal.

Nesta tese nos interessava compreender o papel do positivismo no pensamento e na ação de Nilo Cairo e assim abordamos sua trajetória militar na medida em que nos permitiu responder a esta questão, a qual consideramos fundamental para o recorte que fizemos.

No Rio de Janeiro, Nilo pertenceu ao que consideramos configuração médico-homeopática, composta principalmente por médicos e farmacêuticos homeopatas reunidos em torno do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*, onde conquistou posição de destaque, chegando a ser o redator dos *Anais do Instituto*, principal periódico da medicina homeopática brasileira.

Desde esse lugar se contrapunha a emergente medicina bacteriológica ou experimental representada por Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e Emílio Ribas em São Paulo. No interior do *Instituto* a partir de uma polêmica instaurada por Dias da Cruz, entre o pensamento homeopático unicista e complexista, Nilo inviabiliza sua permanência no *Instituto* e no Rio de Janeiro.

A posição de destaque no *Instituto* lhe permitiu acumular significativo capital simbólico e social<sup>168</sup> na configuração, chegando a ser um dos agentes com mais poder dentre seus pares. Em Curitiba desde 1906, Nilo retorna ao Rio de Janeiro ao final de 1911, porém desgastado no *Instituto*, faz uma última tentativa de reconquistar seu prestígio ao participar, com antigos companheiros do *Instituto*, da criação da *Sociedade Homeopática Brasileira*, a qual albergaria, além de um hospital homeopático e uma policlínica homeopática para indigentes, também uma escola de medicina homeopática, tendo em vista a formação de médicos homeopatas.

O fracasso dessa tentativa, atribuída por Nilo Cairo à falta de apoio por parte de Joaquim Murinho, homem de elevado prestígio social e político e presidente do *Instituto*, leva-o a desligar-se definitivamente dessa instituição.

O fracasso dessa proposta representou a ruptura com o *Instituto* e com a configuração médico-homeopática do Rio de Janeiro. De volta ao Paraná Nilo não abandona sua preocupação com a educação e formação médica. Os fatos ocorridos no final de 1911 o fazem retornar a Curitiba em março de 1912. Nilo não demora a envolver-se em projeto semelhante em junho do mesmo ano.

A Lei Rivadávia de 1911 havia criado as condições para a criação, em 1912, tanto da *Faculdade Hahnemanniana* no Rio de Janeiro como da Universidade do Paraná. Nesse momento em Curitiba se formam dois grupos compostos por médicos, engenheiros, advogados, entre outros, visando à criação de uma universidade, a propósito da liberalização do ensino provocada pela lei de 1911. Um dos grupos era liderado por Victor Ferreira do Amaral que representava a elite paranaense ligada à economia do mate; o outro grupo, liderado por Nilo Cairo, é composto principalmente por egressos da Escola Militar, que estão a serviço em Curitiba e que representam o pensamento positivista. Dentre os militares, destaca-se Daltro Filho, responsável pelo discurso de inauguração da Universidade em 19 de dezembro de 1912.

O grupo de Victor do Amaral caiu na inatividade e o grupo de Nilo Cairo, mais operativo, retomou os trabalhos. Pelo seu prestígio, Victor foi convidado a se juntar ao grupo de Nilo Cairo. Com esta junção cria-se o que chamamos nesta tese configuração médico-intelectual do Paraná. O sucesso desta configuração reside no prestígio de Victor e na operosidade de Nilo, explicitando-se, assim, as relações de

---

<sup>168</sup> Ver Bourdieu, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

interdependência e complementariedade entre os agentes. Isso nos permite afirmar que o poder que se desenvolve no interior de uma configuração não é fruto de nenhum agente em si, mas de como se engendram as relações entre estes em seu interior e como exteriorizam em direção a agentes de outras configurações. Neste caso foi fundamental a aproximação com Carlos Cavalcanti, então Presidente do Estado, líder, portanto da configuração política que apoiou o projeto de criação da Universidade.

Na Universidade do Paraná, logo de início, Nilo Cairo desempenhou dois papéis, o de secretário da Universidade e o de professor nos cursos de Odontologia, Farmácia, e mais tarde no de Medicina e Cirurgia.

No curso de Medicina e Cirurgia Nilo Cairo seria responsável pelo ensino da homeopatia. Esta área do conhecimento consta do primeiro programa do Curso de Medicina nas cadeiras de *Homeopatia e Terapêutica Homeopática* e de *Clínica Homeopática*, ambas no 5.º ano do curso. Nilo Cairo seria o lente catedrático dessas disciplinas, mas a homeopatia não chegou a ser ministrada, pois foi extinta no ano seguinte, passando Nilo a ocupar a função de lente catedrático da cadeira de *Patologia Geral* do curso de Medicina e Cirurgia. Embora tenha ministrado outras disciplinas, além das citadas, o fato acima deve ser destacado por ser médico e homeopata.

Se havia uma continuidade entre o projeto do Rio de Janeiro (criação da Escola de Homeopatia) e o de Curitiba (Curso de Medicina e Cirurgia na Universidade do Paraná, com disciplinas de homeopatia), já no segundo ano da Universidade do Paraná a homeopatia desaparece da proposta. Para nós, esta é a primeira derrota de Nilo Cairo no Paraná, que terá desdobramentos posteriores. Assim, a hipótese de que sua filiação à homeopatia o tenha enfraquecido na configuração médico-intelectual de Curitiba sustenta-se na análise do material empírico. Basta para isso uma leitura atenta desse material. Essa condição de homeopata não é tratada com a dimensão que merece na maioria dos trabalhos sobre a Universidade do Paraná. Os trabalhos de Sigolo (1999, 2012) são dos poucos que se dedicam ao estudo do pensamento homeopático nesse período, envolvendo no seu estudo Nilo Cairo.

O papel de professor se consolida nas áreas de Patologia Geral e Fisiologia. Nilo adquire prestígio nacional e internacional por meio de dois livros voltados para o ensino dessas disciplinas, prestígio correspondente ao que atingira com obras de homeopatia, redator dos *Anais* e fundador da *Revista Homeopática Brasileira*.

É no exame do papel de Secretário da Universidade do Paraná que se depreende a importância da associação de Nilo com Victor do Amaral. É esta associação, muito mais do que a participação no ensino, que o mantém na configuração. As tensões com outros agentes da configuração, em certa medida, são "compensadas" pela sua relação com Victor e pela posição de direção na secretaria da Universidade do Paraná. Estrategicamente Victor se utiliza da capacidade operativa de Nilo Cairo para sustentar seu prestígio diante dos demais agentes e assim consolidar seu poder. Victor atua, assim, como fiador simbólico do projeto e como o responsável por colocar em prática as ideias do grupo fundador da Universidade. Assim, pode-se compreender para além das interdependências dos agentes nessa configuração, representadas aqui pelas figuras de Victor e Nilo Cairo, a centralidade do último para a Universidade do Paraná. Na verdade, há que se pensar em que medida Nilo e Victor são os portadores de um projeto coletivo. Na medida dessa compreensão esperamos estar contribuindo para o entendimento de uma dimensão mais próxima do papel que de fato Nilo e Victor desempenharam na fundação da Universidade.

A consolidação da medicina bacteriológica no Brasil no início do século XX se deve principalmente às ações de Oswaldo Cruz, após o seu retorno do Instituto Pasteur de Paris, onde estudou por três anos. É de lá que Oswaldo Cruz traz a nova orientação da medicina e das práticas de saúde pública, o que se consolida com a Reforma Urbana do Rio de Janeiro e a indicação dele para ocupar a Diretoria Geral de Saúde Pública, órgão máximo da saúde no Brasil e responsável pelo saneamento da cidade nessa Reforma.

O sucesso das ações de Oswaldo Cruz baseado na medicina bacteriológica reforça no Brasil essa nova tendência. Os médicos que atuam no curso de Medicina da Universidade do Paraná não ficam imunes a esta nova tendência. Assim, Nilo Cairo como homeopata, se opõe a essas tendências o que certamente provoca desgaste com seus pares e ao mesmo tempo perde progressivamente poder e prestígio como médico, a ponto de nunca exercer atividades no ensino da clínica. Um indicativo dessa perda é a total ausência de Nilo nas Atas da Santa Casa que neste momento era o núcleo das atividades clínicas em Curitiba e a sua queixa de que lá fora desprestigiado quando da eleição para a mesa da Santa Casa.

Mais uma vez, desgastado na configuração Nilo se retira, agora para o meio rural do Estado de São Paulo. O material ao qual tivemos acesso não permite afirmar

que Nilo Cairo constituiu aí ou mesmo pertenceu a uma nova configuração. O que se desprende da leitura e análise de suas cartas enviadas, principalmente a Victor do Amaral, é o isolamento em que se encontrava, do qual se queixava constantemente. De certa forma não se desliga totalmente de Curitiba e busca reatar com o *Instituto*. Volta por um curto período para o Rio de Janeiro, onde participa de algumas reuniões do *Instituto*, retornando em seguida para Curitiba.

Na fase rural Nilo se dedica à agricultura, embora tenha exercido também a clínica homeopática. Nesse período destaca-se sua produção bibliográfica voltada para as questões relacionadas ao cultivo de plantas e à criação de animais. É de se notar a intensa atividade na produção de guias e manuais dirigidos aos pequenos proprietários rurais.

É de sua permanência no interior que Nilo desenvolve sua visão sobre o caboclo e se contrapõe ao Programa de Profilaxia Rural do Governo. Para Nilo, a pobreza, a ignorância e as doenças que afetam o homem simples do meio rural devem ser combatidas pela educação. Essa concepção é coerente com seu engajamento da produção de Guias e Manuais para o agricultor.

Nilo Cairo, positivista no campo das ideias e vitalista no campo da medicina, levou tais concepções consigo nas atividades que caracterizam sua trajetória. Foi sempre um polemista na defesa de suas ideias, muitas vezes agressivo. Este traço de sua atuação custou-lhe muitas vezes rupturas, pois sempre que se achava ameaçado ou que perdia parte de seu poder e de seu prestígio, retirava-se da configuração a que pertencia. Foi assim no Rio de Janeiro ao se afastar do *Instituto* e em Curitiba.

Esperamos que nosso esforço tenha contribuído para devolver Nilo à sua dimensão humana, apaixonada e contraditória. Retirando-o, portanto, das mitificações de que tem sido objeto na maioria dos trabalhos que fazem referência a ele.

Esperamos que, mais do que resolver questões, a análise aqui apresentada reabra o interesse por novos estudos, e, principalmente novas questões sobre as configurações sociais no Paraná desse período.

## REFERÊNCIAS

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARANOW, U. G.; SIQUEIRA, M. D. (Orgs.). **Universidade Federal do Paraná: história e estórias: 1912-2007**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

BARATA, R. C. B. A historicidade do conceito de causa. In: CARVALHEIRO, J. R. (Org.). **Textos de apoio: epidemiologia 1**. Rio de Janeiro: PEC-ENSP/ABRASCO, 1985. p.13-27.

BEGA, M. T. S. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional**. 444p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

\_\_\_\_\_. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Ed. UFRJ, 1999.

BÓIA, W. Nilo Cairo patrono. In: HOERNER JÚNIOR, V.; BÓIA, W.; VARGAS, T. **Academia Paranaense de Letras: biobibliografia**. Curitiba: Posigraf, 2001. p.261-271.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Da pharmacia à farmácia: farmácias curitibanas 1857-1940**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.25, n.123, jul. 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRITTO, N. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

BRUCKNER. **O médico homeopata da família**. Rio de Janeiro: Almeida Cardoso & C., 1927.

\_\_\_\_\_. **O médico homeopata da família**. Rio de Janeiro: Almeida Cardoso e Cia Ltda., 1944.

BURKITT, I. Relações sociais, poder e emoção: uma perspectiva inspirada por Norbert Elias. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p.189-213.

BURMESTER, A. M. O. (Org.). **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

CAIRO, Nilo. Discurso do Dr. Nilo Cairo por ocasião da formatura da primeira turma da Universidade do Paraná em 19/12/1914. In: WACHOWICZ, R. C. **Universidade do mate: história da UFPR**. 2.ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. p. 171-195.

CAMPOS, N. **Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

CARNEIRO, D. **Galeria de ontem e de hoje**: livro primeiro – galeria de ontem. Curitiba: Vanguarda, 1963.

\_\_\_\_\_. **Educação-universidade**: história da primeira universidade do Brasil. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1971.

\_\_\_\_\_. **Nilo Cairo**: biografia. Curitiba: Ed. UFPR, 1984.

CARNEIRO, M. Nilo Cairo que vi e ouvi. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Obras de Milton Carneiro**. Curitiba: Imprensa Universitária, 1976. p.164-168.

CASTRO, C. **A proclamação da república**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CINTRA, E. P. U. "**Sciencia e Labor**" no "**Palácio de Luz**": a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná – Curitiba, 1912-1946. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/23355>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

COSTA, I. A. **Patronos da Academia Paranaense de Medicina**. Curitiba: Fundação Santos Lima, 2003.

DIAS, A. F. **Fundamentos de homeopatia**: princípios da prática homeopática. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2001.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001c.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

FIGUEIREDO, B. G. **A arte de curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. 2.ed. Brasília, DF: CAPES; Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

FONSECA, R. M.; GALEB, M. **A greve geral de 17 em Curitiba**: resgate da memória operária. Curitiba: IBERT, 1996.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FRAGA, C. **Vida e obra de Oswaldo Cruz**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005.

FRANCO, G. H. B.; LAGO, L. A. C. O processo econômico. In: SCHWARCZ, L. M. (Coord.). **A abertura para o mundo**: 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FURTADO, J. **Universidade do Paraná**. Basileia: Service de Pays S/A, [ca 1960] Fotocópia encadernada.

GALHARDO, J. E. R. História da Homeopatia no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA, 1., 1926, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

\_\_\_\_\_. **Iniciação Homoeopathica**. Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1936.

HEINICH, N. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

HOERNER JÚNIOR, V. **Santa Casa**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2002.

HOMEOPATIA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, v.5, n.1/2, p.1-136, 1999.

HUMPHREYS, F. **Mentor Dr. Humphreys, ou conselheiro da família para uso da medicina específica**. Nova York: Humphreys' Homeo. Medicine Company, [1927].

LEITE, R. L.; OLIVEIRA, R. C. (Org.). **Reflexões UFPR 100 anos (1912-2012)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

LIMA, E. C. **Victor Ferreira do Amaral e Silva: o reitor de sempre**. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1982.

LUZ, M.T. **A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis, 1996.

MANFREDINI, J. Discurso pronunciado em 19 de abril de 1930. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Centenário de nascimento do professor Nilo Cairo**. Curitiba, 1974. p.3-13.

MARTINS, W. **A invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcellos**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999.

MOREIRA, J. E. **Dicionário bibliográfico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1960.

NOVAES, R. L. **O tempo e a ordem: sobre a homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, R. C. A Universidade que a genealogia paranaense criou em 1912. In: LEITE, R. L.; OLIVEIRA, R. C. (Orgs.). **Reflexões**: UFPR 100 anos (1912-2012). Curitiba: Ed. UFPR, 2012. p.46-68.

PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR, S. **Galeria paranaense**: notas biográficas. Curitiba: Livraria Mundial, 1922.

PUPPI, I. C. **Fatos e reminiscências da faculdade**: retrospecto da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Fundação da Universidade Federal do Paraná, 1986.

RAVAZZANI, C. O hospital de caridade da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de Curitiba. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, Curitiba, v.59, p.149-164, 2008.

ROCHA, C. M. **Do câncer primitivo do pâncreas**. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1903.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. 2.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

SANTOS, D. N. As velhas mestras de Paranaguá. In: PARANAGUÁ. Departamento de Educação e Cultura. **Coisas nossas**. Paranaguá: Departamento de Educação e Cultura, 1966. p.115-121.

SAYD, J. D. **Mediar, medicar, remediar**: aspectos da terapêutica na medicina ocidental. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SEVCENKO, N. **A revolta da vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIGOLO, R. P. **Em busca da "sciencia medica"**: a medicina homeopática no início do século XX. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999. Disponível em: <URL<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/8361>>. Acesso em: 22 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

SILVA, J. C. **Pesquisa historiográfica em educação**: o Apostolado Positivista do Brasil, 2008. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_047.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_047.html)>. Acesso em: 03 nov. 2010.

SIQUEIRA, M. D. **Associação Médica do Paraná**: 60 anos de história. Curitiba: AMP, 1993.

\_\_\_\_\_. **História do Diretório Acadêmico Nilo Cairo**. Curitiba: Edição do Autor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Universidade Federal do Paraná**: 100 anos. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

SODRÉ, N. W. **História militar do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

STRAUBE, E. C. **Guido Straube**: perfil de um professor. [Curitiba]: [s.n.], [1990?].

TRINDADE, E. M. C.; ANDREAZZA, M. L. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Catalogo da Bibliotheca da Universidade do Paraná**. 1914.

VIANA, M. **Paranaguá na história e na tradição**. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1976.

VIDAL, L. V. M.; AMORIM, W. M. Reconhecimento do psiquiatra Jurandyr Manfredini entre estudantes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, 1954-1955. **SMAD**, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port). [online], v.4, n.1, fev. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762008000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jul. 2008.

WACHOWICZ, R. C. **Universidade do mate**: história da UFPR. 2.ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, UNICAMP, 1993.

WESTPHALEN, C. M. **Universidade Federal do Paraná**: 75 anos. Curitiba: SBPH, 1987.

**OBRAS DE NILO CAIRO DA SILVA CONSULTADAS**

CAIRO, N. **Similia similibus curantur**. 161f. These inaugural – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1903.

\_\_\_\_\_. **O pé equino**. 32f. These – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1904.

\_\_\_\_\_. **Pequeno guia homeopatico para uso do povo**. Curityba, Paranagua e Ponta Grossa: Livraria Economica Annibal Rocha & C., 1907.

\_\_\_\_\_. **A homoeopathia e a critica**. Curityba-São Paulo: Livraria Economica, 1909.

\_\_\_\_\_. **A febre amarela e seu tratamento homoeopatico**. Curityba: Typ. A. Hoffmann, 1910a.

\_\_\_\_\_. **O Dr. Huchard e a homoeopathia**. [S.l.: s.n.], [1910b?].

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica**. 2.ed. Curityba: Livraria Economica, 1913.

\_\_\_\_\_. **Elementos de physiologia**. Curitiba: Typ. Cezar Schulz, 1916a.

\_\_\_\_\_. **Elementos de pathologia geral**. Curityba: Livraria Leitner, 1916b.

\_\_\_\_\_. **Tratamento homeopatico das diarrhéas infantis**. São Paulo: Livraria do Globo – Irmãos Narrano, 1917.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica**. 3.ed. São Paulo: C. Teixeira & C., 1918.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador**. São Paulo: C. Teixeira, 1920.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica**. 4.ed. São Paulo: C. Teixeira, 1921.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico da cultura e preparação do fumo**. São Paulo: Casa Editora "O Livro", 1922.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico de veterinaria homeopathica:** ou do tratamento homeopathico de todas as molestias dos animaes domesticos. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1923a.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador.** 2.ed. São Paulo: C. Teixeira, 1923b.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica.** 5.ed. São Paulo: C. Teixeira, 1924a.

\_\_\_\_\_. **O livro da canna de assucar:** ou manual pratico da cultura da canna e do fabrico de seus produtos. 2.ed. Curityba: Placido e Silva e Cia Ltda., 1924b.

\_\_\_\_\_. **Elementos de pathologia geral.** 2.ed. Curityba: Editores Placido e Silva e Cia Ltda., 1925a.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do criador de animaes domesticos.** São Paulo: C. Teixeira, 1925b.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica.** 6.ed. São Paulo: C. Teixeira & C., 1926a.

\_\_\_\_\_. **Elementos de physiologia.** 2.ed. Curityba: Typ. João Haupt, 1926b. 2.v.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador.** 3.ed. São Paulo: C. Teixeira, 1926c.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica.** 7.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1930.

\_\_\_\_\_. **Elementos de physiologia.** 3.ed. Rio de Janeiro: Jacyntho Ribeiro dos Santos Editor, 1931a.

\_\_\_\_\_. **Elementos de pathologia geral.** 3.ed. Curityba: Typ. João Haupt, 1931b.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do criador de animaes domesticos.** 2.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1934.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico da cultura e preparação do fumo.** 2.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1935.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador.** 5.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1938a.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopathica.** 10.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1938b.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico de veterinaria homeopathica:** ou do tratamento homeopathico de todas as molestias dos animaes domesticos. 2.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, [1942?].

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador.** 6.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1943.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopática.** 13.ed. São Paulo: [s.n.], 1946.

\_\_\_\_\_. **Guia pratico do pequeno lavrador.** 7.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1950.

\_\_\_\_\_. **Guia de medicina homeopática.** 23.ed. São Paulo: Livraria Teixeira, [2002?].

## LISTA DE FONTES

Annaes de Medicina Homoeopathica, Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, 1903 a 1928.

A Notícia, Curitiba, 1906.

Cartas de autoria de Nilo Cairo, 1927-1928.

Commercio do Paraná, 1912 a 1914, 1916, 1923.

Correio Paulistano, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – 1903 e 1907 a 1909.

Diario da Tarde – 08.06.1928, 12.06.1928.

Diario Official dos Estados Unidos do Brazil, 1890 a 1929.

Diario Official dos Estados Unidos do Brasil, 1932 a 1972.

Diario Official (de São Paulo) 1918.

Estatutos da Universidade do Paraná, 1913 a 1916.

Gazeta do Povo, 08.06.1928, 12.11.1968, 16.11.1975, 23.07.1977.

Livro de Atas dos Irmãos da Santa Casa de Misericórdia, Curitiba, 1878 a 1926.

Livro de Assentamentos de Professores da Faculdade de Medicina do Paraná, Acervo do Setor de Ciências da Saúde.

Livro de Recortes de Jornais da Faculdade de Medicina do Paraná, 1920 a 1943.

Nilo Cairo da Silva, pasta temática na Biblioteca Pública do Paraná.

Nilo Cairo da Silva, ficha biográfica do arquivo do Dr. Souza Martins, Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, [194?].

Nilo Cairo de Souza Knorr, ficha biográfica do arquivo do Dr. Souza Martins, Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, [194?].

Ofícios à Presidência da Província do Paraná, Arquivo Público do Paraná, 1855 a 1857.

Relatório à Presidência da Província do Paraná, Arquivo Público do Paraná, 1881.

Relatório da Faculdade de Medicina do Paraná, 1920/1940.

Relatório Geral da Universidade do Paraná, 1913 a 1916, 1946 e 1948.

Relatório do Dr. Sancho de Barros Pimentel ao 1.º vice-presidente da Província Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, 1982.

Revista Homoeopathica do Paraná, 1906 e 1907.

Revista Homoeopathica Brasileira, 1908 a 1912.